

14721

14721

Hierarchia

- A FILTRABILIDADE DO VIRUS TUBERCULOSO — Prof. A. Fontes
A RACIONALIZAÇÃO DO PODER PUBLICO — João Neves da Fontoura
CENTRALISAÇÃO E FEDERAÇÃO — Levi Carneiro — San Tiago Dantas
A HIERARCHIA NA VIDA INDIVIDUAL E COLLECTIVA — Agenor de Roure
A LUCTA CONTRA O OPHIDISMO NO BRÁSIL — Prof. Vital Brasil
HOMENS E MULHERES — Vicente Licínio Cardoso
A INFLUENCIA DA ESCOLA E AS APTIDÕES PROFISSIONAES — Arthur Torres Filho
A UNIDADE IDEOLOGICA DA AMERICA — José Vieira
O RENASCIMENTO DA ARCHITECTURA — Aguinaldo Rocha Lima
— A. Porto D'Ave — José Mariano (Filho)
DIREITO DO OPERARIO AO DESCANSO SEMANAL E ANNUO — Graccho Cardozo
AUTARQUIA E DITADURA — Nicanor Nascimento
O DIARIO DO GOVERNO E A CONSTITUINTE — Barbosa Lima Sobrinho
GANDHI — O SEMI-DEUS DA INDIA — João Prestes
FEIJO' E A QUESTÃO RELIGIOSA — Pandiá Calogeras
DEMOCRACIA E CORPORATIVISMO — Olbiano de Mello
CREDITO A' MINERAÇÃO — Mesquita Pimentel
O MAIOR PROBLEMA SANITARIO NACIONAL — Oscar da Silva Araujo
O PROBLEMA DA NOVA ORGANISAÇÃO DO BRÁSIL — Daniel de Carvalho
HITLER E O FASCISMO ALLEMÃO — Sebastião Pagano
ZIG-ZAG — As caricaturas do Mez — Mendes Fradique
ESPIRITO SANTO, TERRA DE TURISMO — Madeira de Freitas
O MEZ INTERNACIONAL — O desarmamento mundial — O divorcio na Hespanha — O problema da paz — As candidaturas em U. S. A. — Decennal do Fascismo — O egualitarismo nos Soviets — Os jesuitas na Hespanha.
REVISTA DOS LIVROS: — Americo Facó, Luiz Schnoor, Osorio Lopes, Helio Vianna.

Summario completa nas pags. I e II

PARA DEZEMBRO

Preços assombrosamente baratos em todos os artigos

A' PAULICÉA (L. S. Fran

estupenda variedade em
SEDAS MODERNAS, NOVIDADES e ROUPAS BRANCAS
a preços de FESTAS

Loteria da Parahyba

Concessionarios: L. COSTA & CIA.
Extracções em Fevereiro

| N.º | Plano | Extracções | Premio maior | Preço |
|-----|-------|-----------------|--------------|---------|
| 6 | A | Terça-feira — 2 | 30:000\$00 | 10\$000 |
| 7 | A | " " — 9 | 30:000\$00 | 10\$000 |
| 8 | A | " " — 16 | 30:000\$00 | 10\$000 |
| 9 | A | " " — 23 | 30:000\$00 | 10\$000 |

CASA GAUCHO

O maior sortimento e os melhores
numeros de todas as loterias.

L. COSTA & CIA. LTDA. Rua Chile, 3. Tel. 2-5470.
Caixa Postal 481. End. Tel.: "Gaúcho". Rio de Janeiro.
Atende rapidamente aos pedidos do interior Pagamentos
immediatos.

LIVRARIA BRAZ LAURIA

Agencia de "Publicações Mundiaes"

Grande stock de livros de todos os generos. Novidades
por todos os vapores recebidas directamente das principaes
casas editoras estrangeiras.

Revistas e jornaes.

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — PHONE 3-5018

RIO DE JANEIRO — BRASIL

14721

Hierarchia

ANNO I — VOL. IV

JAN.-FEV — 1932

Director — LOURIVAL FONTES

PARTE I — ARTIGOS ESPECIAES

| | |
|--|-----|
| A filtrabilidade do virus tuberculoso — Prof. A. Fontes | 1 |
| A racionalização do poder publico — João Neves da Fontoura | 9 |
| CENTRALISAÇÃO E FEDERAÇÃO: | |
| I — Aspecto actual do problema federalista no Brasil — Levi Carneiro | 12 |
| II — A divisão politica e o problema da unidade — San Tiago Dantas | 18 |
| A hierarchia na vida individual e collectiva — Agenor de Roure | 22 |
| A lucta contra o ophidismo no Brasil — Prof. Vital Brasil | 25 |
| Homens e mulheres — Vicente Licínio Cardoso | 29 |
| A influencia da escola e as aptidões profissionaes — Arthur Torres Filho | 34 |
| A unidade ideologica da America — José Vieira | 37 |
| O RENASCIMENTO DA ARCHITECTURA: | |
| I — Habitação americana — Aginaldo Rocha Lima | 39 |
| II — O fabricante de climas — A. Porto D'Ave | 42 |
| III — A edificação Ford no valle amazonico — José Mariano (Filho) | 46 |
| Direito do operario ao descanso semanal e annuo — Graccho Cardoso | 49 |
| Autarquia e Ditadura — Nicanor Nascimento | 55 |
| O Diario do Governo e a Constituinte — Barbosa Lima Sobrinho | 60 |
| Gandhi — o semi-deus da India — João Prestes | 69 |
| Feijó e a questão religiosa — Pandiá Calogeras | 73 |
| Democracia e corporativismo — Olbiano de Mello | 88 |
| Credito á mineração — Mesquita Pimentel | 94 |
| O maior problema sanitario nacional — Oscar da Silva Araujo | 96 |
| O problema da nova organização do Brasil — Daniel de Carvalho | 110 |
| Hitler e o fascismo allemão — Sebastião Pagano | 113 |
| A mobilidade da reserva militar — Helio Vianna | 118 |
| Zig-Zag — As caricaturas do mez — Mendes Fradique | 120 |
| Espirito Santo, terra de turismo — Madeira de Freitas | 125 |

Hierarchia

PARTE II — O MEZ INTERNACIONAL

| | |
|--|-----|
| Da paz anciosa á promessa do desarmamento — Bezerra de Freitas | 126 |
| O divorcio na Hespanha — H. Sobral Pinto | 127 |
| A paz mundial — J. E. de Souza Freitas | 130 |
| A lucta das candidaturas nos Estados Unidos — João Prestes | 135 |
| O decennial do fascismo — L. F. | 138 |
| O combate ao egualitarismo na Russia sovietica — Otto Tarjinho | 139 |
| Dissolução da Companhia de Jesus na Hespanha | 141 |

PARTE III — REVISTA DOS LIVROS

| | |
|---|--|
| Raul Bopp e a poesia das terras do sem-fim — Americo Facó | |
| O Problema da Burguezia por Tristão de Athayde — Luiz Schnoor | |
| Vivos e Mortos — O thema da nossa geração — Osorio Lopes | |
| A proposito do "Machiavel e o Brasil" — Helio Vianna | |

EXPEDIENTE

Correspondencia, publicidade e assignaturas:

RODOLPHO CARVALHO
Director-Secretario

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça Marechal Floriano, 23, 9.º and.
Elevador: Rua Alvaro Alvim
Casa Allemã
Rio de Janeiro

Assignatura a começar de qualquer
mez:
Semestre 28\$000
Anno 50\$000
Remessa pelo Correio sob registro

Revista dos Livros

Raul Bopp e a poesia das terras do Sem - Fim

AMÉRICO FACO'

RAUL BOPP, poeta errante e caminheiro de tantos climas, sabe desde a infancia que ainda ha muitas Americas á espera de quem as descubra. A sua natureza rebella-se, como as creanças, contra o mal de estar parado. Os nomes de plagas estranhas cantam-lhe nos ouvidos, accendem-lhe os olhos; e logo na sua mente, como nos poentes de verão, coloram-se imagens inauditas.

De tempos a tempos, elle aperta o sacco de viagem. Os amigos perguntam, inquietos:

— Aonde vaes, Raul Bopp?

— Vou ali, já volto.

Alli, supressão das distancias. Já, eliminação do tempo. E Raul Bopp parte, mais uma vez, para além dos limites communs, para o Sem-Fim de povos, planicies, florestas — para os longes que a imaginação percebe, confusamente, nos rumos do Acaso; e parte contente, porque esse mergulhar no desconhecido e na aventura é a delicia do seu pendor incoercível, seduzido que é pelas viagens como se foram promessas incomparaveis. Depois, ao termo de cada regresso, basta a lembrança das cousas entrevistas para abrir novamente a sua alma ao aceno de outras navegações e outras jornadas...

Das terras, porém, que viu e correu através do mundo, e onde por ephemeros dias plantou a sua bandeira, uma existe, de todas e todas, e nenhuma como essa que lhe deixou a marca de beijos inapagaveis. Nenhuma como essa luxuriosa, implacavel, embaladora terra do Baixo-Amazonas. lhe fez por tal modo presentir os mys-

terios, o assombro, os estremecimentos profundos da vida na palpação das fórmias iniciaes — da vida virgem, tenebrosa, nua, em cujo ventre o sôpro de Deus ainda se agita como um embryão fabuloso. Alli, perdeu-se um dia Raul Bopp em companhia de caboclos; e, durante mezes, Colombo de canôa beirou as margens moles e denteadas e, por entre o archipelago sem numero, que o Rio constrôe e desmancha em perpetuas experiencias, penetrou no circulo da região exclusiva e maravilhosa, onde a realidade e o sonho se afundam na lascivia e no terror.

Nesse paiz de fascinação, contemplado e percorrido como delirio do pensamento, o poeta colheu as dádivas dos simples, com quem se sentou no chão, ao reflexo do mesmo fogo, ouvindo-lhes contar as confidencias da Terra e das Aguas. Dir-se-ia que desse convívio recebeu, ao mesmo tempo, a inspiração de "Cobra Norato", o seu "Nhéngatú da Margem Esquerda do Amazonas", agora editado em volume, e mais a palavra magica, a palavra insuspeita que teria o condão de abrir o Sesamo de insuspeitas e magicas harmonias. A propria poesia brasileira, tacteante nas suas expressões actuaes á procura de si mesma, e em cujas características a "maneira" de Raul Bopp se acha enquadrada, teria por sua vez, agora, a confirmação de caminhos amplos.

"Cobra Norato" possui, effectivamente, os requisitos essenciaes de um poema. É um poema bello e novo — não de belleza e novidade que apenas respondessem a caprichos formaes, po-

rém novo e bello na unidade mesma do espirito e da expressão poetica. Quando se produz essa unidade, resulta o milagre da criação. A frieza dos primeiros poemas modernistas provinha exclusivamente da sua ausencia: graciosas caixinhas vazias que nada podiam conter, porque o artifice não lhes dava fundo; poesia que estava para a poesia como uma sombra. Em verdade, assim era necessario. E' pela negação que se fazem as revoluções, seja na ordem politica, ou seja na ordem esthetica. Nada mais natural que os poetas negassem formalmente a poesia, no esforço de alargar as possibilidades poeticas e crear novos valores lyricos. "Cobra Norato", poema novo, é obra viva neste plano em que os poetas surgem fóra da estagnação academica e deixam de ser o echo sonoro de modelos mortos.

Antes de tudo, Raul Bopp, brasileiro do Sul, de nitidas origens saxonicas, perturba a logica na extensão por que chega a identificar-se com os sentidos da natureza e dos mythos amazonicos. A sua sensibilidade trouxe, da immersão no segredo que as Grandes Aguas envolvem e guardam, quasi uma consciencia amphibia, que lhe tivesse communicado a benevolencia dos ultimos Pagés, ou fosse herança propria. O seu cantico é a synthese de um drama obscuro e formidavel. Os genios da floresta, do paul, dos lagos e dos rios, ahi correm e deslizam, em meio dos seres vivos, entre os humanos, a confundir-se em tudo e a exercer sobre tudo os seus sortilegios invenciveis.

A cobra é, talvez, o proprio centro de todo esse cyclo amazonico, primitivo e actual, indefinivel e presente. Raul Bopp teve a intima percepção do symbolismo que o reptil encarna, symbolismo de toda existencia na tumultuosa vastidão que as aguas invadem e dominam. — Não estão, alli, os proprios homens sujeitos a essa fatal alternativa da vida, que se passa nas aguas e na terra? E não é a propria terra, pantano verde, o prolongamento das aguas e o repouso das cobras? As moradas humanas são feitas sobre estacadas: lá vem sempre o inverno em que ellas parecem fluctuar na planicie liquida. Assim, a cobra é a representação figurativa de uma existencia dupla — existencia constantemente to-

cada de surpresas e sustos, sob as caricias do sensualismo ambiente; vida quasi irreal, que adormentam influencias insidiosas e sobressaltam os pavores da natureza amorosa e abrasada. E a presença da cobra, suspeitada sempre, e quasi sempre infallivel, explica um fascinio allucinante de que a Boiuna, a Cobra Grande, é a imagem terrifica. O ophideo subtil e silencioso torna-se o espirito mesmo do Occulto, espirito das sombras e dos fundos, — cujas aparições são subitas e inesperadas como os espectros da Noite. E o mesmo symbolismo ainda se alarga: a cobra é tambem o genio fecundador, elemento macho e activo; e são frequentes as suas uniões com as filhas dos homens. Para as satisfações lunares da Boiuna, uma moça bella e virgem é arrebatada no somno e levada para o remoinho das correntes, onde se consuma o conubio phantastico...

De noite, na cidade subterranea de paredes macias de lama — quando lá fóra o relógio do matto marca a Hora do Respeito: tiug... tiug... tiug... — as cobras, reunidas, recebem a palavra de ordem da potencia mysteriosa que tudo anima e rege. As missões são importantes... Cabe-lhes cuidar das mulheres jovens e da Lua, guarda os lagos onde Jacy toma banho, esconder as hervas de cheiro, distribuir justiça nas aguas e nas brenhas, descobrir em cada plenilunio uma noiva para a Cobra Grande... E devem cuidar bem das moças, das adolescentes apenas puberes: quando as encontrem adormecidas, devem enroscar-se no corpo suave e quente, e chupar os pequeninos seios, devagarinho, de mansinho, para que fiquem bem redondos... E cuidado! cuidado! que no principio da Lua Nova a Boiuna vem buscar a sua nova desposada. As cobras ouvem, e movem-se. Cortam as aguas paradas dos igapós, passam entre o folhico, através dos galhos pódres, em silente rastejo, e vão á procura das moradas humanas, onde as moças dormem estiradas nas rédes em decomposta innocencia...

Nesse obscuro animismo, que eu não desejaria chamar theogonia amazonica, é absoluta a ausencia de qualquer dualismo. Nos seres aquaticos, terrestres, ou alados, nos vegetaes, nos rios, nos charcos, na terra, nas nu-

vens, nos astros, na todas as vidas, em através de tudo, per invizível que prende, distintas do mesmo nida multiplicidade d tambem, como nas g tradicionaes, foi do que as formas surgi renciaram. O mar é te de tudo, pae-avô de cipio feminino e pass rite na tradição védica e as aguas femeas: (symbolicamente, sem a vontade do Sér abs immensidade liquida, "as terras do Yperungá vida e das cousas.

Mas o mysterio air mundo, onde as forças recem estar no primeiro dor, em toda a vertigento que lhes desencadeou to que lhes desencadeou primarias; e é como si, raça primitiva, cuja mva o ensinamento da tra trelaçado a mythos e sy dos, mas ainda predomi mens, fundidos na commu mas, guardassem, apenas consciencia da absoluta ic ginaria, consciencia de u profundo e essencial que traduzir-se nos vocativos dos á agua, ao tempo, a cousas. Assim, as designa mãe, cunhado, irmão, co bituaes nas allusões e appenomenos particulares do floresta e dos rios.

"Cobra Norato", que e tremer ás caboclas nube gem Esquerda, não é a deus-reptil de amplexos r tributo restrictivo, talvez, das furias que o desejo fatalidade das attracções, rato é o innumervavel am fecundador e amavel, cujo proprio amor no deleite p O poema de Raul Bopp tura dessa força estuosa da dos pantanos. Ou antes, n da ficção poetica, é o sonho do na pelle de Cobra Norato transformado, a percorrer o da vida germinativa: latent Nessas paginas, o symb

vens, nos astros, na luz, no som, em todas as vidas, em todas as cousas, através de tudo, perpassa o mesmo fio invizível que prende, como pedras indistinctas do mesmo collar, a indefinida multiplicidade das formas. Aqui também, como nas grandes doutrinas tradicionaes, foi do abysmo equoreo que as formas surgiram e se diferenciaram. O mar é a origem, a fonte de tudo, pae-avô de tudo, mas principio feminino e passivo, como Prakrite na tradição védica. Havia a Luz e as aguas femeas: um dia o vento (symbolicamente, sem duvida: o sôpro, a vontade do Sér absoluto) agitou a immensidade liquida, e formaram-se "as terras do Yperungáua", começo da vida e das cousas.

Mas o mysterio ainda paira nesse mundo, onde as forças submersas parecem estar no primeiro periodo creador, em toda a vertigem do movimento que lhes desencadeou as energias primarias; e é como si, nos restos da raça primitiva, cuja memoria conserva o ensinamento da tradição oral, entrelaçado a mythos e symbolos bastardos, mas ainda predominante, os homens, fundidos na communhão das formas, guardassem, apenas attenuada, a consciencia da absoluta identidade originaria, consciencia de um parentesco profundo e essencial que persiste em traduzir-se nos vocativos familiares dados á agua, ao tempo, aos seres, ás cousas. Assim, as designações de pae, mãe, cunhado, irmão, continuam habituaes nas allusões e appellos aos phenomenos particulares do espaço, da floresta e dos rios.

"Cobra Norato", que faz suspirar e tremer ás caboclas nubes da Margem Esquerda, não é a Boiuna, o deus reptil de amplexos mortaes, attributo restrictivo, talvez, das penas e das furias que o desejo implica na fatalidade das attracções. Cobra Norato é o innumeravel amante, genio fecundador e amavel, cujo objecto é o proprio amor no deleite procreativo. O poema de Raul Bopp é uma aventura dessa força estuosa das aguas e dos pantanos. Ou antes, no arranjo da ficção poetica, é o sonhador metido na pelle de Cobra Norato, e nesta transformado, a percorrer os circulos da vida germinativa latente.

Nessas paginas, o symbolo desa-

brocha como uma flôr dos Tropicos, como a sumptuosa planta do Tajá de coloridos varios. Cobra Norato vai á busca do corpinho cheiroso da filha da rainha Luzia... Quem, essa rainha de nome tão proximo? Não importa. Talvez intromissão adventicia, ou é o seu nome, talvez, corrupção de forma indígena a que se antepoz a qualidade regia. Não importa. Cobra Norato re-
 sentação do ardor amoroso, transpõe o logar onde as cobras "estão de castigo, engulindo lama" passa pelo poço de terra pôdre, atravessa o fundo do lago assombrado, some-se no escuro do matto... De todos os lados, fazem-lhe acenos, procuram detel-a. Uma voz da espessura offerece-lhe "tres arvorezinhas jovens..." Nada! Cobra Norato só pensa em dormir com a filha da rainha Luzia. E vae adeante, muito adeante... E, alcançando a terra-longe, que tem sete segredos enterrados, deixa-se afundar na moleza de um charco, "enrolada no resto da noite..."

Todavia a odysseia está apenas iniciada, e as visões do caminho são multiplas e tormentosas. Aqui está a floresta subterranea de habito impuro, que páre cobras; onde ha "rios magros, obrigados a rabalhar", e onde "as raizes inflammadas estão mastigando lôdo". No fundo dessa gehenna, batem martellos, soldando, pregando, e ouvem-se serras, serrrando. Fabrica-se terra... Estão fabricando terra! Aqui chlam os tanques de lôdo-pacoema com que o rio faz ilhas em cima... Depois, Cobra Norato atravessa o cyclo das arvores — das arvores irreprimiveis que devem ser inimigas dos homens e afogar os homens na sombra; das arvores diligentes que devem obedecer ao Sol e não esquecer de fazer sementes; das arvores prisioneiras que não podem fugir aos seus tormentos e ao respeito da Cobra Grande; das fatigadas arvores que não cessam o seu labor, sob a vigilancia dos sapos; de todas, de todas as pobres arvores que dizem, no seu côro murmuroso:

Ai! ai! Nós somos escravas do rio!
 ... escravas do rio!

E não só as arvores. As aguas tambem são escravas desse labor seu.

pausa, que vem das profundidades á superfície e desce, novamente, ás entranhas da terra. Atrás das espessas parêdes de areias enguldeiras, ouve-se "um rumor de estalos e vozes abafadas", queixas das aguas que estão sendo surradas para que os rios aprendam a ser obedientes... Além, são aguas resignadas, as pacientes aguas que "vão marchando e se atolando em panzanos moles..."

Do mesmo modo, penam os rios: passam ás vezes apressados e barrentos, "puchando cordas de agua para enforçar a terra"; e outras vezes se perdem na marcha:

— Agua, como é o teu nome?
— Ai! que eu era um rio solteiro:
Vinha bebendo o meu caminho,
Mas o matto me entupiu...
Agora estou com o utero doendo ai! ai!

A lama, parto das aguas, representação do informe, é o primeiro trabalho das aguas para a creação viva. Cobra Norato, na sua rôta, fura a vastidão flacida onde as paludes se afundaram; e a sua fadiga suspira a pedir "um rio emprestado para tomar banho..." Mas Cobra Norato cumpre a provação necessaria: é através do informe que o sentido da vida encontra o seio da forma. Talvez, aqui, o symbolismo procede de simples circumstancias; mas naturalmente se ajusta ao espirito geral do poema, que prosegue séguito, numeroso e claro. Sob os auspícios de comparsas bene-

volos, Cobra Norato elude com astucia os intentos contrarios, vence todos os entraves e, levada pelo impulso vital e gerador, conquista a filha da rainha, frustrando a concupiscencia mortal da Boiuna.

Ao termo do cantico vario, que se anima do esplendor equatorial, alguma cousa extraordinaria e magnifica se desata na nossa imaginação. Não digo um sentimento, mas uma impressão visionaria, imposta pela propria phantasmagoria amazonica, tão perturbadora como filtros de mandingas negras... E' um nevoeiro flammante, em cujo meio turvelinham fômbrias de sonho, figuras de desvario, sacudidas, enlaçadas, açoitadas pelo insano Desejo... Ora são corpos infrenes e monstruosos, ora são formas elasticas e fugidias, imagens cor de bronze que sorriem na excitante graça da nudez selvagem... Uma musica de cores alarga a indefinida magia do momento. E, depois, como o coroamento de um *Mysterio* antigo, ha sómente o Sol, o deus dourado, immenso e carnal, que se abate sobre a Femea de flancos opulentos, filha das Aguas Grandes, matriz de todas as formas...

Em "Cobra Norato", a concisão roça pela synthese: o senso visual não afasta a voz das cousas: o "humour" e as liberdades metricas favorecem a eloquencia lyrica. Mas a belleza do poema reside como convem, na unidade fundamental do seu symbolismo.

Ai! ai! Nós somos escravsa do rio!

O Cinema da intelligencia

MENDES FRADIQUE

GRAÇAS a Deus, e já não é sem tempo.

Desta vez parece que o cinematographo abriu as portas de seus estudios á obra da intelligencia. Refiro-me á pellicula "Papá de Paris" com que a casa Pathé Nathan estreou a sua linha de exhibições no Rio de Janeiro.

O cinema norte-americano vem sendo, na quasi totalidade de suas producções, aquillo que por ahí se vê, e que se resume numa palavra — mediocridade.

E entre os signaes com que aquelle incomparavel Helo compoz as características do homem mediocre, poderia perfeitamente ser incluido o senso artistico de Hollywood.

A esse contagio nefasto não escapou sequer o genio de Charlie Chaplin, que em seu monumental trabalho "Luzes da Cidade", foi copiar o argumento de um velho drama de Dario Nicodemi — *Marianella*.

Carlito é inglez de bom sangue, e a isso deve elle aquella agudissima comprehensão psychologica e a sua

singular subtilidade, o influxo ambiente inevitavel e d'ahi que outro engenheiro

Os films norte-americanos são as peras da técnica de Hollywood completa em matêria. Em verdade, a edição de Hollywood é primária, a delicia de um com sem maior intelligencia mediana.

Miraculosamente técnica do allent e dos de sua es norte-americanas regra, elementares propõem, sensorial da idéa, grosseira exaggero das attitud

Ainda não vi um ricano, vasado sobre uma donzella recatada minasse com um bardo bastardamente rosa da ingenua.

E' esse beijo stá indefectivel, que, sob balterno do good versalmente todo Hollywood, prejudica logica dos episodios sempre a razão psychologica.

E dizer-se que aquelle Fãrbanks, com trecentos e setenta e ouro e astro de primeira pontalha de Nor

E quando ás encade a idéa de film genio europeu, entã ridicula attinge á appropriação. Eu vi uma "Zázá" c n'um film norte-americano pelo suicidio do comez: mas, ao que na apenas commentado - americains...

Pobre Zázá, encarnado por uma rapariga, sorvendo laras e gargalhando com de Bernard Dufresne, o suadissimo Bernard Dufresne, no film, por um nhudo, que conquistou

singular subtilidade de attitudes. Mas o influxo ambiente é de actuação inevitável e d'ahi o arremêdo á obra que outro engendrou

Os films norte-americanos, são como as peras da California — portentos de technica e uma fallencia completa em materia de bom gosto. Em verdade, a quasi totalidade das edições de Hollywood são composições primarias, capazes de fazer a delicia de um continuo fatigado, mas sem maior interesse para uma exigencia mediana de critica.

Miraculosamente ajudados pela technica do allemão Adolph Zeiker e dos de sua escola, as pelliculas norte-americanas são em via de regra, elementares nas theses que propõem, sensoboronas na expressão da idéa, grosseiras e sensuaes no exaggero das attitudes.

Ainda não vi um film norte-americano, vasado sobre a castidade de uma donzella recatada, que não terminasse com um beijo animal esmagando bastardamente a bocca generosa da ingenua.

E' esse beijo standard, esse beijo indefectível, que, sob o pretexto subalterno do *good end*, remata universalmente todo o repertorio de Hollywood, prejudicando, não raro, a logica dos episodios e prejudicando sempre a razão psychologica do entreticho.

E dizer-se que aquelle mesmo Douglas Fairbanks, com os seus quatrocentos e setenta dentes, é galã de ouro e astro de primeira grandeza na pontaliba de Norte-America...

E quando ás emprezas yankees acode a idéa de filmar uma peça do genio europeu, então ahí é que o ridicula attinge á apotheose.

Eu vi uma "Zázá" de Pierre Berton, n'um film norte-americano. Esperei pelo suicidio do comediographo francez: mas, ao que parece, este teria apenas commentado — *Ce sont des americains...*

Pobre Zázá, encarnada em Hollywood por uma rapariga estupidissima, sorvendo larançadas bocaes, e gargalhando com deboche. E o Bernard Dufrésne, o suavissimo e polidissimo Bernard Dufrésne, substituido, no film, por um latagão senhudo, que conquistou a pequena por

haver esmurrado um marçano que lhe atirára uma chufa...

Ainda ha pouco tempo exhibiram os cinemas brasileiros do Rio e do interior, um film francez intitulado Danton; nos Estados Unidos essa pellicula teve que se chamar Amor e Martyrio, porque lá ninguem sabia, nas platéas, o que vinha a ser Danton.

Da nudez impudente tira o americano um partido abusivo, e a carne humana se acumula por grosso, na tela, como a dos açougues, enojando mesmo aos libertinos de bom gosto.

A par desta immoralidade soberana, que explende nas pelliculas da Norte America, são tambem frequentes ali o doesto, o murro, o souapo e tudo isso praticado pelo galã brilhante.

E é esse cinema que se alastra pelas platéas da America do ul, cujas fronteiras transpõem livres da censura com que a Europa lhe vem, cada dia, trancando inexoravelmente as portas.

D'ahi o jubilo com que assistimos á entrada triumphal de Papá de Paris, que egualando a technica irreprehensivel de Hollywood, constitue uma verdadeíra obra d'arte em que se entremalham a delicadeza do argumento, o alto alcance da theze, a humanidade do conceito, a graça discreta da maneira, tudo isso temperado ao fino sabor do inconfundível espirito francez, ao serviço da mentalidade europeá. Fallado na lingua irmã, muito mais phonogenica do que a ingleza, e nisso só superada pela italiana — Papá de Paris tem o aveludado do bom parisiense, livre da guturalidade interiectiva e do miado nasal do inglez de Hollywood. De resto é o proprio film que vem em soccorro de quanto affirmo. Ha no enredo um parisiense refiné e um americano de genealogia equivocada; o trombone de vara, instrumento de salão em Norte-America, apparece tocado na cosinha do francez, por um criado de servir. A caça incoercível ao dollar é bem interpretada pelo actor que faz o americano, que todavia acaba tragado pela garganta de Paris, e perdendo inteiramente a sua personalidade de oculos de tartaruga, emquanto a vida do francez continua, *sur des roulettes*. Em sum-

ma, Papá de Paris é, de ponta a ponta, uma satyra ininterrupta — o espirito francez calcada sobre uma galfe continua — a vida de um norte-americano. Parabens pois a Pathé Nathan. E si os seus films não lograrem de prompto, exito popular das platéas promiscuas, é consolar-se com o que se passou um dia no São José. Esse theatro mantinha tradicionalmente a revista com

Alfredo Silva á frente do elenco. Um dia o bom Pascoal se lembrou de levar para lá o Fróes. A peça de estréa foi Sangue Azul. E um fuzileiro naval, velho habitué do theatro, que estranhára o preço, mas comprára a entrada, commentou, desolado, no primeiro entreacto:

— Como está decahindo o São José...



EXITO EXTRAORDINARIO E INVULGAR OBTIDO NOS SEUS PRIMEIROS NUMEROS PELO NOSSO MENSARIO

Hierarchia

DEMONSTRA a necessidade da existencia de uma revista de actualidade e de informação que resuma e condense, todos os trinta dias, o inventario da actividade nacional e mundial em todos os dominios da vida social, politica e economica.

* * *

Opiniões ineditas, reflexões politicas, estudos economicos, theses juridicas, commentarios sociaes, syntheses technicas e scientificas, observações dos phenomenos mundiaes. chronicas de arte e de livros são recolhidos, todos os mezes, em

Hierarchia

INSERE estudos especiaes sobre politica, educação, economia, direito, medicina, sociologia geral de Pandiá Calogeras, Gilberto Amado, Pontes de Miranda, Tristão de Athayde, Oliveira Vianna, p. Leonel Franca, Francisco Campos, Plínio Salgada, Belisario Penna, A. Cardoso Fontes, Vital Brasil, Arlindo de Assis, José Vieira, Sylvio Julio, José Maria Bello, Octavio de Faria, José Augusto, Baptista Pereira, Azevedo Amaral, San Tiago Dantas, José Tolentino, Levi Carneiro, João Neves da Fontoura, Dioclecio Duarte, Sergio Buarque de Hollanda, Fabio Sodré, Bezerra de Freitas, Costa Rego, Ildefonso Albano, Ribas Carneiro, H. Sobral Pinto, Frederico Castello Branco Clark, Perillo Gomes, Saboia de Medeiros, Samuel de Oliveira, Everardo Backeuser, Fernando Magalhães, A. Carneiro Leão, Anisio Teixeira, Azevedo Lima, Almachio Diniz, Gustavo Lessa, Belmiro Valverde, Clementino Fraga, Oscar da Silva Araujo, Basilio Magalhães, Rego Lins, Geraldo Vieira, Ronald de Carvalho, Almachio Diniz, Mauricio de Medeiros, Daniel de Carvalho, Graccho Cardoso, Lacerda de Almeida, João Prestes, Pantoja Leite, Dulcidio A. Pereira, Lino Piazza, Jean Gerard Fleury, Querido Moheno, Nunzio Greco, Georges Raeders etc. etc. etc.

Hie

A Fil Virus

Como e porque se chegou
cimento do Ultra-virus tu
O que custou. O que delle
O que podemos esperar.

REINO neutro dos Pr
não Protistas como o
ckel". E assim o Mes
va o curso.

Como empolgava sua phra
te! Que entusiasmo desperta
fiança que a todos os seus
elle impunha, na segurança
quistas em Biologia...!
"Tudo merece exame... Tud
atenção... Não ha observa
til... O menor lucro que d
admirá será sabermos que nac
mos. Não ha observação neg
positividade existe sempre; no
fôr dado conhecer pelo que s
no que não se encontre, porq
exista".

Eram estas as palavras co
João Joaquim Pizarro, o lente
sopho, iniciava seus alumnos n
da observação da Natureza.

Hierarchia

JANEIRO, 1932

A Filtrabilidade do Virus Tuberculoso

Prof. A. FONTES.

Como e porque se chegou ao conhecimento do Ultra-virus tuberculoso. O que custou. O que delle se obteve. O que podemos esperar.

REINO neutro dos Protobios e não Protistas como quer Haeckel". E assim o Mestre iniciava o curso.

Como empolgava sua phrase fluente! Que entusiasmo despertava a confiança que a todos os seus alumnos elle impunha, na segurança das conquistas em Biologia...!

"Tudo merece exame... Tudo merece attenção... Não ha observação inutil... O menor luro que della nos advirá será sabermos que nada lucraremos. Não ha observação negativa. A positividade existe sempre; no que nos fôr dado conhecer pelo que se acha, no que não se encontre, porque não exista".

Eram estas as palavras com que João Joaquim Pizarro, o lente philosopho, iniciava seus alumnos no culto da observação da Natureza.

Escoaram-se trinta e cinco annos e eu ainda ouço sua phrase fluente, sinto ainda o influxo do seu enthusiasmo!

Fiar-se no que os outros sabem ou no que se presume saber é maior prejuizo do que desconhecer. Quem sabe julga pela noção tida como verdadeira, acceita como dogma; quem desconhece indaga, interroga e a resposta virá pela logica do raciocinio, e o julgamento se fará pelo facto observado.

Assim, no dominio do methodo experimental, o phenomeno observado terá interpretação justa quando a hypothese formulada, adstricta ao determinismo mesologico orientador do phenomeno, vir, pela repetição delle, sancionadas como reaes as condições que o criaram.

O espirito livre de peias pôde d'est'arte acceitar o que lhe pareça verdade, ou infirmar o que se afaste

do raciocínio ou da lógica da experimentação.

Julgamento livre de influencias alheias, observação justa do phenomeno que se depara, darão causa ao conhecimento de factos novos. Só então deve-se exercer a auto-critica inexoravel. Só então se procurará o consenso do juizo alheio, fazendo appello ao cabedal accumulado pela experimentação de outrem; e, pela comparação do que se sabia com o que se veio a saber, pelo reajustamento dos principios já conhecidos com os que se mostram novos, verificar-se-ão as causas de erro, onde se presuma que ellas existam, far-se-á o possivel por que sejam removidas, e, assim feito, se o phenomeno se repete, será elle uma nova aquisição.

A concatenação dos phenomenos dará no methodo experimental base á theoria que os ordena. Da analyse do phenomeno chegaremos á interpretação d'elle. Da interpretação virá o conhecimento das condições que, postas em determinismo, permittirão, por synthese, a repetição do phenomeno.

Foram estas as bases que orientaram meus estudos sobre o virus tuberculoso.

**

A época da sorotherapia estava em apogeu. As brilhantes victorias dos sôros therapeuticos, na prevenção e na cura das mais mortíferas infecções, na diptheria, no tetano, nos empeçonhados, nos empestados, faziam abençoar os nomes de Roux, Behring, Calmette e Yersin. Em nosso meio duas figuras de Apostolo se destacavam. Vital Brasil, que creara o anti-ophidismo nacional; Oswaldo Cruz, que fundara a sorotherapia anti-pestosa em moldes novos e arrojados, manipulando na immunisação culturas vivas e virulentas do bacillo da peste.

Foi quando em Manguinhos, a um assistente neophyto foi entregue a immunisação de cavallos productores de sôro. As regras estabelecidas foram dadas pelo Mestre e por elle eram estrictamente fiscalisadas.

A uma dôse mais forte, porém, desencadeou-se a hecatombe. O lote em immunisação succumbiu quasi em totalidade. Era a perda dos melhores cavallos productores do sôro, já immunisados, e nos quaes se devia manter a immunisação.

Dia de lucto, de profunda magoa, inesquecível magoa para quem procedera fiando-se no que fôra estabelecido e tido como verdade.

Veio a charge, veio a blague e o serviço passou a mãos mais experientes, a quem deveria obedecer a uma technica mais perfeita.

Mas... os animaes continuaram a morrer. E só então se viu que a causa da catastrophe era a hyper-sensibilidade dos animaes hyper-immunisados.

Já passara despercebida na immunisação activa pela vaccina anti-pestosa a anaphylaxia que se revelara no phenomeno da dose critica, phenomeno de Oswaldo Cruz, como o denominei em minha these de doutoramento.

**

Em uma tarde, acompanhado de Parreiras Horta, recebi do Mestre em sua bibliotheca a incumbencia de estudar tuberculose. A directriz foi por elle traçada para obter um sôro therapeutico especifico.

Os trabalhos de Metalmikof tinham por essa época grande repercussão. A infecção da *Galleria melonella* pelo bacillo da tuberculose mostrava que no tubo digestivo deste insecto occorria a destruição do agente infectante graças á saponificação das cêras e gorduras existentes no corpo do bastonete. Nascia assim a esperanza de ser

possivel preparar a corpos bacillares par-tose efficaz, facilitand-a da bacteria, unica L-acreditava existir p-eficiente de anti-cori-

Preliminarmente Os- nãa verificado que a- gorduras por via para- ficilima de obter, prati- Com exclusão de cert- taes e de certas gordu- reabsorpção por via ly- se considerar como in- experimentação com ole- bacalhão, ainda quando- gordura humana, e com- extrahidas de bacillos- redundaram sempre em-

Impunha-se, pois, con- dialmente a natureza ch- do corpo bacillar para- experiencias.

**

Foi esta a trilha seguid- tratados abaixo das esta- chimica extractiva.

Eram cêras, eram gordu- ladas em pequenos tubos- servadas como reliquias, tr- quistados pelo esforço de- sabia, mas que queria sa- periodo da alchimia em M- e o entusiasmo, e a sede- conhecimento, transformav- quisador no obcecado pela- no individuo irritante pela- de seus achados, nunca co- nunca verificados pelos se- nheiros.

E as cêras continuavam a- reabsorvidas nem pelos an- experiencia, nem pelos confi- mesmo gremio...

Mas o facto de observaçã- rava. Os bacillos desengo- mostravam-se extremamente- sos, e a acido-resistenc- que

possível preparar artificialmente os corpos bacillares para uma phagocytose eficaz, facilitando a reabsorpção da bacteria, unica barreira que se acreditava existir para a producção efficiente de anti-corpos especificos.

Preliminarmente Oswaldo Cruz tinha verificado que a reabsorpção de gorduras por via para-enteral era difficilima de obter, praticamente nulla. Com exclusão de certos oleos vegetaes e de certas gorduras animaes, a reabsorpção por via lymphatica podia se considerar como inexistente. Sua experimentação com oleo de figado de bacalháo, ainda quando associado á gordura humana, e com as gorduras extrahidas de bacillos tuberculosos, redundaram sempre em fracasso.

Impunha-se, pois, conhecer primordialmente a natureza chimica exacta do corpo bacillar para tentar novas experiencias.

Foi esta a trilha seguida. Postos os tratados abaixo das estantes, fez-se chimica extractiva.

Eram cêras, eram gorduras que isoladas em pequenos tubos eram conservadas como reliquias, trophéos conquistados pelo esforço de quem nada sabia, mas que queria saber. Foi o periodo da *alchimia* em Manguinhos, e o entusiasmo, e a sêde ardente do conhecimento, transformavam o pesquisador no obcecado pela idéa fixa, no individuo irritante pela repetição de seus achados, nunca confirmados, nunca verificados pelos seus companheiros.

E as cêras continuavam a não ser reabsorvidas nem pelos animaes de experiencia, nem pelos confidentes do mesmo gremio...

Mas o facto de observação perdurava. Os bacillos desengordurados mostravam-se extremamente granulosos, e a acido-resistencia que antes do

desengorduramento era total mostrava-se após a extracção das gorduras parcial e variavel, dando as reacções corantes obtidas as mais das vezes com os para-tuberculosos.

Esta observação originou a pesquisa de um methodo de coloração differencial.

Empregando as soluções corantes de Ziehl e de Gram, separadas ou conjuntamente, obtive a coloração do corpo do bastonete em vermelho e a coloração das granulações em violeta.

Era, pois, possível differençar na estrutura do bacillo de Koch, duas substancias de electividade corante diversa: uma *gramophila*, as granulações, outra *fuchsinophila*, o resto do bastonete.

Ora, o estudo do germen nas lesões tuberculosas revelava que em certas lesões não se encontra facilmente a forma *fuchsinophila* ou acido-resistente, emquanto que a forma *gramophila* ou granular nellas é vista em abundancia. Assim é no pús de natureza tuberculosa, onde a forma granular predomina de modo quasi absoluto. Foi o que Much havia observado e descripto, de onde a denominação de forma granular de Much que lhe foi dada pelos autores allemães, e pela qual é conhecida essa variedade morphologica do virus tuberculoso.

Feita esta verificação era logico suppor que no pús de natureza tuberculosa existisse qualquer substancia capaz de destruir a forma bacillar, alterando a estrutura do bastonete, de modo a desagregar, libertando, as granulações que o constituíam.

Ainda uma vez a experimentação confirmou a hypothese aventada, e as séries estabelecidas com o determinismo necessario, provaram em emulsões de bacillos em mistura com extracto de ganglio tuberculoso a transformação granular dos bastonetes que era realisada á custa de um fermento

lipolitico leucocytario. Preparações de contrôlo de ganglios de cobaias tuberculizadas, mostravam a degradação progressiva dos bastonetes acidoresistentes em formas granulares, e passando-se no interior dos lymphocytos que os haviam phagocytado.

Resultavam, pois, desta simples observação diversas consequencias de ordem pratica. A reacção de defesa organica não bastava para destruir completamente o elemento infectante; a fórma do bastonete era alterada mas sua função infectante perdurava, as granulações que o constituíam permaneciam, demonstrando a complexidade do corpo do bastonete. Justo ainda era suppor o papel preponderante que essas granulações deviam exercer no desenvolvimento e na reproducção do bastonete.

Foi o problema então proposto e resolvido pelo estudo do desenvolvimento de culturas homogeneas. Dos ensaios de cytologia feitos em preparações por fixação humida e por coloração electiva cheguei á conclusão de que a granulação exercia uma função essencial á vida do bacillo, representando um centro de reproducção e de que ella devia ser considerada como a unidade viva infectante.

Esta conclusão exigia, entretanto, uma experimentação comprovadora. Tornava-se necessario demonstrar que as granulações eram capazes de regenerar bacillos. Para tanto era mister ter um producto onde só existissem granulações, com exclusão de fórmas bacillares.

Foi então que me occorreu usar de filtros para obter a separação.

A experiencia seria crucial. O seu fracasso daria razão aos que interpretavam nas preparações de culturas as fórmas granulares, como detrictos de materia corante fixados á lamina, como impurezas oriundas dos meios de cultura.

Passaram-se cinco mezes, cinco longos mezes de incertezas, de duvidas, de resultados necropsicos negativos... Mas com que emoção e com que alegria pude reconhecer em cortes de ganglios e de pulmões do animal inoculado em segunda passagem com ganglio do primeiro animal experimentado, a presença de bacillos tuberculosos typicos, com suas reacções corantes classicas, a despeito da ausencia de reacção tuberculosa dos tecidos.

Das experiencias feitas resultavam pois, consequencias de grande alcance biologico e pathologico. Ficou demonstrada experimentalmente a função regeneradora da granulação bacillar, e por ella se decifrava o enigma da tuberculosa latente.

Foram esses os resultados conseguidos em 5 annos (1906-1911) de intenso labor, eternidade na duvida que o meio oppunha, e na incerteza a que obrigava a falta de observação alheia.

**

Obrigações diversas, affazeres profissionais multiplos encontravam-me solitario na esterilidade de um deserto, cujo manancial de vida só poderia provir de uma experimentação vasta em material abundante, rica nos auxilios complementares dos methodos de investigação.

As fontes que desde então minguiavam, em 1923 seccaram de todo, quando por conveniencia administrativa se me impoz a necessidade de entregar o material sob minha responsabilidade e o serviço a meu cargo a um substituto que por ser novo no conhecimento das questões relativas á tuberculose teria por função preceder a estudos e pesquisas sobre o assumpto.

Privado assim do material necessario, senti-me estimulado pela asphy-

xia prevista, e por offensiva feita a pedidos de quem não encontrava seu nome para subscrever-os. Certo de que estava com a verdade, impuz-me a missão de proseguir.

**

Em memoravel sessão da Conferencia de Lausanne, Vaudremer annunciara ter obtido a demonstração da filtrabilidade do virus tuberculoso. Suas experiencias despertaram enorme attenção. Foi quando Calmette reivindicou para o Brasil a prioridade da descoberta, feita 13 annos antes. Era a primeira confirmação da these proposta em 1910.

Honra á justiça do Sabio. Honra á gloria da França encarnada em Calmette.

A noticia aqui chegara por carta amiga do inditoso Barbosa Lima a Mazzini Bueno. Mazzini deu-a á publicidade.

Era o balsamo com que o coração magnanimo de Mazzini seccava a sangradura das feridas do amor proprio profissional, de quem um dia tivera por ventura tel-o entre os seus discipulos.

E uma nova energia impelliu-me para a frente.

**

Eu me convencera de que os phenomenos observados na biologia do bacillo da tuberculose, representavam factos de ordem geral, que regiam o cyclo de desenvolvimento das bacterias. Por isso recommeci meus estudos tomando como material bacterias de mais facil desenvolvimento e observação.

E entre outras no grupo coli-typhico-dysenterico pude reconhecer que no desenvolvimento dessas bacterias se passa uma phase ultra-microscopica que não é revelada pelos actuaes methodos de investigação.

Esses trabalhos feitos em laboratorio não official, foram publicados em

Manguinhos por acquiescencia do Dr. Leocadio Chaves, Secretario do Instituto.

**

No estrangeiro as affirmações de Vaudremer despertaram a attenção dos microbiologistas. Calmette incumbete a Valtis de estudar e de repetir o que se havia feito em Manguinhos em materia de tuberculose. A confirmação foi plena. Tive sciencia dos resultados. Precisava acompanhá-los e vê-los de visu.

**

Ir á Europa é facil. Doze dias ou 1 mez de viagem conforme as posses.

Mais difficil é ser permittida a viagem por quem possa impedil-a. Mais difficil é ainda facilitá-la a quem não merecer a graça. Como poderia pretendel-a, sem funcção official, sem politica, sem qualidades de funcionario que merecesse qualquer favor por parte do Estado? E foi essa a resposta de quem, autoridade omnipotente, por Memorial por mim feito tomou conhecimento da pretensão, por influencia de um amigo commum. Já o antigo collega Zoroastro de Alvarenga dissera da impossibilidade de obter do seu amigo intimo, do seu parente afim, qualquer favor. Já o Professor Rocha Vaz, a quem por ser medico e amigo se permittia o accesso a Palacio, silenciara e deixara sem resposta a conveniencia que ao pretendente assistia de uma licença de seis mezes, sem onus para o Estado, só com a vantagem de não lhe ser descontado o tempo.

Mas... requeri a licença a que 26 annos de serviço me davam direito e parti.

**

O trabalho era intenso. Em todos os laboratorios o mot du jour era a filtrabilidade do virus tuberculoso. Bem recebido por toda a parte, cumulado de gentilezas.

Vieram as confirmações. Hoje em dia cerca de 300 trabalhos concordam com a these Brasileira. Negam-n'a ou mantem-n'a em duvida talvez 50.

Podemos consideral-a aceita pela maioria dos investigadores.

E essa grande conquista do Brasil deve-se á Escola Franceza, ao espirito de justiça dos seus homens, á honra dos seus sabios.

Uma era nova raiava para os estudos da tisiologia.

"Si nous ne sommes pas avec la verité, vous avez eu, au moins, le mérite d'ouvrir la voie qui était barrée", phrase confortadora que ouvi de Calmette em presença do Venerando Successor de Pasteur. E Roux apertando-me a mão: "Vous êtes chez vous; venez pour continuer vos études".

Os olhos marearam-se-me de emoção!!!

E Alvaro da Franca Rocha e Belmiro Valverde, momentos após, abraçavam-me commovidos.

As consequencias que se seguiram á nova orientação redundaram em aquisições que se relacionam com a microbiologia, com a pathologia e com a biologia geral.

O conhecimento da estrutura intima do bacillo tuberculoso permittiu ser reconhecida a função que a granulação exerce quer no desenvolvimento do bacillo, quer na sua reprodução.

Dahi as noções de unidades reproductoras e de elemento vivo infectante, assentadas desde 1910 e sómente confirmadas em 1921 por Kirschenstein, em 1924 por Bezançon e Philibert, em 1929 por Morton Kahn e Torrey e em 1931 por Broeck.

A technica da dupla coloração do bacillo de Koch, creada então, foi auxilio precioso nos meus estudos, nos

de Bezançon e Philibert e nos de Broeck, facilitando melhor conhecimento da organização bacteriana na sua estrutura e na qualidade dos seus componentes.

Hoje o methodo é adoptado universalmente.

A demonstração experimental da natureza do virus dada para o bacillo de Koch com a demonstração da filtrabilidade de elementos oriundos de culturas e de productos de lesões tuberculosas, abriu novos caminhos na investigação dos problemas ligados á pathogenia e quiçá á prophylaxia e therapeutica da infecção tuberculosa.

Já são hoje verdades adquiridas o conhecimento da infecção pelo virus tuberculoso **sem tuberculo**, a existencia da infecção tuberculosa **sem o bacillo de Koch**; já são realidades morbidas e factos microbiologicos comprovados a **presença do bacillo de Koch sem lesão anatomica dos tecidos onde elle se hospeda**, a existencia da **infecção sem elemento organizado visível que a caracterise**, a **variabilidade de virulencia de cada unidade microbiana infectante**.

E' do dominio de grande maioria dos observadores a existencia de uma **modalidade atypica da infecção tuberculosa experimental**, pela qual é **responsavel o virus tuberculoso em sua phase ultra-microscopica e cujas lesões haviam sido assignaladas já em 1910**.

O problema de herança tuberculosa ficou elucidado com a experimentação de Calmette e de seus discipulos, de Arloing e do Covelaire, deixando claramente posta em fóco a responsabilidade do ultra-virus.

Noções de grande interesse decorrem ainda para o exacto conhecimento da immunidadade na infecção tuberculosa. As experiencias de Calmette, Valtis e Saenz, verificando a presença de anti-corpos em recém-nascidos de

ovelhas inoculadas com ultra-virus, e as de Paraf, Boquet, Negre e Valtis, Arloing e Thevenot, Dufourt e Malarre, Valtis e Saenz que affirmam que a inoculação de filtrados determina uma certa resistencia á infecção tuberculosa, mostram o papel do ultra-virus nos processos de immunidade. Mais numerosas são as pesquisas que demonstram o poder allergisante dos filtrados. Paraf, Arloing e Dufourt, Boquet, Negre e Valtis, Herrold e Saelhof, Sterling Okuniewski, todos assim concluem.

E, como consequencia a essas verificações apresenta-se o problema da "constituição do terreno predisposto ou resistente á infecção" logicamente explicado pelas condições allergicas dependentes da infecção pelo ultra-virus, produzida pelo heredo-contagio.

O conhecimento do ultra-virus estabeleceu ainda relações provadas entre causa e effeito em doenças diversas de etiologia duvidosa, dermatoses e lesões cutaneas varias, (lupus, acnes, tuberculides, psoriasis); derrames articulares ou de serosas, ou prováveis como no mal de Hodgkin, em que diversos investigadores têm posto em evidencia a presença do ultra-virus tuberculoso.

Já o reconhecimento de um fermento lipolitico nos ganglios tuberculosos havia mostrado a insufficiencia da reacção cellular á infecção com a persistencia da forma granular; a demonstração da presença do ultra-virus em productos e humores organicos facilmente contagiantes (urina, leite materno, sangue) oriundos de individuos tuberculosos, mesmo com ausencia de bacillos ou granações, creava novas possibilidades a uma prophylaxia mais efficiente.

Ora, estes phenomenos, como já vimos, não pôdem permanecer adstrictos ao ultra-virus tuberculoso. A existencia de uma phase ultra visivel no des-

envolvimento das bacterias que integra o seu cyclo de vida suggere a previsão de um estado de extrema dispersão da materia viva e que permite enquadrar os phenomenos da vida na dependencia estricta da energia regedora dos phenomenos ultracoloidaes responsaveis pelos procesos que determinam e regulam os actos nutritivos.

*
**

A phantasia idealiza. Idealiza e creia condições e aspectos que se destacam e distanciam da realidade do momento.

E' seu instrumento a imaginação, seu material o sentimento do bello, o sentimento do util e o conhecimento do máo. Sua objectividade o progresso, a ansia do melhor, a realização do ideal.

Em arte, em sciencia, a imaginação é tudo. Em uma, cria, corporifica; em outra, rompe o mysterio, aclara o phenomeno; em ambas o homem se identifica á obra do Creador.

Sem imaginação nada se prevê; sem raciocínio nada se justifica; sem comprehensão nada se integra em nosso espirito.

A noção objectiva da forma no elemento vivo, cederá, pelas aquisições acima relatadas, logar á noção de energia da unidade viva; e do mesmo modo que no mundo physico a noção de materia se subordina a noção de força, no conhecimento dos phenomenos physicos, no mundo vivo a noção de materia viva ficará subordinada ao conhecimento da energia que d'ella emana, para a indagação dos phenomenos ligados aos actos vitaes.

Como consequencia dessa noção podemos em pathologia considerar toda acção pathogenica, em virtude de materia heterologa, como decorrente de um acto assimilador.

Do complexo "acção aggressiva — reacção assimiladora" resultará o

pathenergogeno, isto é, "a capacidade morbigena, immanente á materia heterologa, que se traduz pela energia que della emana no seu esforço de integração ao novo meio".

O **potencial pathogenico** que desse esforço resulta, variará pois, na equação assimiladora proporcionalmente á qualidade e intensidade das reacções bioquímicas que regem os actos nutritivos.

A heterologia dos elementos em conflicto será funcção das variações dos valores energeticos desses elementos. Em caso de identidade de valores não haverá heterologia e sim homologia. A assimilação se fará sem obstaculo por parte do elemento integrador e haverá simplesmente incorporação do elemento homologico.

Si concebermos sob esse aspecto a funcção assimiladora, poderemos a ella referir a penetração de qualquer elemento heterologo ao elemento dotado de vida. Si o elemento heterologo que deve ser assimilado fôr de natureza inerte, isto é, não dotado de vida, taes como elementos ou saes inorganicos, proteínas, albuminas, etc., o pathenergogeno se expressará por uma **intoxicação**.

Si os elementos heterologos forem dotados de vida, o esforço de sua integração ao novo meio, isto é, o pathenergogeno, será representado pela **infecção**.

A observação das molestias infectuosas mostra que toda infecção comprehende tres estagios ou periodos. Periodo de invasão em que se enquadram as phases de incubação e de eclosão dos symptomas; periodo estacionario no qual se accumulam as reacções de defesa, e periodo terminal que coincide com o restabelecimento ou com a morte do organismo infectado. No curso da primeira phase de infecção, isto é, no periodo de incubação, a ausencia de symptomas

não permite que a infecção se caracterise; nesta phase toda infecção age de um modo **não especifico**.

Só na segunda phase, isto é, quando a reacção de defesa se exteriorisa pela eclosão dos symptomas, é que o quadro morbido se estabelece com sua physionomia propria. Só então será possivel o diagnostico clinico, pela coincidência da localisação dos elementos virulentos em órgãos e tecidos, o que lhes conferirá o caracter de especificidade.

Mas, a **não especificidade** inicial é sómente apparente, porque a acção antigenica desperta concomitantemente a reacção de defesa.

Esta correrá parelha com a produção de anti-corpos, até a eclosão dos symptomas.

Assim seria possivel diagnosticar a molestia infectuosa em seu periodo de incubação si possuíssemos um **methodo de laboratorio** que permittisse revelar a presença do antigeno nessa phase da infecção.

Facilmente comprehenderemos como uma tal conquista beneficiaria não só a prophylaxia como a therapeutica dos estados infectuosos.

E, no dia em que pudermos representar por valores numericos a equação assimiladora, o valor do pathenergogeno será conhecido, e de accordo com sua variação, os estados morbidos infectuosos serão classificados em funcção de coefficients que marcarão sua virulencia.

Seriam a base de uma futura **dynamica pathogenica**, desenvolvida á custa do conhecimento da energia emanada da materia viva em seu estado de dispersão e divisibilidades maximas.

Os modernos estudos dos phenomenos electricos e de irradiação ligados á materia viva, trazem-nos a esperança de que seja alcançado esse desideratum.

A Racião Pode

JOÃO N

PEDE-ME HIERARCHIA que creva para suas paginas consagradas pela autoridade que nella collaboram e pela pathia de quantos as lêem, algumas palavras acerca do assumpto do em nosso paiz — as directrizes nossa proxima organização consocial.

Ainda estou em pleno caos de regresso dos meus pagos, sem o tempo material necessario siquer para escrever durante sessenta minutos a fio.

Não quero, porém, ser contumaz em citação de HIERARCHIA.

Dir-lhe-ei por isso, de um modo geral, que a minha preocupação sobre a materia quasi toda se resume em que as novas instituições do direito publico brasileiro não tenham o cunho desse intellectualismo artificial, que tantas difficuldades já nos tem causado á vida politica, como em nossas construcções de ordem financeira e economica.

Para o meeting de amanhã, todos os brasileiros poderiam reunir a multitudine das suas tendencias sob um signo commum — guerra ao artificialismo.

Resumo o meu ponto de vista, precisando que em nosso futuro codigolítico racionalisemos o poder publico, para me servir da insubstitui-

A Racionalização do Poder Publico

JOÃO NEVES DA FONTOURA

PEDE-ME HIERARCHIA que escreva para suas paginas, já consagradas pela autoridade dos que nella collaboram e pela sympathia de quantos as lêem, algumas palavras acerca do assumpto do dia em nosso paiz — as directrizes de nossa proxima organização constitucional.

Ainda estou em pleno cãos de um regresso dos meus pagos, sem o tempo material necessario siquer para escrever durante sessenta minutos a fio.

Não quero, porém, ser contumaz á citação de HIERARCHIA.

Dir-lhe-ei por isso, de um modo geral, que a minha preocupação sobre a materia quasi toda se resume em que as novas instituições do direito publico brasileiro não tenham o cunho desse intellectualismo artificial, que tantas difficuldades já nos tem causado á vida politica, como em nossas construcções de ordem financeira e economica.

Para o meeting de amanhã, todos os brasileiros poderiam reunir a multiplicidade das suas tendencias sob um signo commum — guerra ao artificialismo.

Resumo o meu ponto de vista, precenizando que em nosso futuro codigo politico racionalisemos o poder publico, para me servir da insubstitui-

vel expressão de MIRKINE GUETZEVITCH.

Na pressa com que falo aos leitores de HIERARCHIA, não me é dado traduzir o meu ponto de vista de fórmula mais clara do que a constante de um dos meus discursos parlamentares durante a campanha liberal.

Já então a mesma preocupação atormentava o meu espirito e abria rumos ao meu pensamento. Si ella assistir aos architectos do monumento constitucional de amanhã, estou seguro de que muitos males serão evitados ao Brasil e de que faremos obra duradoura e fecunda em beneficio da collectividade.

Si, por acaso, percorressem com os olhos abertos o panorama politico da reconstrucção européa, logo se convenceriam de que uma transformação profunda no espirito e na letra das instituições ganhou as modernas cartas constitucionaes do Velho Mundo.

Com a adopção de rumos inteiramente novos, com a inscripção de ineditas e valiosas conquistas no mundo juridico, o moderno direito politico da Europa representa um progresso sensível do espirito democratico.

Isso não surpreende a quem meditar em que as potencias alliadas inscreviam nas suas bandeiras o problema da libertação dos povos, accusando os

imperios centraes de serem, em pleno seculo XX, os derradeiros bastiões do semi-absolutismo.

Ora, o triumpho do espirito nacionalista e a victoria do *self-government* só poderiam ter como consequencia logica, dentro das fronteiras de cada Estado, a valorisação do elemento popular nas formas de governo que fossem adoptadas.

Ainda agora, volvido um decennio sobre o epilogo do formidavel conflicto, que incendiou as nações do planeta, a luta continúa travada em todos os concilios mentaes e resumida no choque entre a democracia e o comunismo, entre o systema representativo propriamente dito e a transformação revolucionaria.

Ha até um escriptor pertencente á corrente niveladora extrema que chamou a democracia typica de democracia aristocratica, considerando o capitalismo como a feudalidade dos ricos e affirmando que a humanidade está agora simplesmente dividida em dois acampamentos irreconciliaveis, que arvoram as bandeiras branca e vermelha, como symbolos respectivamente do espirito misonicista ou da extrema rebeldia.

Esses, os pólos do eterno problema de governo; esses, os termos antinomicos entre os quaes se processa a reconstrução politica dos paizes que se envolveram na conflagração mundial.

Quem examinar o grande problema resolvido pelas constituições da Alemanha, da Austria, da Polonia, da Turquia, da Hungria, da Yugo-Slavia ou da Tcheco-Slovaquia, sentirá por vezes que ha naquelles estatutos os traços indeleveis da difficil transição entre o espirito do passado e os inquietadores processos da actualidade.

Uma cousa, porém, não escapará ao observador imparcial — por toda a parte triumphou a opinião democratica,

no grande sentido da palavra, quer pela criação de novas republicas, quer pela transmutação das monarchias sobreviventes.

E' certo que, em alguns paizes, o dogma democratico tem succumbido ou entrado em syncopes mais ou menos prolongadas, em consequencia de luctas locais quasi sempre decorrentes da miseria economica ou do abastardamento financeiro.

Mas não seria exacto affirmar que esses eclipses tenham propriamente sacrificado a accentuação das idéas liberaes, encaradas no seu moderno conceito compativel com a socialisação dos processos actuaes da produção da riqueza.

As crises que em certos povos attingiram as instituições vigentes têm sido quasi sempre resultado de factores complexos, peculiares á indole de cada terra ou ás suas condições momentaneas, quando não de certas tradições compromettidas e por vezes desviadas de seu curso natural, além da collaboração do impeto de indisciplina caracteristico da época, e daquella fadiga da ordem, doença habitual nos povos sahidos do grande cataclysmo.

A vertigem, porém, do tempo presente, já não comporta soluções metaphysicas para o governo dos povos, nem a estrutura dos regimens pôde ser recoberta por um tecido impene-travel ás exigências da vida pratica.

Sahimos das nuvens aristotelicas para a terra firme do dia-a-dia. Assistimos na esphera juridica, como nos dominios da industria, a um phenomeno extremamente curioso. Emquanto os homens de negocios e os donos de usinas procuram realisar o que se chama a *racionalisação*, isto é, a criação de certo numero de typos economicos para cada producto, tambem na vida publica testemunhamos a mesma orientação, que um escriptor moderno denominou precisamente a ra-

nalisação do poder, ou seja a transmutação da politica em direito constitucional.

Para que se compenetre da importancia destas observações, basta que se invoque a attenção de todos por dois exemplos frisantes.

Dizia-se outr'ora que a responsabilidade dos ministros constituia a característica fundamental do systema parlamentar.

Mas a verdade é que o parlamentarismo, na sua longa existencia, não affirmou propriamente sob esse aspecto, mas como um regimen em que o governo resulta da vontade da maioria das camaras, de cujo apoio vivo depende.

Si aprofundarmos a chronica do parlamentarismo, tanto na matriz britannica, como na transplantação franceza invariavelmente verificaremos que, no fundo, a nomeação dos ministros não é effectivamente sinão obra das maiorias parlamentares.

Inspiradas nos modernos conceitos de racionalisação do poder publico, as ultimas constituições europeas arrancaram corajosamente essas lantejoulas da mystica politica, dispondo e pressionando que ás camaras cabe a nomeação dos ministros.

Assim, na Baviera, o parlamento designa o primeiro ministro e, por proposta deste, os demais; na Prussia o parlamento nomeia apenas o primeiro ministro; na Austria, o ministério é formado pelo parlamento.

Eis ahi. A idéa jazia no fundo da doutrina, disfarçada pela ficção e pela hypocrisia das formulas, que iam arrastando sem significação e sem verdade, como certas praxes symbolicas, vazias hoje da razão que creára.

Fez a orientação moderna tabulara dos archaismos inúteis, cons-

cionalização do poder, ou seja a transformação da política em direito constitucional.

Para que se compenetre da procedência destas observações, basta que eu invoque a atenção de todos para dois exemplos frisantes.

Dizia-se outr'ora que a responsabilidade dos ministros constituía a característica fundamental do systema parlamentar.

Mas a verdade é que o parlamentarismo, na sua longa existencia, não se affirmou propriamente sob esse aspecto, mas como um regimen em que um governo resulta da vontade da maioria das camaras, de cujo apoio vive e depende.

Si aprofundarmos a chronica do parlamentarismo, tanto na matriz britanica, como na transplantação franceza, invariavelmente verificaremos que, no fundo, a nomeação dos ministros não é effectivamente sinão obra das maiorias parlamentares.

Inspiradas nos modernos conceitos de racionalização do poder publico, as ultimas constituições europeas arrancaram corajosamente essas lanfejoulas da mystica politica, dispondo expressamente que ás camaras cabe a nomeação dos ministros.

Assim, na Baviera, o parlamento designa o primeiro ministro e, por proposta deste, os demais; na Prussia, o parlamento nomeia apenas o primeiro ministro; na Austria, o ministerio é formado pelo parlamento.

Eis ahi. A idéa jazia no fundo da doutrina, disfarçada pela ficção ou pela hypocrisia das formulas, que se iam arrastando sem significação e sem verdade, como certas praxes symbolicas, vazias hoje da razão que as creára.

Fez a orientação moderna taboara dos archaismos inuteis, consa-

grando sem reservas no texto das leis, as realidades victoriosas.

Tambem o principio federativo não escapou a ser revigorado, sob a luz dos methodos recentes. Nascido primitivamente dos interesses dynasticos, das imposições regionaes ou das fermentações jacobinas, o federalismo na sua transformação juridica substitue a razão de Estado pelo instincto da descentralisação e pela defesa harmonica dos interesses do centro e da periphéria.

Mas onde as constituições recentemente elaboradas na Europa dão ao observador imparcial e attento a impressão exacta de que crystallisam em seu arcabouço as novas normas que regem o mundo mental, é na accitação evidente dos partidos no seio do direito politico.

A esse respeito, a carta da Tcheco-Slovaquia introduz no organismo constitucional as funcções de um Tribunal, competente para o exame de certos conflictos que possam occorrer entre os partidos.

Tão avançada é, nesse particular, aquella constituição que permite ao Tribunal Eleitoral privar da sua cadeira um deputado eleito pela lista de um partido, si este tiver cassado o mandato de confiança ao seu candidato.

Até pouco tempo, as superstições doutrinarias, sob cuja influencia se organisaram e estruturaram os regimens anteriores á guerra europeá, recuaria espavorido, si se lhes revelasse que uma carta politica haveria de estatuir regras para o proprio choque das facções.

Hoje, porém, quando o mundo contemporaneo caminha a passos rapidos para tudo racionalisar, inclusive o poder, os proprios partidos politicos invadem o texto das constituições.

Centralisação e Federação

I — Aspecto Actual do Problema Federalista no Brasil

LEVI CARNEIRO

Autor de "Judiciário e Federalismo"

TODA a historia politica do Brasil póde, talvez, ser escrita num ponto de vista exclusivo — o da concentração dos poderes. O liberalismo de Pedro II consiste, principalmente, em repartir toda a sua autoridade imensa. Ao menos — em querer reparti-la. Ele procura crear um regime constitucional, um Parlamento, partidos, gabinete...

O seu "poder pessoal" exercita-se no sentido de animar essas ficções; perceber os balbucios da opinião publica, e suprir-lhe as omissões; realisar a rotação dos partidos, inexpressivos, desapegados das ideias; crear um sistema eleitoral, verdadeiro e significativo.

Ele não usurpa. São os outros poderes, as outras forças da Nação que abdicam, submetem-se, não se orientam sinão pela vontade dele, confiantes na sua sabedoria, no seu descortino, no acerto das suas decisões. Assim, apesar de toda a sua abnegação e de todo o seu liberalismo, e da sua fidelidade á Constituição, Pedro II termina o seu grande reinado, realisando uma concentração inconcebivel de poder, sobre 8 milhões de kilometros quadrados de terra e sobre 15 milhões de homens.

E porque? Simplesmente porque,

empreendendo a distribuição do poder num sentido — digamos assim — latitudinal, Pedro II, e a Monarquia, mantêm o empenho da concentração do poder no sentido longitudinal. Os poderes imperiais dividem-se, no papel: gabinete, parlamento, conselho de Estado, eleitorado, magistratura... Mas, esses poderes imperiais empolgam e dominam toda a Nação. Toda a vida nacional concentra-se na Corte. Asfixiam-se as provincias. Definham os municipios.

Foi esse o erro. Erro proveniente de um alto e nobre pensamento, de uma grande e bela preocupação — que constituiu, em certo momento, toda a finalidade historica da Monarquia — a unidade nacional. Mas, ainda neste ponto de vista, grave erro, porque o unitarismo não seria sempre a unidade nacional — e só a Federação a manteria, depois de certo tempo.

A desconcentração dos poderes foi tentada artificialmente — abandonado o campo unico em que se faria com segurança.

O Imperio identificou-se com o Unitarismo. Fortaleceu-o.

Não transigiu com a autonomia das provincias — sinão tarde de mais.

Joaquim Nabuco, propondo a Mo-

narquia federati
só a Monarquia
Brasil, a Federaç
guerra civil, do
rebeliões, das oli
quia faltou a essa
historica.

Subverteu-a, poi
deralismo — prin
formação politica
do em todos os e
toria.

Não minudeio, n
sadas, tais episodic
dos 40 anos de re
Depois desses 40 an
talvez a unica ver
de toda a nossa vida

Ainda neste lance
principio propulsor,
va, é, si me não eng
seio do federalismo
A revolução de 19
outra — e a maior
"explosões", de que,
Historia de 1914, me
Alfredo Valladão.

O movimento cen
cára-se. O Congress
Do proprio seio dele
homens mais eminen
clamado que só um p
o Presidente da Rep
ciario encolhera-se, e
corraçado. A Federa
— porque os Estad
economicamente da
tendo a navegação de
bancos, o credito, os s
de publica, as rodovias
o Governo Federal lha
va, entregaram-se, hun
liciosamente, ás deter
caprichos deste. A rep
Estados no Congresso
meio de compressão d
deral — em vez de expr

narquia federativa, renunciava que só a Monarquia poderia realizar, no Brasil, a Federação, sem os males da guerra civil, do estado de sitio, das rebeliões, das oligarquias. A Monarquia faltou a essa parte da sua missão historica.

Subverteu-a, por isso mesmo, o Federalismo — principio inelutavel da formação politica do Brasil, affirmado em todos os episodios de sua historia.

**

Não minudeio, nestas linhas apressadas, tais episodios, nem mesmo os dos 40 anos de regime republicano. Depois desses 40 anos, ocorre a maior, talvez a unica verdadeira revolução de toda a nossa vida social.

Ainda neste lance, porém, o grande principio propulsor, a força subversiva, é, si me não engano, o mesmo anseio do federalismo.

A revolução de 1930 é, apenas, uma outra — e a maior — daquelas suas "explosões", de que, no Congresso de Historia de 1914, me fazia falar o Sr. Alfredo Valladão.

O movimento centripeto intensificára-se. O Congresso apassivára-se. Do proprio seio dele, muitos de seus homens mais eminentes haviam proclamado que só um poder subsistia — o Presidente da Republica. O Judiciario encolhera-se, atemorizado, escoraçado. A Federação desaparecia — porque os Estados, dependentes economicamente da União, sómente tendo a navegação de cabotagem, os bancos, o credito, os serviços de saúde publica, as rodovias e as obras, que o Governo Federal lhes proporcionava, entregaram-se, humildemente, deliciosamente, ás determinações e aos caprichos deste. A representação dos Estados no Congresso tornou-se um meio de compressão do governo federal — em vez de exprimir a autono-

mia deles. Porque eram os proprios governadores de Estados que tinham de aconselhar aos seus deputados e senadores a obediencia e a submissão, quando algum deles se animava a alguma vaga discordancia do Presidente da Republica.

Essa submissão foi se estendendo, cada vez mais, á propria formação das representações estaduais — que, por isso mesmo, foram perdendo, mais e mais, toda a expressão representativa.

O Congresso sobrepôs-se ao eleito-rado, de que se deveria originar — para submeter-se ao Presidente da Republica.

A eletividade dos presidentes de provincias fôra, como tive ensejo de mostrar, o ponto de maior intransigencia do Imperio.

Pedro II zelou sempre, como a mais preciosa de suas prerrogativas — a nomeação dos presidentes das provincias. Foi essa prerrogativa monarchica — tão desastrosamente exercitada tantas vezes — que ressurgiu entre as atribuições do Presidente da Republica.

De tal sorte, cada vez mais o despotismo presidencial absorveu todos os poderes — no sentido latitudinal, como no sentido longitudinal. Assumiu expressões inimaginaveis de submissão, de passividade, de ridiculo.

Não culpemos estes ou aqueles homens. Por vezes, as mais altas qualidades de alguns agravaram a situação, contribuindo para a deturpação do regime — por culpa principalmente dos outros, que não resistiram ou os incitaram. E' através dos tres ultimos presidentes — talvez precisamente porque foram tres homens de grande e rara energia, e dominados, todos, talvez, por intenso desejo de servir com patriotismo — que essa evolução, ou essa degenerescencia, se precipita e agrava.

Quando Ruy Barbosa, arrastado pelos interesses da política de seu Estado, sustentou a tese mais ameaçadora da Federação, que ele próprio creára entre nós — a tese da competência do Presidente da Republica para intervir em qualquer Estado, afastando o governador contra que se sublevára parte da população — foi, aliás, o proprio Presidente, Sr. Epitacio Pessoa, quem, com a mais alta compreensão do regime, e o mais nobre sentimento cívico, repeliu essa doutrina, e recusou o arbitrio que lhe era conferido.

O Sr. Arthur Bernardes inicia, porém, o seu governo com a deposição do governador eleito do Estado do Rio; encerra-o com a reforma da Constituição, em que procura consolidar as tendencias do seu espirito.

Por fim, o Sr. Washington Luis, depois de algumas afirmações de zelo do federalismo — leva, ele proprio, ao paroxismo, o movimento de absorção dos poderes.

Em setembro de 1930, ou antes, todos os que não exerciamos qualquer parcela de poder publico — e até mesmo muitos dos que a exerciam! — sentiamos caminhar para outra fase — de completa anulação da autonomia dos Estados, a que se haveria de seguir, mais cedo ou mais tarde, nova "explosão", de consequências incalculáveis; ou para a reação imediata, de que resultaria o conflito entre as duas tendencias opostas.

Em suma — ou se restauraria o federalismo; ou se anularia por completo a autonomia de Estados, para provocar, mais tarde, outra reação federalista, ou talvez o desmembramento de varios Estados.

Por isso, a vitoria da Revolução pareceu-me assumir um significado inilu-

divel: — triunfava, com ela, o Federalismo.

Sem me supôr, de modo algum, autorisado a fixar, com acerto, esse significado, foi assim que, a meus olhos, ele se apresentou desde a primeira hora.

Foi assim que, sem impugnação nem advertencia, pude escrever, na chamada Lei organica do Governo Provisorio, que a nova Constituição manteria o regime federativo; e consagrar, ainda que em principio, e com as limitações inevitáveis no momento, a propria Constituição federalista de 1891.

Bem sei que houve, mais tarde, quem apontasse, nesse dispositivo, censuravel cerceamento da competencia da propria Constituinte futura. Suponho, porém, que ele apenas marcou o rumo do movimento triunfante, assentou-lhe a orientação decorrente dos mesmos fatos historicos, exprimiu, com fidelidade, o pensamento dominante da Nação.

Instaurando um regime pré-constitucional, revigorando, em sua pureza, a primeira Constituição republicana — o Governo Provisorio destacou, acertadamente, o principio desta, que excluía de emenda, ou revisão, o principio federativo. E' uma verdadeira revisão constitucional que se vai efetuar, em consequência da revolução — e, assim, nos termos da propria Constituição.

Nada impede, sem duvida, praticamente, que a futura Constituinte lance por terra esse marco. Mas, será uma nova revolução. E um novo erro.

Desde já se manifestam, contudo, sintomas de um movimento de opinião a favor do unitarismo.

Ha, ainda, os que vêem nele a salvação do Brasil. E ha, até, os que atribuem algumas virtudes do governo

atual á sua feição centralizadora.

Sem duvida, um ou de poderes cívicos pôde deixar de se aliás, em nosso caso, não individual, o conveniente, a outras dificuldades e faceis. Direi mesmamente que ele não deve estritamente necessariamente organização inicial. vemos, que o unitarismo acirra o bairismo.

Por outro lado, a empenho com que procura reintegrar, a autonomia local, através de muitos e diferentes "Codigo dos Estados". Como quer que seja, agora, talvez, um dia veremos em 1890 — por duvidou de que a revolução, no Brasil, federalista, não o antecipo, desde já, a primeira reação mais significativa.

Eleva-se já um clamor alcance, e de grande importância tribunais judiciais estão se manifestando a favor da justiça. Não sei se, em breve, todos renunciado nesse sentido. Todos almejam liberdade, que, por aviltou, de governos corruptos param-n'os fortes razões. Opinam no mesmo sentido as autoridades nossas, no tocante a essa aspiração de unidade do processo, e das esperanças. E, demais, os membros do movimento unitarista.

atual á sua feição acentuadamente centralisadora.

Sem duvida, um governo ditatorial, ou de poderes discrecionarios, não póde deixar de ser unitarista. Esse é, aliás, em nosso caso, e em minha opinião individual, o maior de seus inconvenientes, a origem de suas maiores dificuldades e de seus erros mais facéis. Direi mesmo — a razão por que ele não deve durar mais que o estritamente necessario para a reorganisação inicial. Basta vêr, como vemos, que o unitarismo excita e acirra o bairrismo.

Por outro lado, acredito perceber o empenho com que o Governo actual procura reintegrar, reavivar, os centros de autonomia local, notadamente, através de muitos dispositivos do recente "Codigo dos Interventores".

Como quer quer seja, vamos ter, agora, talvez, um debate que não tivemos em 1890 — pois então ninguem duvidou de que a republica devesse ser, no Brasil, federativa.

Não o antecipo, destacando aqui, desde já, a primeira de suas manifestações mais significativas.

Eleva-se já um clamôr de grande alcance, e de grande repercussão. Os tribunais judiciais dos Estados estão se manifestando a favor da unidade da justiça. Não me surpreenderei si, em breve, todos se tiverem pronunciado nesse sentido.

Todos almejam libertar-se da dependencia, que, por vezes, tanto os aviltou, de governichos estaduais. Amparam-n'os fortes razões doutrinarias. Opinam no mesmo sentido grandes autoridades nossas, no terreno juridico. Conjugam essa aspiração com a da unidade do processo, que atráe tantas esperanças. E, demais, pódem os pioneiros do movimento invocar o pare-

cer de um dos chefes da revolução, de clara intelligencia e puro idealismo, o Sr. Juarez Tavora...

O movimento tem grandes possibilidades de triunfar. Mas, pena seria que triunfasse...

Para mim, que sempre conjuguei o federalismo com o judiciarismo, e vi num e noutro os caracteristicos magnificos da Constituição de 1891, esse reclamo do Judiciario, a bem de sua propria autonomia, e de seu prestigio, assume o mais alto interesse — tanto mais quanto o considero inatendivel.

Em minha opinião — e está claro que apenas exprimo uma opinião individual, arraigada em velhas convicções — para mim, a unidade de justiça no Brasil seria uma restrição profunda e ameaçadora do federalismo. Sem poder, agora, examinar a questão em todos os aspectos, quero, apenas, traçar, perante os que se interessam pelo problema, alguns lineamentos, que lhe destaco.

Assim é que, a meu vêr, abstraindo mesmo de todas as outras razões, de ordem teorica, e de ordem pratica — a unidade da justiça (mesmo sem chegar ao absurdo da organisação judiciaria decretada pelo poder central) diminuiria, grandemente, si não anulasse, o prestigio e a autonomia dos Estados.

Fátos não esquecidos permitem imaginar a situação que se crearia quando um Presidente da Republica desabusado — porque ainda os teremos... — dispusesse, no Estado, contra o governador, que lhe desagradasse, da aparelhagem da justiça federal, ainda incompleta, e, tambem, de toda a magistratura civil e criminal, em todas as comarcas e em todos os municipios...

Por outro lado, assumindo o encar-

go de pagar os vencimentos de toda a magistratura (apesar da dificuldade de ajusta-los ás condições de cada Estado), a União teria, ainda, de tomar aos Estados outras fontes de rendas, além das que lhes vai exigir para poder custear os serviços de dívida externa, e os mais, que parece necessario ficarem a cargo dela. Mingoados, assim, os recursos orçamentarios dos Estados, avultada, pela magistratura, pelo Ministerio publico, e pelos serventuarios subalternos da justiça — a legião de funcionarios federais (do Exercito, da Marinha, da Saúde Publica, das Alfandegas e das repartições tributarias, do ensino, etc.) — a que ficarão reduzidos a autoridade e o prestigio, que já tão mingoados se mostraram, dos poderes estaduais?

Si assim será, quanto ao principio do federalismo em si mesmo, tambem não acredito que a unidade reclamada melhore e prestigie a propria justiça. Ao contrario, teremos as nomeações feitas sob as influencias estreitas do Distrito Federal, da Côrte... Teremos os promotores, e os juizes do Amazonas e de Mato Grosso — e mesmo da Baía, ou do Rio Grande do Sul — nomeados dentre os amigos do Governo federal, aqui do Rio de Janeiro, e que não sairão daqui. Ha de verificar-se em mais larga escala, e com maior gravidade, o que, em certos casos, se observa já em relação a juizes e promotores do vizinho Estado do Rio. Teremos, em plena Avenida, frequente, o episodio pitoresco:

— Fulano, promotor em Feira de Sant'Ana...

— Ah! muito prazer!... Veio apreciar o nosso lindo Rio de Janeiro?

— Qual nada! Nunca me perdi por lá...

E não ha de ser só o promotor de Feira de Sant'Ana, mas o juiz de Obidos, o desembargador de Cuiabá...

A unidade da magistratura florescerá em plena Cinelandia...

O Ministro das Relações Exteriores porfia por manter em seus postos, ministros, secretarios, consules... O Ministro da Guerra empenha-se em conseguir que comandantes de regimentos, batalhões, e companhias, permaneçam em suas sédes respectivas... Vamos ter o Ministro da Justiça, asoberbado de cuidados para fazer com que os magistrados e promotores de milhares de comarcas estejam em seus lugares, em todo o País...

**

Sei bem que o Judiciario reclama novas, e maiores, garantias. Sei que esse desejo, essa necessidade, deve contribuir para o movimento, pela unidade da Justiça, que se está iniciando. Mas, a solução alvitrada parece-me contraproducente. Contraria o regime que devemos manter, até porque, desprestigiando o Judiciario, enfraquece, ou anula, um dos seus contrapesos mais importantes.

Como se ha de conseguir, porém, o necessario fortalecimento do Judiciario? Em meu parecer, mediante garantias constitucionais completas e efficientes.

As garantias constitucionais são, hoje, a parte mais importante de toda a organização do Estado. A imperfeição tecnica de nossa Constituição, nesse ponto de vista, foi agravada pela inominavel mutilação do habeas-corpus, na emenda de 1926.

A nova Constituição terá de organizá-las cabalmente. E terá de organizar, especialmente, um conjunto de normas de proteção do Judiciario, inclusive as magistraturas dos Estados. Não só os principios de vitaliciedade, de inamovibilidade, de irredutibilidade de vencimentos — inscritos, com demasiada concisão, na Constituição

A R
H

PEDE-ME H
creva par
consagrada
dos que nella coll
pathia de quanto
palavras acerca d
em nosso paiz —
nossa proxima ou
cional.

Ainda estou em regresso dos meus material necessario ver durante sesser

Não quero, poré citação de HIERA

Dir-lhe-ei por is
ral, que a minha
a materia quasi tod
as novas instituic
blico brasileiro nã
desse intellectualis
tantas difficuldades
do á vida politica
construcções de
economica.

Para o meeting d
brasileiros poderia
plicidade das suas
signo commum — g
lismo.

Resumo o meu p
conisando que em n
politico racionalise
blico, para me serv

de 24 de fevereiro, e que a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal soube vitalisar. Ainda mais: o sistema de nomeações e promoções, com exclusão das influencias da política-lha, e aproveitamento de capacidades reveladas; a correlação dos vencimentos dos magistrados com os dos mais altos funcionarios do Estado; a repressão da influencia das parentelas; a garantia da independencia, da cultura do espirito, do repouso, das honrarias, do retiro remunerado e tranquilo; a colaboração nas leis de processo e de organização judiciaria; *et j'en passe...*

A par de tudo isso — a moralisação, a dignificação, a exaltação da advocacia como *munus publico*, pela criação da Ordem dos Advogados.

Assim imagino a magistratura capaz, digna, eficiente, de que precisamos, até para realizar a Federação. Mas, dentro desses moldes gerais, sob essas garantias, cada Estado que a organize livremente, que a nomeie, que a estipendie.

Não me tenho por adepto exagerado do federalismo. Minhas convicções, no assunto, não resultaram de estudos juridicos — mas do estudo da historia politica do Brasil. Sempre apontei, em nosso tão deficiente federalismo, duas exagerações — a dos emprestimos externos estaduais, a dos exercitos estaduais. Sempre senti e preguei a necessidade de ampliar a ação do Governo federal — especialmente quanto ao ensino primario, quanto á proteção da infancia. Na remodelação constitucional, que vamos realizar, teremos, si não estou em erro, de atender a esses pontos. Mais ainda — o fortalecimento e o aparelhamento regular da justiça federal; as novas leis, especialmente

de florestas e de minas, e as de regulamentação de varias profissões — e tantas outras circunstancias, que seria longo discriminar — sem duvida fortalecerão a tendencia centripeta.

Por isso mesmo, e para não subverter toda a nossa organização federativa, acredito que muito cautelosamente se devem admitir outras restrições da competencia dos Estados. De nenhuma receio mais que dessa, que já desponta, tendente a realizar a unidade da magistratura — tanto a sei atraente para muitos nobres espiritos.

Não tenho duvida de que saberemos manter o federalismo. A dificuldade está, apenas, em organisá-lo, pelo justo equilibrio das forças que se contra-põem, evitando a anulação de umas, ou o predominio exagerado de outras, que nos faria retrogradar, e provocaria outra reação, mais grave talvez que a de 1930.

Aflorando rapidamente tantos, e tão graves problemas, não quero, todavia, concluir sem recordar que, para essa reorganização, duas questões deveriamos desde logo enfrentar: a divisão territorial, e a distribuição das rendas.

Uma e outra foram menosprezadas em 1891, ou não puderam ser então resolvidas — e sentimos as consequencias dessa falta.

A primeira se terá agravado, pelo desenvolvimento desigual dos Estados, acentuando-lhes mais e mais a desigualdade. Quanto á segunda, porém, os serviços de estatistica, hoje existentes, e a experiencia realizada, proporcionariam, sem duvida, elementos para resolvê-la, com grandes probabilidades de exito.

Nenhum publicista, nenhum geogra-

fo, justificou jamais a divisão territorial, errônea, fortuita, que vamos mantendo e consolidando. De outra parte, a divisão dos impostos foi um dos mais difíceis pontos versados na assembléa constituinte de 1890. Dai resultaram as primeiras deficiências

do sistema federativo instaurado em 1891.

Meu voto, muito desautorizado, mas muito sincero, seria no sentido de supri-las, agora, antes de enfrentar as outras dificuldades da reorganização a empreender.

II — A Divisão Política e o Problema da Unidade

SAN TIAGO DANTAS

AS RELAÇÕES entre o problema da forma unitária ou federal e o problema da unidade política brasileira estão patentes hoje em dia aos olhos de quasi todos os doutrinadores. No Brasil esse problema da unidade foi aos poucos transcendendo todos os outros. E dele depende realmente toda concepção particular de organização política, como da própria existência do objeto depende a existência do que se queira a ele aplicar.

Não está entretanto no espirito do debate sobre federalismo e unitarismo, a compreensão dessa relatividade extrema do assunto. E quando falo assim, não me refiro certamente ás idéas e argumentos postos em jogo, mas á attitude intelectual em que se discute, aos argumentos, digamos, iminentes á própria natureza da discussão. Pois de fato, o erro maior da nossa maneira nacional de resolver a questão, é um erro que podemos chamar de visão do assunto, historicamente fóra dos seus termos verdadeiros.

Nunca se compreenderá bem o federalismo brasileiro, se não se tiver em mente que ele foi um ideal por

que se apaixonaram as massas, e uma das reformas exigidas pelos republicanos e liberais. Daí vem uma parte considerável da formação da nossa mentalidade constitucional, tão profundamente federalista.

Pois nós não tivemos o estado federal, — como o tiveram outros povos, — em consequência da aproximação de estados distintos, que na forma composta guardaram as marcas e os limites da sua distinção. Tivemos até, na ordem histórica, a marcha inversa, da unidade para a federação. E nem tão pouco tivemos a diferenciação política de certas províncias, cujo isolamento de interesses se teria oposto ao centralismo. Era, ao contrario, acusando o estado unitário de sufocar a vida e o desenvolvimento das províncias, que Nabuco se batia pela federação.

O federalismo foi um movimento que se formou no terreno teórico da nossa cultura política, que assimilou ao seu plano todas as teses anti-centralistas, que com ele essencialmente não se confundiam, e que pairando acima de exigências sociais objectivas, tornou-se “moda, entusiasmo, cegueira, palavra mágica”, tese

constante dos p
Tornou-se ideologi
por outro, encarr
assegurar as auto
gionais, a tornar
te de equilibrio,
as províncias liv
base jurídica ex
menos irredutível
velhas doutrinas
cal, que viam as
mo “instituições
quais o proprio E
gem”, dando-lhes
de preexistencia n
tado não teria dire

E daí ficou-nos
mente jurídica do
da visão política
ral. O antigo ideal
se uma categoria de
não será um exa
que transparece
exaltadas da auton
de que foi abund
República, é um
dessa autonomia c
ral dos Estados.

Não creio que
unitarista dos est
rações de hoje ten
do ao debate a su
reza. E' em nome
eratismo que arras
lições praticas da
federal em curso,
extremismos dout
feição unitaria vai
primeiros, anti-dem
reita, conservam a
ridica dos lideres f
cam a base jurídica
tese unitaria nas c
nas do Estado forte
dos, advertidos pel
blica, (os segundos
dem tanto com os
cando o unitarismo
necessario ao proce

constante dos publicistas liberais. Tornou-se ideologia por um lado; e por outro, encarnando a tendencia a assegurar as autonomias locais e regionais, a tornar a união mero agente de equilibrio, de contrôlê entre as provincias livres, adquiriu uma base juridica exclusiva e mais ou menos irreduzível em principio nas velhas doutrinas da autonomia local, que viam as entidades locais como "instituições fundamentais, das quais o proprio Estado teria tido origem", dando-lhes assim um caracter de preexistencia natural, a que o Estado não teria direito de se sobrepôr.

E daí ficou-nos uma visão puramente juridica do problema, em vez da visão politica que seria a natural. O antigo ideal federalista tornou-se uma categoria do espirito liberal; e não será um exagero pensar que o que transparece nas reivindicações exaltadas da autonomia dos Estados, de que foi abundante até hoje a Republica, é um conceito afetivo dessa autonomia como direito natural dos Estados.

Não creio que a moderna feição unitarista dos estudiosos e das gerações de hoje tenha porém restituído ao debate a sua verdadeira natureza. E' em nome de um anti-democratismo que arrasta as elites, e das lições praticas da nossa experiencia federal em curso, que mitigaram os extremismos doutrinarios, que essa feição unitaria vai surgindo. E se os primeiros, anti-democraticos de direita, conservam a errada visão juridica dos lideres federalistas, e buscam a base juridica inflexível de sua tese unitaria nas concepções modernas do Estado forte e uno, os segundos, advertidos pela lição da Republica, (os segundos, que se confundem tanto com os primeiros), lançando o unitarismo como o corretivo necessario ao processo de secessão

a que a Federação nos vai conduzindo, geram um novo erro e maior, pois absorvem a causa do Estado unitario na propria causa da unidade nacional. E nada mais errado que essa absorção. Com ela o unitarismo torna-se uma ideologia, como o federalismo o fôra nos ultimos anos do Imperio. E não se faz mais que assinalar ao ideal federalista um antonimo, como ele ideal juridico, absoluto e irreduzível.

A distinção entre unitarismo e unidade, é quasi imediata, porém, o unitarismo é uma simples forma organica de Estado, a unidade é problema fóra dos limites do Direito Publico, de natureza social essencialmente.

O unitarismo pode favorecer e realisar a unidade, ser como na Argentina, no dizer de Sarmiento, uma condição politica quasi derivada da configuração fisica. Pode tambem se opor categoricamente á unidade, por sufocar e apagar diferenças e liberdades, ditadas pela natureza da terra e do meio.

Posta a questão da forma de Estado em função da unidade, que é a sua determinação natural, tirada assim do terreno dos principios juridicos, onde fôra artificialmente colocada, desaparece a irreduzibilidade entre a forma federativa e a forma unitaria que domina o espirito dos publicistas.

Onde havia dois principios, ha duas tendencias. Duas tendencias simultaneas, graduaveis, capazes de se harmonizar no mais simples e no mais complexo dos organismos. Pois nenhuma é por si, por natureza, contraria á existencia do Estado, mas qualquer desequilibrio entre elas pode trazer-lhe a desordem total.

Parece, porém, chegado esse ponto em que as velhas denominações no seu rigoroso sentido não se justificam. De fato Federalismo e Unitarismo

rismo designam a adoção sistemática e por princípio, do critério de descentralização e de centralização política e administrativa.

Todo critério sistemático no assunto foge porém a um sadio realismo. Eis porque o Estado moderno, infinitamente plástico na sua infraestrutura social, não será por certo federal nem unitário; mas adotará entre esses extremos a medida que lhe convém, fazendo-a variar de instituto para instituto, de região para região, de acordo com as exigências da variedade social.

Encontra-se em pensadores modernos, entretanto, uma corrente de idéas largamente objetiva, que aceitando a necessidade de adaptar os institutos políticos á variedade social, considera a forma federalista um gráo de passagem para a forma unitária, de que o Estado se vai aproximando á medida que aquela variedade desaparece, e que a sociedade nacional se vai tornando homogênea. O que é crer ainda que todo progresso social tenda a realizar a equalização dos costumes e formas da vida, pela aproximação de um padrão em que se realizam as condições naturais da existência em comum. Postulado falso, mas de que a grande maioria ainda não se esquiva á influencia, e de que está impregnado o nosso conceito moderno de civilização. De fato, porém, as formas políticas devem ter a adaptabilidade social das normas jurídicas. Estas, já notava Gianbattista Vico, encerram um elemento fixo e um elemento variável: o primeiro é o princípio, imutável, de natureza filosófica, o segundo é a própria conformidade com a relação a que a norma jurídica se aplica. Pois também nos institutos políticos ha um elemento fixo, filosófico, e outro variável, social. E a unidade política de um povo não

exige que os institutos que o regem sejam os mesmos em todos os lugares, mas apenas que tenham o mesmo fundo, que participem da mesma base filosófica e jurídica, embora variem de ponto em ponto como varia a sociedade.

O Brasil é um paiz descontínuo socialmente. Toda egualdade de formas políticas nele será artificial e precária. Uma voz da 2.^a Constituinte declarou que a comunhão de Direito era para nós tão forte como a comunhão de lingua. De fato porém, a própria comunhão de Direito, a própria unidade jurídica, não presuppõe egualdade das normas de Direito dentro dos nossos confins. O Brasil não pode ter uma só legislação adjetiva, mas sobretudo não pode ter uma só legislação substantiva, nem civil, nem operária, nem pessoal, talvez somente obrigacional e comercial. Mas um mesmo espirito jurídico deve unir na sua base as formas múltiplas do nosso Direito. Porque "a unidade é uma variedade harmoniosa". E não pode ter continuidade jurídica, quem não tem continuidade social.

Eis por que eu penso que é fóra da Federação e do Unitarismo exclusivos, como os discutem os nossos legisladores, que se encontra a nossa fórmula de organização do Estado Uno. O plano harmonico da unidade brasileira é de uma complexidade imprevisível. E não quero terminar este ensaio preliminar ao estudo da divisão política, sem lembrar a importância do município dentro do Estado brasileiro.

Porque o município será aqui mais que uma divisão administrativa sem duvida. E', antes, um elemento natural de formação política, uma célula no sentido exato, onde se verifica a continuidade social mais precisa, ou para usar os termos de uma lei

hespanhola de 1 de natural de com jurisdição exclusiva.

No Brasil o mento político, difere da comunplo, reformada ta. Esta é um nistrativo, move marcação de lidada em que va administrativas contrario tem li

hespanhola de 1907, é "a comunidade natural de famílias e casas" com jurisdição política própria e exclusiva.

No Brasil o município é um elemento político, no Estado. Em tudo difere da comuna italiana, por exemplo, reformada pelo Governo fascista. Esta é um departamento administrativo, móvel, em continuação de marcação de limites, na mesma medida em que variam as necessidades administrativas. O município pelo contrário tem limites históricos e na-

turais; é essencialmente grupo político espontâneo, decendente dos patriarcados rurais. A fórmula famosa "accentrare in politica, deccentrare in amministrazione", usada na constituinte de 91, sob outra forma, por Julio de Castilhos, nada significa a meu ver para a política brasileira. Pois aqui não seria grande absurdo o contrário. Em todo caso seria preciso não concentrar senão no que fôsse preciso, sem a pretensão jurídicista de pôr os estados e os municípios em pé de igualdade entre si.

A Hierarchia na Vida Individual e Collectiva

AGENOR DE ROURE

NADA mais necessario á vida administrativa, politica e social do que a hierarchia. No regimen democratico, com a igualdade do direito, é imprescindivel a hierarchia do dever. O governo do povo pelo povo não é o governo de todos ao mesmo tempo e com igual autoridade. No dia em que todos quizerem mandar estará estabelecida a anarchia. Da hierarchia nasce a disciplina, da disciplina a ordem, da ordem o progresso, do progresso o bem estar geral. Sem ordem não ha progresso, sem disciplina não ha ordem, sem hierarchia não ha disciplina. Logo, a hierarchia é essencial á vida individual e collectiva. Está claro que a disciplina indispensavel não vae até a submissão e que a ordem della resultante não vae até a inacção e o marasmo.

A subordinação dos poderes individuais e collectivos é o equilibrio. A falta da hierarchia é o desequilibrio. O poder autoritario precisa ser graduado e dessa gradação vem o equilibrio dos poderes administrativo, politico e social. Muita gente ha que soffre por ter de obedecer e por vontade de mandar. Culpa de quem manda aos gritos e com brutalidade, como si a funcção do mando não fosse uma simples funcção de hierarchia. Culpa

de quem, devendo obedecer, para que tudo corra naturalmente, prefere revoltar-se ou cumprir o dever de má vontade. Culpa da organização social e politica, que é falha em materia de justiça. Culpa dos que se desmandam ao chegarem ao alto da escala social, exorbitando nas ordens que dão. Culpa dos que se desmandam, transgredindo as ordens recebidas.

Não se deve chegar ás altas posições de mando sem passar pelos postos intermediarios de subordinação hierarchica. A vida é uma escala, mas não é pela escalada que se deve attingir os postos elevados. Entretanto, elles são geralmente occupados de assalto, em arremetidas, como si se tratasse de galgar os muros de uma fortaleza. O occupante da posição é o inimigo, por ter creado antipathias, não sabendo dirigir e mandar, dirigindo mal por não ter capacidade de mando e mandando brutalmente por não saber dirigir-se. Pode tambem acontecer que tenha sido declarado inimigo só pela maldade de quem lhe ambicione o posto e prepare o assalto pela certeza de que, por ascensão natural e legitima, lá não chegaria. Em vez de ter acesso pelo trabalho, trabalha para subir sem trabalho...

Fala-se muito na organização do

A HIERAR

trabalho operario
necessidade inac
vas bases para a
pital e o trabalho
operario, entre
obedeça. O prob
lução, a não ser
gue um dia a cor
erros dos nome
campo neutro em
sa viver em equ
luta, onde as am
hierarchia e ond
capital por saber
trabalho, o ente
difficil.

E' preciso que
seu dever conse
mente, certo de
cial só funciona
as peças da mac
lugares. Na vida
os individuos são
tuem um todo,
acção em conjunc
de proceder de ca
O mecanismo do
fere do mecanis
onde a funcção de
braço, nem a de
á cabeça. Cada o
ccção especial; o
é operado pelos
ção do sangue é f
terias, a intelligen
rebro, a respiraça
mões, a digestão
etc. Assim, no cor
nismo politico e
orgão precisa ter
feita e limitada, p
librio e a morte.
buições é mal sen
ramamento do sa
gia...

Pode um homem
cotovelos? Imposs
vida politica, adm
encontramos, a ca

trabalho operario. E', de facto, uma necessidade inadiavel estabelecer novas bases para as relações entre o capital e o trabalho, entre o patrão e o operario, entre o que manda e o que obedece. O problema é de difficil solução, a não ser que a educação chegue um dia a corrigir os defeitos e os erros dos homens, levando-os para o campo neutro em que a sociedade possa viver em equilibrio. No campo da luta, onde as ambições desconhecem a hierarchia e onde o trabalho quer ser capital por saber que o capital já foi trabalho, o entendimento ha de ser difficil.

E' preciso que toda gente cumpra o seu dever conscientemente, honestamente, certo de que o mecanismo social só funciona bem quando todas as peças da machina estão nos seus lugares. Na vida collectiva, em que os individuos são partes que constituem um todo, o bom resultado da acção em conjuncto depende do modo de proceder de cada um isoladamente. O mecanismo do corpo social não difere do mecanismo do corpo humano, onde a função de pensar não cabe ao braço, nem a de mover-se pode caber á cabeça. Cada órgão tem a sua função especial; o movimento do corpo é operado pelos musculos, a circulação do sangue é feita pelas veias e arterias, a intelligencia é função do cerebro, a respiração é trabalho dos pulmões, a digestão cabe ao estomago; etc. Assim, no corpo social e no mecanismo politico e administrativo, cada órgão precisa ter a sua função perfeita e limitada, para evitar o desequilibrio e a morte. A invasão de attribuições é mal semelhante ao do derramamento do sangue, á hemorragia...

Pode um homem raciocinar com os cotovelos? Impossivel! Entretanto, na vida politica, administrativa e social, encontramos, a cada passo, individuos

que procuram subir e abrir caminho acotovelando o proximo, aos empurrões, em vez de procurar distinguir-se pela conducta e pelo merecimento para galgar as posições. Isto só é possivel exactamente porque os que mandam e os que governam nem sempre reconhecem o merito e raramente fazem justiça, deturpando o papel da hierarchia na sociedade. Pensam que dirigir é só mandar e exigir com arrogancia, quando o papel de quem dirige é o de regular, conduzir, superintender, guiar e não... gritar. Muitos chefes estão convencidos de que, pelo simples facto de carregarem os sobrolhos e franzirem a testa, falando com severidade, estão dirigindo e servindo á hierarchia. A conducta dessa gente é a principal causa dos descontentamentos existentes na organização politica, administrativa e social do mundo inteiro.

No estado actual da civilização não ha mais lugar para o verbo mandar. Devia ser riscado dos dictionarios, como termo obsoleto. Mandar é ordenar imperativamente, como senhor ou superior. Hoje, quem gosta de mandar acaba sendo mandado... á fava ou ao diabo. Na escala hierarchica, de cima para baixo, o que se deve fazer é ordenar, regular, dispôr as coisas de modo que tudo corra bem, sem attrictos prejudiciaes. O lubrificante das molas sociaes não é nem a vaidade nem a soberba que se manifesta por palavras e actos de despotismo. O tempo da vontade imperiosa já passou. O lubrificante moderno é antes o sorriso acolhedor dos chefes que não se escondem, que estão á vista de todos, que a todos recebem e ouvem. O chefe mysterioso e occulto dá idéa de quadrilha bem organizada e não de organização hierarchica da sociedade, do governo, dos serviços publicos e particulares, das empresas e das fabricas.

Sendo assim, isto é, sendo indispen-

savel a hierarchia e, como consequencia, a disciplina, para haver ordem e progresso, preciso se torna que a pre-occupação maxima dos povos seja a de uma organização em que tudo corra bem, porque todos se sintam satisfeitos, cumprindo cada qual o seu dever com criterio seguro, espirito de justiça, sem ambições descabidas e sem atropelo. Aos que dirigem — governos, chefes de serviços, de firmas e de repartições — cabe a responsabilidade de evitar que a hierarchia mantida pela subordinação voluntaria e pela disciplina, venha um dia a transformar-se em anarchia pela insubordinação e pela indisciplina das classes.

A capacidade para dirigir exige equilibrio das faculdades e dos sentimentos. O cerebro não deve funcionar apenas como aparelho receptor e ~~com~~ também como transmissor. Quem dirige deve propagar, sem transformar-se em alto-falante das suas proprias qualidades, antes convencendo aos seus subordinados de que o bom funcionamento da machina administrativa depende mais do esforço que elles empreguem, dentro de suas attribuições, do que de outra qualquer cousa. Feito isto, terá de reconhecer o merito e fazer justiça.

Hierarchia é organização, é esforço simultaneo, é reunião de vontades, é divisão de attribuições, é separação de poderes, é distribuição de deveres, é o reconhecimento do merito. Não pode continuar a ser o dominio dos privilegiados e o campo de acção do favoritismo. Si o Mundo não tratar, desde já, de reorganizar suas instituições no sentido de obter a collaboração dos homens de boa vontade, para que o mecanismo politico e social se mantenha dentro das leis do equilibrio e do bom senso, então virá a anarchia, que é desordem e confusão, que é falta de autoridade e de hierarchia, para acabar em absolutismo, com a escravidão dos povos.

O meio de evitar esse mal é o de impedir que a hierarchia se transforme em servidão disfarçada dos que estão em baixo e regalo dos que estão em cima. Assim comprehendida, a hierarchia deixa de ser conjuncto de poderes visando afim util e commum, para ser o dominio absoluto de meia duzia, com sacrificio da maioria. A reforma de que o Mundo mais precisa é a dos costumes. O Brasil mais que qualquer outro paiz...

A Oph

Fund

O PROBLEMA tantos ou o desenvolvimento do paiz, apresenta, puramente scie vista social e certamente, o á grande mal desta revista. O problema está hoje, baseados na avaliação dos accidos prophylacticos qual o tratamento dentes. Si consaçação integral teriamos certaria completa e populações ruridade está, justgar aos maiores o conhecimento meios estabelec

A quasi totalidade dos ophidicos se rdo campo. São las, gente sin maioria super quasi exclusiva pentes venenos rude, em luta tureza, vivendo ções falsas, os têm um pavor tudo, procurar accidentes. T

A Lucta contra o Ophidismo no Brasil

Prof. VITAL BRASIL.

Fundador do Instituto de Butantan e do Instituto Vital Brasil

O PROBLEMA do ophidismo, como tantos outros, que interessam o desenvolvimento do nosso paiz, apreesnta, ao lado do aspecto puramente scientifico, o ponto de vista social e economico. E' este, certamente, o que mais interessa á grande maioria dos leitores desta revista. O lado scientifico do problema está resolvido. Sabemos hoje, baseados na biologia e na observação dos accidentes, quaes os meios prophylacticos contra o ophidismo e qual o tratamento seguro de taes accidentes. Si conseguissemos a vulgarisação integral desses conhecimentos, teriamos certamente alcançado victoria completa contra esse flagello das populações ruraes. A maior difficuldade está, justamente, em fazer chegar aos maiores interessados não só o conhecimento, como a convicção dos meios estabelecidos pela sciencia.

A quasi totalidade dos accidentes ophidicos se registram entre a gente do campo. São os operarios agricolas, gente simples, ignorante e na maioria supersticiosa, as victimas quasi exclusivas das picadas das serpentes venenosas. Creados num meio rude, em luta constante contra a natureza, vivendo num ambiente de noções falsas, os nossos pobres roceiros têm um pavor ás serpentes, sem, contudo, procurar proteger-se contra os accidentes. Trabalham com os pés

descalços e as pernas núas, inteiramente expostas as mordeduras de ophidios. Si os nossos trabalhadores usassem o calçado e perneiras, teriamos uma diminuição de 75 % no numero de accidentes, pois, esta é a proporção, em que estes occorrem nos membros inferiores. No que diz respeito ao tratamento os factos são mais graves e significativos. A autoridade do curanderismo, representada pelo curador de cobra, é incontestavel. As praticas mais absurdas são postas em execução, desde á inoffensiva sympathia do copo d'agua, até os remedios perigosos, como o alcool dado em doses elevadas, o fumo administrado por via gastrica, o kerosene, o calomelanos, etc. A pobre victima é muitas vezes sequestrada do convivio da familia, sob o fundamento de que a presença da mulher é prejudicial, aggravando o estado do mordido, e a necessidade de manter o segredo sobre o accidente, para o completo exito da cura. Quando se considera o numero verdadeiramente consideravel de remedios apregoados, pela tradição popular, contra o veneno das serpentes, fica-se abismado da variedade e multiplicidade dos meios empregados contra tão perigosos accidentes. Não só no Brasil, como no estrangeiro, não só na hora presente, como em tempos remotos, a credence popular exerceu formidavel influencia no tra-

tamento do ophidismo, utilizando as mais variadas substancias, tiradas dos differentes reinos da natureza.

Já ao tempo em que viveu Fontana, teve este notavel experimentador, occasião de ensaiar, diante do Duque da Etruria, mais de cem especies vegetaes, preconizadas contra o veneno da vibora, verificando que nenhuma dellas sustentava as virtudes proclamadas pela tradição popular.

Quem viaja pelo interior do paiz, encontra, com frequencia, não só entre os ignorantes, como entre pessoas de certa cultura, a crença nas virtudes anti-ophidicas, desta ou daquela planta da nossa flora.

Taes individuos são, pela maior parte, sinceros, baseando-se em factos por elles observados ou no testemunho de pessoa de sua inteira confiança. Tivemos occasião de ensaiar, com o rigor do laboratorio, grande numero de vegetaes e de preparados contra o veneno ophidico. Nenhum delles resistiu ao ensaio experimental!

Qual a causa da contradição entre os factos de cura pelos meios empiricos, segundo a observação dos accidentes naturaes e os estabelecidos pela experimentação? E' a biologia que nos responde. A contradição é apenas apparente. No grande acervo de accidentes ophidicos não se encontram dois perfeitamente iguaes, pois taes accidentes dependem de grande numero de circumstancias, desde as condições da mordedura, região mordida, modo de implantação dos dentes de veneno, resistencia da victima, etc., até a actividade e principalmente a quantidade de veneno de que dispõe o ophidio no momento do accidente. Esta ultima condição é, sem a menor duvida, a mais importante, pois a biologia, baseada em factos de observação e experimentaes, estabelece, de modo seguro, que a quantidade de veneno, em um mo-

mento dado, na glandula da serpente, é extremamente variavel.

A serpente tem a peçonha não só para se defender, como para caçar a victima de que se alimenta. Exgotada a provisão de peçonha, esta só se reproduz lentamente, levando ordinariamente 15 dias, para o restabelecimento da provisão primitiva; de sorte que, uma serpente, que comeu uma presa ou que determinou um accidente, se encontra, ordinariamente desarmada ou com uma tão pequena quantidade de veneno que se, por instincto de defesa, picar novamente, determinará accidente de pequena gravidade. A' medida que se afasta deste momento, a glandula vae se refazendo, progressivamente, até attingir a provisão bastante para matar rapidamente uma victima de grande porte.

Dahi se comprehende quão variaveis são taes accidentes, cuja gravidade é funcção da quantidade de peçonha inoculada.

Foi comprehendendo a importancia do lado social do problema, que, ao iniciarmos a campanha contra o ophidismo, não descuramos o ponto de vista educativo. Era necessario, desde logo, procurar destruir tantas noções falsas, que contribuiam para manter praticas prejudiciaes, entregando as pobres victimas do ophidismo ás mãos de ignorantes e supersticiosos curandeiros.

Uma magnifica oportunidade se nos offerencia, para entrar em contacto com a classe mais interessada na questão. Era-nos indispensavel, tanto para o estudo, como para obtenção do material necessario á producção do sôro especifico, promover o recebimento de serpentes em numero sufficiente para tal fim. Assim entrámos em relação com os agricultores, conjugando os dois interesses: — propagar os meios de defesa contra o ophi-

dismo, e obter a provisão da obra. Ilogo, a permuta cos pelas serpentinos eram enviada desta arte, em rios de fazenda, que, applicados nidade, tinham a tar o interesse pe terminada circum estabelecido o int como consequencia de ideias, que occasiões para de sobre ophidismo, sadias de prophy Mantivemos, com respondencia com fazendeiros, reed neamente innume soas interessadas, travam no Institi ções praticas sobri

Esta orientação foi a causa efficie estabelecimento, tr ganisação original tros paizes. Confe bre o assumpto, a monstrações grap taes, além de pub sação scientifica, recursos emprega contra o ophidism

Assim creou-se Instituto de Butan

Algumas centenas de serpentes peçonhe seus serpentarios peçonha reclama dos sôros especific lhares de empolas tregues aos agricu innumeras victima e em muitos Estad do Instituto é cor a fazenda que nã provisão de sôro,

dismo, e obter o material para realisação da obra. Estabelecemos, desde logo, a permuta dos sôros específicos pelas serpentes, que do interior nos eram enviadas. Collocavamos, desta arte, em mãos dos proprietarios de fazenda, os sôros específicos, que, applicados na primeira oportunidade, tinham a virtude de despertar o interesse pelo assumpto em determinada circumscripção. Uma vez estabelecido o interesse, este tinha como consequencia normal a permuta de ideias, que nos offerencia bellas occasiões para destruir noções falsas sobre ophidismo, e implantar normas sadias de prophylaxia e tratamento. Mantivemos, com esse objectivo, correspondencia com mais de dois mil fazendeiros, recebendo contemporaneamente innumeradas visitas de pessoas interessadas, ás quaes se ministravam no Instituto verdadeiras lições praticas sobre a questão.

Esta orientação divulgadora e social foi a causa efficiente do successo do estabelecimento, transformado em organização original, imitada por outros paizes. Conferencias publicas sobre o assumpto, acompanhadas de demonstrações graphicas e experimentaes, além de publicações de vulgarisação scientifica, foram outros tantos recursos empregados na campanha contra o ophidismo.

Assim creou-se e desenvolveu-se o Instituto de Butantan.

Algumas centenas de milhares de serpentes peçonhentas passaram pelos seus serpentarios, fornecendo-lhe a peçonha reclamada para o preparo dos sôros específicos. Centenas de milhares de empoles de sôro foram entregues aos agricultores, tendo salvo innumeradas victimas. No sul do paiz e em muitos Estados do Norte, a obra do Instituto é conhecida, sendo rara a fazenda que não disponha de uma provisão de sôro, para acudir ao pri-

meiro caso que porventura occorra. Outro Instituto fundado, em 1919, em Niteroi, collabora com o de Butantan, na grande obra de combate ao ophidismo. Com o apoio do Governo Federal installaram-se os seguintes postos anti-ophidicos: — o de Catalão, em Goyaz, os de Bomfim e Conquista, na Bahia, o de Campina Grande, na Parahyba, e o de S. Luiz, no Maranhão. Estes postos têm por função o tratamento de accidentes ophidicos e a distribuição dos sôros específicos pelos agricultores, em permuta das serpentes, que lhe são enviadas, a extracção e preparo do veneno que é remettido ao Instituto, em retribuição dos sôros enviados para a séde de cada um delles. São, além disso, centros de informações uteis e de propaganda dos meios de combate ao ophidismo.

O Instituto de Niteroi, recebendo dos postos o veneno dessecado, com elle immunisa animaes para producção dos sôros específicos. Entrega annualmente cerca de 10 a 15 mil empoles de sôro, além do que é enviado para o estrangeiro.

**

Ha precisamente trinta annos que se deu inicio em S. Paulo á luta contra o ophidismo. Em Novembro de 1901, realisou-se na Escola de Pharmacia daquela Capital a primeira conferencia scientifica sobre o assumpto, acompanhada de demonstrações experimentaes sobre o valor preventivo e curativo dos sôros específicos, obtidos no Instituto de Butantan, fundado em 1899, por iniciativa do Governo do Estado.

Decorrido tão grande espaço de tempo de trabalho continuo e persistente, justo é indagar-se quaes os resultados praticos obtidos. Em 1902 começamos a distribuição de sôros anti-peçonhentos pelos agricultores,

que entraram em relações com o Instituto de Butantan. A esse tempo nos interessamos em que a Repartição Demographo Sanitaria do Estado registrasse os casos de morte por ophidismo, o que nos levou a computar, em cerca de 3 por mil obitos, o coeeficiente de mortalidade, por essa causa, antes do emprego do tratamento especifico. Nos primeiros annos, a distribuição e consequentemente a applicação dos sôros foi mui limitada. A medida, porém, que se tornava conhecido o novo recurso therapeutico, essa distribuição foi augmentando, progressivamente, até elevar-se de apenas algumas dezenas de dôses, até a cerca de 11 mil empolas por anno.

Comparando-se, então, a marcha ascensional da distribuição de sôros anti-peçonhentos, com o coeeficiente de mortalidade por ophidismo verifica-se uma relação inversa, isto é, á medida que os sôros especificos se tornavam conhecidos e eram procurados, a mortalidade diminuia progressivamente cahindo de 3, a 0,8 por mil obitos. Esta diminuição da mortalidade, por essa causa, representa uma redução a um terço, pelo menos, da mortalidade primitiva, o que nos indica haver o tratamento especifico poupado só no Estado de S. Paulo cerca de cem vidas annualmente.

Como elemento informativo fazemos distribuir, com cada empola de sôro, um boletim questionario, em ordem a facilitar a communicação dos accidentes tratados, pelo sôro, ao Instituto. E' bem claro que nem todas as pessoas se dão ao incommodo de fazer tão util communicação. Ainda assim tivemos com essa providencia um excellent meio de provar os bons effeitos do tratamento especifico. Em cerca de 2670 tratamentos de pessoas picadas por serpentes venenosas, segundo os boletins recebidos pelo Instituto de Butantan, registram-se 2602 curas, o que nos dá uma mortalidade

relativa de 2,5 %, o que nos dá a medida do valor curativo dos sôros anti-peçonhentos, principalmente si tivermos em consideração que muitos casos de insuccesso correm por conta do tratamento tardio, insufficiente ou mal conduzido.

De um outro recurso lançamos mão com o fim de apurar os effeitos dos sôros especificos. Sabendo, pela estatistica, dos lugares em que tinham occorrido casos fataes de ophidismo, dirigimo-nos aos respectivos Prefeitos Municipaes, pedindo informações sobre taes casos, indagando principalmente si as victimas haviam recebido o tratamento especifico e no caso affirmativo em que condições. As respostas nos informaram que a grande maioria dizia respeito a individuos tratados pelos meios empiricos; em alguns casos tratados pelos sôros especificos, verificava-se claramente a causa do insuccesso pela demora e insufficientia das applicações, e que apenas em um numero insignificante o tratamento tinha falhado por circumstancias não determinadas.

Verifica-se pelos resultados apurados que o tratamento pelos sôros anti-peçonhentos tem produzido os melhores frutos salvando em todo o Brasil milhares de vidas as mais preciosas, pois se trata de individuos que se dedicam aos rudes trabalhos da agricultura.

Com maior vulgarisação do tratamento especifico, a destruição de falsas noções sobre o ophidismo e a multiplicação de postos de soccorro, poderíamos supprimir completamente esta causa de morte do nosso quadro nosologico.

Bastaria, para isso, que as autoridades de cada Municipio se empenhassem na protecção dos trabalhadores ruraes, facilitando-lhes os meios de protecção e tratamento contra taes accidentes.

Hon

O artigo abaixo citado, faz parte de V. L. Cardoso, criador de Vultões e Commerçantes Brasileiros e J. Em breve, com deixou também constituirão um seus amigos vãos das creações um tempo gravar que se pe

DENTRE nos devolução do espirito talvez mais se refere ao mulher, para guida, ao dep menor capaci de predileção

Até agora, sufficientemente não devem cdades ou ind si, pela razão sidade de exclue os da ção justa e ponto, se ber ciales, foram santes do qu mente suppu: mulher, é be deram tempo procurar fun Deixaram-na consideraram orgão princ

Homens e Mulheres

VICENTE LICINIO CARDOSO

O artigo abaixo, inteiramente inédito, faz parte do espolio intellectual de V. L. Cardoso — o mallogrado escriptor de *Vultos e Ideias, Afirmacões e Commentarios, Pensamentos Brasileiros e Figuras e Conceitos*. Em breve, com outros ensaios, que deixou tambem sem publicação — constituirão um dos livros que os seus amigos vão reunir — para, através das creações do seu espirito, a um tempo grave e original, não deixar que se perca a sua memoria.

N. da R.

DENTRE os factos que mais nos devem fazer meditar na evolução relativamente lenta do espirito europeu, nenhum é talvez mais claro do que o que se refere ao tempo longo perdido pelo homem em se comparar á mulher, para desprestigial-a, em seguida, ao depois de observar a sua menor capacidade para os trabalhos de predileção do homem.

Até agora, não attenderam ainda sufficientemente os homens, a que se não devem comparar cousas, quantidades ou individuos differentes entre si, pela razão simples de que a diversidade de condições fundamentaes exclue os dados basicos de comparação justa e decente. Mesmo nesse ponto, se bem que ligeiros e superficiaes, foram os gregos mais interessantes do que os europeus. Erroneamente suppuzeram a inferioridade da mulher, é bem verdade, mas não perderam tempo grande, no emtanto, em procurar fundamental-a com palavras. Deixaram-na sem muita instrucção, consideraram-na quasi, apenas, como órgão principal da funcção procrea-

dora, mas souberam evitar, as mais das vezes, o ridiculo da comparação.

E, aliás, é bem de ver que, considerando a mulher como elles a consideravam, pouco tinham os gregos de se queixar do que ella fizesse a mais na vida, attendendo a que a fidelidade dos esposos se tornou mais ou menos proverbial. Verdade tambem é, como com ironia delicadissima observou Montesquieu, que essa moralidade correnteia da vida conjugal talvez fosse em grande parte, decorrente de um vicio social que se desenvolveu entre os gregos, vicio tão grave cujos perigos o proprio Socrates e outros gregos illustres e serios não se esqueceram de lembrar aos inexperientes...

**

Homero, entretanto, cantou, em todos os accordes do verso, com applauso farto dos gregos, a fidelidade de Penelope. Pytagoras, de outro lado, que pregou mais tarde entre os homens, com elevação e naturalidade louvaveis, a necessidade de disciplinar os impetos de Eros, deixou tambem muito claro o seu juizo sobre a prevaricação da esposa, impossibilitada, então, de se approximar de cousas sagradas, desde que se tivesse deixado approximar, em companhia daquelle deus, de outro que não o seu proprio esposo.

Os homens e as mulheres levaram, portanto, mais a serio talvez do que se pensa, o problema da fidelidade conjugal, o que não se tornou, todavia, de difficuldade extrema, dada a posição, acceita pela mulher, de ser ape-

nas entre os gregos, a procreadora dos filhos e a directora domestica do lar.

Na Grecia, o elogio de um homem á sua esposa poderia ser quasi resumido, de facto, ao epitaphio commum entre os gregos: "Ella fiou e guardou bem a casa".

**

Entre os judeus, não foi nunca a mulher devidamente comprehendida pelo homem. Os rabbis diziam mesmo que ella "levava o homem no caminho da iniquidade", esquecidos, quiçá, de acrescentarem que nada obrigava aos homens, pelas de seguir aquelle caminho... se não o seu proprio prazer.

Jesus, perdoando á adúltera, entre os homens de um povo que se comprazia em apedrejar e delapidar as esposas infieis, commetteu talvez o seu acto de maior individualidade; e, não fôra a sua incapacidade de um amor terrestre, esse seu gesto poderia tambem significar, em vez da piedade, — o amor, porque perdoar é amar, porque amar é perdoar tudo.

**

A lei Manú, no que se refere á apreciação da mulher pelo homem é de veras interessante. Firmada primeiramente a incapacidade de acção, exige-se, ao depois, a tutela constante: "A mulher durante a infancia pertence ao pae, durante a mocidade ao marido: morto o marido, aos filhos; e, caso não os tenha, aos parentes mais proximos, porque uma mulher não se deve governar nunca a si mesma". Estabelecida a incapacidade, firma-se então o conceito: "Será reputada adúltera toda a mulher que ficar só com um homem durante o tempo de cozinhar um ovo".

**

Entre os arabes modernos, o cuidado com que o homem insiste em ter junto de si a mulher numa posição de ente inferior, faz resaltar, do modo mais claro e preciso, a estabilidade rudimentar a que sob esse aspecto attingiu o mundo arabe.

Poucas palavras de Schopenhauer pôdem soar tão mal aos nossos ouvidos, como aquellas com que elle tornou celebre na Europa o proverbio musulmano: "A mulher é um ser de cabellos longos e idéas curtas".

**

Entre os chinezes, a mulher foi considerada uma especie de objecto — uma boneca. — Vem dahi a razão de ser da deformação dos pés desde tenra idade, porque, comprehendido e asentado que a mulher pouco deve sahir de casa, o melhor processo a adoptar é, de facto, o de impedir os pés de andarem com desembaraço. Sem cultivo grande de espirito e sem instrucção desenvolvida, a mulher passa de paes a esposos, como se fôra uma grande boneca, conservada em casa com desvelado cuidado, como uma flôr bella e delicada que se cres-tasse ao calor dos outros homens...

As mulheres definem sempre, de facto, os proprios homens...

**

Bem pensado, a expressão simples da affirmação da "melhoria" do homem na America, assenta na elevação da mulher na sociedade, levada pela mão do homem, pela primeira vez no mundo praticamente, ao goso da liberdade de acção e de espirito.

Facto esse, aliás, tanto mais importante, quando se attende a que elle não representa um idealismo platonico, nem tão pouco uma dádiva ou presente concedido ás mulheres pelos homens, depois de alguma série de es-

tudos em commu- cheios de conclu- tas e votos final- cidade ou a inf- nada disso se pã- independencia de- lher em face do- tada por ella m- balho tenaz na- sentando, por is- quista real, def- A independencia- sentando sobre- economica, rep- facto real e n- matico.

Foi, na ver- cana quem de- sua cathedra- fazendo resur- com maior exa- ga de "forma- são que, com- havia sido re- distribuidores- lher quem co- encargos de- uma pacienci- mento, e uma- cente no proc- lher quem- varios de sec- ganização m- de trabalho- ções urbana- quem mostr- maior cuidad- casas comm- maior capaci- com o public- rentes da ver- chamou a si- phonista, co- de telegraph- lher que se- pho, logo e- machina de

tudos em commissões, com relatorios cheios de conclusões ou com propostas e votos finais. Não, para a felicidade ou a infelicidade da mulher, nada disso se passou. A liberdade, a independencia de que goza hoje a mulher em face do homem, foi conquistada por ella mesma, obtida com trabalho tenaz na luta pela vida, representando, por isso mesmo, uma conquista real, definitiva e imperecivel. A independencia social da mulher, assentando sobre a sua independencia economica, representa, portanto, um facto real e não um desejo problematico.

Foi, na verdade, a mulher americana quem desbancou o homem de sua cathedra de professor primario, fazendo resurgir, então no mundo, com maior exactidão, a definição grega de "formadores de alma", expressão que, com tanto criterio e justiça, havia sido reservada na Grecia aos distribuidores de ensino. Foi a mulher quem conquistou ao homem os encargos de enfermeira, denotando uma paciencia mais nobre no tratamento, e uma esperança mais convincente no processo da cura. Foi a mulher quem chamou a si os cargos varios de secretaria do homem, na organização moderna dos escriptorios de trabalho nas grandes agglomerações urbanas americanas. Foi ella quem mostrou maior honestidade e maior cuidado no officio de caixa das casas commerciaes, quem denotou maior capacidade no trato commercial com o publico para as operações correntes da venda. Foi ella, ainda, quem chamou a si o officio ingrato de telephonista, como chama hoje ainda o de telegraphista. Foi a propria mulher que se soube fazer dactylographo, logo que o homem inventou a machina de escrever, e se ella hoje

ainda se conserva na posição humilde de costureira ou bordadeira, é porque o homem até agora não soube inventar machinas melhores, mais habéis e mais perfectas, ou vestuarios mais simples, mais sobrios e menos artificiaes.

Foram de facto as mulheres que se reuniram em sociedade, e assentaram prestar auxilio á pobreza desvalida, á mendicidade abandonada e ás crianças desamparadas. Foram ellas as fundadoras da "Cruz Vermelha", a grande organização moral de fim do seculo passado, e agora, durante a grande guerra, successivamente reorganizada e ampliada. Quando os milhões de homens se "animalizavam" na luta titanica e ingrata das trincheiras, havia por detraz delles um outro exercito de milhares de mulheres que de novo "pietalizavam" os feridos, que davam vida aos moribundos e que ensinavam, com a pratica longa da paciencia, a paciencia longa necessaria para aguardar a esperança de dias melhores, de mais luz, de mais vida e de menos morte.

Mas não foram os homens que cederam a liberdade e a independencia ás mulheres. Ellas souberam conquistal-a, uma e outra, palmo a palmo, na luta amarga pela vida. Soffreram para vencer, succubiram umas, vingaram outras, mas trabalharam todas com ardor, esperaram com paciencia e, vencedoras, vieram offerecer aos homens, no proprio campo de batalha, as suas vidas admiraveis pelo estimulo, opulentas pela riqueza de sentimentos, e magnanimas pelo desprendimento de acções notabilissimas.

A emancipação da mulher moderna constitue, portanto, uma conquista legitimamente obtida pela força de acção continuada. E' por isso, só por isso, que constitue um direito adquirido, porque "direito é a força que vence a propria força". Não tivesse havido luta persistente, a mulher não viria a ter consciencia de seu direito, e, aliás, é precisamente a consciencia da propria força de conquista que representa a "consciencia do direito". O homem nada concedeu. Foi a mulher, ao contrario, por circumstancias louvaveis, que mostrou capacidade para vencer como companheira do homem nos combates pela existencia. Ella soube instruir-se e educar-se, conquistando, pelo seu trabalho e esforço, as posições a que tem direito na sociedade. Agora, ella não abandonará mais as suas conquistas, e, emancipada economicamente, ella possuirá, desde então, a base material necessaria para manter a sua relativa independencia social.

Na grande guerra, venceram as mulheres: as carnificinas horriveis sagraram a sua emancipação entre os homens. E' por isso que não apparecem claramente as vantagens obtidas pelos povos vencidos no sacrificio terrifico. A victoria da guerra coube á mulher...

*
**

Se as mulheres não aprendessem mais com a propria vida do que com os livros dos homens, já de ha muito teriam respondido á insolencia das palavras, definia a rhetorica ou a diatenciou com a arrogancia emphatica das grandes phrases: "O cerebro da mulher é uma esponja propria para reter todos os erros". Porque, na verdade, se a mulher aprende no mundo com o homem, só o cerebro do homem "exprimido" poderia dar a medida justa da quantidade de mentira

com que elle encheu, em nome da verdade, o cerebro da mulher.

Já Erasmo observava, sem ser ouvido todavia, que o "espírito do homem está de tal modo constituido que a mentira influe sobre elle cem vezes mais do que a verdade".

E Descartes, mesmo sem perceber a gravidade decorrente da extensão de applicação que se pôde dar ás suas palavras, definia a rethorica ou a dialectica, como sendo "a arte de falar verosimilmente de todas as cousas, inclusive daquellas que se não conhecem".

Que culpa têm, pois, as mulheres de que os homens tivessem desenvolvido com tanto ardor a dialectica?...

*
**

Queixem-se pois os homens modernos de seus antepassados, se o cerebro das mulheres não é precisamente o que elles desejariam que fosse. Mas observemos tambem, á puridade, que igualmente viriam os homens a se queixar do mundo e da vida, se acaso o cerebro das mulheres fôsse igual ao delles homens...

Convenhamos, de facto, que se a mulher fôsse igual ao homem a vida seria fatalmente estúpida, pelo menos para os homens existentes na superficie da terra e que nasceram com olhos e outras cousas mais para admirar as mulheres... Seria de facto de pouco espirito a vida se um homem casado tivesse em sua mulher uma companheira que visse e observasse todas as cousas do mesmo modo que elle. Seria o supplicio do espelho espiritual, por certo ainda maior que o infligido (aos homens) pela constancia da reproducção physionomica na superficie liza do vidro de espelho.

Não. Para felicidade humana, a mulher é, em verdade, physica e psy-

chicamente differença. Della, o maximo a companheira : que sabe ver e s tuição, sem o e homens, on então como tão bem co sem o altruismo p gumas outras m

Dessa differença diversidade de es precisamente, tod existencia do ho dade da especie..

O homem deve deuses em paz, cuidado maior o terrestres. O hor cipar dos deuses, mesmo; devendo, e elevar continua para acreditar ne as então como c maveis para a lut gero no elogio de depreciação no j mentos.

Grande parte e sos de Campoan do modo natura que tratou elle poamor teve o e dellas nem anjos nios terrestres, a mulheres apenas.

chicamente diferente do homem. Della, o maximo que se pôde obter é a companheira sincera e admiravel que sabe ver e sentir a vida por intuição, sem o egoismo proprio dos homens, on então a "cara metade", como tão bem comprehendeu o povo, sem o altruismo proprio tambem a algumas outras mulheres...

**

Dessa differença de sexo, e dessa diversidade de espirito, decorre aliás, precisamente, toda a razão de ser da existencia do homem e da perpetuidade da especie...

O homem deve começar a deixar os deuses em paz, para observar com cuidado maior os seus semelhantes terrestres. O homem deve se emancipar dos deuses, para acreditar em si mesmo; devendo, em seguida, educar e elevar continuamente as mulheres, para acreditar nellas tambem, vendo-as então como companheiras inestimaveis para a luta da vida, sem exagero no elogio de palavras, mas sem deprecição no julgamento de sentimentos.

Grande parte do successo dos versos de Campoamor /decorre apenas do modo natural e verdadeiro por que tratou elle as mulheres. Campoamor teve o espirito de não fazer dellas nem anjos celestes, nem demônios terrestres, apresentando-as como mulheres apenas.

**

Com criterio e acerto seguro, Humne, talvez depois de haver conhecido as mulheres francezas de seu tempo, observou um dia que a "curiosidade é mãe da sciencia", ficando assim a sciencia do homem perfeitamente perfilhada...

A funcção da mulher na pratica espiritual da vida é justamente, a de manter sempre viva a chamma da curiosidade, respondendo-lhe, então, o homem com a razão. A mulher é a indagadora da vida, a personificação da curiosidade do instincto da especie. O homem é o paroleiro de sempre. Quando sabe, responde com criterio e com acerto, mas, quando não sabe... responde errado. A palavra, subordinada á razão, mente de facto mais facilmente do que dirigida pelo sentimento ou pelo instincto. Por isso, o homem mente mais do que a mulher: porque, mesmo em igualdade de condições, o homem levaria ainda a vantagem de ter sido o inventor da mentira... A mulher possui, porém, mais labia ou, até mesmo, o recurso maximo da lagrima.

**

A mulher é a pergunta da especie; é a indagação instinctiva do destino da vida. O homem é a resposta da razão; é a affirmação da especie. O filho representa o fruto da especie congregada por um momento em dois seres. E' um resumo e uma solução. Resumo do passado de seus progenitores, solução futura do presente de seus paes.

A Influencia da Escola e as aptidões Profissionais

ARTHUR TORRES FILHO

Director Geral do Fomento Agricola

E'SEM duvida uma etapa decisiva essa que temos de transpôr: a da adolescencia.

Argamassal-a numa forte estrutura moral, com o sentimento da verdadeira dignidade, será sem duvida, uma poderosa fonte de energia para todo o resto da existencia.

E' preciso que o adolescente receba, com a noção civica, isto é, da existencia da Patria, dos seus deveres para com ella, tudo que lhe faça entrever o problema da vida, consagrando-lhe um culto cheio de ternura e dignidade.

Estou convencido que, nessa época, é que se opera a nossa formação. A cultura psychologica e a pratica pessoal da vida, pela observação das coisas sociaes, pôdem muito, é certo, mas negar não se pôde a influencia capital da educação obtida na escola.

"Cada homem é uma esperança da humanidade, uma esperança de Deus" — eis ahi um conceito feliz. E, só o homem tendo consciencia do seu proprio destino, será capaz de se sentir amparado nas vicissitudes; de se consolar no meio de tantas durezas inexplicaveis, norteadas suas acções para o bem que deseja realizar, pondo

a vontade de querer, que é a fé, em todos os seus actos.

Crer na vida, já li algures, é crer que ella é um combate, no qual a victoria pertencerá á justiça. Esse é o dogma supremo. Todo o respeito é devido áquelles que exercem a nobre profissão de magister. O mestre não cae, e á medida que se passam os annos, a consideração por elles aumenta e o seu prestigio se enaltece!

Sem honrarias e proventos, cabe-lhe a missão espinhosa de formar gerações, abrindo-lhes a intelligencia, corrigindo-lhes o character, formando a força em que irá apoiar-se o futuro da Patria.

Luctando com deficiencia de aparelhamento technico nas escolas, tendo a cada passo que reslover problemas de psychologia, a funcção do mestre entre nós é difficil e, por isso mesmo, digna do mais exaltado apreço.

E' a profissão de professor muito penosa para ser exercida, exigindo muitos requisitos e impondo deveres raramente reunidos em um só individuo.

A escolha de uma profissão, é certo questão que interessa ao individuo,

A INFLUENC

fica, no emtan dependencia da

Assistimos to essa escolha an cupação e recu paes do que m do proprio ind cia geral é a de rem na mesma paes.

No dizer de existindo incon dões especiaes, seguir pelo ex uma intelligenci

E o ideal ser sciencia psycho guiar os individ com os seus ca

O problema d de Le Bon é, ar blema de psych

"A aptidão n de especial para para um grupo d

Como preserva cia? Será pelo pelo ensino secu por esses dois) completando o grãos da educaç

Instrucção e c principios basic Este por sua v da cultura do) vimento intellec ção.

Guiar na infan cia a nossa moc sões mais vantaj as condições soc mento, não pôc sentar um dever cação escolar.

A educação in do no homem todas as aptidõe mo intellectuaes

fica, no entanto, quasi sempre na dependencia da primeira educação.

Assistimos todos os dias resultar essa escolha antes da natureza da occupação e recursos pecuniarios dos paes do que mesmo da intelligencia do proprio individuo. — A tendencia geral é a de os filhos permanecem na mesma categoria social dos paes.

No dizer de illustre psychologo, existindo incontestavelmente as aptidões especiaes, muito se póde conseguir pelo exercicio methodico de uma intelligencia de .mediano valor

E o ideal seria, pelo progresso da sciencia psychologica, se chegar a guiar os individuos de conformidade com os seus caracteres mentaes.

O problema da educação no dizer de Le Bon é, antes de tudo, um problema de psychologia.

“A aptidão não cria uma facilidade especial para uma profissão, mas para um grupo de profissões”.

Como preservar o futuro da infancia? Será pelo ensino primario ou pelo ensino secundario? Cremos que por esses dois ramos de ensino, um completando o outro, em todos os grãos da educação.

Instrucção e educação, são os dois principios basicos de todo o ensino. Este por sua vez, fórma o alicerce da cultura do povo e do desenvolvimento intellectual e moral da Nação.

Guiar na infancia e na adolescencia a nossa mocidade, para as profissões mais vantajosas, de accôrdo com as condições sociaes de um dado momento, não póde deixar de representar um dever inilludível da educação escolar.

A educação integral, desenvolvendo no homem todas as faculdades, todas as aptidões, tanto phisicas como intellectuaes e moraes, represen-

ta, sem duvida, o caminho pelo qual, a exemplo de outros povos, deveremos trilhar.

Se as condições do nosso meio social e economico ainda não nos permittiram attingir essa finalidade de poder separar no ensino o abstracto do concreto, certamente essa transformação se operará, como muitas outras se têm operado no nosso paiz, pois a mentalidade da nossa raça sem preconceitos, não é avessa ao progresso.

E' certo que as nossas instituições escolares, todo nosso ensino emfim, primario como secundario e superior, não póde ainda alcançar a ambitionada perfectibilidade, compatível com a época que atravessamos.

Bem sei que se não improvisa pessoal de ensino, como tambem aparelhamento technico-escolar, exigindo este ultimo hoje em dia, fortes recursos financeiros.

Teriamos dado um grande passo, conseguindo tornar o ensino mais intuitivo, mais objectivo e melhor adaptado á idade dos alumnos, completando essa educação com exercicios praticos introduzidos em maior escala no ensino primario, secundario e superior. Conseguissemos traçar uma directriz segura nesse sentido e um grande passo estaria dado em prol do futuro da nossa nacionalidade.

No ensino technico superior já possuímos bons estabelecimentos, mas precisamos dispensar cuidados maiores á instrucção primaria e secundaria, pela adopção de um conjuncto de medidas, abrangendo todas as edades do homem, desde a infancia até o momento em que será entregue a si mesmo na sociedade. Essa orientação conviria fosse tomada relativamente a todas as carreiras; facilitando a todas as classes do povo, desde a população rural até á das cidades, adquirir o ensino profis-

sional apropriado ao seu estado social e ás suas necessidades futuras. Não se poderá alcançar esse desideratum em poucos annos. Seria um programma patriótico para muitas administrações publicas, tanto mais em um paiz social e economicamente nas condições do Brasil.

Não tenho duvida em considerar um dever incontestavel da educação escolar, como disse, apontar á mocidade as profissões mais vantajosas.

O Brasil, como todos nós sabemos, possui innumerables riquezas naturaes inexploradas, cuja utilização racional poderá assegurar o bem estar e a prosperidade dos seus habitantes.

Se no momento presente uma das suas fontes mais certas de riqueza reside no desenvolvimento da agricultura, da criação e das industrias agricolas, muitas outras industrias existem ainda, capazes de prosperidade segura com um sem numero de officios que correspondem ás premissas da vida moderna.

Está naturalmente indicado serem as profissões agricolas commerciaes e industriaes, aquellas que mais fortemente poderão preparar o futuro do paiz e, por conseguinte, o da propria mocidade. Precisaremos para isso, saber despertar as aptidões profissionaes, tornando a nossa mocidade capaz de tirar maior proveito do grandioso patrimonio que a natureza nos doou.

Impõe-se, por conseguinte, uma reforma do ensino nessa direcção.

Poderá parecer uma cogitação prematura para o estado social das nossas populações, mesmo das cidades,

quando todos proclamam de preferéncia a diffusão do ensino popular, a urgencia dessa conquista, a que se convencionou dar o nome de "des-analfabetização"...

Isso pouco importa no caso, podendo-se conseguir bastante dentro dos elementos com que já contamos tornando o ensino ministrado nos estabelecimentos publicos e particulares mais objectivo, de conformidade com a idade dos alumnos, introduzindo nos programmas methodo e gradação. no proprio ensino e nos exercicios praticos.

Não seria o sufficiente para se alcançarem as aptidões profissionaes, mas já se teria avançado muito para o ambicionado ideal, que attingiremos um dia, de formarmos no Brasil, homens capazes de se dedicarem com proveito ás diferentes profissões.

Nem só ao poder publico competirá agir para uma reforma dessa natureza, mas também ás proprias escolas, indo alem da divulgação do ensino a visão dos mestres, cheios de fé patriótica nos destinos do Brasil.

Poderão assim concorrer para elevar o nivel geral da nossa civilização, procurando administrar uma educação realmente util á nossa mocidade, que facilite mais tarde a aquisição da verdadeira experiencia profissionaal.

No Brasil, com mais de oito milhões de kilometros quadrados, amar o sólo é talvez a melhor maneira de se amar a Patria, e essa será a mais valiosa collaboração com que possamos concorrer para a sua independencia economica e politica.

A U

O S DOIS
Gonzalez
Simon

lume) poderi
memoria bra
te titulo: "C
bia". Eu des
criptor color
Republica de
gressos". De
portante, por
Brazil, famili
tras da Euro
America, que
desvendar-lh
continente
Bolivar, es
ocupados n
de pessimis
aos person
nhos, os no
ventura.

Bolivar o
Gonzalez o
doutrina de
dimir, não
mas o plan
cios. A ph
gada até nó
dhi e a ma
pulo yoyhi,
ção e ener
lombiana a
pela conqu
de conscien
ricana, cons

A Unidade Ideologica da America

JOSE VIEIRA

OS DOIS livros do Sr. Fernando Gonzalez — *Viaje a pie e Mi Simon Bolivar* (primeiro volume) poderiam ser motivo de uma memoria brasileira, que tivesse este titulo: "Como descobri a Colombia". Eu descobri duas vezes, no escriptor colombiano, sua sympathica Republica da "regra" e dos "Congressos". Descobrimento mais importante, porem, fará o homem do Brazil, familiar da historia e das letras da Europa e que não conhece a America, quando o autor começa a desvendar-lhe, no quadro social do continente sul, a figura de Simon Bolivar, espantosa para nós, mais occupados no reduzir, em depuração de pessimismo e desdem, por apego aos personagens e symbolos estranhos, os nossos heroes e santos sem ventura.

Bolivar offerece ao Sr. Fernando Gonzalez oportunidade para uma doutrina de perfeição, capaz de redimir, não só Colombia e America, mas o planeta eivado de taras e vicios. A philosophia indiana, divulgada até nós com o advento de Gandhi e a maior propaganda do discipulo yoyhi, creadora de concentração e energia, leva o pensador colombiana a desejar uos esforcemos pela conquista de estados crescentes de consciencia: consciencia sul-americana, consciencia humana, consciencia

universal. Um typo de ficção a que se diria é, muitas vezes, transposição da personalidade e aspirações moraes do autor. — Lucas Uchôa, encarna aquelle desejo, que faz vontade e vai triumphando, atravez a desordem americana, feita de misturas ethnicas e venenos de toda a sorte. Tendo-se cerceamente tonsurado, em honra de Gandhi, prescreve Lucas que se faz necessario dar significação alta aos nossos actos, e é o que tenta fazer, olhos pregados na personalidade do Libertador, ser, para elle, incomparavel. Bolivar evolue da consciencia colombiana, sul-americana, para a consciencia cosmica, aqui, por vezes, attinge. Lucas impõe-se gloriosa peregrinação a esse cimo de intelligencia, captando cada dia mais, pelo exercicio, pela renuncia. Theologo e ruptico, diz d'elle o Sr. Fernando Gonzalez. "Soy un pobre juez colombiano que siente fruiciones al piensar en cualquier ser grande, en cualquier belleza, bondade e heroismo". Reencarnação de D. Quixote na America do Sul? Lucas procura o absoluto: se olhar a fundo para dentro de nós, veremos, lá no amago, esse ideal de cousas puras, mais ardente quando nos fere a onda, sempre grossa, da finalidade materialista em que a America, satisfeita com a simples in-

dependencia politica, ha cem annos de degrada.

Em carta que escreve a Guilherme White, Bolivar manifesta quasi nenhuma confiança na moral de nossa gente (nuestros concidanos), e não crê na Republica em que não haja virtude politica. E' pela instituição de uma violencia purificadora. Se existe violencia justa, ha-de ser aquella que se empregue para tornar bons os homens, — bons, consequentemente, felizes". E as emanações do homem perfeito embargam todos os sentidos de Lucas.

A individualidade de Lucas Uchôa — antes, o ideal humano do Sr. Fernando Gonzalez, merece estudo que não caberia nesta simples nota.

Para Lucas, a sabedoria consiste em não esperar e não se arrepender; é seu reino o instante presente, e eil-o feliz. Isso alcança-o Lucas por um methodo a que chama "emocional", e vê-se logo pela contemplação que erige o Libertador em modelo e divindade. Pedra que roda e roda, tendo um breack de ideaes, aqui está, segundo elle, o homem; mas quasi todos rodamos sem usar da vontade senão para nos precipitarmos. Crear vontade, vencer as influencias exteriores, dominar-se, em uma palavra — possuir-se, propõe Lucas.

Em seu manifesto de Cartagena (1812), Bolivar sente necessario conhecemos o que queremos, busquemol-o como aquelle que se afoga busca ar, e tentemol-o sem medir sacrificios. Lucas adopta e pratica os trez preceitos. Para ahi chegar, o methodo de Lucas obriga a penitencias grandes aos olhos dos não-iniciados, e é um regimen de mortificação somente compensada pelo gosto

espiritual da consciencia mais viva e mais larga.

O Sr. Fernando Gonzalez estuda e resolve sorrindo estes graves problemas. Legitimo colombiano, homem de regra, chega sem tropeço ao fim superior, e tudo, em Mi Simon Bolivar é materia de meditação.

A nós brasileiros, ao lado daquillo que visa o destino humano, interessa-nos, particularmente, as reflexões de Lucas sobre a America do Sul. Nós somos ao que Lucas enxerga, uma mescla de todas as raças; residem em nosso individuo, latentes, todas as superstições e tormentos mysticos. Não importa: a America do Sul está marcada para chegar ao homem typico unificado, á grande democracia. Povos desequilibrados, ensaio sociologico em vastissima extensão territorial, para lá caminhamos. Sem se distanciar do Libertador, que creou e deu caracter a um dos capitulos mais complicados e prenhes de consequencias no desenvolvimento do homem até seu termo, que é a consciencia universal, preso á aura de Bolivar, Lucas prophetiza: "Temos immigração de todos os portos, porque ha aqui terra e riquezas, e tendemos paa a liberdade. Aqui se virão a fundir todos os organismos, e apparecerá o verdadeiro homem — tendemos para a liberdade. Aqui se fundirão todas as religiões e apparecerá uma grande unidade ideologica — unidade de amor e de consciencia". Lucas não entrega essa obra gloriosa ao tempo infestado de imprevistos, mas á vontade a serviço da consciencia que não ganharemos na inercia, na caça ao dinheiro variada de farra, pois outra não tem sido nossa existencia de irresponsabilidade dansante.

A EPOCA q
um dos m
tos artist
arte, comparavel
nascença. E' un
sal. Não nascet
genio ou de uma
cho de uma cul
espontanea e irre
das nações mais
quencia de um
tado da mentalid
moderna, express
febril da época,
conhecimentos se
cia e da technica,
muns do pensame
rito do seculo.

A arte reflecti
face da nova era,
zados em todos o
de, cujos methodo
constituir o priv
mas é o proprio p
nidade; reflectiu
motivadas de caus
condições economi
ticas para todas a
collocadas diante
blema a resolver,
nomico universal.

Nenhuma das o
guiu tão depressa
mas tão definida
como a Architectu

O Renascimento da Architectura

I — Habitação Americana

AGUINALDO ROCHA LIMA

A EPOCA que vivemos assiste a um dos mais notaveis movimentos artisticos da historia da arte, comparavel a uma segunda Renascença. E' um movimento universal. Não nasceu da ousadia de um genio ou de uma raça nem do capricho de uma cultura isolada. Surgiu espontanea e irresistivelmente no seio das nações mais cultas, como consequencia de um espirito novo, resultado da mentalidade nova da geração moderna, expressão fiel da actividade febril da época, da communhão dos conhecimentos scientificos, da sciencia e da technica, das directrizes comuns do pensamento, enfim, do espirito do seculo.

A arte reflectiu com exactidão a face da nova era, os progressos realizados em todos os ramos da actividade, cujos methodos já não podiam constituir o privilegio de um povo, mas é o proprio patrimonio da humanidade; reflectiu as evoluções sociaes motivadas de causas geraes, e as novas condições economicas quasi que identicas para todas as nações modernas, collocadas diante de um mesmo problema a resolver, o problema economico universal.

Nenhuma das outras artes conseguiu tão depressa expressar com formas tão definidas o espirito novo, como a Architectura, a arte expoente

das civilisações, indice da cultura e progresso social e espirital dos povos.

Em face dos novos valores, das rapidas transformações das condições de vida, combate ousadamente a subserviencia ás formulas antigas inexpressivas, conservadas por quasi um seculo de inercia, de lethargia; e se volta em algumas escolas, aos principios da arte classica, é por contingencia do raciocinio e da reflexão.

Sente e interpreta, com imperfeições e vacillações, de principio, com crescente segurança depois, o dynamismo da nova mentalidade, esforçando-se sempre por exprimir-o sinceramente.

E se não chega a alcançar os seus objectivos, approxima-se mais delles que as outras artes inquietas e ousadas, mas torturadas ainda pela longa distancia do ideal collimado.

Na simplicidade dos elementos constructivos, na pureza das suas concepções, sem atavios de decoração superflua, na exposição sincera e leal dos seus methodos, na exposição sem disfarces dos materiaes, com "um jogo sabio e magnifico de volumes sob a luz", a architectura moderna encontrou os meios de expressão do novo espirito.

"Tratar um edificio como a parte de um todo da cidade moderna, utilizar as forças mecanicas subordinan-

do-as — uma nova concepção artistica onde as leis physicas e as realizações technicas dos nossos dias sirvam de base, fazer de um monumento uma parte das produções do "machinismo" universal, dos autos e aviões com todas as expressões das suas "forças dynamicas", encontrar as formas correspondentes ás manifestações da actividade e do progresso da época, tal é a tarefa original da nova architectura". (1)

Na America, os Estados Unidos, até então sem estylo proprio, influenciados sempre pela arte européa, quasi sem adaptação, do que resultavam estylos heterogeneos nem sempre felizes nas suas concepções, têm papel saliente no novo movimento.

Surgem como precursôres J. Root e L. Sullivan, succedidos depois por F. L. Wright, cuja obra de caracter personalissimo se apoia nos principios geraes do cubismo, mas obedece antes de tudo a uma visão superior e propria.

E' tal o valor do seu espirito de logica impeccavel, de propriedade, de actualidade, de senso, de satisfação ás exigencias da época, a perfeição das suas realizações, que o novo estylo propaga-se rapidamente, transpõe as fronteiras dos Estados Unidos e tem larga acceitação em nações da Europa.

As outras nações da America não podiam ficar indifferentes á nova ordem de cousas, diante das correntes que se manifestavam tão brilhantemente em todo o mundo, e a que se filiara de modo notavel a nação americana mais avançada.

A mocidade de artistas da nossa terra participou da inquietação geral diante das velhas formas, e sentiu-se

(1) — M. Malkiel-Jormonusky. (Les Tendances de L'Architecture contemporaine).

possuir de um incontido entusiasmo pelas novas idéas.

Como os outros povos do continente, nunca tivemos um estylo architectonico proprio, nacional. O que alguns espiritos obstinados acreditavam constituir um patrimonio da arte nacional não eram senão concepções mais ou menos imperfeitas dos colonisadores portuguezes e das missões espanholas.

A nova raça não poderá ainda fixar a expressão da sua arte. Os estylos são consequencias espontaneas de muitos factores, onde a influencia individual, mesmo do genio, só se faz sentir como coordenadora. A obra architectonica é uma synthese de valores mais geraes, conjuncto de expressões da vida social e espirital de um povo. Cabe ao artista reunir harmonicamente, com a sua visão e sensibilidade, os elementos dispersos que lhe offerecem a época e o meio. O seu papel não é por isso menos importante.

Se o artista por si só não pode crear o estylo, não podia pelo menos integro na nova corrente, sentindo com convicção as aspirações da arte moderna, emancipado da sujeição aos moldes classicos, procurando viver e crear dentro da época, fazer surgir, accentuar, uma tendencia que fosse a esperança segura da futura architectura patria? Naturalmente que o pode; e é este o seu dever.

A ansia e a impaciencia de alguns dos nossos artistas contemporaneos em firmar definitivamente as normas de um estylo nacional, fizeram com que se voltassem para a tradição historica mal comprehendida, excluindo das suas creações a tendencia "impatriotica" do modernismo, julgado incapaz de realizar objectivos idoneos. Vimos então com desagradavel surpresa esses espiritos amadurecidos na convivencia da arte, prenderem-se ao culto de uma formula archaica, esbo-

çada no Brasil
sos caracteres
de adaptação
ros condemnava
prio, o famos
sileiro.

Vimol-os ain
o nosso seculo
tanciado do pa
lução, a forma
respeitada em
absurdos, tal
dictava a edifi
solares avoeng
cessos retrogra
ção primitiva.

Vimos mais
orientação cul
ção de edific
tylo. O erro é
mos nesse esty
miravel, e que
mol-o como in
nossa historia
Respeitemos e
tradições, mas
mentalismo.

A propria ép
Os valores coi
versaes. Arte,
a cultura, são
mentos nacion
conservam-se
coração da ra
intimo d'elle,
prehensão mai
mais amplo.

O estylo col
tamente satisfa
surgiu e se in
que floresceu,
feliz da resolu
época, do prof
da residencia l
la efficiente d
do sol inclemen
terra.

Com os seu
sancas, cornijas
o massiço exa

çada no Brasil colonial, com pretensos caracteres de estylo independente, de adaptação incompleta, com exageros condemnaveis, fallido por si proprio, o famoso estylo colonial brasileiro.

Vimol-os ainda transportarem para o nosso seculo, vertiginosamente distanciado do passado pela rapida evolução, a forma antiga religiosamente respeitada em todas as suas linhas e absurdos, tal como ha seculos atraz dictava a edificação rudimentar dos solares avoengos, com os mesmos processos retrogrados, com a mesma feição primitiva.

Vimos mais ainda a lamentavel orientação culminar com a construção de edificios publicos nesse estylo. O erro é imperdoavel. Admiramos nesse estylo apenas o que é admiravel, e que é tem pouco. Admiramol-o como indice de um estagio da nossa historia e da nossa cultura. Respeitemos e cultivemos as nossas tradições, mas sem exagerado sentimentalismo.

A propria época não os comporta. Os valores contemporaneos são univversaes. Arte, a technica, a sciencia, a cultura, são univversaes. Os sentimentos nacionaes não se diffundem, conservam-se com toda a pureza no coração da raça, mas recalcados no intimo d'elle, envolvidos numa comprehensão mais larga, num espirito mais amplo.

O estylo colonial brasileiro perfeitamente satisfactorio na época em que surgiu e se impoz, no ambiente em que floresceu, foi uma tentativa quasi feliz da resolução com os recursos da época, do problema da casa tropical da residencia brasileira. Uma formula efficiente de combate aos rigores do sol inclemente dos verões da nossa terra.

Com os seus terraços, telheiros, sancas, cornijas salientes, balcões, com o massiço exagerado das suas alve-

narias, creava interiores propicios ao bem estar de seus habitantes, minorando ou eliminando os efeitos das rudes e prolongadas insolações.

Houve quem muito acertadamente reconhecesse nelle "o indicador, preciso como uma bussola, do rumo a trilhar" para chegar-se ao estabelecimento das formas do "home" brasileiro, uma vez eliminados os seus erros e exageros, transformado com os novos processos de construção, corrigido e adaptado ao nosso tempo.

Para nós até mesmo esse valor é apparente. Os condicionamentos das edificações modernas acarretariam por si proprios em soluções originaes, todas as vantagens do velho estylo e ainda muitas outras mais. Temos presentemente meios mais simples, mais felizes de adaptação da residencia ao clima.

Os recursos da technica moderna são innumeraveis; a Sciencia offerece cada dia á Arte recursos extraordinarios de realisação.

O estylo colonial transplantado do seu tempo para o nosso seculo, com a desharmonia irritante entre o seu archaismo, sua inercia, e o dynamismo febril dos nossos tempos, o seculo do "machinismo", é por si proprio condemnavel, ou mais que isso, monstruoso.

Supponha-se, para conclusão, por um momento, sem pruridos de descabido patriotismo e sem irreverencia ao passado, uma "gare" monumental de estrada de ferro, a da nossa Central do Brasil, já electrificada, localisada no coração de uma cidade já bem moderna, no estylo em que se erguiam no scenario de uma natureza pacifica os solares — sombraes dos nossos antepassados do Brasil colonia.

O absurdo, que infelizmente já existe em projecto, resaltará á vista do leigo por uma simples interferencia do senso commum.

Deixemos á margem esse demasido amor á tradição, que só pode servir de entrave á nossa evolução artistica.

Não nos arreceemos de fazer simples obra de imitação, ou de nos julgarmos ao servilismo da orientação estrangeira. Na nova corrente poderemos ter arte propria e individual. Os principios geraes da architectura moderna são de uma extraordinaria amplitude. Dentro della varias escolas, algumas até antagonicas, se desenvolveram com caracteres propios essencialmente originaes.

Le Corbusier, Mallet-Stevens, Tovy Garnier, na França; Joseph Olbrick, Adolphe Loss, na Austria; Frank-Lloyd Wright, nos Estados Unidos, entre muitos outros, são personalidades bem definidas, cada uma firmada nas suas proprias convicções originaes, desenvolvidas nos seus ambientes naturaes. Contudo a essencia das suas creações combatendo o tradicionalismo e filiando-se sinceramente ao espirito novo universal, tem um tal caracter de generalidade que hem podem transpor fronteiras de nacionalidade e adaptando-se ao novo meio, crear ali uma architectura regional, sensata e logica.

A escola americana de Wright tra-

çou com admiravel justeza e prodigiosa inspiração as linhas de construção da casa americana.

Concepções de extrema simplicidade, alliança do ar, da luz, da natureza ás formas do edificio, unidade extraordinaria de execução, desprezo absoluto pelos elementos decorativos superfluos, e jogo de luzes e de sombras com recursos architectonicos, harmonia perfeita entre o edificio e o meio, utilização dos meios offerecidos pela technica moderna, absoluta propriedade de applicação dos materiaes, logica em tudo, eis a escola.

As outras nações americanas têm ahí o caminho a seguir. As condições locaes, geographicas, climatericas, sociais e politicas de cada região se encarregarão de dar ás creações dessa escola, no continente americano, aspectos nacionaes.

Tendo como mais importante dos seus principios, o objectivo das utilizações immediatas, a variação do clima, os efeitos diversos da irradiação solar e das estações, nas diversas latitudes, as diferentes especies de materiaes de cada região se encarregarão de empear a cada systema o sabor do terreno, a tão procurada feição regional.

II — "O Fabricante de Climas"

A. PORTO D'AVE

Mr. Roy Smith fez-se anunciar pelo seu cartão de visitas:

Roy Smith
Fabricante de Climas
N. Y.



DR. RELT, director do velho sanatorio, recebia das 8 ás 10, todos os dias, os que o procuravam para tratar dos interesses liga-

dos ao estabelecimento que ha quinze anos dirigia. A sua fisionomia era sempre a mesma, imperturbavel: nem um léve sorriso, nem a menor expressão de contrariedade. Os anos que passára enclausurado naquela casa de dôr, obrigado a assistir ás cenas mais pungentes, haviam-lhe esgotado, pouco a pouco, a sensibilidade. Deante do despecho de algum caso doloroso, tinha invariavelmente esta exclama-

ção: "Assim é a mem fleugmatico curava.

O gabinete do tigo á sala de e ples: duas escrevi si, e outra para se chivo, um relógio dro com a inscri nada mais.

Chegára a vez c Belt lê o seu cartá vóz:

Roy

Fabricante

Sem despregar o bilhete objetou a "Parece-me tratar-naturalmente este um manicomio. Vidade de observar cartão?"

"Sim senhor!", tente — "Trata-se melhor apparecia"

"Faça-o entra

Instantes após, u de fisionomia jovi

O assistente anu Smith, de New Y

O americano, se ta de couro escur sorriso nos labios

"E" ao Dr. Belt ra de me dirigir?

"Eu, mesmo, e respondeu o ingl

O Sr. Roy com racteristico de su

cadeira, sentou-se ta sobre a mesa c

e poz-se a procura que o interessava

logo a conversaçã

"O Dr. Belt, falar na nossa f

O director do sa disposto como es

riar o american

ção: "Assim é a vida!" Era este homem fleumatico que Mr. Roy procurava.

O gabinete do Dr. Belt ficava contíguo á sala de entrada. Muito simples: duas escrevaninhas, uma para si, e outra para seu assistente, um archivo, um relógio e um pequeno quadro com a inscrição: "Seja breve!", nada mais.

Chegára a vez de Mr. Roy. O Dr. Belt lê o seu cartão de visitas, a meia voz:

Roy Smith

Fabricante de Climas

Sem despregar os olhos do curioso bilhete objectou a seu assistente: — "Parece-me tratar-se de um equivoco; naturalmente este Sr. Smith procura um manicómio. Você teve oportunidade de observar o portador deste cartão?"

"Sim senhor!", respondeu o assistente — "Trata-se de uma pessoa da melhor apparencia".

"Faça-o entrar" —

Instantes após, um jovem alto, forte, de fisionomia jovial, assomou á porta.

O assistente annunciou: — "Mr. Roy Smith, de New York".

O americano, sobraçando uma pasta de couro escuro, avançou com um sorriso nos labios:

"E' ao Dr. Belt que tenho a honra de me dirigir?"

"Eu, mesmo, e ás suas ordens!", respondeu o inglês.

O Sr. Roy com o desembaraço característico de sua raça, puxou uma cadeira, sentou-se, colocou a sua pasta sobre a mesa do Dr. Belt, abriu-a e poz-se a procurar algum documento que o interessava, iniciando desde logo a conversação.

"O Dr. Belt, por certo já ouviu falar na nossa fabrica de climas?" O director do sanatorio, concordou, disposto como estava a não contrariar o americano, que proseguia:

"Não esperava outra resposta de um cientista atento". Hoje fabrica-se um clima para uso de doentes como se fabrica um xarope. Aqui está!" exclamou, apresentando duas fotografias, muito lustrosas. "Com esta maquinaria produz-se qualquer atmosfera e com este aparelho o melhor sól".

O Dr. Belt observava atentamente todos os movimentos de Mr. Roy.

Esta cena passava-se no interior de um estabelecimento localizado em pleno bairro industrial. A fachada do edificio mostrava-se enegrecida pela fuligem de centenas de chaminés que se erguiam a seu derredor. Ao tempo em que fôra iniciada a sua construção a localidade era um dos mais apraziveis suburbios de Londres. Hoje seria contraindicada a edificação de um sanatorio em tal ponto. Entretanto magnificos serviços prestava ainda o velho estabelecimento, como dizia o Dr. Belt: "Resolvendo os casos benignos e afastando os contagiantes do convívio social". Por vezes fôra lembrada, no seio do Conselho da Associação de Beneficencia, a que pertencia o Sanatorio, a sua transferencia para local diferente, onde os doentes pudessem respirar outro ar e não aquele impregnado de pixe. Tal iniciativa esbarrava nas possibilidades economicas, sempre deficientes para atender ás exigencias da construção de um novo edificio em condições de substituir aquele.

O americano, que com a ponta de sua lapiseira iniciara a explicação das fotografias, proseguia animado: "O ar entra por aqui — neste compartimento ele é purificado, perdendo as suas impurezas — aqui adquire a temperatura que se deseja — nesta

caixa deixa o excesso de humidade e é dosado segundo as prescrições indicadas, e finalmente expellido com a velocidade conveniente, por este ultimo tubo. Os outros maquinismos que se vêem são complementares" — e arrematando: "Tudo foi previsto e funciona com a maior precisão".

Roy faz pausa, indagando com o olhar a impressão de seu ouvinte, este apercebe-se do seu desejo e o satisfaz, porém, de modo desconcertante: "Tem a certeza disso?", perguntou.

"Como não? Na America este processo está plenamente consagrado. Muitos dos modernos arranha-céus do centro de New York já o adotaram, com o maior successo. Nesses grandes edificios, verdadeiras colméas humanas, foi suprimido o calor do verão e o frio do inverno. A temperatura tornou-se uniforme, a atmosfera adquiriu o maior gráu de pureza possível, e o sóлъ cresta como se aquela multidão estivesse tomando banho de sóлъ em Atlantic City".

O inglês imperturbavel retrucou: "Pensa então ter-se conseguido subordinar os elementos da natureza aos caprichos do homem?".

"Por certo!" confirmou Roy com convicção, avançando: Neste estabelecimento, por exemplo, poderíamos fornecer o ar, a temperatura e o sóлъ reclamados pelo tratamento dos doentes!" A convicção com que foram ditas estas cousas abalaram o animo do Dr. Belt, que principiou a interessar-se pelo assunto: "Acha isso possível, aqui, a meio de fumar incessante de centenas de chaminés a vomitar rolos de fumo, noite e dia, sem cessar?" "Sem duvida alguma! Dei preferencia muito propositalmente a seu estabelecimento porque o sabia nas peóres condições a esse respeito... e de mais a mais o que lhe vinha pedir era apenas permissão para fazer uma experiencia".

"Uma experiencia?"

"Sim, uma experiencia, isto é, pedir permissão para instalar nossas maquinas no estabelecimento, sem compromisso algum de pagamento, o qual só seria efetuado deante dos resultados obtidos!"

"Quaes resultados?"

"Os resultados terapeuticos em seus doentes, porque o que vendemos são climas e não maquinas!"

"Quer dizer que sómente indemnisaríamos o valor das instalações depois de certificarmos da excelencia do clima que nos fornecer?"

"Exacto".

"Como pensa demonstrar as qualidades do clima fabricado pelos seus maquinismos?"

"Do modo seguinte: escolhido o clima e concluidas as instalações, seriam organisadas duas turmas de doentes em identicas condições de saude; uma dessas turmas partiria para o local do clima preferido e a outra ficaria no Sanatorio. Aos doentes de uma e de outra seria administrado o mesmo tratamento e no fim de um periodo de observação..." O inglês interrompeu: "Se os resultados não concordarem?"

Nesta hypothese a nossa fabrica perderia o valor das instalações feitas, "respondeu Roy, com segurança".

"Se assim é, autoriso-o a apresentar o seu orçamento e a minuta do contrato, para serem levados, por mim proprio, ao seio do Concelho Administrativo da nossa Associação", concluiu o Dr. Belt.

Duas semanas mais tarde, transferidos os doentes para um edificio pouco distante do Sanatorio, iniciavam-se as obras. O clima escolhido fôra o de Leysin (Suissa), para onde Mr. Roy partira com outros tecnicos mandados vir de New York.

O I
A saída dos despertou grande dos habitantes maior foi a sur- inicio da reforma Centenas de p- diariamente assi- mento vertiginoso funcionamento d- das pelos engen-

O contrato cor- tres meses para a — não havia ten- redondezas não : fato. Muitas hipo- das e muitas delas verdadeiras. A un- era a de tratar-se e clima, que passaria exclusiva do Sanat- A estupefação au- ram fechar com al- janelas. Nessa altu- formasse que o Sa- vendido á Ordem- terrados Vivos...

Uma quinzena ar- o prazo contratual, o prazos, volt- para acompanharen- lhes das instalações O Sanatorio interi- apresentava o aspec- forma havia sido co-

O Dr. Belt fleugm- ra todo esse periodo doentes sem se preo- estava acontecendo a- cimento. Quando, ce- rogaram a respeito, r- fiscalizar aquela gen- trato que com eles a- nha presença em na- util, pelo contrario".

Finalmente Mr. Roy Dr. Belt a visitar as recebido com certa e

A saída dos doentes do Sanatorio despertou grande curiosidade da parte dos habitantes do bairro, porém, maior foi a surpresa causada com o inicio da reforma do velho edificio. Centenas de pessoas estacionavam diariamente assistindo o desenvolvimento vertiginoso dos trabalhos e o funcionamento das maquinas instaladas pelos engenheiros americanos.

O contrato consignava o prazo de tres mezes para a conclusão das obras — não havia tempo a perder. Nas redondezas não se comentava outro fato. Muitas hipoteses foram discutidas e muitas delas eram aceitas como verdadeiras. A unica posta á margem era a de tratar-se da adaptação de um clima, que passaria a ser propriedade exclusiva do Sanatorio.

A estupefação aumentou quando vieram fechar com alvenaria os vãos das janelas. Nessa altura, houve quem informasse que o Sanatorio tinha sido vendido á Ordem Religiosa dos Enterrados Vivos...

Uma quinzena antes de se exgotar o prazo contratual, Mr. Roy e seus companheiros, voltavam a Londres para acompanharem os ultimos detalhes das instalações feitas.

O Sanatorio interna e externamente apresentava o aspecto de novo. A reforma havia sido completa.

O Dr. Belt fleugmaticamente passára todo esse periodo atendendo a seus doentes sem se preocupar com o que estava acontecendo ao velho estabelecimento. Quando, certa vez, o interrogaram a respeito, respondeu: "Para fiscalizar aquella gente basta o contrato que com eles assignamos, a minha presença em nada poderia ser util, pelo contrario".

Finalmente Mr. Roy foi convidar o Dr. Belt a visitar as obras, convite recebido com certa emoção. Alguns

assistentes obtiveram permissão para acompanhá-lo. A ansiedade era geral.

O edificio do Sanatorio em forma de U, com dois corpos lateraes destacados até á rua e um terceiro, transversal, de ligação, onde se encontrava a entrada principal do estabelecimento, formava com o gradil da frente, um pateo central retangular, pavimentado de grandes lages rejuntadas. O Dr. Belt ao chegar, deteve-se por longo tempo a observar a transformação exterior. O fechamento das janelas obrigara a mudança do estilo. A supressão de toda a ornamentação primitiva que sobrecarregava a antiga fachada, e as linhas da moderna architectura que lhe foram adaptadas, davam a impressão de que o edificio havia crescido, que lhe haviam aumentado o numero de andares. Não escapou este detalhe ao Dr. Belt, que observou: "Remoçou e creceu".

O dia da visita coincidiu com um desses dias enervantes e asfíxiantes de Londres. Muita humidade, muita lama e muito pouco ar na atmosfera, limitada por um "ceiling" muito baixo de densas nuvens.

Mr. Roy chamou a atenção para o estado atmosférico.

"Estes dias repetem-se poucas vezes por ano, do contrario Londres seria inhabitavel", concordou o Dr. Belt.

Mr. Roy abriu a grande porta do edificio e depois uma segunda. A comitiva passou.

"Aqui o Sr. Director pode considerar-se fóra de Londres", disse astuciosamente o americano.

O Dr. Belt parou no centro do hall maravilhado pelo que via. Tudo

mudado — onde em outros tempos predominavam o aspecto sombrio, reinava agora alegria: alegria de côres, alegria de limpeza, alegria de luz. O carcomido assoalho apresentava-se coberto por uma linoleum em desenhos de côres bem combinadas; as paredes outr'ora caiadas e enegrecidas pela fuligem, tinham recebido uma pintura lavavel de coloração muito suave; as esquadrias escuras haviam sido laqueadas em marfim. Notava-se uma extranha profusão de luz que não ofendia a vista. A sensação que recebia o Dr. Belt era a mesma que recebe um passageiro de um comboio ao sair de um tunel muito extenso em que foi obrigado a aspirar o ar impregnado de fumaça, em virtude de ter o empregado deixado de cerrar as vidraças do vagão. O Dr. Belt respirava a plenos pulmões. Pela primeira vez em 15 anos a sua fisionomia registrou um sorriso de satisfação. antevendo os beneficios que poderiam resultar para os seus doentes.

A visita prolongou-se por algumas horas, em que foram examinados to-

dos os detalhes da reforma. A' saída a comitiva, encontrou Londres submersa no terrível nevoeiro amarelo, a que os inglêses chamam de "sopa de ervilhas". Um frio cortante, muita humidade, e peor que tudo isso, a visão limitada a um passo de distancia.

Tornava-se evidente o dominio dos elementos da natureza ao capricho do homem.

Dias depois voltavam os doentes. Dentre eles foram escolhidas as duas turmas para a prova final.

Quatro mezes mais tarde os americanos recebiam o pagamento de suas instalações. A prova exigida déra os resultados mais positivos. O clima por eles fornecido ao Sanatorio tinha as mesmas propriedades terapeuticas daquelle que havia sido escolhido. Os doentes de ambas as turmas apresentavam as mesmas melhoras.

III — A Edificação Ford no Valle Amazonico

JOSE' MARIANNO (FILHO)

POR intermedio da reportagem jornalística realizada em torno da visita que o Sr. Ministro do Trabalho acaba de realisar, ás terras feracissimas da concessão Ford, eu vim a saber, aliás sem nenhum espanto, que os town-plannings ame-

ricanos, que fundaram o incipiente nucleo de habitação, que ora serve aos diversos misteres da administração da empresa, julgaram de bom aviso adoptar, no tocante ao problema architectonico, a velha experiencia do caboclo cearense.

E' bem de, não se opulenta c qualquer g previstas c peculiar. D mitados r americanos diam ter i longinquo a cimento ari seus partida coup todas ctura nacion

Uma gent tica, (ou po o dinheiro i inicial de m vea, a ceu isso, insensa tes uteis da que teem co ções alinhad duzem melho as que se fe reza, não ha de pequenos para se dar vida em con padrão rudim Com alguma contos de ré melot de ca armado, teri Tapajós os sob medida lonisadores mens pratic ouvidos aos reias da arc landezes em daram as co as circumst influencia s Investigaram região. E c adoptando a da como uni com economi tectura local.

E' bem de ver que, com tal attitudede, não se quizeram os membros da opulenta concessão Ford fugir a qualquer genero de despesas, todas previstas com a largueza que lhes é peculiar. Dispondo de amplos e illimitados recursos financeiros, os americanos da concessão Ford podiam ter installado naquelle sertão longinquo a architectara moderna de cimento armado, apta, no dizer de seus partidarios, a resolver d'un seul coup todas as exigências da architectura nacional do paiz.

Uma gente que por amor á esthetica, (ou por pretexto para dissipar o dinheiro facil), faz uma plantação inicial de milhares de mudas de Hevea, a ceu aberto, destruindo para isso, insensatamente, os remanescentes uteis da floresta nativa, só porque teem como certo que as plantações alinhadas em quinconcios produzem melhor effeito visual, do que as que se formavam á lei da natureza, não havia de capitular diante de pequenos obstaculos materiaes, para se dar ao prazer de gosar a vida em condições superiores ás do padrão rudimentar da vida local. Com algumas miseras dezenas de contos de réis a mais, qualquer camelot de caixas dagua de cimento armado, teria levantado na bacia do Tapajós os cubos inhabitaveis feitos sob medida d'après Paris. Mas, os colonisadores do baixo Amazonas, homens praticos e prudentes, fecharam ouvidos aos contos enganosos das se-reias da architectura. Como os holandezes em Pernambuco, elles sondaram as condições locais, mediram as circumstancias regionaes, a cuja influencia se teriam de submeter. Investigaram os recursos materiaes da região. E concluíram avisadamente adoptando a experiencia nativa julgada como unica capaz de solucionar, com economia e bom senso, a architectura local. Adoptando em suas li-

nhas geraes o partido de composição (e a propria planta!) do habitante tradicional do valle do Amazonas, os americanos agiram como sociologos do melhor estofo. Aliás, elles já nos haviam dado um admiravel exemplo de bom senso com a adopção, no oeste dos Estados Unidos, do estylo tradicional daquella zona, implantado pelos missionarios jesuitas (Mission Style, Spanish Style, etc.). Quando eu digo aos communistas e judeus, empenhados na obra satanica de destruição do sentimento de nacionalidade, que elles estão malhando em ferro frio, taxam-me de orthodoxo ou extremista. Entretanto, os proprios factos se estão incumbindo de me dar integral razão.

Só o povo brasileiro pode saber o genero de architectura que lhe convem, porque só elle teve com a terra o contacto indispensavel para lhe comprehender as necessidades. Os estrangeiros, architectos ou não, devem auscultar os habitantes da terra tropical, ouvindo-lhes os conselhos prudentes. Os que procederem de modo differentes, farão casinhas de caxinguelês, que serão photographadas pelas revistas, mas que, no fundo, são inhabitaveis. Que me contestem os habitantes de casas não isotermicas, construidas de accordo com a miraculosa technica moderna, segundo as praxes do standard Le Corbusier. Suas casas podem estar em dia com os progressos da technica moderna, porem, o que eu posso affirmar, é que ellas não estão em dia com as posturas do bom senso.

A architectura moderna, resultante das necessidades sociaes dos povos que lhe deram origem, não está apta a solucionar o caso architectonico nacional, não, porque attente contra o sentido da tradição, mas porque ella não resultou das necessidades realmente nacionaes. Assim, o conflicto entre essa architectura, e o meio que

o incipiente
que ora serve
da administra-
ção de bom
senso ao proble-
ma da experien-

mudado — onde em outros tempos predominavam o aspecto sombrio, reinava agora alegria: alegria de côres, alegria de limpeza, alegria de luz. O carcomido assoalho apresentava-se coberto por uma linoleum em desenhos de côres bem combinadas; as paredes outr'ora caídas e enegrecidas pela fuligem, tinham recebido uma pintura lavavel de coloração muito suave; as esquadrias escuras haviam sido laqueadas em marfim. Notava-se uma extranha profusão de luz que não ofendia a vista. A sensação que recebia o Dr. Belt era a mesma que recebe um passageiro de um comboio ao sair de um tunel muito extenso em que foi obrigado a aspirar o ar impregnado de fumaça, em virtude de ter o empregado deixado de cerrar as vidraças do vagão. O Dr. Belt respirava a plenos pulmões. Pela primeira vez em 15 anos a sua fisionomia registrou um sorriso de satisfação, antevendo os benefícios que poderiam resultar para os seus doentes.

A visita prolongou-se por algumas horas, em que foram examinados to-

dos os detalhes da reforma. A' saída a comitiva, encontrou Londres submersa no terrível nevoeiro amarelo, a que os inglêses chamam de "sopa de ervilhas". Um frio cortante, muita humidade, e peor que tudo isso, a visão limitada a um passo de distancia.

Tornava-se evidente o dominio dos elementos da natureza ao capricho do homem.

Dias depois voltavam os doentes. Dentre eles foram escolhidas as duas turmas para a prova final.

Quatro mezes mais tarde os americanos recebiam o pagamento de suas instalações. A prova exigida déra os resultados mais positivos. O clima por eles fornecido ao Sanatorio tinha as mesmas propriedades terapeuticas daquelle que havia sido escolhido. Os doentes de ambas as turmas apresentavam as mesmas melhoras.

III — A Edificação Ford no Valle Amazonico

JOSE' MARIANNO (FILHO)

POR intermedio da reportagem jornalística realisada em torno da visita que o Sr. Ministro do Trabalho acaba de realisar, ás terras feracissimas da concessão Ford, eu vim a saber, aliás sem nenhum espanto, que os town-plannings americanos, que fundaram o incipiente nucleo de habitação, que ora serve aos diversos misteres da administração da empresa, julgaram de bom aviso adoptar, no tocante ao problema architectonico, a velha experiencia do caboclo cearense.

E' bem de ver de, não se quiz opulenta conce qualquer genero previstas com a peculiar. Dispos mitados recur americanos da diam ter insta longinquo a ar cimento armad seus partidarios coup todas as ctura nacional

Uma gente tica, (ou por o dinheiro fac inicial de milh vea, a ceu al isso, insensata tes uteis da f que teem com ções alinhada: duzem melhor as que se foi reza, não hav de pequenos para se dar vida em cond padrão rudim Com alguma contos de ré melot de ca armado, teria Tapajós os sob medida d lonisadores mens pratic ouvidos aos reias da arc landezes em daram as co as circumst: influencia s Investigaram região. E adoptando a da como un com econon tectura loca

E' bem de ver que, com tal attitudede, não se quizeram os membros da opulenta concessão Ford fugir a qualquer genero de despesas, todas previstas com a largueza que lhes é peculiar. Dispondo de amplos e illimitados recursos financeiros, os americanos da concessão Ford podiam ter installado naquelle sertão longinquo a architectara moderna de cimento armado, apta, no dizer de seus partidarios, a resolver d'un seul coup todas as exigencias da architectura nacional do paiz.

Uma gente que por amor á esthetica, (ou por pretexto para dissipar o dinheiro facil), faz uma plantação inicial de milhares de mudas de Hevea, a ceu aberto, destruindo para isso, insensatamente, os remanescentes uteis da floresta nativa, só porque teem como certo que as plantações alinhadas em quinconcios produzem melhor effeito visual, do que as que se formavam á lei da natureza, não havia de capitular diante de pequenos obstaculos materiaes, para se dar ao prazer de gosar a vida em condições superiores ás do padrão rudimentar da vida local. Com algumas miserias dezenas de contos de réis a mais, qualquer camelot de caixas dagua de cimento armado, teria levantado na bacia do Tapajós os cubos inhabitaveis feitos sob medida d'après Paris. Mas, os colonisadores do baixo Amazonas, homens praticos e prudentes, fecharam ouvidos aos contos enganosos das se-reias da architectura. Como os holandezes em Pernambuco, elles sondaram as condições locaes, mediram as circumstancias regionaes, a cuja influencia se teriam de submeter. Investigaram os recursos materiaes da região. E concluíram avisadamente adoptando a experiencia nativa julgada como unica capaz de solucionar, com economia e bom senso, a architectura local. Adoptando em suas li-

nhas geraes o partido de composição (e a propria planta!) do habitante tradicional do valle do Amazonas, os americanos agiram como sociologos do melhor estofo. Aliás, elles já nos haviam dado um admiravel exemplo de bom senso com a adopção, no oeste dos Estados Unidos, do estylo tradicional daquella zona, implantado pelos missionarios jesuitas (Mission Style, Spanish Style, etc.). Quando eu digo aos communistas e judeus, empenhados na obra satanica de destruição do sentimento de nacionalidade, que elles estão malhando em ferro frio, taxam-me de orthodoxo ou extremista. Entretanto, os proprios factos se estão incumbindo de me dar integral razão.

Só o povo brasileiro pode saber o genero de architectura que lhe convem, porque só elle teve com a terra o contacto indispensavel para lhe comprehender as necessidades. Os estrangeiros, architectos ou não, devem auscultar os habitantes da terra tropical, ouvindo-lhes os conselhos prudentes. Os que procederem de modo differentes, farão casinhas de caxinguelês, que serão photographadas pelas revistas, mas que, no fundo, são inhabitaveis. Que me contestem os habitantes de casas não isotermicas, construídas de accordo com a miraculosa technica moderna, segundo as praxes do standard Le Corbusier. Suas casas podem estar em dia com os progressos da technica moderna, porem, o que eu posso affirmar, é que ellas não estão em dia com as posturas do bom senso.

A architectura moderna, resultante das necessidades sociaes dos povos que lhe deram origem, não está apta a solucionar o caso architectonico nacional, não, porque attente contra o sentido da tradição, mas porque ella não resultou das necessidades realmente nacionaes. Assim, o conflicto entre essa architectura, e o meio que

lhe deveria servir de *habitat*, começa na própria estrutura, base do systema constructivo. De facto, de que nos vale falarmos das possibilidades infinitas do ferro, aliado ao cimento, se o emprego desses materiaes só é possível (economicamente pelo menos, o que já é bastante para estragar o argumento), só se torna praticavel nos grandes centros industriaes? Porque o Brasil não é a Avenida Rio Branco. O Brasil é o *fundão*, é a terra immensa, de vario clima e aspecto, reclamando uma centena de soluções architectonicas regionaes, mas nem por isso fora das condições de ambiencia historica da nação.

Os americanos da missão Ford, deram, a nós brasileiros futeis, que vivemos a macaquear os outros povos, justamente no que elles possuem de inadaptable ao nosso caso, um magnifico exemplo de sabedoria. Deante do quadro immenso da paisagem do Tapajós, elles se esqueceram de que eram estrangeiros. E adoptando a architectura regional empalissada, circundada de amplos copiaes á moda nordestina, elles se naturalisaram brasileiros, muito mais sinceramente do que os que o fazem de accordo com a lei, para poderem mais á vontade combater a patria postica, cuja historia desconhecem.

Di

ao

O PRIMEI
nhece
já prom

manal como I
ludivmente i

O Decalogo,
monta a tres
nos, segundo
recommendava
mento:

“Seis dias tr
tua obra.

“E o ultimo,
Deus: nenhum
tua filha, nem
boi, nem teu as
que te pertença
geiro que cons
dentro, para q
serva.

“Porque em s
céos e a terra é
nella existe; e n
sou.”

Na successão
de leis ecclesiast
petido o preceito,
creem, humano, I
ou contrarios aos
justamente, dóe o

Direito do Operario ao Descanso Semanal e Annuo

GRACCHO CARDOSO

*Cathedratico de Direito e Legislação Rural
na Escola Superior de Agricultura*

O PRIMEIRO Codigo que se conhece na historia do mundo já promulgava o descanso semanal como preceito imperativo iniludivelmente imposto á consciencia.

O Decalogo, cuja antiguidade remonta a tres mil e quatrocentos annos, segundo a chronologia sagrada, recommendava como regra e ensinamento:

“Seis dias trabalharás e farás toda tua obra.

“E o ultimo, sabbado, a Jehová, teu Deus: nenhuma obra farás tu, nem tua filha, nem teu servo, nem teu boi, nem teu asno, nem outro animal que te pertença, tão pouco o estrangeiro que conservares de portas a dentro, para que descance tu e tua serva.

“Porque em seis dias fez Deus os céos e a terra e todas as coisas que nella existe; e no setimo dia descansou.”

Na successão dos tempos milhares de leis ecclesiasticas e civis teem repetido o preceito, divino, para os que creem, humano, para os indifferentes ou contrarios aos dogmas da fé. E, justamente, dóe observar, que são os

paizes catholicos que mais sobre-saem em descumpril-o e renegal-o por violações contumazes mesmo depois das energicas affirmações de Leão XIII na famosa encyclica *Rerum novarum*.

O repouso semanal ou dominical, não é, porém, tão sómente, um mandamento religioso transmittido á humanidade através dos seculos. A's varias indicações de ordem moral e legal, casam-se ineluctaveis prescripções de physiologia experimental.

E por que o trabalho escaparia ás leis scientificas?

Longe de chegarmos á semelhante persuasão é preciso que nos convençamos de que “todo trabalho, muscular ou mental, exprime um dispendio de energias accumuladas, quer por effeito de combinações que se operam no organismo quando trabalhamos, quer por effeito da combustão de carbono, tal qual como em um motor de aço”.

O operario que descansa um dia, por semana, retorna ao serviço com forças novas e mais lucida intelligencia da serie de esforços pedida ao exercicio da sua actividade na producção de um objecto util.

E isto por que "o habito do trabalho crea no systema nervoso uma especie de operação secundaria que nem o descanso diurno nem o nocturno consegue reparar: a orientação das cellulas nervosas no sentido determinado pela natureza da actuação da actividade applicada a um fim especial. A interrupção desse trabalho restitue ás moleculas violentadas pela intensidade do esforço a sua flexibilidade normal".

Com a febre industrial moderna gerou-se a evidencia de que o descanso semanal só por só não basta a eliminar as toxinas que se reúnem no organismo por effeito de um trabalho prolongado e excessivo. Estas necessitam, ás vezes, de um espaço de filtração mais amplo. Indiscutivelmente toda sobrecarga de serviço produz estygmias ruinosos á saude do operario. Os que trabalham continuamente, sem periodos intercallares de descanso mais ou menos satisfactorios, de duas uma, ou morrem logo, ou envelhecem prematuramente. Além do tempo, faz-se essencial recorrer, na restauração das forças gastas, ás variações climatologicas. E outro meio passou a ser apontado.

Explica-se, dest'arte, o alvitre das ferias operarias retribuidas, idéa que, como a do descanso semanal, acabou por identificarse com o proprio interesse economico no campo da solidariedade capitalistica. Com effeito são, nos diversos paizes civilizados, os agentes da producção que se incumbem da categorica assertiva de serem as férias operarias remuneradas tão indispensaveis á regeneração physica como á perfeita conservação do equilibrio moral das massas.

Os que podem ter opinião sobre estas cousas entendem que não menos ardua ou ainda mais rude que a labuta quotidiana dos funcionarios publicos, obrigados, quasi sempre, á

perda excessiva de força mental, e que pagam por uma debilitação lenta dos elementos revigoradores do organismo, o pão que grangeiam, é a dos que se entregam á faina, sem treguas, dos labores manuaes ou mecanicos. A riqueza que se processa nesta ou naquella esphera de actividade, que é senão a substancia mesma dos que na aquisição della se exhaurem? Quanto ás exigencias da natureza não ha, assim, diversidade entre ambas as situações. Do mesmo modo, pois, que o porteiro o continuo o escripturario, o director de repartição, com motivos mais sobejos, talvez, o torneiro, o soldador, o mestre de fundição, o chefe de equipe de uma industria e, extensivamente, os cavouqueiros, os ferroviarios, os mineiros, os empregados da industria textil, os que lavram ou amaninham a terra, decorrido algum tempo de trabalho ininterrupto e constante, sentem, como qualquer outra creatura plasmada do mesmo limo, absoluta necessidade de reintegrar o organismo combalido, o alento vital consumido, nas energias affrontadas pelo imperio da fadiga dominante. Forçados á monotonia de gestos invariaveis e homologos, reproduzindo-se á regularidade de phenomenos analogos e á ambiencia de circumstancias identicas, é natural que o operario experimente, por sua vez, o desejo de trocar alguma hora de scenario e de ares, de considerarse, afinal, ainda que por uma ou duas semanas, fugazes e passageiras tão livre como o mais livre especimen dos seres de sua especie.

Não ha duvida que essa se tornará, dentro de breve trecho, a solução universal, dada a impossibilidade de adstringir-se as multiplas manifestações da actividade util a formulas algebricas. De outro lado a riqueza da terra resulta não só do incomparavel

de 24 de fevereiro
dencia do Supremo
soube vitalisar.
ma de nomeação
exclusão das inf
lha, e aproveitam
reveladas; a con
mentos dos magi
mais altos funci
a repressão da inf
las; a garantia de
cultura do espirit
honorarias, do ret
tranquilo; a colab
processo e de orga
et j'en passe...

A par de tudo isso
a dignificação, a e
cacia como munus
ção da Ordem dos
Assim imagino a
paz, digna, eficiente
que, até para reali
ex, dentro desses m
das garantias, cada
ganise livremente, qu
a estipendie.

✱✱

Não me tenho por
do do federalismo.
ções, no assunto, não
estudos juridicos — m
historia politica do
apontei, em nosso tão
ralismo, duas exagera
emprestimos externos
dos exercitos estaduais
e preguei a necessidade
ação do Governo feder
mente quanto ao ens
quanto á protecção da
remodelação constitucio
mos realizar, teremos,
em erro, de atender a
Mais ainda — o fortale
aparelhamento regular d
deral; as novas leis, e

DIREITO DO OPERARIO AO DECANSO SEMANAL E ANNUO 51

grau de perfeição das machinas, isto é da absoluta sufficiencia do material, senão da propria extensão dos conhecimentos profissionaes do artifice. E mais: do zelo das administrações e emprezas em proporcionar-lhes indubitaveis condições de bem estar e hygiene. E' evidente, portanto, que se applicará mais expontaneamente e menos repugnancia demonstrará ás exigencias regulamentares do serviço, aquelle que se julgar mais efficaizmente assistido por medidas de segurança pessoal e de justiça. Certamente este produzirá quantitativamente em proporção á liberdade que fruir, ás garantias moraes e legaes de que se vir cercado e á alegria, que lhe cantar dentro, no coração, exaltando por esse sol que nos alumia e aquece os ineffaveis gozos do labor, instrumento com que continuamos no tempo a obra creada pela divindade.

Entre nós se o regimen de férias remuneradas logrou alcançar ás varias çategorias de empregados publicos, attingindo até aos empregados e operarios de estabelecimentos commerciaes, industriaes e bancarios, porque em vez de reprimir-lhe a força expansiva, não estendel-o a quantos utilizam a capacidade que possuem em todas as esferas de actividade. Por que o contraste? E' provavel que com mais forte razão se julgue com direito a esse favor um operario mais humilde do que outro mais qualificado, porquanto um simples trabalhador, jornaleiro ou peão, trabalha de anno a anno sem outro repouso compensador que o que a fatalidade commumente lhe impõe sob a feição de flagellos diversos: doenças, accidentes, perda das occupações.

Nenhuma organização mais vasta nem mais formidavel de trabalho, nenhuma actividade mais prodigiosa

nem mais incessante, do que, por exemplo, a dos yankees. A infatigabilidade do operario norte-americano é animada pelo sentimento da liberdade que, nos Estados Unidos, torna o trabalhador igual ao patrão ou a qualquer outro homem. Muito mais cedo que as nações industriaes, a Norte-America chegou á conclusão de que longe de reduzir o rendimento do trabalho, o systema de férias remuneradas contribúe para augmentar, em relação a cada individuo, a somma total annual. São estas as indicações da experiencia: não só os operarios produzem mais, porque naturalmente mais bem dispostos, como produzem melhor e, por essa forma, a liberalidade dos patrões é sobradamente compensada.

E temos que, ha mais de dois lustros, tanto nos Estados Unidos como nos varios paizes europeos, essa revolução se consuma nos habitos do trabalho e nos factos economicos. Toda a historia industrial do mundo, nos ultimos dez annos, não faz senão provar que as mais fortes resistencias, neste particular, se acham, todas, vencidas.

Considerado o ponto inicial do movimento, não erraria quem datasse de 1919, a época em que a questão das férias operarias começou de agitar o systema do tratamento pessoal do operario em um e outro continente. Bastaria lembrar-nos da Conferencia Internacional do Trabalho de Washington. Culmina nesse magno conclave o empenho da Suecia numa das ultimas secções para fazer constar da ordem do dia da futura reunião, subsequente, dessa conferencia, a these então suscitada. Embora a suggestão caisse, ante as objecções levantadas, comtudo, a semente não permaneceu infecunda no terreno esteril das idéas sem prestimo. Volvidos nove annos espigava e florescia. Antes

mesmo de 1925 a legislação de diversos paizes como a Austria, a Lethonia, a Finlândia, a Polonia, abundavam na idéa inconsiderada pela Conferencia de Washington seis annos antes, e solucionavam, de **motu proprio**, o intressante problema, conferindo o direito de férias retribuidas senão aos trabalhadores, em geral, todavia aos dois ramos principais da industria e do commercio.

Por essa época tambem a lei austriaca de 30 de Julho, alargava o beneficio abrangendo nelle todas as classes de trabalhadores, os intellectuaes e os da agricultura inclusive. Nessa lei "regulando as férias operarias" o tempo de serviço para fruirlas variava consoante as multiplas categorias de serviço. Já anteriormente em 1922 havia a lei finlandeza, "regulando os contractores de trabalho", estipulado os seguintes periodos de férias: de quatro dias para o operario que houvesse completado 6 meses de trabalhos ininterruptos; de 7 dias para os que houvessem servido durante um anno; de tres semanas aos empregados do commercio com tempo superior a doze mezes de emprego. O decreto latívio, tambem de 1922, relativo "á locação do trabalho", fixa em seis mezes de serviço o tempo necessario á aquisição do direito a duas semanas de férias. Na lei poloneza o lapso consagrado a férias operarias vae de seis dias a um mez, segundo o tempo e a natureza de serviço.

Dahi por diante os horizontes da humanitaria conquitsa foram mais a mais se dilatando. A Dinamarca e o Luxemburgo estabelecem férias para os empregados particulares; a Hespanha para os marítimos; a Islandia para os aprendizes de commercio; a Tchecoslovaquia para os empregados mercantis e mineiros, o cantão de Berna para a mulher operaria.

Quasi ao mesmo raio visial foi, no Brasil, paiz tropical por excellencia, encarado, por esse tempo, o problema. Em 1922 é ventilado o assumpto num projecto de lei apresentado á Camara dos Deputados regulando a profissão do commercio e instituindo o regime de férias para os empregados. Essa iniciativa retomada quatro annos depois nessa casa do extinto Congresso Nacional, sob aspecto mais equitativo e justo, comprehendia não só os empregados do commercio, como os das industrias e os dos bancos. (Lei n. 4.982 de 24 de Dezembro de 1925), concedendo-lhes 15 dias de férias annuas.

Neste lado da America viu-se mais tarde o Chile attribuir por decreto de 22 de Maio de 1926, um periodo de férias remuneradas a todos os empregados, em geral, sem distincção de classe e de idade, dispondo de mais de doze mezes de serviço. Por seu turno, a lei de 10 de Julho de 1926, promulgada em São Salvador, no sentido de protecção dos empregados do comercio, outorgava em relação aos mesmos, o direito a quinze dias de férias por anno de trabalho.

Os annos de 1925 e 1926 foram particularmente ferazes, de modo que a concessão de férias operarias dominou em todas as latitudes. Roboram essa observação as leis de Janeiro e Outubro de 1925, na Inglaterra, beneficiando os empregados nos bureaus do Estado e os das empresas jornalisticas com um periodo de repouso annuo. A mesma affirmação, tem-se, na lei de 9 de Maio de 1926, do cantão de Berna, na Suissa, assegurando seis dias uteis de descanso annual a todos os empregados quer publicos, quer do commercio e das industrias, mesmo ambulantes ou de feiras, após um anno de labor consecutivo.

Ao lado, porém, do movimento le-

gislativo, dia a dia e profundo, em favor das férias, faz-se mister a directriz a accional nos centros maior desenvolvime cura a cada passo do Estado a um modo indispensavel.

Neste sentido cita a Inglaterra, a Finlândia, a Dinamarca, a Suecia proprios Estados Unidos. Em todos esses países o contracto colectivo contratado o justo modo extremas e a forma interesses que antes pamente se excluem

Desde 1901 que, n vira o legislador se obrigatorias aos o de 19 annos. Mas taria do principio s mou á generalidade ma lei ou decreto na referido republic rias. O Estado pa concorre ou interfé venções collectivas, syndicatos patrona organizações operar tes ramificações e do trabalho, que er acordo proprio, o consequencia, na in os trabalhadores goz ze dias uteis de fér gundo o respectivo sendo que na dos li vae de 3 a 10 dias. tallurgica o tempo a 7 dias e, em algu peciaes, de 3 a 8 e

Como nos Estados to a férias, na All uma feição univers: todas as profissões pam.

DIREITO DO OPERARIO AO DECANSO SEMANAL E ANNUO 53

gislativo, dia a dia mais largo e mais profundo, em favor das férias operarias, faz-se mistér assignalar na mesma directriz a acção collectiva patronal nos centros industriaes de maior desenvolvimento, onde se procura a cada passo restringir a acção do Estado a um minimo strictamente indispensavel.

Neste sentido cita-se a Allemanha, a Inglaterra, a França, a Italia, a Dinamarca, a Suecia, a Noruega e os proprios Estados Unidos da America. Em todos esses paizes o regime do contracto colectivo pareceu ter encontrado o justo meio entre opiniões extremas e a forma de conciliar interesses que antes presumiam mutuamente se excluem.

Desde 1901 que, na Allemanha previra o legislador seis dias de ferias obrigatorias aos operarios menores de 19 annos. Mas a sancção voluntaria do principio só em 1925 colliinou á generalidade. Assim, nenhuma lei ou decreto official assegura na referido republica, o direito a férias. O Estado para isso em nada concorre ou interfere. São as convenções collectivas, de um lado os syndicatos patronaes, de outro, as organizações operarias das diferentes ramificações e sub-ramificações do trabalho, que em commum, per acordo proprio, o estabelecem. Em consequencia, na industria do carvão os trabalhadores gozam de tres a doze dias uteis de férias dos anno, segundo o respectivo tempo de serviço, sendo que na dos linhitos esse lapso vae de 3 a 10 dias. Na industria metallurgica o tempo de férias é de 3 a 7 dias e, em alguns casos mais especiaes, de 3 a 8 e 10 dias.

Como nos Estados Unidos, o direito a férias, na Allemanha, assume uma feição universal, de modo que todas as profissões alli delle participam.

Comtudo, certas convenções, na Allemanha, reconhecem aos patrões a facultade de limitarem o tempo de férias, no caso de necessidade insuperavel, com a obrigação, porém, de resarcimento pecuniario. Em certas industrias, como na de construcções, em que o operario raramente trabalha todo o anno a um mesmo proprietario ou empreiteiro, procura-se o meio de obviar os inconvenientes dessa instabilidade. Para garantir-lhes os direitos ao repouso annuo, cuida-se, entre outras suggestões, de instituir-se "caixas de férias" alimentadas pelo contribuição de uma taxa proporcional aos salarios.

Em summa, quanto á determinação do tempo de férias, o criterio germanico varia de accordo com a natureza do emprego profissional e augmenta sempre em razão do tempo de serviço de cada empregado ou operario. Dadas essas circumstancias, não é possivel ter-se um computo preciso da duração do tempo de férias na Allemanha. O que se pode, sem erro possivel, determinar, é que ha um minimo de tres dias e um maximo de seis a doze dias para certas categorias de operarios. Outros empregados, como os de estabelecimentos commerciaes, de hotéis, de empresas jornalisticas, de industrias chemicas, bem como os engenheiros, poderão obter de tres a quatro semanas de descanso.

Na França as reivindicações operarias, em materia de férias, datam, igualmente, de 1904, quando no Congresso de Praga, os syndicatos confederados da industria textil de Lille propuzeram uma indicação visando obter do parlamento nacional a adopção de uma lei regulando o principio das férias retribuidas. Essa indicação emergiu depois na Confederação Geral do Trabalho realisada em Paris a 30 de Agosto de 1928.

Mas a solução legal tanto naquella época, como presentemente, tem sido objecto, apenas de algumas proposições ainda officialmente em estudo.

Entretanto o que a lei ainda não confirmou nem por isso deixou de ser sancionado pelo costume e pela pratica. O contracto colectivo subscripto em Paris a 21 de Setembro de 1925, entre o Syndicato Patronal e os syndicatos dos operarios de costura, estipulou, pela primeira vez, a concessão de uma semana de férias aos operarios de ambos os sexos que contassem mais de um anno no estabelecimento ou fabrica; de duas semanas quando excedessem desse tempo. D'ahi por diante tornou-se regra em todas as convenções nacionaes entre patrões e operarios. Actualmente, essas convenções interessam ás industrias de minas e pedreiras, metallurgia, textis, roupas, confecções e modas, alimenticias, transportes etc.

Releva ainda que certos estabelecimentos mecanicos ou fabris concedem férias a seus operarios independente de qualquer obrigação contractual.

No que concerne á Inglaterra vale a pena rememorar que não só os ferroviarios, como nada menos de um

milhão de operarios das grandes industrias, como a naval, a de sedas e lanificios, são favorecidos por esse systema.

Nos Estados Unidos os menores empregados em empresas ou companhias telegraphicas gozam annualmente de uma ou duas semanas de férias conforme o tempo de serviço que contam. Os operarios de alguns Estados norte - americanos têm direito a duas semanas de férias annuaes; tal acontece na California, no Massachussets e em outros. As férias operarias constituem pratica corrente em todas as industrias yankees, sem discrimine de natureza e categoria.

Como os exemplos acima expostos mostram, o principio da concessão de férias retribuidas aos operarios está proclamado em todos os grandes emporios da industria universal, com a reserva apenas da liberdade que cada povo se permite de adoptar o criterio mais accorde com o temperamento nacional.

Não resta agora senão registrar que a applicação do regime de férias aos empregados e operarios dos estabelecimentos commerciaes, industriaes e bancarios acha-se suspensa, em nosso paiz, em virtude do dec. n. 19.808 de Março de 1931.

Auto

INTERESSA

cha da
voca.

Mesmo no que
cheia de inestric
linhas de visivel
indubitavel univo
A consciencia d
xou de ser local
continental.

Universalisou-se
Nem só pelo
consciencia: por
que se comunica
mo, e até de regi
entre os homens.

As directrizes —
dencia complexa
planeta — determ
a facilidade de com
grupos raciaes da I
neira que uma me
um estado de con
duzem, normalisam
recem mais separad

Caraterisa esta r
fenomenos sociães a
tos acontecimentos
temente isolados.

O movimento fas
dos FASCI DI COM
ciado pelos REDUC
expedições punitivas
do socialista italiano
ticos dos partidos cl
envolvimento natur
imprimem á evoluçã
ciaes e politicas, tor
DO FASCISTA, o E
RATIVO (BOTAI —

Autarquia e Ditadura

NICANOR NASCIMENTO

I NTERESSA anotar que a marcha da Humanidade é unívoca.

Mesmo no que parece equivocada, cheia de inextricável confusão, com linhas de visível tortuosidade, é de indubitável univocidade.

A consciência da fenomenação deixou de ser local, provincial, estatal, continental.

Universalizou-se.

Nem só pelo fenómeno claro da consciência: por uma certa intuição que se comunica de próximo a próximo, e até de regiões muito distantes, entre os homens.

As directrizes — dada a interdependência complexa dos fenómenos no planeta — determinam-se — atenta a facilidade de comunicações entre os grupos raciaes da Espécie, de tal maneira que uma mentalidade generica, um estado de consciência geral conduzem, normalizam os fatos, que parecem mais separados e dispares.

Caraterisa esta relação que liga os fenómenos sociáes a conotação de certos acontecimentos distantes, aparentemente isolados.

O movimento fascista, irrompendo dos FASCI DI COMBATTIMENTO, iniciado pelos REDUCCI DI GUERRA, expedições punitivas contra o partido socialista italiano e os debeis políticos dos partidos classicos, pelo desenvolvimento natural, que os fatos imprimem á evolução das cousas sociáes e politicas, tornou-se o PARTIDO FASCISTA, o ESTADO CORPORATIVO (BOTAI — La Carta del La-

voru) Lo ESTADO UNITARIO ITALIANO (Il Nuovo Stato Unitario Italiano. B. Mussolini — Roma, 26 — Maggio — 1927 — Anno V.).

FUNDO MARXISTA

Não os levava ao Poder uma ideologia definida, conciente, entre eles, uniforme. Muitos dos REDUCCI tinham sido comunistas exaltados. Extremistas. Outros, não. Moços, patriotas, voltavam da guerra irridenta. Arrastados pelos intervencionistas, em cujas palavras haviam jurado, lutaram mui bravamente. Agora, caíam no desalento em que os mergulhava a miseria da pátria empobrecida. Irritados, não podiam volver á primitiva condição de "contadinos" miserros revolvendo a gleba pobre. Os extremistas que se haviam espelhado nas páginas ardentes do AVANTI, decepcionados pelo doppo-guerra, nada esperando do socialismo palido, entravam no movimento. O proprio redator do "POPOLO D'ITALIA" tinha surgido, quasi do anarquismo. Do comunismo, certo, quasi todos. Inumeros, dos sindicatos vermelhos, migrados para o partido vencedor.

Batidos nas comunas os socialistas pelas expedições punitivas, debandados, pela violéncia parlamentar do Fascio, os deputados socialistas — exilados no Aventino, com Amendola; morto Matteoti, organizado o terror — como sistema, ficaram, afinal, os deputados fascistas senhores da situação parlamentar, *by force*.

Tiveram de organizar o governo. Republicanos muitos, a contragosto, houveram de tolerar o REI, que — pouco antes — haviam taxado de “inutilidade evidente”. Apossado Mussolini do Poder Executivo, depois da marcha de Roma, teve de sofrer gradativamente a influencia dos fatos. A ideologia vaga que lhe brotava do inconciente — como o coeficiente de variação imposto pelas necessidades praticas da governação — germinou em atuações sucessivas, que crearam o ESTADO CORPORATIVO FASCISTA.

Com que ideologia? Com que corpo de doutrinas sociologicas? Com finalidades sistematicas? EMPIRISMO. Nenhuma bagagem scientifica respeitavel traziam Mussolini e os seus comandados.

A enfase dos “discorsi” abrigava uma ideologia vaga, uma verbiagem imprecisa, mais imaginosa do que conciente.

Tire-se do Fascismo primitivo o linguajar revolucionario dos jornaes do regime, dos politicos que se queriam recomendar, e da literatura avanguardista; e o que se desenvolve no fascismo em ação é o marxismo economico especifico — cheio de lardeios de doutrinas e afirmações inatuas com disfarces de indumentaria medievel, “podestás” e mais aparatos gritantes da NOVA ITALIA.

**

Cuidadoso olhar lançado sobre o fenomeno moscovita tem que divisar fato de fundo semelhante.

Na essencia, depois dos episodios menchevistas, vencida numa arrancada, de violencia inaudita, a luta descrita pela palavra viva de JHON REED, o que o Partido Comunista Russo (ROSSISKAIA KOMUNISTICESKAIA PARTIA) quer fazer é

“ECONOMISMO TECNICO MARXISTA”, com predominancia deste sobre a atuação politica. Esta devera ser meramente instrumental. Mas os fatos tiveram de crear a organização politica-provisoria, mas predominante. A necessidade de congregar forças de luta e de unidade — teve de crear a U. R. S. S. — a União sovietica, em bases de uma federação especial, unica no mundo. A precisão de unidade de classe e de unidade de poder INDIVISIVEL, formara o CONGRESSO PAN-RUSSO, a C. E. C. (TZ IK) e a fórmula de um governo original, complexo, difficilmente entendido no Ocidente, COM OBJETIVO DE REALISAR AS FINALIDADES DA REVOLUÇÃO VENCEDORA.

A defesa POLITICA foi levada a crear e aperfeçoar o O. G. P. U., instrumento politico e economico da maior importancia, que repete a OKRANA imperial.

Este orgão central de unificação, direção e execução, orgão executivo do P. K. R. (Obiediniennoe Gossudarstvienneie Politiceskaie upravlenie), chamar-se-ia em portuguez — DIREÇÃO UNIFICADA POLITICA ESTATAL.

Sua organização está no capitulo IX da Lei Fundamental da U. R. S. S., artigos 61 a 63. Sua finalidade é dirigir o trabalho dos orgãos locais da Direção Politica Estatal (O. G. P. U.) por intermedio de seus proprios encarregados junto aos sovietes dos commissarios do povo das republicas da União, os quaes agem NA BASE ESPECIAL DOS REGULAMENTOS APROVADOS PELA LEI.

Nestes regulamentos está TODA A VIGILANCIA POLITICA DO P. K. R.

Partindo de pontos, que parecem ao observador vulgar completamente opostos — declarando sempre que são diametralmente contrários — os dois regimes confundem-se no objetivo,

como nas normas da formação; na formação como de outro; na absolutista, do Est forma de compree ridico.

E' o soviet a ESTADO DE DIR Evidentemente, OCIDENTAL.

O Estado Sovie cial de estado qu tado científicame pretações do EST Duguít — dando: dernidade — cre dardiedade. Nem ttegração do direi quer comentarie xismo NEGA O vismo só o tem — como instrun finalidades revo do de transição, lisação integral ESTADO.

Esta interpret Todos os teor vietica, do part ceira internac TIVISMO JURI rista da revoluç LENINE ás u lei, norma de

E' o Estado ESTADO DE D Evidentement

Nem a lei en pular, nem traz ERGA OMNES.

Rege e subju Submete-os á a em nada limita garante qualqu que o fascio i ultimo discours

como nas normas politicas de execucao; na formacao corporativa de um como de outro; na noção autoritaria, absolutista, do Estado, bem como na forma de compreender o simbolo juridico.

**

E' o soviet a organizacao de um ESTADO DE DIREITO?

Evidentemente, NÃO, no sentido OCIDENTAL.

O Estado Sovietico é um tipo especial de estado que não pode ser tratado cientificamente á luz das interpretações do ESTADO DE DIREITO. Duguit — dando-se apparencias de modernidade — creou a teoria da solidariedade. Nem esta pode fazer a integração do direito sovietico em qualquer comentario occidental. O marxismo NEGA O ESTADO. O bolchevismo só o tem — a titulo provisório — como instrumento para realizar as finalidades revolucionarias, no periodo de transição, até alcançar a socialização integral, o comunismo, SEM ESTADO.

Esta interpretação é autentica.

Todos os teóricos da revolução sovietica, do partido comunista, da terceira internacional mantêm o RELATIVISMO JURIDICO. Diabolo — jurista da revolução, leva a doutrina de LENINE ás ultimas consequencias: lei, norma de administração apenas.

E' o Estado Unitario Italiano um ESTADO DE DIREITO EUROPEU?

Evidentemente NÃO.

Nem a lei emana da soberania popular, nem traz o carater de NORMA ERGA OMNES.

Rege e subjuga AOS INDIVIDUOS. Submete-os á autoridade politica, mas em nada limita o poder publico, nem garante qualquer direito individual, que o fascio nega como sistema. O ultimo discurso de Mussolini stento-

rava: TUTO NEL STATO, NIENTE CONTRO LO STATO, NULLA AL DI FUORI DEL STATO... del resto, la nazione sente forse il bisogno elettorale? Lo ha dimenticato... lasciate mi pensare che questo non é necessario.

**

Qual a noção de LEI do regime sovietico?

Não é a lei occidental, marcando a norma das relações entre os individuos, as classes, os direitos individuos, que REGEM ERGA OMNES LIMITANDO OS PROPRIOS PODERES ESTATAES MESMO O LEGISLATIVO.

A LEI no regime da U. R. S. S. é apenas norma QUE O ESTADO APLICA A TODOS OS HABITANTES, INDIVIDUOS OU CORPORACOES, mas que NÃO LIMITA O PODER DO ESTADO.

ARKIPOV, in LA LOI DANS L'ETAT SOVIETIQUE?, pag. 21, nem só mantem a doutrina do relativismo juridico, como afirma: "LE CENTRE DE GRAVITE' SE REPORTE DE PLUS EN PLUS DE LA PROMULGATION DE NORMES GENERALES, A LA PROMULGATION D'ACTES ET D'INSTRUCTION CONCRETES QUI REGLENT, AIGUILLONENT L'ADMINISTRATION".

Tem o mesmo significado a lei, no sentido inglez ou americano, e a LEI, na legislação italiana atual?

Não. Como na lei sovietica, na qual LE FAIT PRIME LE DROIT, a conformidade com os fins da revolução, vale para destruir interpretativamente o TEXTO EXPRESSO DA LEI, na lei italiana, NADA GARANTE OS DIREITOS INDIVIDUAES? ELES NÃO EXISTEM.

A LEI NÃO LIMITA A AÇÃO DO ESTADO, QUE E' LIVRE. A LEI NÃO E' ERGA OMNES.

Botai, relatando a Carta del Lavoro, proclama que os famosos direitos individuais, as garantias do cidadão NÃO EXISTEM NO DIREITO ITALIANO.

Nem ha divisão de poderes — como na Rússia. O Executivo legisla. Não ha eleição. As corporações fascistas preparam as listas, a eleição é global e só pode ser eleito quem corresponde á confiança do Duce. Não cabe aqui esmiudear a lei civica dos italianos, o que talvez me tente um dia. Mas, conforme a frase modelar do Duce O POVO ITALIANO JA' ESQUECEU AS SUAS NECESSIDADES ELEITORAES.

**

Sobre ambos, diz o insubstituível MIRKINE GUETZEVICHT: "DANS L'ITALIE FASCISTE COMME DANS LA RUSSIE SOVIETIQUE LE SENS REEL DU REGIME EST DANS L'AUCTORITE' ILLIMITEE. LE POUVOIR DU GROUPE DOMINANT SE FONDE SUR UN DROIT PUBLIQUE TEL QUE L'AUCTORITE' N'EST BORNÉE PAR AUCUNE NORME OBJECTIVE, PAR AUCUNE LIBERTE' INDIVIDUELLE DES CITOYENS". (Preface de "Les Constitutions de l'Europe moderne — pag. 52).

**

Partindo de pontos remotos, SOVIET e FASCISMO executam experiencias semelhantes. Diversas, porventura, nos metodos experimentaes, conformados pela ambiencia, mas objetivando a mesma descoberta social, creando a mesma finalidade humana.

Na essencia do seu processo politico, o P. C. R. (acima ficou isto em russo) quer realizar O ECONOMISMO TECNICO MARXISTA, com predominancia deste sobre a POLITICA. Esta devera ser meramente instru-

mental. Os fatos crearam o O. G. P. U. — que reúne todos os poderes da policia politica russa, maiores do que a OKRANA czarista, pois abrange tambem a politica economica, é orgão principal do P. C. R.

O P. F. I. quer o mesmo, mas os fenomenos, na sua irresistivel complexidade, O STATO UNITARIO ITALIANO, cujo orgão principal é a POLICIA ITALIANA, descrita pelo proprio MUSSOLINI.

**

"L'on. FEDERZONI ha lasciato una lege de P. S. che é quasi perfetta. 80.000 carabinieri; 15.000 agenti. 5.000, metropolitani; 10.000, milicie tecniche; milizia ferroviaria portuale; postellegrafonica; Stradale; Confinaria e Forestale. CENTOMILA UOMINI COME FORZE DI POLIZIA.

Não é tudo. Foram suprimidas todas as liberdades, resolveu-se "LA DEPORTAZIONE DI TUTTI COLOR CHE SIANO SOSPETTI DI ANTI-FASCISMO... CREAÇÃO DE UNA POLIZIA ESPECIAL DE TUTE LE REGIONE E CREAÇÃO DE UFICI DE POLIZIA DE INVESTIGAZIONE E DE UN TRIBUNALE ESPECIAL. Suprimida toda a atividade NÃO FASCISTA, qualquer publicação contraria ao Partido Fascista. O Estado confundiu-se completamente com o Partido — Uma só classe ativa, como no soviét, só a classe proletaria.

Partido, classe, Estado, nos dois regimes, constituem uma só entidade.

Fóra dela NÃO HA DIREITOS.

Proletario, na Rússia. Fascista, na Italia.

Numa, como na outra, só tem liberdade, só tem atividade, a classe dominante.

Toda a finalidade, na Italia, como na Rússia, é o cumprimento dos objetivos revolucionarios.

Procisma vitrae.

A supremacia dos órgãos económicos sobre os políticos, ideal marxista, declarada tanto pelo duque italiano, como por Lenine ou Staline, fica desmentida pela realidade política da actualidade italiana quanto pela actual organização transitoria da U. R. S. S.

As realidades da luta, num meio ainda não ambientado para cumprimento da solução puramente económica dos problemas humanos, determinou, na RUSSIA a formação, A BROTAÇÃO (como se diz em Botânica) dos órgãos políticos exuberantes. A mesma planta — mudando de terreno sofre variação de coeficiente tão amplo que parece ela novo individuo vegetal, não classificado. Na Russia surgiu, com o Congresso Pan-Russo, o Congresso dos Soviets. Coexistiu o Congresso das Nacionalidades. Os órgãos russos ganharam a UNIDADE que exige a CLASSE UNICA. A diferenciação tripartida dos poderes foi substituída pela NOÇÃO MATEMÁTICA DA EXTENSÃO DO PODER SOVIETICO EM CADA ORGÃO; Naceu a ONIPOTENCIA DA C. E. C. (TZIK): O "cinco" do P. C. R. alçou-se ao cume da construção. A O. G. P. U. engorgitou a musculatura, com que constringe toda a vida russa, principalmente política, na defesa das finalidades revolucionarias.

Na Italia os órgãos políticos e policíais avantajaram-se de tal modo que

PESAM FORMIDAVELMENTE NA VIDA ECONOMICA ITALIANA entorpecendo-a, em muitos casos, mortalmente.

A imensa despesa efetuada com o policialismo, principalmente o politico, na Italia tem chegado a tal culminancia, que pesa mortalmente sobre as finanças italianas (Georges Valois — Les Finances Fascistes).

Mas, si os fatos tipicos, episodicos, em cada raça, têm seu habitat, seu feitiço particular, o FATO ESPECIFICO, marcante, é que a Humanidade caminha, PELA RACIONALISAÇÃO, para a coordenação científica dos fenomenos economicos, PARA O ECONOMISMO INTEGRAL. Primeiro, nacional, para ser continental, e depois HUMANO. O PLANO QUINQUENAL é uma experiencia de racionalisação.

A integração e a especificação processam-se na economia politica interna. Depois, na internacional.

A CIENCIA, A TECNICA, A NORMALISAÇÃO E A RACIONALISAÇÃO devem conduzir a Especie, através do CONHECIMENTO, para a exploração conciente do planeta, com a finalidade do bem coletivo.

Mais alto do que o Bolchevismo.

Bem acima do Fascio.

O Diario do Govêrno e a Constituinte

BARBOSA LIMA SOBRINHO

A FUNÇÃO de órgão oficial cabia, desde 1808, á "Gazeta do Rio de Janeiro", que iniciara o jornalismo no Brasil. Deixando de aparecer em 1823, a Gazeta cedia o seu logar ao "Diario do Govêrno", que era realmente uma especie de segunda fase na existencia da folha veterana.

Afirmando a feição officiosa do periodico, uma portaria de 2 de Janeiro de 1823, referendada por José Bonifacio, ordenava a expedição de circulares ás repartições publicas, para que remetessem regularmente á redação daquela folha "todo o expediente" que tivesse cabimento no Diario. Pouco antes se havia afirmado a utilidade que resultaria ao publico de passar a "Gazeta" "a um bem organizado Diario do Governo". Mas ao conceder favores definiam-se tambem obrigações, ficando a redação do Diario debaixo da immediata inspecção do Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, que nomearia pessoa habil para rever as materias que os redatores oportunamente lhe submeterem, para serem examinadas e aprovadas, "como convem ao crédito de uma folha desta natureza". (Portaria em 10 de Dezembro de 1822). Essa pessoa habil foi o official da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, Luiz Moutinho Lima Alvares e Silva, incumbido da inspecção e revisão das materias que tivessem

cabimento na folha, no que procederia "com o devido zelo e discreta imparcialidade". (Portaria de 31 de Dezembro de 1822).

Nessa organização, o governo assumia dupla responsabilidade: a do titulo e a do revisor. Um "Diario do Governo" dava a idéa de que seria veiculo do pensamento ministerial; a existencia de um revisor, pessoa de confiança do governo, faria acreditar que toda a materia publicada tivera o assentimento da administração.

Em verdade, porém, a revisão limitava-se á decencia ou discreção dos artigos. A folha tinha character autonomo, como propriedade dos officiais da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, e a orientação lhe vinha desses proprietarios e não do revisor, que recebia os artigos dos redatores. Estes eram o Conego Francisco Vieira Goulart, aproveitado da Gazeta do Rio de Janeiro, a que acompanhara na ultima fase; e Antonio J. de Paiva Guedes de Andrade, portuguez de nascimento, mas contando longa permanencia no Brasil, para onde viera novo, constituindo familia na patria adoptiva. Este ultimo recebia no "Diario do Governo" 400\$000 anuais.

Atualmente, talvez não fosse difficil levar por deante semelhante organização jornalística. Mas no tempo da Constituinte, ainda vigoravam algumas idéas exaltadas, a respeito da liberdade de imprensa. Como de inicio

só existia uma tipografia, e essa mesma do governo, tornou-se corrente que um dos capitulos da liberdade de imprensa seria a faculdade de imprimir tudo nessa officina, mesmo os ataques ao governo e até as gazetas de opposição. Surgiram depois outras tipografias, mas o preconceito vigorou. Ainda a 20 de Agosto de 1823, Domingos Alves Branco Muniz Barreto o sustentava com energia, no *Diario do Governo* desse dia. Montezuma havia dito pouco antes na Constituinte a mesma cousa: — “Eu estou convencido que um *Diario do Governo* deve ser um papel mui circunspêto, entrando nele sómente escritos cujas doutrinas sejam analogas á natureza do mesmo governo; mas nem por isso vejo que possa um Ministro de Estado arrogar-se o direito de inspecionar e rever a folha, para não sair nela senão o que ele muito quizer; servindo-se para isso do nome de S. Magestade, que eu estou certo que não quer se envolver em questões de liberdade de imprensa”. (1).

Carneiro de Campos, na mesma sessão, demonstrava a independencia entre o governo e o referido *Diario*. Poderia ter acrescentado que os proprios redatores da folha nem mesmo entre si estavam perfeitamente entendidos e que daí se inferia a dificuldade para que interpretassem com exatidão as idéas do governo. Grande parte dos artigos do *Diario* publicava-se tambem como correspondencia, sem solidariedade da folha.

Com tudo isso, seria pouco provavel que se alterasse a attitude intransigente da Constituinte, deante do jornal officioso. E' que acima de tudo a impressionava a certeza de que, de um modo ou de outro, por seus redatores ou através de colaboração estranha, o *Diario do Governo* prestigiava

efetivamente o partido monarchico. Num de seus primeiros numeros, já defendia a doutrina do veto absoluto: — “E' divertido vêr o trabalho que se dão os republicanos ou, como eles querem ser chamados, os liberais, para enganar o pobre povo; quando querem alcançar alguma cousa dele, então o engodam com as palavras asucaradas de Pacto Social; se precisa meter-lhe medo, lá vem o papão, o Veto absoluto, fiados em que enquanto usarem de termos estranhos, ou obscuros, hão de fazer tudo quanto quizerem com o Povo inocente”. O veto absoluto parecia-lhe de resto tão legitimo, que o *Diario* perguntava se “póde haver entre nós homens tão desalmados para desejar que o nosso amado Imperador esteja posto em semelhantes circunstancias”, isto é, “despida a Realeza de todas as suas prerrogativas”. (N.º de 21 de Fevereiro de 1823). Nessa mesma tendencia, o jornalismo do tempo fazia uma especie de côro, com o *Regulador Brasileiro*, o *Diario do Governo* e o *Espelho*, até que ficassem todos reduzidos ao *Diario*, pois em Março de 1823 se finava pacificamente a gazeta de Frei Sampaio, e o *Espelho* publicava o seu derradeiro numero a 27 de Junho desse mesmo ano.

Na Constituinte, porém, a causa encontrava ardentes impugnadores, que renovaram com entusiasmo a campanha do juramento prévio. Era o Partido Republicano, como foi intitulado, e que iniciou a sua actividade discutindo o ceremonial para a sessão solemne da assembléa e recebimento do Imperador. Debateu-se sisudamente materia sutil, como o saber se o Imperador devia sentar-se em logar mais alto que o da presidencia da Constituinte, ou se devia conservar na cabeça a corôa, depois de sentar-se no meio da assembléa. E se no primeiro caso prevaleceu a preeminencia do

1 — Sessão de 1 de Agosto de 1823.

Imperador, no segundo se dispôs que entrasse descoberto na sala da assembléa.

Uma frase do discurso do Imperador, na sessão inaugural da Constituinte, oferecerá oportunidade a que revivesse os próprios argumentos da campanha pelo juramento prévio. "Como imperador constitucional, e mui principalmente como defensor perpétuo deste imperio, disse ao povo no dia 1 de Dezembro do ano proximo passado, em que fui coroado e sagrado, que com a minha espada defenderia a patria, a nação e a constituição, se fôsse digna do Brasil e de mim." Logo na sessão de 6 de Maio, o padre Andrade Lima declarava ambigüas essas palavras, uma vez que D. Pedro, "constituindo-se dêste modo juiz em causa propria, e sendo ao mesmo tempo defensor do Brasil, poderá inferir-se que Sua Magestade pretende por si só julgar da bondade da constituição." O deputado Dias secundava a crítica, entendendo "que o julgar se a constituição que se fizer, é digna do Brasil, só compete a nós como representantes do povo." Indo mais longe ainda nessas idéas, outro deputado pretendia que se convidasse o Imperador a que dissesse "sucinta e brevemente as condições com que quer entrar no pacto social, pois se não forem justas e razoaveis não se lhe aceitam e não será reconhecido imperador." Carneiro da Cunha participou do debate com uma oração veemente, que era antes o elogio ou justificação do regimen republicano.

Do outro lado, na defesa das prerogativas regias, militaram ardentemente liberais notorios, como Antonio Carlos e Muniz Tavares. Foi necessario, entretanto transigir numa fórmula conciliatoria: — "A assembléa confia que fará uma constituição di-

gna da nação brasiliana, digna de si mesma e do Imperador."

Se o Imperador era tratado nesses termos, não se poderia esperar maior consideração com o ministerio. As prisões e deportações ordenadas sob a responsabilidade de José Bonifacio foram objeto de críticas e de limitações. Costa Barros, eleito deputado pelo Ceará e preso, havia alguns meses, como incurso nos sucessos de outubro, teve o seu diploma reconhecido sem dificuldade. Logo em seguida se propunha a revogação do alvará de 30 de Março de 1818, infenso ás sociedades secretas e que se supunha fôsse o pretexto de grande parte daquelas prisões de outubro de 1822, embora José Bonifacio dissesse que ninguem tinha sido acusado pelo fato de sêr pedreiro livre, mas sim por força de uma devassa. Não obstante o desmentido de José Bonifacio, a assembléa reconhecia e votava a urgencia do projecto, que na sessão immediata era distribuido impresso a todos os constituintes. Nessa mesma sessão, a 9 de maio, aparecia um projeto de anistia geral, subscripto pelo deputado Martins Bastos. Desta vez os Andradas quizeram evitar o golpe, no debate sôbre a urgencia do projeto. Antonio Carlos argumentou contra ela, com habilidade e eloquencia; José Bonifacio defendeu a conduta do ministerio. Mas do outro lado os oradores eram mais numerosos e mais ardentes, com Alencar, Carneiro da Cunha, Souza França e outros. A votação da urgencia deu maioria ao partido da opposição, como se verificou tambem na passagem, para segundo turno, do projeto sôbre as sociedades secretas.

O terreno perdido com a aprovação da urgencia do projecto de anistia pôde ser reconquistado no momento da primeira discussão. A votação

acusou 35 votos contra o projeto e 17 a favor. Contra o projeto os tres irmãos Andradas, apoiados pela representação paulista, dez deputados de Minas-Gerais, cinco de Pernambuco, cinco do Rio de Janeiro. Carneiro de Campos, Nogueira da Gama, Estevam de Rezende, o barão de Santo-Amaro destacavam-se entre esses votantes, apoiando o governo numa questão capital. Do outro lado, a favor da anistia, cinco deputados por Minas, a Paraíba unanime e três de Pernambuco. Alguns dos futuros dignatarios do Imperio apareciam nessa lista de opposição, como Araujo Lima, Fonseca Vasconcellos, Araujo Vianna, afóra os esquerdistas obstinados, Alencar, Andrade Lima, Carneiro da Cunha, Dias e Silva Maia. O padre Venancio, cujo diploma a Camara de Olinda anulara, acusando-o de republicanismo, incorporava-se, naquele caso, á corrente ministerialista da representação pernambucana.

Essas atitudes da Constituinte, expressando tendencias e opiniões da corrente radical, não poderiam deixar indifferente a folha officiosa cujos colaboradores entraram a mover-se comentando os surtos das paixões revolucionarias. Já no seu numero 102, de 7 de Maio, uma correspondencia de "Filoordinis" criticava a assembléa, observando defeitos na eleição mensal dos seus presidentes e o excesso de zélo que levava os deputados a pleitear que o pagamento de seus subsidios se fizesse na propria assembléa, e não no Tesouro. Referia-se ao debate sôbre o cerimonial da instalação da assembléa, vendo em tudo isso uma questão "só propria para entreter meninos de escola". Dias depois era um "Leal Brasileiro" que analisava e censurava o cerimonial adotado, achando que o Monarca não deveria ter tirado a

Corôa": — "O Manto, a Corôa e o Ceptro — dizia o missivista — são insignias caracteristicas do Imperador, quando ele não aparece revestido dessas insignias não representa quem é. Com que fundamento, pois, havia S. M. I. de tirar da cabeça a sua Corôa? Se tirou a Corôa, porque não tirou tambem o manto?" (1)

Critica mais aspera provocaria nova reação da assembléa. Apareceu no n° 107, de 14 de Maio, do Diario do Governo, sob a responsabilidade de um colaborador anonimo, que se subscreveu — "Um das Galerias." Vamos transcreve-la nos trechos capitais, pela importancia que a Constituinte lhe atribuiu:

"Movido de curiosidade, fui assistir a uma das sessões da nossa Assembléa, áto para mim inteiramente novo; e ouvi com bastante assombro alguns poucos Deputados fazerem motivo de renhida e mui grave discussão as palavras de S. M. I., pronunciadas no áto da Sua Coroação e Sagração, e pelo mesmo Augusto Senhor repetidas no seio da Assembléa, com a natural ingenuidade, que todos lhe conhecemos: — "Aceitarei e defenderei a Constituição, se fôr digna de mim e do Brasil." Com efeito, custa crêr que pessoas de hõa fé, que falam como pensam, e que julgam dos outros pelo que eles dizem, possam descobrir em tais palavras o menor motivo de receio: só a refinada malícia, que tudo deita a má parte, poderá envenená-las. E isto em que tempo? Quando o publico sensato está com os olhos nos Deputados, analisando e medindo tudo a compasso, para formar juizo do que deles se pode esperar. Que dizem aquelas

(1) Diario do Governo de 12-5-1823.

palavras, Sr. Redator? Que S. M. se obriga a aceitar e defender a Constituição, se fôr digna dela e do Brasil. Que deseja a Nação? Que a Constituição seja digna dela e do Imperante: logo, as palavras de S. M. I. estão conformes com o voto da Nação. Donde vêm pois esses alambicados receios e reparos? Que proveito se tira de semear desconfianças, que pelo contrario, se infelizmente existissem, tanto convinha agora remover? Que queriam esses deputados que S. M. I. dissesse? Que estaria por tudo quanto eles quizessem, fôsse ou não util á Nação e, por consequente, ao mesmo Senhor?" "Alerta com os que usam de semelhante logica!", terminava o articulista.

Nos dias immediatos a esse artigo não esmoreceu a combatividade da folha. A 16 de Maio, sob o pseudonimo de "O Liberal", censurava-se tambem a Constituinte, embora admitindo que suas atitudes fossem consequencia do tumulto e desorganisação das primeiras horas. Aconselhava a folha um pouco mais de expectativa antes de um juizo definitivo, pois a continuarem as cousas como iam, não valeria a pena despendere com a Constituinte os 600.000 cruzados que a sua manutenção reclamava. A 21 de Maio atacava-se a attitude do deputado Cruz Gouvêa, que se levantara contra o juiz syndicante da devassa relativa aos successos de outubro; havia tambem uma censura viva ao deputado Martins Bastos, proponente da moção de anistia. No numero seguinte considerava-se com pessimismo o panorama que resultaria da desintelligencia entre o Imperador e uma assembléa radical: — "Então não será terror panico se

recearmos o pronto desmoronamento do nosso Edificio, cuja catastrophe trará após si tantos males, quantos não cabem na nossa imaginação."

Sem interrupção mais nessa peleja, voltava-se á carga no n° 114, de 23 de Maio, em varios artigos do "Diario do Govêrno". Um deles, assinado pelo "O tal das Galerias", embora moderado com a assembléa, impugnava o projéto relativo ás sociedades secretas e opinava que a Constituinte "não devia dar um passo sem primeiramente estar feita, aprovada e jurada a Constituição". Outro artigo, sob o pseudonimo "Olhe que eu tambem sou das galerias", mostrava-se mais aspero com a assembléa. Depois de referir-se ao ceremonial, que obrigara o Imperador a apresentar-se sem corôa, reportava-se ao pedido de abolição da lei prohibitiva das sociedades secretas e á propositura da anistia, para concluir que era tempo "de desconfiar das intenções sinistras, não digo da assembléa como corpo, mas sim de alguns membros dela". Atacava Ledo e seus amigos, reconhecendo no Imperador um poder ditatorial.

Esse ataque tirou a assembléa de sua indiferença. Na sessão imediata, a 24 de Maio, o deputado Henriques de Rezende respondeu com energia ás críticas do Diario do Govêrno, levantando contra ele um libelo, em que lhe arguia o seguinte: — 1) proclamar suspeitos de desorganizados os deputados que haviam defendido a anistia; 2) dizer que o Imperador deveria exercer o poder ditatorial até que fôsse publicada e recebida a Constituição; 3) sustentar que o Imperador tinha o direito de outorgar uma carta, como Luiz XVIII o fizera.

Pelo que se vê, o libelo não era dos mais graves. As paixões do momento, entretanto, pintavam esses

pronunciamentos com lamidades. O debate s do Diario do Govêrno de 24 de maio, foi um vos e tormentosos a q presenciou, registrando incidente aspero entre e Carneiro da Cunha. não havia liberdade e apareceram remedios, de uma nova lei; affi Regulator atrazara a i gocios politicos do p Brasil não podia ouvir solutistas "inteiramente sistema proclamado, adotado". (1) "Se ha dizia Carneiro da Cunha se atacar o congre

José Bonifacio res discursu do deputado "um tecido de falsidaria". Argumentava co a essencia dos fatos l ria, e zombava de sua trada. "Aqui, dizia Al se contra um ministro doutrinas contra o s Diario do Govêrno pro seravel reputado anar nizador, democrata, e perseguido e não to pois, que não ha liber é necessario remediar a imprensa, senhores, liberdade da patria". tonio Carlos corrobor "Conheço que o Dia e todos os papeis, ha parte, não escrevem direção; e não sei se phenomeno é a muda pública, se a compres

(1) — Frei Sampaio tor da folha, defende sação, no n° 132 do Dia a 17 de Junho de 1823

pronunciamentos como terríveis calamidades. O debate sobre a atitude do *Diario do Governo*, nessa sessão de 24 de maio, foi um dos mais vivos e tormentosos a que a assembleia presenciou, registrando-se mesmo um incidente aspero entre José Bonifácio e Carneiro da Cunha. Repetiu-se que não havia liberdade de imprensa e apareceram remedios, com sugestões de uma nova lei; afirmou-se que o *Regulador* atrasara a marcha dos negocios politicos do país, porque o Brasil não podia ouvir doutrinas absolutistas "inteiramente opostas ao sistema proclamado, e geralmente adotado". (1) "Se ha liberdade — dizia Carneiro da Cunha — é só para se atacar o congresso".

José Bonifácio respondia que o discurso do deputado paraibano era "um tecido de falsidade, uma miseria". Argumentava com logica, mas a essencia dos fatos lhe era contrária, e zombava de sua dialética amestrada. "Aqui, dizia Alencar, escreve-se contra um ministro, avançam-se doutrinas contra o sistema que o *Diario do Governo* protege, eis o miseravel reputado anarquista, desorganizador, democrata, etc. e como tal perseguido e não tolerado. Vemos, pois, que não ha liberdade de escrever é necessario remediar este mal. Sem a imprensa, senhores, perdida está a liberdade da patria". O proprio Antonio Carlos corroborava o fato: — "Conheço que o *Diario do Governo* e todos os papeis, ha tempos a esta parte, não escrevem senão em uma direção; e não sei se a causa deste phenomeno é a mudança de opinião pública, se a compressão ou terror.

(1) — Frei Sampaio, que era redator da folha, defendeu-se dessa acusação, no n° 132 do *Diario do Governo*, a 17 de Junho de 1823.

Não gosto do sintoma e inclino-me a atribui-lo antes á compressão, bem que não appareça, do que a mudança repentina."

Quem encaminhou esses debates foi o proprio presidente da assembleia, o bispo D. José da Silva Coutinho, que propôs se processasse o *Diario do Governo*, que classificava de "infame papel", havia mais de seis meses não visto por ele, "na intenção de forrar-me ao enjôo e indignação que agora soffro ao lê-lo. "Indignação e enjôo realmente tão vivos, que lhe evitavam, havia mais de seis meses, a leitura de uma folha cuja existencia não passara ainda do quinto mês. E esse paladino das liberdades civis pleiteava para os deputados uma situação excepcional, em que fôssem intangiveis á critica jornalística: — "Eu não vim a este congresso como representante da nação para ser insultado; se acaso se facilitassem azos de sermos deprimidos no conceito público, dou por concluida a minha missão e não venho mais aqui."

Outro deputado, Souza e Mello, opinava que um deputado não poderia ser atacado pelas idéas expendidas na assembleia, e na qualidade de deputado, "caso em que é indispensavel a inviolabilidade e o respeito".

Felizmente a assembleia não teve que deliberar sobre esse ponto. De todo o debate ardoroso resultou apenas um officio ao governo, para que ordenasse ao procurador da corôa que promovesse accusação no juizo dos jurados contra os autores dos impressos aludidos.

Talvez por influencia desses protestos, o *Diario do Governo* começou a estampar algumas cartas em defesa da assembleia. E uma "Nota dos redatores" explicava no n° 117, de 27 de Maio, quanto á coincidência de ser toda a correspondencia adversa

á Constituinte: — “Nós temos feito o mesmo reparo; e se nunca publicamos cartas a favor do que se tem tratado na assembléa, é porque nunca as recebemos, o que bem se prova pela própria e pronta publicação destas, que são as primeiras. Quem disser o contrário, apareça e prove-o. Fieis observadores da imparcialidade que deve caracterisar a todo escritor público, protestamos que jamais nos desviaremos daquele dever; e que as nossas opiniões particulares nunca serão influídas pelo medo, nem pela esperança; pelas ameaças dos liberais, nem pelos desejos dos monarquicos moderados”.

Nem assim se evitou o processo. A 4 de Junho eram intimados os redactores do *Diario do Govêrno* a declarar quem era o autor das cartas assinadas por “Um das Galerias”. Os redactores, respondendo ao meirinho, “quizeram tomar sôbre si a responsabilidade daquelas cartas e declararam que estavam prontos a responder por elas. E no n.º 124 voltaram com energia á tésé absolutista, sustentando-a com imprevista amplitude. A doutrina não deixava de ser curiosa. Dizia-se que, no dia 13 de Maio de 1822, o povo brasileiro renunciara “virtualmente, e de fáto, a toda obediencia a Portugal, reconhecendo no Imperador, então Principe Regente, uma autoridade e poder ilimitado, sem lhe impôr condição alguma para nos reger, proteger e defender, debaixo do titulo de Nosso Perpetuo Defensor. Esse áto, que rompera os vinculos anteriores com Portugal, foi legalmente ratificado por todas as Camaras das diferentes provincias do país. Dahi o missivista concluia que “a mesma autoridade que delegou esses poderes pode os revogar ou tirar, quando não forem sancionados e estabelecidos pela Constituição, como leis fundamentais

do Imperio”. Ora, esses poderes do monarca se haviam revigorado na aclamação, a 12 de outubro, e na coroação, a 1 de dezembro. Daí a conclusão de que os poderes da assembléa só se constituiriam definitivamente depois de aprovada a Constituição, que seria como uma renúncia, feita pêlo soberano, dos poderes que fôsssem reconhecidos aos outros órgãos do govêrno público.

A tese era mais engenbosa do que verdadeira, pois presumia que uma das delegações de poderes, em favor da assembléa, seria menos extensa do que a outra, feita pêla soberania popular em beneficio do Imperador. Restaria vêr igualmente se a assembléa seria uma delegação do Imperador, ou de toda a nação.

Tais exageros de doutrina provocaram reacções veementes. A Constituinte resolveu mandar processar novamente o *Diario do Govêrno*, depois de um debate ardoroso. “Miseraveis reptis, declarava o deputado Rodrigues de Carvalho, que não conhecendo a pureza das intenções do nosso Imperador, julgam comprar as graças e mercês com a descarada chicana na inversão dos principios politicos”. Não valia de atenuante o fáto de o artigo aparecer como correspondencia, com as iniciais G. P. T. e de não serem as suas doutrinas mais estranhas, ou excessivas, do que aquelas que na Constituinte sustentava o deputado Dias, sem que fôsse razoavel atribuir á assembléa qualquer responsabilidade nas opiniões desse orador intempestivo.

Reflexões para tempos serenos. Não as ouviria a assembléa, que preferiria recorrer á terapeutica dos processos por delicto de opinião. Ela reclamava um segundo processo, quando o primeiro mal se iniciara.

Os redactores do *Diario do Govêrno* haviam sido chamados a depor,

quanto á autorizados. Um d Goulart, “expromagistrado de que ignorava q por lhe serem c lo dito seu co José de Paiva clarava que o toda responsab publicação das Continuou ele pêlo processo. houvesse naque sentimento ana “os mais pro bôa ordem e h deres, a justa de Sua Majestaco deprimida na assembléa, e a proposições e p ma assembléa s seu lado, o libe a destacar “a guida ou insinu o “alerta” da que Carneiro de de 24 de Maio, c por isso que cl tra a assembléa geral que deven nir-se contra os E’ claro, deant acusação, que n rar outro result: absolvição unan mo que todo o sido mais que u o jornalista a de tas protegidos p O conflito serv pouco as paixões tre a assembléa vêrno. Mas ain se, e quando os tavam no poder,

(1) *Diario do G*

quanto á autoria dos artigos incriminados. Um deles, Francisco Vieira Goulart, "expressamente declarou ao magistrado de instruir o processo que ignorava quem eram seus autores, por lhe serem eneviadadas anônimas pelo dito seu colega". Este, Antonio José de Paiva Guedes de Andrade, declarava que os redatores assumiam toda responsabilidade decorrente da publicação das cartas incriminadas. Continuou ele a responder sozinho pelo processo. Sua defesa negava que houvesse naquelas missivas qualquer sentimento anarquico e sim, apenas, "os mais pronunciados desejos de boa ordem e harmonia entre os poderes, a justa defesa da dignidade de Sua Magestade Imperial, um pouco deprimida no ato da abertura da assembléa, e a refutação de algumas proposições e propostas que na mesma assembléa se tinham feito". De seu lado, o libelo acusatorio cifra-se a destacar "a refinada malícia" arguida ou insinuada aos deputados, e o "alerta" da conclusão, vocabulo que Carneiro de Campos, na sessão de 24 de Maio, considerava sedicioso, por isso que chama os povos contra a assembléa, insinuando-lhe em geral que devem desconfiar e prevenir-se contra os seus representantes". E' claro, deante da debilidade da acusação, que não se poderia esperar outro resultado do juri que uma absolvição unanime (1) Talvez mesmo que todo o processo não tivesse sido mais que um esforço para levar o jornalista a denunciar os missivistas protegidos pelo pseudonimo.

O conflito serviu para amainar um pouco as paixões, ou a discordia entre a assembléa e o *Diario do Governo*. Mas ainda depois dessa fase, e quando os Andrades já não estavam no poder, era o substituto de

(1) *Diario do Governo*, ns. 133 e 135

José Bonifacio quem revivia os ataques á folha governamental. Reportando-se ao pronunciamento da tropa no Rio Grande do Sul, a favor do véto absoluto, Carneiro de Campos dizia: — "São porem as causas proximas desta desordem alguns discursos que têm aparecido no *Diario do Governo*, inculcando esta doutrina de véto absoluto como essencial na monarchia constitucional". Alegava ainda que nessa folha ia-se de certo modo "derramando entre o povo, não sei porque, uma desconfiança de que alguns membros desta augusta assembléa não se achavam animados dos bons sentimentos de guardarem ao chefe da nação as atribuições que lhe competem". Como o titulo da folha era *Diario do Governo*, presumia-se que estivesse interpretando o sentimento do governo, e não era de estranhar que surgissem movimentos, nesse mesmo sentido, entre os que procuravam agradar o poder.

José Bonifacio não deixou sem resposta a arguição denominando calunia o pensamento que attribuia ao governo anterior perfeita identidade com as opiniões do *Diario*. "O governo, dizia ele, nunca teve ingerencia alguma em tais publicações; nem o *Diario* chamado do governo é propriamente dele; chama-se assim porque era propriedade das secretarias dos negocios da guerra e estrangeiros, que o governo nada tinha com ele, nem lhe competia entrar no conhecimento se os autores dos artigos ali publicados laboravam em erro.

Carneiro de Campos volta então á tribuna, para explicar que não attribuiu ao governo solidariedade com as opiniões da folha, mas que essa seria a conclusão natural de quem lesse o titulo do *Diario*. Repetiu tambem que apenas aparecendo impressas idéas "só proprias a iludir o povos", era compreensivel que as

opiniões se deixassem arrastar nesse sentido. Finalmente, acreditava que os povos estivessem iludidos e que convinha desenganá-los; e que com o conhecimento dos verdadeiros intuitos da assembléa todos se deixariam a esperar "socegados pela constituição, que ha de firmar em bases solidas a nossa felicidade".

O substituto de José Bonifácio impressionava-se com a apparencia dos fatos, sem ver as causas mais profundas que os iam determinando. Continuava-se a viver num ambiente de desconfianças profundas e insaneveis. De um lado os republicanos e os emancipacionistas, suspeitosos dos sentimentos liberais do Imperador e da sinceridade de sua adesão á causa brasileira; de outro lado os monarchistas, receiosos de que a onda popular levasse o Imperador a capitulações extremadas. Havia tambem portugueses, amedrontados com os impetos do "Chauvinismo" local.

A demissão dos Andradas trouxera mais confiança aos liberais e alegra-

ra os democratas. Representava mesmo uma das faces da vontade imperial, o desejo de popularidade, o sonho romantico de sêr um rei querido e tolerante. Mas ninguem se enganasse com as apparencias. Perfeitamente justaposto a esse aspecto, Dom Pedro tinha o sentimento da autoridade, o culto das prerrogativas monarchicas. Se a 17 de Julho, na demissão dos Andradas, o pendulo oscillara para as idéas democraticas, poder-se-ia esperar que reagisse depois, voltando mais longe na afirmação dos poderes monarchicos.

Na sua linguagem otimista e tranquila, Carneiro de Campos parecia não recear essa consequencia. Esquecia que a sua investidura não acalmara os defensores das prerrogativas do Imperador. O pronunciamento militar do Rio Grande valia como preságio de mau agoiro, annunciando aos propagandistas exaltados que o sentimento da tropa formava do lado do Imperador, na defesa de um govêrno forte e a cavaleiro das ambições demagogicas.

Gandhi -- o Semi-Deus da India

JOÃO PRESTES

NÃO ha no mundo figura mais sympathica nem de maior destaque hoje em dia do que a do humilde e mystico ascéta que é o "leader do nacionalismo da India. Mahatma Gandhi, o chefe espiritual e politico de dezenas de milhões de sêres humanos, deixou a solidão e a obscuridade em que vivia para correr em defesa do seu povo, contra o formidavel leão inglez. Pygmeu, que se transformou em gigante, elle soube fazer da sua propria fraqueza a arma invencivel com que vibrou o primeiro golpe decisivo contra o dominio absoluto com que a Inglaterra escravizava a sua patria.

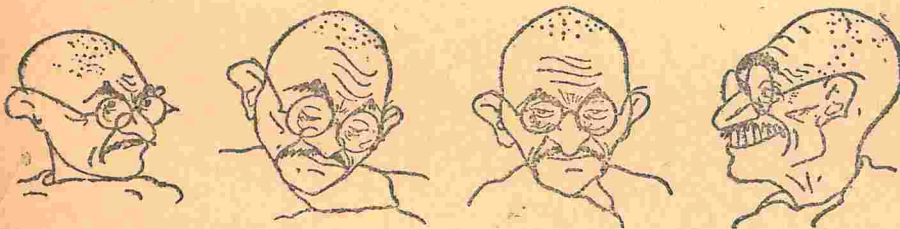
E' elle o novo idolo que acaba de ser collocado no altar dos mysteriosos pagodes do Oriente. O amor que a sua gente lhe consagra tem a grandeza estonteante do Himalaya e a immensa profundidade do Oceano Indico.

Gandhi foi, talvez, o unico hindu' que jamais conseguiu o respeito, a estima e, até mesmo, a veneração dos membros de outras seitas e de

outras raças. O seu nome é acatado com carinho entre os Christãos, os Mahometanos, os Budhistas, os Sikhs, os Zoroastristas e os fiéis de todas as outras crenças que por lá existem. A sua palavra é recebida com verdadeira unção por todos os seus ouvintes que religiosamente obedecem ás suas ordens e se esforçam, nos limites do possivel, para satisfazerem todos os seus desejos.

Mahatma é um qualificativo de reverencia com que os Indios o designam. A sua traducção seria de "alma santa" ou de "alma grande". Principes e potentados, burguezes e plebeus, ricos e pobres, todos, sem a menor excepção, só se referem a elle usando esse termo de respeito e do mais profundo affecto. Na sua infinita modestia elle pede ao povo que desista de lhe dar esse titulo tão glorioso e exaltado que elle julga não merecer.

O seu nome é Mohandas Karamchand Gandhi e elle nasceu em 1869 em Porbander, na Provincia de Gujerat, na parte occidental da India.



Pertence á seita religiosa de Jain, a mais orthodoxa do hinduismo e a sua familia, abastada e rica, fazia parte da casta de Vaisya, ou seja, dos burguezes mercadores. O seu pae occupou varios cargos politicos, inclusive o de "Dewan", ou chefe de gabinete do governo do seu estado natal.

Gandhi estudou na escola primaria de Porbander, entrando depois para a Universidade da India, onde se preparou para tirar o curso de direito numa das faculdades da Inglaterra. Matriculou-se em Londres, no Gray's Inn, formando-se com todas as honras, para pouco depois ser admittido á barra dos tribunales ingleses. Terminados os seus estudos elle voltou á sua terra natal com o intuito de se dedicar á advocacia.

Obedecendo aos costumes e tradições hindu's, Gandhi se havia casado aos 13 annos com Kasturbai, a sua fiel e dedicada companheira de meio seculo de lutas.

No exercicio da sua profissão elle teve que ir á Africa do Sul, para defender num litigio judicial, os interesses de clientes seus.

As condições de vida dos seus patricios, nessa distante colonia do Imperio, as difficuldades legais com que elles lutavam e a baixa posição social que lhes era reservada, pelo orgulho intolerante das castas, tudo isso fez com que elle se decidisse a iniciar uma santa cruzada, envidando todos os esforços e pugnando com maior galhardia para melhorar a vida desses infelizes desterrados. O seu amor instinctivo pelos párias e por todos aquelles que soffrem, fez d'elle um verdadeiro apóstolo que a India venera e o mundo respeita e admira.

Gandhi permaneceu na Africa do Sul por uns vinte annos, estudando o meio mais efficaz de combater o

oppressor da sua terra. Foi ahi que elle concebeu e aperfeiçoou o seu célebre plano de campanha que consistiu em resistir pacificamente aos dictames do governo e desobedecer os seus mandatos, sem praticar o menor acto de violencia. Facil seria á poderosa engrenagem guerreira da Grã Bretanha esmagar a flor da revolução que houvesse ousado desabrochar num campo de batalha. Mas o temperamento esportivo do anglo-saxão, que o leva aos exageros da lealdade, prestava-se admiravelmente para dar um completo exito á idéa do Mahatma.

Essa teimosia passiva e inerte com que o rebelde se recusava a obedecer, exasperava o inglez ao ponto de fazel-o perder a sua fleugma tradicional, mas não bastava ainda para induzil-o a atacar os homens que não se defendiam.

Não creio que elle pudesse colher os mesmos resultados contra a França, a Italia ou a Hespanha, porque ahi o pequenino philosopho de Gujerat teria encontrado na bocca de meia duzia de fuzis, ao romper de uma aurora sangrenta, o epilogo á sua abnegada carreira de patriota e revolucionario.

Em principios de 1914 Gandhi conseguiu um dos seus maiores triumphos assignando um accordo com o General Smuts que garantia a igualdade de direitos aos hindús domiciliados na Africa do Sul. Cumprida a sua missão elle tomou o vapor para volver á India, com escala por Londres. Surprehendeu-o á sua chegada ahi, a noticia da declaração de guerra que veio regar de sangue a Europa e elle, sem hesitar, offereceu os seus serviços ao governo inglez.

Finalmente, ao chegar de volta á patria, Gandhi quiz dedicar-se á vida solitaria e contemplativa de eremita, desfazendo-se, para isso, de toda a

sua fortuna, o que á extrema penuria abençoou esse seu dimento que lhe doer e sentir os horrores da pobreza e de hender a alma dos primidos. E esse, da sua incrível poa a massa das ruas seu, um "leader" da plebe, que sent as torturas a que rias se acham expocumento para prov contra-se na tunica que lhe envolve o rado.

Um dos mais be historia registra, e to do juiz inglez em 1922, pelo cri pronunciar a sent se ergueu, descobri ser para elle um e se forçado a manem para as galés do: "Ainda mesmo tes adversarios p em si um admira inspirado por ide: tados e cuja vid das mais nobres mesmo das mais

Para melhor se seja o Mahatma lembrarmos que em sua alma é u dição religiosa do Hinduismo V Jainismo. A sua humanitaria, não pratique o menor tra a vida alheia, mem, quer a do : são vegetarianos e qualquer abuso não havendo at

sua fortuna, o que o deixou reduzido á extrema penuria. Mais tarde elle abençoou esse seu gesto de desprendimento que lhe deu o ensejo de viver e sentir os horrores da miseria e da pobreza e de melhor comprehender a alma dos desgraçados e oprimidos. E esse, de facto, o segredo da sua incrível popularidade, porque a massa das ruas vê nelle um filho seu, um "leader" que viveu a vida da plebe, que sentiu e padeceu todas as torturas a que os destitutos e párias se acham expostos. O melhor documento para provar essa verdade encontra-se na túnica barata e ordinaria que lhe envolve o corpo esguio e mirrado.

Um dos mais bellos tributos que a historia registra, encontra-se no gesto do juiz inglez que o condemnou em 1922, pelo crime de sedição. Ao pronunciar a sentença, o magistrado se ergueu, descobriu-se e confessou ser para elle um doloroso dever ver-se forçado a mandar semelhante homem para as galés. E terminou, dizendo: "Ainda mesmo os seus mais ardentés adversarios políticos reconhecem em si um admiravel lutador, um sêr inspirado por ideaes bellos e alevantados e cuja vida tem sido sempre das mais nobres e puras, — talvez mesmo das mais santas!".

Para melhor se comprehender quem seja o Mahatma é preciso nós nos lembrarmos que a crença enraigada em sua alma é um producto da tradição religiosa da Índia, derivada do Hinduismo Vedico, Budhismo e Jainismo. A sua fé é profundamente humanitaria, não admittindo que se pratique o menor mal ou damno contra a vida alheia, quer seja a do homem, quer a do animal. Os Jainistas são vegetarianos e abstêm-se de todo e qualquer abuso sexual ou organico, não havendo até hoje exemplo algum

de um membro dessa seita fazer uso de alcool ou tóxicos.

Gandhi trabalha doze horas por dia, obedecendo com fidelidade ao programma que elle mesmo traçou, afim de lhe ser possivel attender a todos os seus deveres. Elle começa com a correspondencia diaria, recebe os visitantes que pode, escreve os artigos para o seu jornal, o "Young India", conferencia com os seus auxiliares e directores do partido nacionalista, dá-lhes as necessarias instrucções e finalmente se recolhe para dormir quatro ou cinco horas sobre o duro tablado do assoalho, recoberto por um simples lençol. O resto do seu tempo é dedicado ás pñeces e meditação, sendo que ao fim de cada dia elle vae fazer as suas orações e acompanhar os canticos e hymnos religiosos dos fiéis no "ashran" ou casa commum, onde elle reside.

O grande "leader" está sempre fiando o seu "khaddar", como um preito que rende á industria de fição domestica da India. Um dia por semana é dedicado ao recolhimento e silencio e apesar de o seu trabalho ser então tão intenso como em qualquer outro, Gandhi abstem-se por completo de falar.

O Mahatma é de estatura mediana, pesando uns 45 kilos, com uma cabeça grande, coberta de cabellos brancos á escovinha, que remata um pescoço esguio, fragil de mais para o peso que supporta. O seu nariz adunco se recurva sobre uma grande bocca de labios delgados, sustentando uns óculos de poderosas lentes, que completam assim a sua feiura natural. O que elle tem de bello são os olhos, e o sorriso. No seu olhor mesmerico brilha a luz da bondade, da intelligencia, do amor e da abnegação. O seu sorriso franco e amigo desarma e vence a quem delle se ap-

proxima. Não se pense, porém, que esse santo ascéta seja lugubre e sombrio e que traga ao rosto eternamente a severa mascara da seriedade. Ao contrario. Gandhi é jovial e alegre, espirituoso e bonachão, achando-se sempre prompto a rir, com a sua contagiosa gargalhada, ao deparar com qualquer cousa que lhe desperte o humorismo innato.

Um dos maiores caracteristicos da sua philosophia é a absoluta tolerancia religiosa de que dá provas. Para elle só ha um Deus Supremo e o meio de o homem servir-o e adoral-o é o de render um culto fervoroso pela forma que lhe parecer melhor e mais sincera. "Só ha um Deus", diz elle "o Ente Supremo de tudo quanto é puro e nobre, do bom e do bello, do amor e da verdade. Que importa se nós vamos aprender a amal-o na Biblia ou no Koran, em Gita ou Zend-avesta ou Talmud? O essencial é que nós o adoremos e saibamos servir-o. Porque Deus é um só e sempre o mesmo!"

Para regel-o na sua sóbria e trabalhosa vida, o Mahatma estabeleceu os seus dez preceitos de moral e religião, aos quaes obedece com todo o fervor. Elle assim os deu á publicidade:

- 1° — Respeita a verdade em tudo;
- 2° — "Ahimsa", — ou o correspondente ao "Ama ao teu proximo como a ti mesmo";

3° — "Brahmacharya" ou "Sê casto", equivalendo ao "Não desejarás a mulher do proximo";

4° — Sê sóbrio. Come apenas o necessario para a manutenção da vida, sem recurso ao alcool ou tóxicos;

5° — Não queiras as riquezas pelo simples prazer de possuil-as;

6° — Lembra-te sempre que te é preciso ganhar o pão com o suor do teu rosto (Não roubarás);

7° — "Swadeshi", isto é, serve ao teu proximo sempre que pudéres;

8° — Não te esqueças de que todos os homens são iguaes e todos são teus irmãos;

9° — Respeita e venera todas as religiões ou crenças, porque todas servem a Deus e á humanidade;

10° — Serve bem a Deus e nada tens a recear; sê bravo, portanto.

E com essas palavras nós termi-

namos tambem o rapido esboço que pretendiamos fazer do pequenino philosopho de Gujerat, que de modo tão espectacular penetrou no scenario politico do mundo para assumir um dos papeis mais importantes e de maior realce no momento actual.

Gandhi, o semi-deus da India, foi o desprezível pygmeu amarello que conseguiu vergar a frente altiva do indomável leão britannico e collocar, sobre a sua juba real, a sandalia da India mendicante!

Fei

POR um lado Maio officianamente a Audar conta da audie concedida por Greg as costumeiras pal de elogio ditas pel margem, o lapis de lançava a nota: "J grandes serviços!.. ao Drummond para a retirada se seu E gocios nesta Còrt por outro, pois qu mos tem sido muit governo Imperial."

No despacho de instrucções a Va mond dizia o mi seu antecessor cor lhe propoz S. Sa negocio da confi eleito do Rio de em tal negocio e Imperial e não do trinas não são re stituição do Paiz"

Dias depois, a 1 communicava-lhe, timento catholico jeição in limine, c

(1) Conclusão d no numero 2.

Feijó e a Questão Religiosa⁽¹⁾

PANDIA' CALOGERAS

POR um lado, Rocha, a 16 de Maio officinando desconsoladamente a Aureliano para lhe dar conta da audiencia de despedida concedida por Gregorio XVI, citava as costumeiras palavras de polidez e de elogio ditas pelo Santo Padre. A' margem, o lapis do ministro irritado lançava a nota: "Fico certo!... Fez grandes serviços!... Espessa ordem ao Drummond para exigir de S. Se. a retirada se seu Encarregado de Negocios nesta Côrte substituindo-se por outro, pois que seus actos ultimos tem sido muito desagradaveis ao governo Imperial."

No despacho de 10 de Junho, com instrucções a Vasconcellos Drummond dizia o ministro: "não devia seu antecessor concordar com o que lhe propoz S. Santidade quanto ao negocio da confirmação do bispo eleito do Rio de Janeiro, pois que em tal negocio era já do Governo Imperial e não do Bispo, cujas doutrinas não são reprovadas pela Constituição do Paiz".

Dias depois, a 15 do mesmo mez, communicava-lhe, para provar o sentimento catholico do governo, a rejeição in limine, com dous votos só

em seu favor, o do auctor e o de outro deputado, do projecto do representante do Maranhão Estevão Raphael de Carvalho, concebido em dous artigos: sendo o primeiro, a Igreja Brasileira fica desde já separada da Igreja Romana; e o segundo, o supremo sacerdocio fica incluído no governo. A interpretação, dada em Roma a tal facto, foi exactamente a contrária da que a regencia esperava, como opportunamente veremos.

Nesse intervallo, no Rio, feria-se a campanha contra o celibato, sahindo vencedor o pensamento orthodoxo, guiado por D. Romualdo. Terminava a elaboração do Acto Adicional. Em 1835, a 12 de outubro, tomava posse do governo o chefe da resistencia a Roma, Diogo Feijó. Tanto para prestar a este uma homenagem, como para difficultar a acção da Santa Sé e, desta forma, grangear mais um elemento em favor da these regalista, um dos ultimos actos da regencia, no nome trina, mas a reduzida a Francisco de Lima e Silva, fôra escolher ao futuro chefe do Estado para preencher a Sé mariannense, vacante pela morte do seu bispo D. Frei José da Santissima Trindade, a 28 de Setembro de 1835.

Calculo errado, em certo sentido,

(1) Conclusão do ensaio, começado no numero 2.

pois o paulista nunca acceitou a nomeação, nem a carta de apresentação correspondente. Nunca o interesse pessoal o moveu, neste como em todos os actos da sua vida. Era o conflicto entre o Imperio e a Sé Apostolica que o interessava; fundamente convencido dos direitos do Brasil, considerava a attitude romana como um verdadeiro desacato.

Seus novos ministros dos estrangeiros, Manoel Alves Branco, a principio, e José Ignacio Borges, a partir de 5 de fevereiro de 1836, menos aggressivos na forma, mais cautos nos meios usados, eram tão combativos e regalistas quanto Aureliano. Como este, ameaçavam e forjavam armas para vencer a Curia, nesse debate grave sobre o predominio da provincia da disciplina e do correlato dogma. Sob modalidade nova, era o mesmo combate que ia continuar.

Quando Drummond recebeu as novas normas enviadas por Aureliano, procurou agir junto ao cardeal secretario de Estado Bernetti, e aos monsenhores Capaccini e Frezza. Este ultimo era secretario da Congregação Ecclesiastica, gozava da confiança do Papa, e traduzia seu pensamento; delle dependia a solução do intrincado caso. Após longa conferencia, narra o diplomata em officio de 17 de setembro de 1835, julgou ter convencido a todos, e que a confirmação desejada se não demoraria; Frezza ia falar nesse sentido a Gregorio XVI. Licito é duvidar desse hymno de triumpho, tão seguro e prudente é o enunciado de qualquer juizo por parte da Curia, maxime em questões religiosas. Seja como fôr, dias depois, estava tudo mudado, dizia o encarregado de negocios. Já não confiava este no geito, como antes preconisára: aconselhava agora, e ia empregar a força.

Um dos motivos da mudança teria sido a rejeição, praticamente unanime, pela Camara temporaria, do projecto de schisma de Raphael de Carvalho. "Está já persuadida (a Santa Sé) que, onde a Representação Nacional, em conflicto com a Santa Sé, sem motivar despreza in limine uma tal proposição, desmente as ameaças do Governo, e authorisa o Papa a persistir em sua pretensão".

Além disso, contra a opinião d'elle, Drummond, a regencia tinha até certo ponto cedido ás suggestões de Roma, e em portaria do ministro da justiça fôra o padre Moura provocado a explicar-se no sentido da doutrina sustentada pelo governo. Sua resposta, incivil e imprudente, ferira ao amor proprio do Santo Padre, sem tranquillisar nos pontos de doutrina. Podia ser tido como relapso, em heterodoxia, e isso transformava o caso, aggravando-o.

Sem exito, havia passado a ameaçar Frezza, na entrevista de 16 de setembro, com o possivel schisma, apontando para o exemplo inglez, no reinado de Henrique VIII. Si se tinha podido realizar naquelle tempo, em que era temido o poder da Santa Sé, quanto mais agora, alterados taes factores, e havendo tanta razão e justiça na attitude do Brasil. Todo o officio em que dá conta de suas gestões, denuncia o tom de combatividade aggressiva.

Ao cardeal secretario passou uma nota que qualifica de ultimatum, tanto que se consideraria, depois de respondida, de relações cortadas com a Santa Sé. A 15 de dezembro, recebendo a resposta de Bernetti, mantendo as recusas, officiou ao ministro, sempre ardente em furia de peleja.

Não o moderariam, por certo, as instrucções de José Ignacio Borges.

Pouco após ter entrado o regente, a 4 de dezembro, officiava Alves Branco em Roma; nesse aviso a ordem, anteriormente retirada para Napoleão, não cedia, adoptar nova arma accessa. A' margem Drummond despaço que cumpra o despaço o mandou retirar clarando primeiro Regencia mandava gratificar o Bispo, mas nada requerer a Regencia Imperio sem licentia a negará, emquanto resolver a confirmação em que tal despaço do, lê-se "ordenado voltado atraz da Curia e schismatica confirmação, e lícito expediente administrativo certo, mas de alta ra quantos sol com isto, esperadamente, que cadaos forçasse

Entrou o annuimento nesse da em 14 de janeiro quiz entregar a que Feijó ann entrada em fur Imperio. "Estas das com o S. S. elle, alludindo posta de S. S. cio de accusa governo pont dias depois, a resolveu ped não fôra con siva nas mão considerações tar atraz: Be

Pouco após ter entrado em exercício o regente, a 4 de dezembro de 1835 officiava Alves Branco á legação em Roma; nesse aviso nem só reiterava a ordem, anteriormente dada, de se retirar para Napoles, já que o Santo Padre não cedia, como declarava adoptar nova arma na lucta que ia accesa. A' margem do officio de Drummond despachára: "Responda que cumpra o despacho anterior, que o mandou retirar para Napoles, declarando primeiro a S. S. não, que a Regencia mandava quanto antes sagrar o Bispo, mas que não podendo nada requerer a Roma os subditos do Imperio sem licença do Governo, este a negará, emquanto S. S. não se resolver a confirmação." No aviso em que tal despacho foi desenvolvido, lê-se "ordena o regente". Haviam voltado atraz da pratica revolucionaria e schismatica da sagração sem a eonfirmção, e lançavam mão de um expediente administrativo, legal é certo, mas de alta inconveniencia para quantos solicitassem dispensas; com isto, esperavam, um pouco ingenuamente, que o clamor dos prejudicados forçasse a mão á Curia.

Entrou o anno de 1836, sem arrefecimento nesse ardor de lucta. Ainda em 14 de janeiro, Drummond não quiz entregar a Carta de gabinete em que Feijó annunciava ao Papa, sua entrada em funcções como regente do Imperio. "Estava de relações cortadas com o Santo Padre" justificava elle, alludindo ao ultimatum e á resposta de S. S., e enchia esse officio de accusações e queixas contra o governo pontificio. Verdade é que, dias depois, a 19, mudou de parecer e resolveu pedir audiencia, que ainda não fôra concedida, para pôr a missiva nas mãos de Gregorio XVI. Duas considerações o tinham levado a voltar atraz: Bernetti fôra substituido na

secretaria de Estado pelo cardeal Lambruschini, ao qual julgava mais accessivel ao espirito do seculo; e, afinal, lembrar-se que ruptura só deveria haver após o prazo de dous mezes que concedêra ao Papa para obedecer ás ordens do governo imperial.

Claro que todas essas notas comminativas eram recebidas pela Santa Sé com equanime placidez. Continuavam as respostas, muito medidas e delicadas, a repetir o non possumus do Chefe da Egreja, cuja auctoridade dogmatica e disciplinar se queria derrubar. Não queria Roma a ruptura, mas certamente não cederia. Constavam boatos de haver sido pedida a intervenção do governo francez; outros, de ter Fabbrini escripto ao nuncio em Vienna, D. Pietro Ostini, solicitando os bons officios da Austria, e da resposta affirmativa desta potencia.

Em Março de 1836, nenhuma alteração se dêra nas respectivas posições dos combatentes, mas, a 15, nos officios em que accusava recebidas as instrucções de Alves Branco, e alludia á persistencia das recusas, Drummond, presentindo a derrota escrevia estas linhas, alto e insuspeito testemunho do ideal que norteava a politica e a diplomacia romanas: "A Sta. Sede conhece a sua força, rege-se por principios fixos e inalteraveis dos quaes nunca se separa, e por isso espera do tempo o que não pôde alcançar dos homens. Suas resoluções são systematicas, maduramente combinadas com o futuro, prevê tudo, e na sua previsão desprezou já a maior ameaça que se lhe podia fazer, declarando querer antes sujeitar-se ás consequencias que renunciar a uma questão de principios".

Havia o dissidio entrado nessa phase. A publicação feita pelo padre Moura, sobre a orthodoxia de suas

possue os meios legislativos de terminar a questão; mas enquanto isto se não faz, estando o Brasil a mais de duas mil leguas de distancia de Roma, sendo já difficilimo o recurso ao chefe da igreja universal, achando-se por isso autorisados os prelados ordinarios pela lei de necessidade a fazer tudo quanto necessitarem os fieis; o governo imperial negará licença para que estes recorram em caso algum ao santo padre, ou a seus delegados, até que elle melhor convencido da justiça do mesmo governo, deixe de recusar o que lhe é devido pelos proprios canones da igreja, pela conveniencia publica, e pelo decoro da magestade que exerce e representa.

Não obstante este proceder o governo do Brasil continuará as relações amigaveis com a côrte de Roma, e reconhecendo o santissimo padre como chefe da igreja universal, lhe rende o respeito e a veneração devidos ao alto emprego a que a divina providencia o ha elevado, e não cessará de obedecer-lhe naquillo em que a religião o obriga, e em tudo mais que fôr compativel com a dignidade e decoro do throno, e com os interesses nacionaes.

O que tudo participo a V. Mcê para sua intelligencia e execução podendo se lhe parecer conveniente communicar este despacho ao santo Padre, ou fazer delle o uso mais acertado, conservando-se em Napoles emquanto se não detedminar o contrario”.

Não contente com isso, e cumprindo o que dissera sobre a communicação ao legislativo, o regente incluía na Falla do Throno com que abriu a sessão parlamentar, a 3 de maio de 1836, o seguinte trecho caracteristico: “Não posso comtudo occultar-vos, que Sua Santidade, depois de dous annos de explicações reciprocas, resolveu não acceitar a apresentação

imperial do bispo eleito desta diocese. O governo tem de seu lado a lei e a justiça, mas Sua Santidade obedece á sua consciencia. Depois desta decisão julgou-se o governo desonerado de ter condescendencias com a Santa Sé, sem comtudo faltar jámais ao respeito e obediencia ao chefe da Igreja Universal. Em vossas mãos está livrar o catholico brasileiro da difficuldade, e muitas vezes impossibilidade de mendigar tão longe recursos, que lhe não devem ser negados dentro do Imperio. E' tão santa a nossa religião; tão bem calculado o systema do governo ecclesiastico, que, sendo compativel com toda a casta de governo civil, pôde sua disciplina ser modificada pelo interesse do Estado, sem jámais comprometter o essencial da mesma religião. Não obstante esta collisão com o Santo Padre, nossas relações amigaveis continuam com a côrte de Roma”.

O encarregado de negocios, D. Scipione Fabbrini, havia tempos que notava nas publicações officiaes o despacho — “Recorra ás autoridades competentes” — lançado nos requerimentos de interessados em obter de Roma as dispensas que só ella podia deferir. Havia dirigido ao ministerio dos Extranjeiros suas indagações sorpresas, sobre se terem suspendido as providencias normaes. Absurdo, do ponto de vista disciplinar, injustiça do ponto de vista humano, tal procedimento invadia a competencia ecclesiastica, e fazia pezar sobre terceiros, alheios ao pleito, as consequencias do dissidio religioso. Com a publicação da Falla, comprehendeu do que se tratava e passou ao ministro, em 8 de maio, uma nota frisante sobre o schisma que se queria abrir. Só lhe respondeu o governo a 20 de outubro, em nota que a Congregação, na Curia, considerou hostile e schismi-

possue os meios legislativos de terminar a questão; mas enquanto isto se não faz, estando o Brasil a mais de duas mil leguas de distancia de Roma, sendo já difficilimo o recurso ao chefe da igreja universal, achando-se por isso autorizados os prelados ordinarios pela lei de necessidade a fazer tudo quanto necessitarem os fieis; o governo imperial negará licença para que estes recorram em caso algum ao santo padre, ou a seus delegados, até que elle melhor convencido da justiça do mesmo governo, deixe de recusar o que lhe é devido pelos proprios canones da igreja, pela conveniencia publica, e pelo decoro da magestade que exerce e representa.

Não obstante este proceder o governo do Brasil continuará as relações amigaveis com a côrte de Roma, e reconhecendo o santissimo padre como chefe da igreja universal, lhe rende o respeito e a veneração devidos ao alto emprego a que a divina providencia o ha elevado, e não cessará de obedecer-lhe naquillo em que a religião o obriga, e em tudo mais que fôr compativel com a dignidade e decoro do throno, e com os interesses nacionaes.

O que tudo participo a V. Mcê para sua intelligencia e execução podendo se lhe parecer conveniente communicar este despacho ao santo Padre, ou fazer delle o uso mais acertado, conservando-se em Napoles emquanto se não detedminar o contrario”.

Não contente com isso, e cumprindo o que dissera sobre a communicação ao legislativo, o regente incluia na Falla do Throno com que abriu a sessão parlamentar, a 3 de maio de 1836, o seguinte trecho caracteristico: “Não posso comtudo occultar-vos, que Sua Santidade, depois de dous annos de explicações reciprocas, resolveu não aceitar a apresentação

imperial do bispo eleito desta diocese. O governo tem de seu lado a lei e a justiça, mas Sua Santidade obedece á sua consciencia. Depois desta decisão julgou-se o governo desonerado de ter condescendencias com a Santa Sé, sem comtudo faltar jámais ao respeito e obediencia ao chefe da Igreja Universal. Em vossas mãos está livrar o catholico brasileiro da difficuldade, e muitas vezes impossibilidade de mendigar tão longe recursos, que lhe não devem ser negados dentro do Imperio. E' tão santa a nossa religião; tão bem calculado o systema do governo ecclesiastico, que, sendo compativel com toda a casta de governo civil, pôde sua disciplina ser modificada pelo interesse do Estado, sem jámais comprometter o essencial da mesma religião. Não obstante esta collisão com o Santo Padre, nossas relações amigaveis continuam com a côrte de Roma”.

O encarregado de negocios, D. Scipione Fabbrini, havia tempos que notava nas publicações officiaes o despacho — “Recorra ás autoridades competentes” — lançado nos requerimentos de interessados em obter de Roma as dispensas que só ella podia deferir. Havia dirigido ao ministerio dos Extranjeiros suas indagações sorprendidas, sobre se terem suspendido as providencias normaes. Absurdo, do ponto de vista disciplinar, injustiça do ponto de vista humano, tal procedimento invadia a competencia ecclesiastica, e fazia pezar sobre terceiros, alheios ao pleito, as consequencias do dissidio religioso. Com a publicação da Falla, comprehendendo do que se tratava e passou ao ministro, em 8 de maio, uma nota frisante sobre o schisma que se queria abrir. Só lhe respondeu o governo a 20 de outubro, em nota que a Congregação, na Curia, considerou hostile e schismi-

tica. Fabbrini havia commettido a falta de pedir explicações sobre factos, relativamente aos quaes não podia ter certeza de as receber; era um erro de officio, mas quanto á doutrina, era perfeita a que sustentava e merecia inteira approvação do Summo Pontifice. Por outro lado, punir o diplomata pelo passo errado que déra, fôra uma satisfação ao governo imperial e se prestaria a ser interpretado como sanção dada pela Santa Sé ás invasões disciplinares do Rio. Nada lhe aconteceu, portanto.

Mas o incidente abriu os olhos á Curia. Pensava esta que o silencio mantido sobre a confirmação do padre Moura visava ganhar tempo, deixar esquecer a divergencia até que a regencia pudesse decorosamente apresentar outro candidato. Compreendeu, então, que os animos eram outros e que realmente se aprestava a lucta religiosa com o Brasil. Contra este, cresciam a indisposição e a má vontade em Roma.

Na Assembléa geral, igualmente, repercutira com estrondo a abertura das hostilidades publicas com a Santa Sé.

Não queriam convencer-se, no Rio, de que se tratava de questão vital para a Igreja, de sua liberdade de acção em cousas de disciplina interna, ligadas á essencia do dogma, qual manter a pureza doutrinaria da religião no apreciar os requisitos de seus ministros.

D'ahi, o attribuirem a deficiencias dos diplomatas, na legação de Roma, o não conseguirem a confirmação do padre Moura. Fizeram nova tentativa em fins de 1835, para ver si, com um grande nome nacional, affeito a taes negociações, se conseguia remover os empecilhos levantados pela Curia.

Tinha o marquez de Barbacena deprehender nova viagem á Europa,

para tratar de interesses particulares ligados ás palavras que possuía em Minas Geraes.

Muito amigo de Feijó, que o respeitava e lhe dedicava affeição e grande estima, lembrou-se o regente de incumbil-o de varias missões de alta relevancia.

Com o desinteresse revelado em toda a sua existencia, Caldeira Brant não hesitou, velho e gravemente enfermo como andava, em acceitar a grande responsabilidade e o accumulo de trabalhos que atiravam sobre os hombros. Uma condição impoz: não receber a menor remuneração.

Por acto de 21 de outubro de 1835, foi nomeado plenipotenciario em missão especial em Londres. Sua acção, entretanto, teria de estender-se, muito ampla, a innumerous outros encargos no Continente.

Para cada qual recebeu plenos poderes e instrucções especiaes. Limpo de Abreu, em 3 de novembro, expedia-lhe as que se referiam a incumbencias de character economico. Alves Branco, a 23 de outubro, as que diziam respeito ás varias questões diplomaticas que tinha poderes para resolver até o ponto da ratificação das convenções a firmar. José Ignacio Borges, em 23 de março de 1836, subscreveria plenipotencias e instrucções que o habilitaram a cuidar de nossos problemas suscitados pelo tratado do commercio de 1827.

Munido de todos esses documentos, uns que levava, outros que lhe seriam remetidos, chegou Barbacena a Falmouth em 18 de dezembro. Perante o governo britannico, trataria do trafico, dos direitos de importação marcados em 1827.

Continuavam ainda as instrucções de Alves Branco: "Além desta incumbencia que o regente tem por muito recommendada a V. Ex., cumpre que

V. Ex. procure uma intervenção poderosa para com a Santa Sé, pela qual se conclua conciliatoriamente, o negocio da nomeação e da confirmação dos bispos do imperio do Brasil, que a tanto tempo pende com desar de ambas as côrtes, autorizando a V. Ex. para asseverar que o governo do Brasil tratará quanto antes de restabelecer a antiga disciplina da igreja, si acaso a mesma Santa Sé continuar a recusar a actos de tão manifesta justiça, e politica, e de que tanto depende a harmonia de ambas as côrtes, que o regente muito deseja conservar inalteravel”.

Vinham em seguida encargos vários sobre colonisação, resgate de papel moeda, fontes artesianas, pontes e calçadas, barcos a vapor, professores de agricultura suissos, e finalmente, contractar “duas familias de irmãos moravios, que se obriguem a estabelecer no Brasil, e empregar-se na civilisação e cultura dos nossos indigenas”.

A seu turno, Limpo de Abreu, ministro da justiça e interino do imperio, pedia-lhe se occupasse de fundar ou de obter a organisação de uma ou mais companhias para construir estradas de ferro do Rio a Minas, Bahia e Rio Grande do Sul, de accordo com a lei de 31 de outubro de 1835, segundo o plano de favores já concedidos á empresa fundada para fazer a navegação do Rio Doce.

Para suas multiplices missões, forneciam-se-lhe copias de toda a documentação existente sobre ellas.

Quanto á questão religiosa, vinha perfeitamente exposta no officio de Luiz Moutinho, enviado a Bento da Silva Lisboa em 27 de setembro de 1833. Em face desse papel, mais extranha parece a redacção das instruções de Alves Branco. “Restabelecer a antiga disciplina da igreja” era as-

sumpto da propria Igreja, e o querer assumir tal encargo um poder temporal, era o schisma, com que o sacerdote Feijó ameaçava o vigario de Christo. E o erro diplomatico, de querer negociar, intimidando; e o ridiculo da ameaça, quer materialmente, quer no dominio espirital!... Nada disso enxergavam o regente e seus ministros.

Não se pode achar explicação para o proseguimento de tal politica se não na meia-ciencia e na teimosia reinantes no gabinete do Rio em assumpto puramente religioso, e no desconhecimento de que, a ser precisa uma mudança prudente na disciplina, só negociando com a Sé Apostolica se poderia realisar-a. Quanto á instituição canonica, fôra loucura querer impor seu deferimento á consciencia do chefe visivel da Igreja, em paiz, como o Brasil, no qual a religião era official e, dado o primado universal do Papa, se lhe não ajustaria o consideravel-o principe estrangeiro.

Tudo se fez, ou antes, se tentou, a pretexto do espirito liberal. Na realidade, liberdade e visão das soluções futuras estavam com os que propugnavam manter o texto constitucional até que novas negociações abrissem caminho ao advento da verdadeira justiça. Esta, só a Republica firmou, ainda na base christã, quae sunt Caesaris Caesari, et quae sunt Dei Deo, pois a separação foi o reconhecimento das duas sociedades parallelas e perfeitas: a espirital entregue exclusivamente ás igrejas e sem intromissão temporal; a sociedade temporal, confiada aos cuidados dos governos por ella escolhidos.

A’ exposição tão clara de Luiz Moutinho o novo ministro dos estrangeiros, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho havia respondido em 28 de fevereiro de 1834. Insistia em que

os projectos parlamentares subscriptos pelo padre Moura em nada se oppunha ao dogma, sendo méros pontos de disciplina. "Estando, pois, a regencia com razão resentida deste injusto procedimento do santo padre, mas desejando sempre mostrar todo o respeito e veneração filial ao chefe da santa igreja catholica, determina que V. S. continuando a empregar o mesmo zelo e intelligencia que tem tão louvavelmente mostrado neste grave negocio, se dirija novamente a Santa Sé, e depois de pedir unicamente a dispensa do impedimento que procede do defeito do nascimento, faça ver em os termos mais energicos, mas ao mesmo tempo respeitosos, que a regencia sem intentar promover quebra, sem se propor á suscitar de novo contestações, que já por muitas vezes tem tido em discordia o summo pontifice com principes catholicos, e sem offender os direitos da primasia, está resolvida irrevogavelmente a sustentar a dignidade e soberania da nação, o seu incontestavel direito de padroado e o amplo exercicio do art.º 102 § 2.º da constituição do imperio na effectividade da nomeação do bispo que considera digno da sua escolha, instando pela confirmação della por esta forma até agora tolerada, com a deliberação no caso de se instar na negativa de a mandar fazer dentro do imperio, na fórmula da antiga disciplina da igreja a exemplo dos soberanos catholicos."

Mostra essa transcripção que havia sido fiel Vasconcellos Drummond em ameaçar com a sagração schismatica no Brasil, e que o desmentido de Alves Branco, em seu aviso de 4 de dezembro de 1835 não tinha base. Quando muito seria um arrependimento, por ter ultrapassado os limites a dou-

trina de Aureliano, na vigencia da religião official.

Não chegou Barbacena a intervir nessa espinhosa controversia. A 26 de março de 1836, José Ignacio Borges lhe remetia mais uma copia, a do aviso passado a 24 ao encarregado de negocios em Roma, suspendendo toda e qualquer troca de explicações. "Quanto ao negocio do bispo eleito do Rio de Janeiro, remetto a V. Ex. junta a cópia do despacho que nesta occasião se dirige ao nosso encarregado de negocios em Roma, afim de V. Ex. sciente do seu conteúdo, faça delle o uso que mais acertado parecer".

Deante de instrucções nem sempre harmonicas, e com o rompimento decidido pelo governo imperial de toda e qualquer negociações com a Santa Sé, só lhe cabia abster-se. Foi o que fez.

No Rio proseguiria o debate.

A atmospheria pesada em que se iniciou a sessão de 1836, logo revelou a força predominante da opposição chefiada por Bernardo de Vasconcellos. Deu-lhe novo impulso o trecho da Falla referente ao Summo Pontifice. Talvez não na proporção marcada por D. Romualdo, mas certamente muito contribuiu para a formação do nucleo parlamentar que forçou Feijó a renunciar á regencia, em 19 de setembro de 1837.

Rompeu o fogo, na discussão do voto de graças, em 9 de maio. A commissão redactora, composta de amigos do governo, Calmon Martins e Rodrigues Torres, tinha proposto o seguinte topico: "Lamenta porém a camara a collisão em que está o governo imperial com Sua Santidade; e espera que, sem quebra das regalias da corôa, e sem compromettimentos dos interesses nacionaes, o mesmo governo conseguirá evitar que

se alterem as nossas relações com o chefe da igreja universal.”

Cuidadosamente, haviam evitado qualquer expressão que pudesse parecer desejo mesmo longinquo de solver o conflicto, como pedia o governo. Mas, os termos geraes em que fôra vasada a resposta poderiam prestar-se a duvidas, de sorte que, na discussão, timbravam os oradores em salientar um ponto de vista contrário ao regalismo intensivo de Feijó e de seus ministros. Fizeram-se ouvir alguns dos mais acatados membros do Parlamento, e todos, inclusive os redactores governistas do voto, accentuaram seu parecer opposto ao da regencia. Limpo de Abreu, sósinho, ministro da justiça, foi o unico a pugnar por uma declaração conforme ao pensamento de Feijó. Não conseguiu.

Por duas vezes falou Honorio Hermeto. Na primeira, pediu que fosse mais clara a resposta ao Throno. e que a commissão abordasse o ponto de apresentação e da confirmação dos bispos. Na segunda, reconheceu que a disciplina da Igreja é um direito do primado, que o poder temporal não podia revogar actos della, sim, apenas, suspender sua execução. Quanto a saber si convinha ao governo entrar nessa questão da instituição dos bispos, respondia não.

Manoel do Monte, que seria mais tarde bispo do Rio e conde de Irajá, votava pelo periodo do voto de graças, com um accrescimo declarando que a Assembléa não estava disposta a um rompimento com Roma.

Calmon, o futuro marquez de Abrantes, lembrou ser factó incontestavel que a Curia, havia quatro seculos, estava no goso desse poder de confirmar, e que era pacifica a doutrina entre catholicos. Retirar tal prerogativa não era aconselhavel. A redacção do topico obedecia a essa

preocupação de se não alterarem as relações com a Santa Sé. Em segundo discurso, apoiou fortemente os direitos da Igreja, e julgou imprudente a inoportuno nelles tocar.

Bernardo considerou o caso de seu duplice aspecto canonico e politico. O governo andára mal, em seu parecer, e fôra descortez. O Legislativo não tinha poderes para exegese do Evangelho, e a Falla do Throno éra um convite a isto, á heresia, ao schisma. A Igreja, sociedade tão perfeita como divina, legislava para seu governo sem auxilio do poder temporal; este nenhum direito possuia para intervir em tal esphera espiritual, nem tocar na disciplina, quanto mais no dogma. Fazel-o, seria a independencia das egrejas nacionaes, sem nexo “com essa cadeira eterna sobre que Jesus Christo fundou a sua igreja. Desapparecerá o catholicismo; pois não ha catholicismo sem unidade”. Caso o alvo fosse este, approvassem o projecto do deputado Raphael de Carvalho.

Ao grande Bernardo de Vasconcellos quiz o amigo de Feijó, Paula Araujo, cobrir de ridiculo apontando e lendo uma emenda por elle proprio apresentada em 12 de julho de 1827, na qual se visava modificar pontos de disciplina. Conseguiu fazer rir a Camara, a expensas do deputado mineiro. Teve este resposta facil, e triumpho immediato: mostrou que tal desejára mediante o “entabular negociações com a Curia romana”, isto é tratando com a auctoridade competente para legislar no assumpto. Tinha apresentado a emenda em momento de exagero nas exigencias da Sé Apostolica e de fraqueza do governo imperial no acquiescer a tudo. E, apesar de novas risadas da Camara, affirmou não haver contradicção com sua nova attitude: o primado não existia desde os tempos

Como iria o poder temporal resgal-a? Acatar o Soberano Pontifice, como declarava a Falla do Throno, e negar-lhe a auctoridade era bem o que um escriptor denominava "schisma respeitoso". Não havia duvida em poder variar a disciplina, mas só á Egreja cabia alteral-a. De accordo com esta, pois, se devia agir.

Não padecia contradicção afirmar serem as concordatas tratados bilateraes. Como justificar seu descaso por um só dos contractantes? Entre Portugal e Roma não havia concordata expressa, sinão perfeito accordo e explicito reconhecimento de prerogativa da Santa Sé. Como viria agora o Brasil, sem concurso da outra parte, rasgar o habito muitas vezes secular? Citava a renhida peleja da Restauração, na qual, por motivos politicos, o papa Innocencio X não quizera confirmar os bispos do reino independente, para não sancionar destarte a revolta contra o dominio hespanhol. Mesmo então, e quando viuas quase todas as sés portuguezas, existindo apenas um bispo octogenario, D. João IV não quiz recorrer ao processo tumultuario ora lembrado. Por isso affirmava Pascoal José de Mello "*Varia fuit pro ratione temporum disciplina circa electiones Episcoporum, quam recensere intituti nostri non test; illud vero adfirmo Lusitaniae Reges statim initio Imperli Ecclesiis gubernandis Episcopos praefecisse, et summo Pontifice, ut ab eo confirmareitur, designasse.*"

A idéa de alterar a disciplina, pela só auctoridade do poder temporal era pois subversiva do governo da Egreja, de sua independencia, contraria ás decisões tridentinas, destinctiva do accôrdo entre os dois poderes e da pratica immemorial observada no Imperio.

Inutil e ociosa, ademais, pelo menos no momento. Ver-se-iam recur-

sos do papa para o metropolitano, o que era absurdo. Maior golpe se não poderia dar na unidade catholica. E si um metropolitano, em tal regimen approvasse determinada doutrina de um bispo, contra os canones, entretanto? Como agiria o governo, ligado pela Constituição a defender esses mesmos canones? Recorrer á violencia? Todo o despropósito decorria da inversão dos principios sãos: acatar a pessoa e a auctoridade do chefe visível da Egreja.

No caso concreto, então, maior parecia o erro. Que pedia a Santa Sé? Sendo contrarios á disciplina geral esses projectos subscriptos pelo bispo eleito, o Papa "Primeira Sentinella do Sagrado Deposito da Doutrina", queria uma explicação do acto, partindo de um futuro membro do episcopado.

O facto de ser este um deputado não importava em coagir sua liberdade de opinião, pois conservava sempre o sacramento da ordem que o instituia sacerdote.

E não seria imprudente romper com Roma, numa phase em que tudo eram vacillações, e ameaças, afrouxar esses laços preciosos da unidade religiosa, que constitue a belleza e o vigor da sociedade christã?

Foi grande a impressão desse discurso, que orientou opiniões um pouco divergentes. Polarizou as criticas para o alvo do respeito á Constituição, do acatamento á separação entre o espirital e o temporal.

Mais tres vezes, neste debate, teve de, episodicamente, intervir o primaz do Brasil. Mas a victoria já estava ganha, desde o primeiro discurso, e a repetição de argumentos só veio confirmal-a.

Com os commentarios, quase unanimes, que o interpretavam, o topico do voto de graças era condemnação formal do malfadado conselho inserto

na Falla do Throno. Com uma emenda de Honorio Hermeto, ordenando parar qualquer iniciativa legislativa "E por isso entende, que por agora não lhe cumpre tomar alguma outra medida", foi approvada a redacção offerecida.

Não se illudiu Feijó, e comprehendeu que estava derrotada sua intenção. Manteve a ordem transmittida a Vasconcellos Drummond de interromper qualquer debate sobre a confirmação do bispo eleito.

Não ficou, entretanto, sómente nisto a censura parlamentar á politica religiosa do regente. A incumbencia, dada a Barbacena, de contractar irmãos Moravios, lutheranos portanto, para a catechese dos indios, veio á baila na discussão do orçamento do ministerio do Imperio, pois o havia citado o relatorio do ministro José Ignacio Borges. Por occasião do exame pela Camara, já fôra este substituido por Limpo de Abreu que teve de responder ás criticas. Realmente, como, em paiz de religião de Estado, se entregava a chamada de infieis e idolatras ao gremio christão, a uma variação protestante, adversaria do catholicismo? Vasconcellos, o arcebispo da Bahia e outros combateram a medida, de que o governo teve de desistir. Cada vez crescia a desconfiança da Assembléa contra os intuitos anti-catholicos do regente. Bernardo propoz, para lhes fazer contrapezo, se creasse uma faculdade de theologia.

Augmentava, de dia para dia, a opposição ao governo, por estes e outros actos que revelavam sua acanhada apreciação das condições reaes do paiz. Terminou a sessão sem leis que visassem interesses publicos, uma das causas da amarga e loconica Falla de encerramento de 31 de outubro de 1836: "seis mezes de sessão

não bastavam para descobrir remedios adequados aos males publicos: elles, infelizmente, vão em progresso: oxalá que na futura sessão o patriotismo e sabedoria da assembléa geral possa satisfazer ás urgentissimas necessidades do Estado!"

Falhava ainda outro plano de ameaça ao Santo Padre. O trecho da Falla da abertura era o cumprimento da ameaça contida no aviso de rompimento de José Ignacio Borges, em 24 de Março de 1836. Foi logo o documento remetido a Vasconcellos Drummond. Facil de conjecturar a surpresa deste, quando verificou que a Curia já o havia recebido, mas que Fabbrini tinha tido o cuidado de juntar tambem um resumo da discussão parlamentar. Assim, em vez de triumphar, era Feijó derrotado em Roma, onde os acontecimentos do Rio despertavam enthusiasmo por evidenciarem que a Campanha anti-catholica se limitava a poucos corypheus, e que, Parlamento e opinião publica, estavam ao lado do Summo Pontifice, do primaz do Brasil e da corrente orthodoxa.

Não mais proseguiu a lucta. A regencia manteve silencio no lebate da confirmação. A correspondencia diplomatica, da qual extrahimos os informes reste capitulo, trata de assumptos diversos, mas emmudece sobre o bispo eleito do Rio.

Abrem-se duas excepções, a 4 de fevereiro e a 18 de março de 1837. No officio da primeira data, Drummond accusa ter recebido as copias da interpellação do encarregado de negocios da Santa Sé e da resposta dada a Fabbrini pelo governo. A este felicitava pela energia de seus termos. No documento da segunda data, communicava o que se déra na Congregação á qual a Curia consultava sobre o incidente.

Já o regente proseguir á fr blicos. Padre, disciplina da lava a Constituintimento catholico Governo civil, ções partidaria para seus co deiros chefes tar. Em todos fôra das norm por méro capri soal, timbrava minho legal, ch Vasconcellos e ministeriaes.

Descrevemos, o desfecho do va a lei, e o n Pedro de Araujo accordo com a los debates nas

Havia fracassa matica.

Não solvia, ce queda de Feijó, poder do gabinet de que era figu do Pereira de V defensor leigo d na nas relações anterior.

Ficavam de pé para a nomeaçã tos, um dos tres ser trilhado: a re firmiação, a retir governo ou a de dotes eleitos.

As duas prime riam a susceptibi por parte de Beri gente, Araujo Li grande ytuano, p piradas por espir tilidade pessoal o vencido.

Já o regente sentia que não podia proseguir á frente dos negócios publicos. Padre, contrario ao papa e á disciplina da Igreja official, violava a Constituição e offendia ao sentimento catholico das populações. Governo civil, desobedecia ás indicações partidarias recusando-se a ter para seus colaboradores os verdadeiros chefes da maioria parlamentar. Em todos os sentidos, estava fóra das normas constitucionaes e, por méro capricho e antipathia pessoal, timbrava em não entrar no caminho legal, chamando Bernardo de Vasconcellos e seus amigos, ás pastas ministeriaes.

Descrevemos, em outro capitulo, o desfecho do conflicto. Triunphava a lei, e o novo regente interino, Pedro de Araujo Lima logo agiu de accordo com a situação revelada pelos debates nas Camaras.

Havia fracassado a tentativa schismatica.

Não solvia, comtudo, a questão a quéda de Feijó, nem a ascensão ao poder do gabinete de 19 de setembro, de que era figura primacial Bernardo Pereira de Vasconcellos, o maior defensor leigo da verdadeira doutrina nas relações com Roma, no anno anterior.

Ficavam de pé as apresentações, e, para a nomeação de novos candidatos, um dos tres caminhos tinha de ser trilhado: a recusa official da confirmação, a retirada da proposta do governo ou a desistencia dos sacerdotes eleitos.

As duas primeiras alternativas fariam a susceptibilidade do governo; por parte de Bernardo e do novo regente, Araujo Lima adversario do grande ytano, podiam parecer inspiradas por espirito partidario, hostilidade pessoal ou tripudio sobre um vencido.

Restava a terceira, a que D. Romualdo já tinha prestado seu apoio, suggerindo ao padre Moura uma retractação ou um acto de plena obediencia, propondo-se até a auxiliá-lo em Roma com seu prestigio episcopal. Nada conseguira, na regencia precedente, embora asseverasse o interessado por vezes ter assignado o parecer sobre os impedimentos matrimoniaes coagido pelas circumstancias, e não por convicção. "As influencias do dia", na phrase das *Memorias*, ainda o dominavam. Tal solução era, evidentemente, a que mais convinha á Curia, pois eliminava qualquer conflicto.

Urgia dar um desfecho. Desde 1833, no Rio de Janeiro, desde 1835 em Mariana, estavam viuvias de seus preladados as duas sés, na expressão consagrada. Era necessario obter as desistencias.

Com Feijó seria facil, pois nunca acceitára a eleição. Com Moura, o caso não apresentava o mesmo aspecto: nem era teimoso como o paulista, ou aferrado ao regalismo excessivo deste, nem tinha a mesma significação pessoal do antigo ministro, regente, e ainda então senador do Imperio, de prestigio tanto que, em 1839, iria presidir a Camara vitalicia.

Ambos, em 1838, o primeiro em 10 de Julho, e o segundo a 1.º de outubro, officiarão a Bernardo ministro da Justiça e interino do Imperio. Os dous documentos em que vieram publicadas as renunciias trahem a psychologia e as convicções dos signatarios.

Feijó, no *Observador Paulistano* de 4 de setembro declarava: "Tendo eu escripto alguma cousa sobre diferentes pontos de disciplina ecclesiastica, havendo tambem pronunciado alguns discursos na camara dos

Srs. Deputados sobre o mesmo objecto; ainda que esteja convencido da mesma doutrina, e tudo isto fizesse persuadido que zelava da mesma igreja catholica, de quem sou filho e ministro, e que attentava a bem da salvação dos fiéis: comtudo, constando-me que algumas pessoas extranharam, não só minhas opiniões como algumas expressões pouco decorosas á mesma igreja e ao seu chefe; não querendo eu em nada separar-me da igreja catholica, e ainda menos escandalisar a pessoa alguma; por esta declaração revogo e me desdigo de tudo quanto pudesse directa ou indirectamente offender a disciplina ecclesiastica, que a mesma julgar dever ser conservada ou a pessoa alguma. Esta minha declaração he espontanea, filha unicamente do receio de haver errado, apesar das minhas boas intenções; e he tanto mais desinteressada que, ha pouco, acabei de declarar ao governo de S. M. I. que eu nunca acceitei a nomeação de bispo de Mariana, nem a carta de apresentação que então se me quiz entregar. Deus queira, que se algum escandalo he dado por causa de taes discursos e escriptos, cesse elle com esta minha ingenua declaração. S. Paulo, 10 de Julho de 1838."

Uma só cousa era clara, a confirmação da recusa do episcopado. Quanto ás opiniões dissidentes de igreja, elle as mantinha e as revogava ao mesmo tempo. Era o homem de combate de sempre: vencido, não convencido.

Outro, de obediencia e de humildade religiosa, o tom da retractação do padre Moura, a qual se publicou na Aurora Fluminense de 31 de maio de 1839. Era dirigida ao ministro Vasconcellos. "Sentindo profundamente que a igreja fluminense tenha por tanto tempo arrastado o pesado

luto da viuvez em que ficou pela morte do seu digno pastor, e isto sem duvida porque a nomeação do que devia succeder recahiu sobre mim, contra quem, talvez por motivos politicos, tanta intriga se suscitou, e desejando ardentemente ver terminado este luto, e que desapareção de uma vez as desagradaveis occurrencias que infelizmente tiverão lugar que tanto me tem compungido, dirijo-me a V. Ex. renunciando, como renuncio, a nomeação que de mim se fez para bispo do Rio de Janeiro, para que V. Ex. se digne levar esta minha renuncia ao conhecimento do regente em nome do Imperador.

Dando espontaneamente este passo, que ha muito tempo teria dado se circumstancias melindrosas, que escuso referir, me não tivessem retido, eu peço a V. Exa. licença para dizer, que de todas as imputações quantas se fizerão, só huma amargurou em extremo o meu coração, e foi o supôr-se que os meus sentimentos e principios religiosos não erão em tudo conformes com os que ensina e observa a santa igreja catholica, apostolica, romana, de quem sempre fui, e espero ser até a morte, filho obediente e seu ministro; e por isso, querendo desviar de mim a mais leve suspeita que possa haver em huma materia tão delicada para todo o catholico, mas muito principalmente para hum ministro da religião, permitta V. Ex. que eu declare com toda a candura e da fórma a mais solemne possível, porque fallo perante o governo, e desejaria fallar perante o mundo todo, que eu sempre acreditei nas verdades reveladas contidas nos livros sagrados, e na tradição. Estando firme nesta crença, sempre respeitei e tenho procurado observar os canones da igreja e as

constituições dogmaticas p
nares dos soberanos po
reconheci sempre con
sucessores do principe
e chefes visiveis da ig
qual não póde haver s
mo tambem se me imp
ções de innovação da do
peito do sacramento do
sem duvida porque pr
assignatura a hum proje
pareceu se não encamin
lhante fim, permitta-me
Ex. que eu declare que s
jecto alguma expressão h
de se pudesse inferir seme
clusão, eu na melhor bo
pude descobrir; mas qua
reclamo minha assignatur
acerca do sacramento do
reprovo e condemno tudo
provão e condemnão os c
nes do concilio de Trento,
teiramente tudo quanto se
tabelecido na Sess. 24 de
Matrim. assim como nas
ções pontificias, e principa

constituições dogmaticas e disciplinares dos soberanos pontifices, que reconheci sempre como legitimos successores do principe dos apostolos e chefes visiveis da igreja, fóra da qual não pôde haver salvação. Como tambem se me imputou pretensões de innovação da doutrina a respeito do sacramento do matrimonio, sem duvida porque prestei minha assignatura a hum projecto que me pareceu se não encaminhar a semelhante fim, permitta-me tambem V. Ex. que eu declare que se nesse projecto alguma expressão havia de onde se pudesse inferir semelhante conclusão, eu na melhor boa fé, a não pude descobrir; mas quando exista reclamo minha assignatura, pois que acerca do sacramento do matrimonio reprovô e condemno tudo quanto reprovô e condemnô os doze canones do concilio de Trento, e sigo inteiramente tudo quanto se acha estabelecido na Sess. 24 de Reform. Matrim. assim como nas constituições pontificias, e principalmente na

constituição. — Auctorem fides — de 28 de agosto de 1794; terminando por dizer que sempre recebi e abracei as disposições disciplinares do mesmo concilio de Trento, e que já-mais aconselhei, antes sempre me oppuz á abolição do celibato ecclesiastico, cuja lei, até por escripto, reconheci como santa e justa. Fazendo estas declarações, que julguei necessarias em desaggravo dos meus principios orthodoxos, só me resta pedir ao governo de S. M. I. que se digne acceitar a minha renuncia. Deus guarde a V. Ex. — S. Paulo, 1.º de outubro de 1838”.

Estava definitivamente encerrado o incidente, morta a tentativa schismatica. Nunca mais se renovaria, por esses motivos, até a solução final dada pela Republica, com a separação das duas sociedades perfeitas a espiritual e a temporal.

Poude então fazer-se o preenchimento das duas sés vacantes, nos termos da Constituição e da disciplina da Egreja.

Democracia e Corporativismo

OLBIANO DE MELLO

TUDO está a indicar a quem se incline attento sobre o "front" politico deste terço de seculo que estamos em presença, ou melhor, vivendo intensamente os preludios de uma Nova Era. Effectivamente, parece que a historia vae registrar, mais cedo do que era dado esperar, o encerramento do cyclo de mais uma Civilização, da qual deverá sahir um novo mundo melhor posto e collocado diante da Razão e da Moral.

Dos destroços da Communa que a historia avaramente recolheu, desde que Mac-Mahon a esmagou em 1871 resurge, qual Phoenix imprevista, e do meio do chaos politico dos dias que correm, uma época marcadamente revolucionaria que, forçosamente, subverterá toda a ordem vigente e correlatamente operará uma formidável transmutação economica da em que, bem ou mal, desde o seculo passado, povos e nações vinham alicerçando o equilibrio mais ou menos estavel entre as tres grandes classes que formam a sociedade contemporanea: a grande burguezia, o proletariado e a pequena burguezia.

Assistimos hoje, mais que nunca, a uma lucta encarniçada de classes, a uma terrivel pugna entre o Capital e o Trabalho detido e manejado o primeiro por uma minoria que tudo possui e tudo collocou a serviço do controle, cada vez mais asphixiante do segundo. Claramente, do campo de bata-

lha em que, disfarçadamente ou não, estes dois grandes agentes da Produção, de certo tempo a esta parte, se chocam, levados pelo "materialismo historico", que sempre ambientou a economia publica e privada, parece, ha de surgir uma nova mentalidade, uma nova e sadia ordem de cousas.

De um lado o Capital em mãos da grande burguezia a dirigir os Estados modernos (excepção do sovietico e do fascista), do outro o Trabalho praticado pelo proletariado de mãos dadas com a pequena burguezia, irmanados pelo soffrimento e pelas privações que, paradoxalmente, decorrem do facto de **TUDO DAREM PRODUZINDO SEM QUASI NADA RECEBEREM EM TROCA**. Si estabelecermos com a devida serenidade um paralelo exacto entre os prodromos da Revolução Franceza e os dias inquietantes que passam, haveremos de concluir que, si bem diferentes as causas remotas e proximas do grande movimento insurreccional de 1789, derrubando a nobreza e dando ganho de causa ao **TERCEIRO ESTADO**, o seu processus revolucionario foi caracteristicamente semelhante ao que vem tão accentuadamente actuando na consciencia social hodierna infiltrando-se e abalando, investindo-se e brechando a grande muralha granitica por detraz da qual, tão commodamente, por um passe de magia politica, a grande burguezia, ao expropriar em nome do povo, em plena Revolução, a nobreza

DEM

e o clero, se acastel
dias.

Então a palavra encyclopedistas, (D'A
rot), de Montesquie
Rousseau, Linguet e t
vasada em livros, em
tinha sido ouvida ain
lha da rua". Passou el
tempo e a sua hora, pa
ções intimas, os clubs,
não morreria ali. Não
morrer ali. Transbordo
empolgando as multidõ
rar, tão violentamente,
uma época.

Ahi estão agora, para
quizer sentir, os prelu
nova tragedia historica
caprichos do Destino, m
vieram, tão pacientemente
dida que a humanidade e
tes cataclysmas sociaes,
proximam chronologicame
outros, pois, foram precis
los para que a Idade Ant
passagem a Média que, p
consumiu 1.000 longos anno
tar as costas á Renascença
ria, em seguida, ás porta
onde se encerraria, com o
Moderna. Iniciada d'ali em
contemporanea, já em 1918
vam a se delinear por tod
os signaes caracteristicos de
colapso social. Já agora,
ronda de um seculo a outro
uma Civilização que deu a
todas as possibilidades de c
bem estar, mas que não se
ria porque não seria ainda n
XIX que a humanidade hav
tragar o ultimo calice de a
que o egoismo innato do Hom
piens ha de sempre lhe leva
longo de todas as épocas...

Qual, porém, a causa, o lei

e o clero, se acastelou até os nossos dias.

Então a palavra doutrinaria dos encyclopedistas, (D'Alembert e Diderot), de Montesquieu, Saint-Simon, Rousseau, Linguet e tantos outros — vasada em livros, em pamphletos, não tinha sido ouvida ainda pela “canalha da rua”. Passou ella, porém, a seu tempo e a sua hora, para as conversações intimas, os clubs, os salões. Mas não morreria ali. Não poderia mesmo morrer ali. Transbordou para as ruas empolgando as multidões para encerrar, tão violentamente, o prestigio de uma época.

Ahi estão agora, para quem bem os quizer sentir, os preludios de uma nova tragedia historica que os máos caprichos do Destino, mais uma vez, vieram, tão pacientemente, preparando á geração humana.

E é para se registrar aqui esta verdade de ordem sociologica que a medida que a humanidade envelhece estes cataclysmas sociaes, mais se aproximam chronologicamente uns dos outros, pois, foram precisos 40 seculos para que a Idade Antiga cedesse passagem a Média que, por sua vez, consumiu 1.000 longos annos para voltar as costas á Renascença que a levaria, em seguida, ás portas de 1789, onde se encerraria, com o Terror, a Moderna. Iniciada d'ali em diante a contemporanea, já em 1918, começavam a se delinear por toda a parte os signaes característicos de um novo colapso social. Já agora, na curta ronda de um seculo a outro, finou-se uma Civilização que deu ao homem todas as possibilidades de conforto e bem estar, mas que não se eternizaria porque não seria ainda no seculo XIX que a humanidade haveria de tragar o ultimo calice de amargura que o egoismo innato do Homo — sapiens ha de sempre lhe levantar ao longo de todas as épocas...

Qual, porém, a causa, o leit-motiv

deste grande novo crack que ameaça todo o edificio social contemporaneo?

*

**

Devemos retornar a 13 annos aqui atraz, para em Versalhes focalizarmos o espirito que predominou na assignatura do Tratado de Paz celebrado entre as nações belligerantes da grande guerra. Alli encontraremos, desmascarados os seus propositos, num rendez-vous internacional, supinamente egoista, o individualismo, que arcabouça todo o Estatismo moderno dirigido e controlado pela grande burguezia deste seculo e que arrastou as massas trabalhistas, de cada paiz em armas, ás trincheiras para, servindo de chair au canon, aparentemente, deffenderem ellas o principio “sagrado” da “soberania das nações”, porém, no fundo e na realidade, para defeza dos multiplos e variados interesses do Capitalismo em jogo. Da ferocidade egoista, nascida de um seculo de “liberalismo”, ao assignar com a penna de Clemenceau o pacto mais ignominioso que a historia registra, decorreriam no andar dos annos serios acontecimentos que mudariam, como de facto já começaram a mudar, o facies politico — social da época em que vivemos.

De Versalhes partiria o signal de derrocada de toda uma Civilização porque o mundo, d'ahi em diante, entraria em desordem por não ter sido superiormente reajustado, num sentido eminentemente humanista, a economia de cada povo e cada nação. D'ahi em diante nações e povos passariam a soffrer as consequencias tremendas de uma série enorme de erros e de crimes que a escola liberal e individualista de Adam Smith deu nascimento ao longo do seculo passado e que, se avolumando e aggravando futuro a dentro, forçosa e logicamente explodiriam, como explodiram, em

uma grande convulsão violenta como foi o hiato de sangue que mediou de 1914 a 1918. Terminada a guerra surge, como sua consequencia forçada, o toque de sentido, em todos os paizes, de rumo ás fabricas e de rumo aos campos, na ansia incontida de tudo se recompor, de tudo se reconstruir no menor lapso de tempo. Correlativamente, de um estagio industrial contemporaneo com o momento em que deflagrou o enorme conflicto, salta-se para uma super-produção industrial e agricola que, a medida que fosse crescendo, mais estancaria a sua enorme produção dentro dos grandes parques, devido a passagem brusca de regimes inflaccionistas, que sustentaram a guerra, a outros igorosamente deflaccionistas. Ao lado do phenomeno desta super-produção intensiva, surge o do *chômage* a que vieram se juntar as enormes levas de mutilados. Por outro lado a Russia e a Italia em novos rumos politicos e administrativos adoptam uma o "sovietismo", outra o "fascismo". Quebrado ambas de facto as velhas maquinas governamentaes e enxergado claro no meio da escuridão geral, enveredam em tempo para o "tomismo" politico integrando-se, cada qual, a seu modo, dentro do Collectivismo. E começa, então, uma nova guerra. Esta agora economica. Cada nação a querer vender o que produz de excesso, sem nada adquirir. Tardiamente começou-se a querer quebrar a interdependencia economica de umas com as outras. Era um passo errado, porém, o que ensaiavam ellas — fechando cada qual os seus portos aos productos externos com um proteccionismo contraproducente. De outra parte o sovietismo que não poderá viver praticando o "socialismo" em um só "estado", investe contra os regimens capitalistas do Occidente, provocando "dumpings" e com elles tentando subverter a sua ordem economica. Ao depois o

panico nas bolsas de New York e Londres em fins de 1929, com reflexos pronunciados no resto do globo, o agravar das guerras aduaneiras, a vigencia dos "dumpings", as greves, os lock-out, as revoluções...

**

Decididamente o mundo está doente. Entraram em crise o Capitalismo e a grande burgueia e com elles a Democracia, filha do suffragio universal, e á sombra da qual sempre medrou o profissionalismo politico sobre cujos hombros pesa, neste momento, toda a responsabilidade do seguinte quadro em o qual procuraremos fazer reflectir, em esboço rapido, a situação difficil em que se debatem todos os povos civilizados da terra. Assim é que ao lado de um "armamentismo" que não conhece peias por parte das grandes nações, outras extenuadas, entregues a verdadeira anarquia; ao lado do accumulo de mercadorias-valores, representadas por milhões de saccas de trigo, café, assucar, fazendas, adubos, ferramentas agricolas, petroleo, carvão, kerozene, etc. — homens a morrer de fome, sem cobertura e sem tecto — attingindo a onda dos sem trabalho, conforme estatisticas que estão longe de revelar toda a verdade, a cifra phantastica de 30 milhões de individuos.

Ao lado da hesitação, das directivas imprecizas dos methodos de trabalho e administrar dos regimens democraticos — liberaes — a audacia inquietante do "plano quinquenal" sovietico ou das realizações dynamicas dos processos fascistas. Ao lado de revoluções caracteristicamente politico-sociaes como a de 1917, na Russia, a de 1918, na Allemanha, a de 1922, na Italia, a de 1930, na Hespanha, — a onda caudilhesca "criola", feudalista dos pronunciamentos politicos-militares do Perú, Bolivia, Argentina, Brazil, Chile,

Equador, Paraguay, America Latina varcanto por desordens apoio inconsciente e porém, no fundo mcadeados sem ideol sem programmação p não ser a derrubada garchias empoleirada mente no Poder, por do os mesmos proces e administrar a cot lado da Inglaterra, seculos num "cons nhado por um sentin ta que sempre deu senso grave da orde qual, temporariamer de pé o throno, me: volta pacifica de sua l quebra de seu padrã tembro passado, — a l manha a trocar shak sos", na realidade, en rando-se ambas para ramento proximo. Ac europismo economico Aristides Briand — o a que se entregou, á Inglaterra após as u seguida das demais França á vanguarda. invasão do "marxismo camadas sociaes quer gado pelo sovietismo mo, ambos, em ultima puro syndicalismo-coll cismo" jacobinamente los Nazi de Adolph H e apoiando a realida uss" austro-allemao, para a Confederação vos teutonicos. E aind as unicas armas com entou na Mesa Redo a de suas vestes e a ica de seu physico d onicos da escravidão igo britanico) — impõ

Equador, Paraguay, — toda a America Latina varrida de canto a canto por desordens e sangue, com o apoio inconsciente ou não do povo, porém, no fundo movimentos desencadeados sem ideologias conhecidas, sem programação pre-estabelecida a não ser a derrubada violenta de oligarchias empoleiradas constitucionalmente no Poder, por outras, esposando os mesmos processos de governar e administrar a cousa publica. Ao lado da Inglaterra, mergulhada ha seculos num "conservantismo" banhado por um sentimento nacionalista que sempre deu ao seu povo o senso grave da ordem e graças ao qual, temporariamente, mantém-se de pé o throno, mesmo com a revolta pacifica de sua Home-Fleet e da quebra de seu padrão ouro, em Setembro passado, — a França e a Alemanha a trocar *shak-hands* "amistosos", na realidade, entretanto, preparando-se ambas para um entredevoramento proximo. Ao lado do pan-europismo economico defendido por Aristides Briand — o proteccionismo a que se entregou, ás escancaras, a Inglaterra após as ultimas eleições, seguida das demais nações com a França á vanguarda. — Ao lado da invasão do "marxismo" em todas as camadas sociaes quer seja elle pregado pelo soviétismo ou pelo fascismo, ambos, em ultima-ratio, todavia, puro syndicalismo-collectivista o "racismo" jacobinamente defendido pelos Nazi de Adolph Hitler inspirando e apoiando a realidade do "Anschluss" austro-allemao, primeiro passo para a Confederação Geral dos povos teutonicos. E ainda Ghandi, com as unicas armas com que se apresentou na Mesa Redonda (a pobreza de suas vestes e a magreza recheada de seu physico doentio, indices cronicos da escravidão hindú sob o jugo britanico) — impõe e exige a in-

dependencia da India, ferrado com sua gente de um nacionalismo fanaticamente apoiado no seu plano passivo de desobediencia aos codigos do imperio. Por outra parte, mais adiante, o imperialismo nipponico, pretextando defeza dos subditos do Mikado, invade e quer fazer da Mandchuria presa de guerra, já que no tratado de Portsmouth, em 1905 lhe fôra soffreado o impeto de conquista sobre aquella provincia uma das mais importantes dessa colcha de retalhos raciaes que é a China, minada e trabalhada por um grande processus revolucionario ha tantos annos já. E o conflicto a se desenvolver por mezes a oito sem uma declaração formal de guerra o que, talvez, equivalessse a ruptura de uma nova grande luta da qual todas as nações fôgem temerosas da infiltração do comunismo nas massas populares e nos seus exercitos que, diante da nova carnificina, poderiam se revoltar, internamente derrubando os governos constituídos e implantando outros realmente pacifistas.

E si saltarmos o Pacifico, iremos dar ás praias da maior democracia do seculo tambem a braços com crises de todos os jaezes, sem rumo certo, sobressaltada sua colossal civilização pela anarchia que começa a se inflectir em sua economia interna dada a multiplicidade dos interesses yankees fóra de suas fronteiras.

*

* *

Evidentemente as sociedades terão que tomar novos rumos politicos si quizerem sahir com galhardia do embate em que actualmente se entregam todas ellas, provocado pela evolução que se operou automaticamente, com o advento da maquina, do individualismo para o grupalismo.

Sente-se que ha falta de equilibrio entre povos e nações e que as massas populares com o senso agudo que, em occasiões taes, lhes é peculiar, correm em busca de um novo status-social em o qual o homem não será encarado mais como uma mera expressão individual, sosinho ou em bandos politicos, porém, tão somente quando vier como expressão fidedigna e real de seu grupo, de sua classe profissional.

Dentro deste novo estatismo, isto é, quando os apparatus politicos-administrativos forem organizados por representantes das differentes classes profissionais ou quando o Estado se apresentar como o aggregado soberanamente formado de corporações em um regimen "syndical — corporativo" ter-se-á então, os meios de se conjugar o Capital com o Trabalho. Estaremos, então, em pleno "corporativismo" em que as relações destes dois agentes da produção, controlados e vigiados de perto pelo proprio Estado, se projectarão em uma só directiva: o bem colectivo, evitando-se sinão, acabando-se de vez com o eterno problema das luctas de classes.

Para que a paz volte ao mundo necessario se torna que cada classe profissional se organize separadamente em syndicatos, estes em federações regionaes e estas em confederações na capital de cada paiz — coroando toda esta rede syndical-corporativa um ministerio: o das Corporações. Feito isto, do seio destes syndicatos sahiriam os representantes de cada classe que, á parte, iriam formar a nova maquina politico-administrativa que de verdade substituiria a que ahí está, burocraticamente imprestavel e a emperrar o desenvolvimento natural das nações si não fôr, de vez, despedaçada. E' preciso que se arranque de todos os espiritos o aforismo

que se arraigou em todas as consciências que o mal está nos homens e se o substitua por este outro: o mal está é nos regimens "democratas-liberaes" que já hoje vão ficando pela estrada da vida politica deste seculo como cousas velhas e inoperantes, e das quaes nasceu o absurdo, graças á deturpação do **democratismo**, apoiado no suffragio universal, de se entregar o Estado ás mãos da grande burguezia depois de o ter, o povo, tomado das do clero e da nobreza em 1789. Isto se deu, todavia, com uma aggravante. E' que na época actual não se pode applicar, como então, ás relações do commercio com a moeda existente, o principio marxista que a quantidade de moeda corrente deve se achar sempre determinada pelo total dos preços das mercadorias circulantes e pela velocidade da circulação.

Comparemos, para elucidação desta these, o volume de ouro e pratinos fins do secudo passado e agora em 1930. Recorramos para isto a duas estatisticas que temos em mão. Cernuschi, no seu tratado de "Anatomie de la Monnaie" (pag. 3), nos informa que em 1886 o volume destes metaes no mundo era: prata 189.400 toneladas, ouro 9.685; a "Revue des deux Mondes" (nº de Fevereiro deste anno) — prata 310.000 toneladas, ouro 21.000. Si chamarmos C volume das mercadorias-valores e M moeda metallica que regula a sua troca de detentor a detentor e considerando-se que o commercio moderno centuplicou varias vezes o seu volume em relação ao de 1886 estabelecemos, arredondando-se os numeros acima, estas duas interessantes relações:

Em 1886 — $C = M$. Em 1930 — $N \times 100 \times C = M \times 2$ sendo N o numero representando o coefficiente de centenas de vezes de augmento do

comercio moderno sobre o antigo. Essas duas relações indicam claramente que o mundo não está soffrendo "fome de mercadorias" e artigos necessarios á vida que superabundam por toda a parte, porém, sim, "fome de ouro" metal este que, qual liquido teimoso na escala do barometro que podesse servir de medida á applicação do principio de economia ha pouco citado, subiu vagarosamente quando, lado a lado, em identico tubo de registro ascencional, o commercio, vertiginosamente, galgou toda a columna rompendo, com a forca dinamica com que se elevou, o fundo do vaso que o continha.

A' quem a responsabilidade, pois, desta myopia que veda aos povos e ás nações ir directamente á causa real da situação desesperadora em que todos elles se acham?

Ao Capitalismo que não tem patria como a propria moeda não a tem e que a condensando nas arcas de meia duzia de Deuses das Finanças Internacionaes, avaramente a retem a espera de maior calorização do metal precioso, á espera de com elle, cada vez mais, dominar o estatismo democrata-liberal a seu talante, a seu praser...

Uma unica solução se impõe, assim, ao caso. A quebra do padrão ouro e a sua substituição por outro que financeiramente acompanhasse o fluxo e o refluxo das varias modalidades do commercio hodierno.

Isto, porém, attentará contra os "sagrados interesses" do capitalismo

que, na pessoa physica do grande burguez, se assenhoreou, de ha muito, das redeas governamentais de todos os poderes publicos espalhados pelo mundo. Para a tanto se chegar necessario se tornaria uma transformação radical de toda a maquina administrativa que giraria, d'ali para a frente, num sentido puramente corporativo; necessario far-se-ia que a Democracia, alicerçada no suffragio universal, fosse varrida da face do planeta e em seu lugar implantado o Estatismo Grupalista dentro do qual e fóra delle se processasse todo o trabalho humano a serviço do Capital devidamente controlado; necessario far-se-ia que se encaminhasse a economia politica moderna para o advento destas duas unicas hierarchias sociaes, já previstas e annunciadas pelo espirito avançado de Mussolini: a do Proletariado e a do Capital que, de mãos dadas, então, marchariam dentro da formula "a cada um conforme seu trabalho, sua capacidade e suas necessidades".

Para chegarmos, no entanto, a este novo estagio quantas luctas, quanto sangue e quantos sacrificios a se exigir da actual e das novas gerações? Como Voltaire, escrevendo ao Marquez de Chauvelin, em 1762, poderemos tambem dizer: "Tudo que se vê lança as sementes de uma revolução que succederá infallivelmente. A luz condensou-se de tal modo que na primeira occasião fará explosão e o resultado será um bello nateiro! Felizes dos jovens! Quantas cousas hão de ver!!!"

Credito á Mineração

MESQUITA PIMENTEL

O desequilíbrio financeiro das nações e especialmente a extraordinária baixa cambial cujas consequências estamos padecendo, tem inspirado numerosos projectos de reconstituição económica do paiz, destinados, essencialmente, a abrir e, nomeadamente, á escassez do ouro e á alta dos preços.

Noto, entretanto, que entre as muitas ideias aventadas ainda não foi proposta uma que me parece, sinão a de mais facil execução, talvez a que proporcione mais fecundos resultados: refiro-me á organização de Bancos destinados, essencialmente, a abrirem credito para a exploração de minas auríferas e outras.

Tal forma de credito servindo, como é natural e elementar, aos interesses do Banco que se propuzer exercel-o, servirá na mesma ou em maior proporção aos interesses dos mineradores e aos do governo nacional, magna pars neste negocio.

A exploração das jazidas mineraes é dispendiosissima; antes de render a mina os seus proventos, antes, mesmo, de supportar os intensos trabalhos da extracção, ella exige a applicação de vultosas sommas na inspecção prévia dos technicos para avaliarem a sua capacidade, calcularem a sua potencia, determinarem as modificações ambientes necessarias ao seu aproveitamento. O proprietario que suspeite a existencia de jazidas em suas terras,

nem sempre quererá ou poderá gastar a quantia requerida para esse exame prévio: o Banco facilitar-lhe-á a operação, emprestando-lhe dinheiro sobre a garantia hypothecaria da mina ou sob outra condição que fôr convenionada, e, si aos interessados parecer melhor, poderá executar por sua conta o serviço, contractando com o proprietario o arrendamento ou a aquisição da mina.

Outra hypothese é ficar o explorador da mina excessivamente onerado com as despesas da extracção, seja por não dispôr de capitaes bastantes para a compra de machinismos aperfeiçoados, seja por não lhe compensar, o fraco rendimento da mina, o custo elevado da sua exploração. Em ambos os casos o Banco lhe poderá prestar inestimavel auxilio, seja emprestando-lhe os capitaes requeridos, seja adquirindo, mediante estipuladas condições, o direito de propriedade ou de uso da mina. O negocio que era desfavoravel ao proprietario isolado, pode se tornar rendosissimo sob a direcção do Banco, porque possuindo aparelhamento aperfeiçoado e completo para o exercicio efficaz dessa industria e concentrando sob sua administração algumas ou muitas empresas identicas, conseguirá sempre reduzir extraordinariamente o custo da exploração das jazidas e, por conseguinte, obter lucro ahi onde não poderia obtel-o quem fosse obrigado

a carregar todo o lho na exploração diocre mina. De q ma o Banco a di ou conserve-se co proprietario e exp seu capital e a su nica são indisper exito financeiro d

Ao governo do modalidade de cr é este menos pi mente o governo dos mineraes pre terra, pelo desen tria no paiz, e, c expansão econoi cio internaciona ção de trabalhã ganhar altos rapida das riqu tambem, o gove desenvolvimento em proveito pa queza dos part porcentagem q custeio dos ser tanto, tanto m de impostos qua tia total das ric

Além disso o monetaria fôr e desvalorizado I mente, ainda, p territorio do desde que ahi raes aproveitav o Banco ou os fim se fundar de uma cartei primeiro, a fo

a carregar todo o seu capital e trabalho na exploração de uma unica e medíocre mina. De qualquer modo, assumo o Banco a direcção da industria, ou conserve-se como mero auxiliar do proprietario e explorador da mina, e seu capital e a sua organização tecnica são indispensaveis para o bom exito financeiro da exploração.

Ao governo dos paizes onde essa modalidade de credito se pratica não é este menos proveitoso. Indirectamente o governo lucra pelo augmento dos mineraes preciosos extrahidos da terra, pelo desenvolvimento da industria no paiz, e, correlativamente, pela expansão economica geral: commercio internacional activado, immigração de trabalhadores sadios avidos de ganhar altos salarios, circulação rapida das riquezas... Directamente, tambem, o governo lucra porque esse desenvolvimento economico reverte em proveito para o fisco que da riqueza dos particulares é que tira a porcentagem que necessita para o custeio dos serviços publicos, e, portanto, tanto maior somma recolherá de impostos quanto maior fôr a quantia total das riquezas privadas.

Além disso o Estado cuja circulação monetaria fôr em papel e este estiver desvalorizado poderá lucrar directamente, ainda, pela organização em seu territorio do credito á mineração, desde que ahi existam jazidas mineiras aproveitaveis, si contractar com o Banco ou os Bancos que para esse fim se fundarem, o estabelecimento de uma carteira especial destinada, primeiro, a formar uma reserva do

ouro extrahido afim de resgatar, em condições combinadas, o papel moeda do Thesouro, e, depois, a constituir sobre determinado lastro de ouro, um mecanismo emissor de notas bancarias, conversiveis á vista.

Em diversos paizes possuidores de minas, seja de ferro, de carvão, de petroleo, de ouro, de prata, ou de cobre, como a Inglaterra, a Allemanha, os Estados Unidos, a Suécia, o Saxe, a Austria, o Mexico, o Japão, a Australia, a Belgica, existem numerosos institutos de credito sobre a mineração; e os governos desses paizes os cercam, geralmente, de regalias e de garantias, conhecendo o grande auxilio que elles proporcionam á economia nacional.

No Brasil, que a Providencia dotou de riquissimas jazidas de diamantes e de ouro, assim como de ferro, de carvão e de outras materias uteis ou preciosas, parece que não foi ainda comprehendida a vantagem, não só economica tambem financeira, da posse desses maravilhosos minerios. Aprendemos, no collegio, a nos ufanar das riquezas sem par que o nosso chão encerra; e, depois de crescidos, tanto nos habituamos á toada dessa cantiga, que poucos de entre-nós fecharão alguma vez os ouvidos a essa voz de sereia de um pseudo-optimismo — patriotico para observar que as prodigiosas riquezas nacionaes só effectivamente merecerão esse nome quando, pelo trabalho adequado, as extrahirmos de onde jazem e as utilizarmos para a confecção ou a aquisição dos objectos de que necessitamos.

O Maior Problema Sanitario Nacional

OSCAR DA SILVA ARAUJO

PROMETTIDO, devido. Em artigo anterior asseverei que, embora tenhamos um problema muito grave e urgente a enfrentar, está em nossas mãos fazel-o satisfatoriamente.

Como atingiremos esse objectivo?

Em officio, datado de 27 de Dezembro de 1930, respondendo a um questionario organizado pelo Ministerio da Educação e Saude Publica, synthetizei o plano de combate á lepra a ser emprehendido no paiz. Cabia-me satisfazer ao quesito: "quaes as disposições do Regulamento em vigor que criam entraves á boa eficiencia dos trabalhos?" Em torno delle formulei suggestões e adduzi considerações, algumas das quaes trasladarei para aqui.

A legislação brasileira, contra a lepra, é, indiscutivelmente, uma das mais perfectas e completas de quantas existem. Desse parecer são todos os especialistas que a têm commentado. Data ella, porém, já de dez annos e justamente neste interregno varios factos, que então apenas se esboçavam, fôram confirmados. Assim limitei-me a suggerir a introdução de algumas disposições, de ordem technica e administrativa, que virão tornar mais efficientes as medidas geraes e basicas nella prescriptas. Ao mesmo tempo procurei

justificar algumas dessas medidas, que ainda encontram, entre nós, oppositores.

Busquei aproveitar os ensinamentos que a pratica, em outros paizes, e mesmo aqui, demonstrou serem de interesse vital para o bom exito da campanha.

Cingi-me a focalisar os pontos cardinaes da orientação moderna na luta contra a lepra. Não cuidei da notificação compulsoria e do recenceamento por serem disposições sobre as quaes não pairam duvidas, e já em execução no paiz.

Tratei, inicialmente, do **exame systematico e periodico dos communicantes**, providencia de importancia primacial, que se faz mister seja organizada e praticada de modo uniforme e sem quebras de continuidade. Nestes ultimos annos vem o serviço que dirijo tentando incrementar o exame clinico e bacterioscopico dos individuos que cohabitam com leprosos, de todos aquelles que tiveram ou têm contactos intimos e prolongados com elles. Esses exames devem ser frequentes, praticados com intervallos nunca superiores a seis mezes e durante o prazo de cinco annos. Infelizmente, por deficiencia de pessoal e meios materiaes ainda não foi possivel desenvolver devidamente essa medida, sendo que,

no momento actual, acha-se a sua execução lamentavelmente reduzida.

No entanto é já bem avultado o numero de casos incipientes que fôram assim surpreendidos.

A legislação em vigor estatue que as pessoas da familia, os domesticos e todos os que residirem ou permanecerem no domicilio do leproso, deverão prestar-se aos exames necessarios para verificar-se se estão contaminados, principalmente quando se tratar de conjuge são ou criança. Essa exigencia deve ser estendida a todos aquelles que conviveram intimamente com leprosos mesmo quando estes tenham sido já internados.

Tambem no que respeita á vigilancia sanitaria a redacção do Regulamento deve ser modificada. Prescreve elle que a vigilancia será exercida sobre os enfermos isolados em domicilio e sobre os suspeitos de infecção leprosa, sendo como taes consideradas as pessoas que, sem apresentar symptomas da doença, sejam portadoras de germens, e as que, examinadas pela autoridade sanitaria, apresentarem symptomas attribuiveis á infecção leprosa. A vigilancia deverá, no entanto, ser exercida, tambem, sobre todos os communicantes, pois embora nada de suspeito exhibam, temos o direito de desconfiar se tenham contaminado e estejam ainda em periodo de incubação.

“O exame periodico dos communicantes é, inquestionavelmente, o meio mais efficiente para a redução rapida da incidencia leprosa, e posto em prática, de maneira systematica e regular, determinará, fatalmente, uma redução accentuada de novos contagios, pois permitirá sejam os casos recentes, contagiosos, e geralmente não evitados, porque não reconhecidos, descobertos precocemente, postos em vigilancia e

combatidos efficazmente.

Esse methodo, preconizado por Leonard Rogers, baseia-se em duas conclusões deduzidas do estudo epidemiologico da doença. São ellas: primeira, cerca de 80% das infecções novas deriva-se da vida em commum, em um mesmo lar, com um leproso; segunda, os novos casos verificam-se em um prazo variando de dois annos e meio, em 80% dos casos, a cinco annos, isto é, o periodo médio de incubação, oscilla entre dois annos e meio e cinco. Dahi deduz-se a necessidade e a vantagem de sempre que se descobrir um caso novo, contagiante, de lepra, de submitter a exame todos aquelles que estão nesse momento ou estiveram já, em relações mais intimas e prolongadas com esse doente, para o descobrimento de outros casos em inicio, os quaes sem essa providencia, passariam despercebidos por muito tempo, senão sempre, quando se trata, por exemplo, de lesões frustras.

Nessas condições descobriremos 80% das possiveis infecções derivando de cada leproso, e isso quando ellas se iniciam e podem ser mais facilmente juguladas, seja em sua evolução clinica, seja como fontes de contagio. Si esse plano de acção fôr continuado durante mais cinco annos restará apenas um numero muito reduzido de leprosos contagiantes, sabido que os enfermos que se encontram nas phases mais adeantadas, perecem dentro de oito a dez annos ou se ainda vivem é que a doença assumio a fórma nervosa, muito pouco contagiosa, senão de todo infecunda e, assim chegará um tempo em que a necessidade de isolar compulsoriamente os leprosos, terá desaparecido.

“O exame dos communicantes deverá ser exercido com particular at-

tenção no que respeita ás creanças, pois está bem estabelecido, hoje em dia, que nas primeiras edades da vida é o individuo mais receptivel. Por essa razão, faz-se ainda mistér a criação de asylas e crèches para os filhos de leprosos, de modo a retirar-os o mais precocemente possível do convívio familiar, onde mais frequentemente se verifica o contagio."

Discuti, a seguir, a questão do tratamento, assim me expressando:

"Os progressos realizados, ultimamente, na therapeutica da lepra permitem seja incluído no plano de lucta contra essa doença a criação de dispensarios ou centros de tratamento, serviços esses que além da assistência medica dos não bacilliferos se encarregarão da vigilancia dos suspeitos, do exame dos communicantes, do exame periodico dos doentes sahidos, sob palavra, dos leprosa-rios, após a cura clinica, servindo também como centros de propaganda e educação hygienica e também de pesquisa scientifica. Esses dispensarios que no plano organizado por Muir figuram mesmo como o eixo da campanha prophylactica (P. T. S. Centres), poderão constituir, nas zonas onde a endemicidade da lepra, por ser minima, não exige a criação de leprosa-rias, a unica arma sanitaria. Taes serviços como se pratica na India, nas Philippinas e em outros paizes, poderão ser organizados sob a forma de centros itinerantes.

Insisto na criação dos dispensarios, baseado não só nos serviços que taes organizações podem prestar sob o ponto de vista puramente sanitario, mas levando em conta também os resultados do tratamento que é já, justamente, encarado pelos maiores leprologos como arma prophylactica de acção incontestavel. Neste sentido se têm manifestado nu-

merosos autores e os resultados therapeuticos obtidos, em diversos paizes, aconselham seja intensificado e systematisado o tratamento dos doentes, principalmente os de fórma incipiente, pois que o numero dos casos curados e libertados dos leprosa-rios é já hoje consideravel. Muir, a esse respeito, teve occasião de escrever: "It may also be clearly stated, however, that there is a line of treatment which will cause the early cases so that the patient is for all practical purposes cured, though if a marked reduction in his general health occurs later, there is always the possibility of a relapse". Sheldon, de maneira ainda mais incisiva, escreveu: "It is not too much to say that all early cases of leprosy can be cured". Considerando a influencia do tratamento sobre a prophylaxia da doença vale a pena citar ainda a palavra autorizada de Sir Leonard Rogers: "A moment's consideration will show that if the great majority of lepers can be discovered and treated effectively in the early uninfected stage, the disease might be very greatly reduced in one or two decades".

O grande numero de doentes curados nos paizes onde já se pode organizar, com rigor scientifico e recursos indispensaveis, os centros de tratamento, levam-me a propôr ainda sejam estabelecidos na nossa legislação dispositivos que regulem o regimen sanitario a que devem ficar sujeitos os doentes que obtenham alta sob palavra."

A proposito do isolamento sustentei as idéas que sempre defendi, e que são aliás as universalmente acceitas:

"No que se refere ao isolamento dos doentes, convém frizar que as modernas tendencias, longe de con-

demnarem aqui entre a reforçar as parte, hodie tica. Inclinação prosarias reperiencia, encontrou ser comento dos do conianos, e centraes. Ba- verificado na a leprosa-ria 1893, abrigava emquanto que rosas fugas, mero de doente resultado demonstr leprosa-rias re- tão creadas. (ficou nas ilhas ricanos, provi- esforçaram-se reunir todos o do para isso lowas e de K. te os muitos não foi possível sideratum" e cassem os indi- pra, foi mistér- meiramente ad- doentes em proximas ás ci- "A segregação os leprosos, en- seria a medida se a julgasse- ria. Parece-me possível em nos- conseguiu levar nações em situa- ção da doença e até em condi- "O exemplo de didas deshumanas conseguiram di- da lepra ahi está

dennarem os meios suasorios até aqui entre nós adoptados, propendem a reforçar as medidas liberaes por toda parte, hodiernamente, postas em pratica. Inclino-me pela criação de leprosarias regionaes dado que a experiencia, em varios paizes, demonstrou ser contraproducente o isolamento dos doentes, por processos draconianos, em grandes leprosarias centraes. Basta lembrar o fracasso verificado na Nova Caledonia, onde a leprosaria central, fundada em 1893, abrigava, em 1895, 600 doentes, emquanto que em 1897, após numerosas fugas, reduzia-se a 172 o numero de doentes internados. Esse resultado demonstrou a vantagem das leprosarias regionaes, que fôram então creadas. O mesmo facto se verificou nas ilhas Hawaii, onde os americanos, providos de vastos recursos, esforçaram-se de 1877 a 1891, por reunir todos os seus leproso, creando para isso as leprosarias de Kallowas e de Kalanpapa. Não obstante os muitos milhões dispendidos, não foi possível alcançar esse "desideratum" e para conseguir notificassem os indigenas os casos de lepra, foi mistér mitigar o regimen primeiramente adoptado, isolando-se os doentes em leprosarias regionaes proximas ás cidades.

"A segregação em massa de todos os leproso, em locaes apropriados, seria a medida radical a aconselhar se a julgasse praticavel e necessaria. Parece-me uma utopia imaginar possível em nosso paiz o que se não conseguiu levar a effeito em outras nações em situação, quanto á disseminação da doença, semelhante á nossa e até em condições mais favoraveis.

"O exemplo de paizes que com medidas deshumanas e vexatorias não conseguiram diminuir a frequencia da lepra ahi está para nos ensinar a

inconveniencia do methodo. Os exemplos oppostos, já bastante numerosos, nos evidenciam que uma legislação liberal, permittindo um isolamento domiciliario, sob vigilancia sanitaria, aos doentes que disponham de recursos e queiram obedecer ás prescripções sanitarias, tem conseguido, nos paizes que a adoptaram, diminuir sensivelmente a frequencia da doença.

"Adoptando o isolamento domiciliario o legislador brasileiro obedeceu ás prescripções de todos os leprologos modernos e collocou-nos em egualdade de condições aos paizes que nos ultimos tempos legislaram sobre o assumpto.

"Nas Colonias Francezas, a tentativa de medidas drasticas redundou em fracasso completo, o que levou a "Inspection Générale du Service de Santé des Colonies" a dirigir aos Governadores das Colonias uma circular chamando a attenção dos mesmos para uma nova orientação na prophylaxia da lepra. Essa circular determinava que a lepra devia ser assimilada a outras doenças como a tuberculose, doenças venereas, trachoma, etc.. e que só ficariam, em principio, submettidos a internamento obrigatorio os vagabundos, os mendigos e todos os individuos não tendo domicilio fixo, principalmente quando exhibindo lesões leprosas contagiosas. As autoridades deviam se esforçar para attrahir os leproso para um tratamento ambulatorio em dispensario, completado pela vigilancia em domicilio.

Em uma comunicação do Dr. Audibert, medico inspector geral do serviço de saude nas Colonias, publicada no Boletim do "Office International d'Hygiène Publique", de Maio do anno de 1925, e referente á lepra nas Colonias Francezas, o autor diz que, em resumo ella poderá ser actualmente condensada, com variantes adequa-

das aos diversos meios, nas tres posições seguintes:

- 1) — Leprosos de lepra fechada, não emittindo bacillos e não sendo assim ainda contagiosos ou já não o sendo: hospitalisação necessaria apenas para os leprosos afastados do centro; todos os demais viriam, como consultantes, receber suas injeções no dispensario e continuariam sua vida normal.
- 2) — Leprosos de lepra aberta, e como tal cotagiosos; isolados em um pavilhão especial e tratados até cicatrisação ou "blanchiment" das lesões emittindo bacillo; voltariam em seguida para suas familias e suas occupações, ficando obrigados a seguir periodicamente cures d'entretien, e submettidos a exames para verificação da persistencia da sua inocuidade.
- 3) — Leprosos mutilados, invalidos ou recidivistas internados em um asylo ou em uma colonia de segregação.

Quanto ao caso de Hawaii, conhecidas que são hoje as causas outras que provocaram uma diminuição no numero de leprosos, de fórmula alguma póde ser apontado como successo dos processos draconianos. O relatorio, enviado pelas autoridades sanitarias locaes á Conferencia Americana da Lepra, evidencia a fallencia de taes processos demonstrando, tambem, as vantagens advindas da adopção de methodos suasorios.

Nas Philippinas os processos violentos, que a principio deram uma impressão illusoria de exito, foram, tambem, definitivamente abandonados.

No numero de Dezembro de 1925, do "The Journal of the Philippine Is-

lands Medical Association", encontramos o relatorio apresentado pelo "Culion Medical Board" em que vem formulado o plano adoptado pelas autoridades e que se approxima do methodo preconisado por Rogers e Muir para a India.

Commentando o processo aconselhado por esses autores asseveram os medicos das Philippinas que uma tal orientação, se fôr executada efficientemente, acelerará muito a redução da incidencia da lepra.

A proposito, convém citar Wade que, recentemente (Abril de 1930), em artigo intitulado "A Evolução da Campanha nas Ilhas Philippinas" assim se manifestou: "When all the known lepers had been transferred to Culion it was expected that the incidence of leprosy would decline rapidly thereafter, an expectation which did not materialise".

Nas Philippinas foi, pois, abandonado o plano inicial que consistia no internamento dos leprosos em uma grande colonia central e adoptado o plano chamado duplo, isto é, consistindo na installação de colonias para os leprosos invalidos, incuraveis, hospitaes regionaes para tratamento, dispensarios e centros itinerantes.

Rogers, em seu livro classico "Leprosy", exemplifica, nas Indias Occidentaes, um exito do emprego da segregação compulsoria rigida. Em publicação recente, porém, rebate a asseveração então feita, visto ter apurado que a redução na incidencia da lepra alli occorrida, foi ocasionada por outros factores.

Neste mesmo ultimo trabalho friza esse autor que, na Africa do Sul e na Australia, a segregação compulsoria "even under much favourable conditions, has proved very dissapointing in practice".

Os leprologos japonezes, em sua

maioria, preconisarão compulsoria; e nam tanto nesse p dem a acceitar o gundo informa o L verno nipponico a criação de centro bulatorio. Aliás, e dermatologicas das ponesas funcçona xadas, consultas mente destinadas mento dos leproso

Facto que mere é o seguinte: dos existentes no Japão tão isolados nas 1 e 2,4% em instil particulares, estar das enfermos fôr: Essa circumstanci gnalada, pois dem como o caso conc que a segregação litada pela mentali do o lazaro alli, ce viduo sob todas as temido e repellido, vel isolar 14,4 % tentes.

Revelam os da Dr. E. Burnet, e gem através dos dos pela lepra, exis mente, isolados en e hospitaes, trinta sos.

Rogers, baseado ceamentos, estima numero de leproso momento presente, endemicas. Estipul discutivel 5 milhõe avaliação muito c demonstrar a fale prophylaticos alic to obrigatorio, ass — aos 35 mil le

maioria, preconizam, ainda, a segregação compulsoria; mas já não se obstinam tanto nesse proposito e propendem a aceitar o methodo mixto. Segundo informa o Dr. E. Burnet o governo nipponico está deligenciando a criação de centros de tratamento ambulatorio. Aliás, em todas as clinicas dermatologicas das Universidades Japonesas funcionam já, a ellas annexadas, consultas externas especialmente destinadas ao exame e tratamento dos leprosos.

Facto que merece menção especial é o seguinte: dos trinta mil leprosos existentes no Japão, apenas 12 % estão isolados nas leprosarias officiaes e 2,4% em instituições hospitalares particulares, estando, assim, 83,6 % das enfermos fóra das leprosarias. Essa circumstancia merece ser assignalada, pois demonstra que em paiz, como o caso concreto apreciado, em que a segregação compulsoria é facilitada pela mentalidade ambiente, sendo o lazaro allí, considerado um individuo sob todas as fórmas indesejavel, temido e repellido, sómente foi possível isolar 14,4 % dos enfermos existentes.

Revelam os dados colligidos pelo Dr. E. Burnet, em sua recente viagem através dos paizes mais flagelados pela lepra, existirem nelles, actualmente, isolados em leprosarias, asylos e hospitaes, trinta e cinco mil leprosos.

Rogers, baseado nos ultimos recenseamentos, estima em 10 milhões o numero de leprosos espalhados, no momento presente, pelas varias zonas endemicas. Estipula como minimo indiscutivel 5 milhões, considerando esta avaliação muito conservadora. Para demonstrar a falencia dos methodos prophylaticos alicerçados no isolamento obrigatorio, assim argumenta elle: — aos 35 mil leprosos já referidos

somma oito mil lazarus, na maioria mutilados e indigentes, isolados, voluntariamente, em varios asylos da India. A esses 43 mil adiciona sete mil que, possivelmente, vivem em paizes de pequena incidencia e não fóram computados pelo Dr. E. Burnet. Nestas condições, em estimativa muito optimista, o maximo de doentes segregados em leprosarias, asylos e hospitaes, deve ser avaliado em 50 mil leprosos, ou seja um por cento dos existentes. Dahi chegamos á conclusão indiscutivel de ser o isolamento compulsorio impraticavel para 99 % dos leprosos vivos actualmente.

Seria uma cadeia interminavel si me propuzesse a referir aqui todos os fracassos que entumecem o passivo da segregação compulsoria. O isolamento obrigatorio em colonias, hospitaes, asylos, etc., é medida de excepção, a ser utilizada em casos concretos e não a unica aconselhavel. Tem elle seu posto no plano geral, mas desacompanhado de outros meios prophylaticos, está irremediavelmente votado á falencia.

Uma calamidade recentemente occorrida em Nauru, pequenina ilha da Oceania, abriu ensejo a que se demonstrasse a valia dos methodos modernos de prophylaxia. Aos que opinam que as doutrinas não são nada e a observação dos factos é tudo, sirva ao menos, essa exemplificação.

Até 1912 quando foi importado o primeiro caso de lepra, era a doença desconhecida nessa ilha. Em Outubro de 1920 já se elevava a quatro o numero de leprosos allí existentes, sendo todos parentes ou intimos da pessoa introductora do mal. Nessa mesma época uma violenta epidemia de influenza devastou esse pequeno protectorado inglez; trinta por cento da população, 2.500 habitantes, pereceu. Entre os fallecidos contavam-se tres

dos quatro leprosos então conhecidos. Os demais habitantes, flagellados pela gripe, ficaram muito debilitados, sendo ainda agravadas suas condições pelo regimen alimentar deficiente, seguido. Essas condições desfavoráveis abriram caminho a um incremento assustador da lepra, e quatro annos mais tarde, mais de trinta por cento da população estava contaminada. Exceptuado um unico districto, em todas as familias havia, pelo menos, um caso de lepra e praticamente todos os habitante da ilha estavam em contacto com enfermos.

L. Rogers consultado sobre os meios prophylaticos a adoptar, aconselhou o exame mensal de toda a população, o isolamento dos contagiantes, devendo os demais enfermos serem tratados em ambulatorio. Assim se fez: os casos bacteriologicamente positivos fôram segregados em uma extremidade da ilha, os negativos permaneceram nos domicilios, dormindo em quartos separados dos individuos sadios, mas ficando, fóra dessa precaução, em plena liberdade. Os communicantes eram examinados com maxima regularidade e os novos casos assim descobertos eram logo submettidos a tratamento. Qual o resultado? Apenas este: em tres annos uma redução de 40%. O Dr. George Bray, historiadador dessa pandemia leprosa, talvez a mais fulminante até hoje registada, assignalou, ainda, que nem um só dos casos precocemente diagnosticados e tratados, assumio formas clinicas graves e nenhum delles exhibio lesões contagiantes.

O successo ora commentado não sôa bem aos que se não conformam ás idéas modernas e caturram no precocicio dos methodos medievaes; mas elle accentúa, reitera, confirma, evidencia e demonstra o erro, o erro redondissimo, dos que, engasalhados

em doutrinas pristinas e algeados por preconceitos despropositados e picarescos, apologizam processos avoengos que a pratica desaprovou e a sciencia já exautorou e despedio.

Rogers e Muir frizam que o principio de segregação de todos os casos de uma doença transmissivel, tal como a lepra, para evitar a sua propagação é tão simples em theoria quanto difficil na pratica, e insistem em que não se obteve grande beneficio com o emprego de medidas drasticas. E assim não é de surprehender que taes medidas prophylacticas frequentemente tenham falhado quanto a eliminar ou mesmo reduzir grandemente a incidencia do mal (*Leprosy*, 1925 — pagina 102).

Não me descuidei de outros aspectos capitaes do problema, taes como o desenvolvimento do ensino da leprologia e a instituição dos Centros de pesquisa scientifica e assim escrevi:

“Outros pontos importantes, que constituem medidas parallelas, mas da maior importancia, precisam tambem ser lembrados. Quero referir-me á creação de centros de estudos onde sejam possiveis as pesquisas scientificas, visando particularmente o diagnostico precoce da doença, os meios da transmissão e a therapeutica, pois que taes conhecimentos poderão de um momento para outro modificar por completo os nossos methodos prophylacticos, tornando-os ainda mais brandos e humanitarios. A creação de cursos praticos para medicos e estudantes de medicina, nos quaes se ministre instrucção sobre a epidemiologia da doença e muito particularmente sobre o diagnostico, representará um grande papel na eficiencia da campanha por isso que entre nós, como em toda parte, não possuem os medicos a experiencia necessaria para o reconhecimento precoce da infecção, o que re-

sulta frequentemente notificados após evolução da doença. Insisti, mais uma vez, na importância do amparo social, assegurando:

A assistência social aos isolados e suas famílias, bem medida do momento, que a pratica de não tem mostrado como guir isolar um doente não raro o unico a não filhos, os quaes naturalmente ao desamparo, em seu propria o chefe da família actividade profissional e a manutenção da vida e a manutenção

A regulamentação dos mesticos, em collaborecções do Departamento imprescindivel que da com urgencia, mente tem a Inspetorado, na intimidade dos, até mesmo de empregados nos contactos intimo e sôas da casa e não do cuidado de cretêm sido verificados cillios de medicos, em residencias de

Ainda uma medida da nossa legislafere á separação, casos avançados e passíveis de cura, progressos da therapias os hospitaes de leprados, como ainda simples depositos de se atiravam, sem q as victimas do m casos novos, além cias, devem ser is se evitarem as sup

sulta frequentemente só serem os casos notificados após varios annos de evolução da doença."

Insisti, mais uma vez, na necessidade do amparo social aos lazarus, asseverando:

A assistencia social aos leprosos isolados e suas familias constitue tambem medida do maior interesse, pois que a pratica de muitos annos já nos tem mostrado como é difficil conseguir isolar um doente que representa não raro o unico arrimo de mulher e filhos, os quaes não pôdem ficar inteiramente ao desamparo quando a sociedade, em seu proprio beneficio, obriga o chefe da familia a abandonar a actividade profissional que garante a vida e a manutenção dos seus.

A regulamentação dos serviços domesticos, em collaboraçãõ com outras secções do Departamento, é medida imprescindivel que precisa ser adoptada com urgencia, pois que não raramente tem a Inspectoria surpreendido, na intimidade, dos lares leprosos, até mesmo de formas avançadas, empregados nos mistéres caseiros, em contacto intimo e diario com as pessoas da casa e não raro encarregados do cuidado de creanças. Taes factos têm sido verificados mesmo em domicilios de medicos, e, mais de uma vez, em residencias de especialistas...

Ainda uma medida que deve constar da nossa legislação é a que se refere á separação, nas leprosarias, dos casos avançados e dos casos recentes, passíveis de cura, pois que, com os progressos da therapeutica, não devem os hospitaes de leprosos ser considerados, como ainda até pouco tempo, simples depositos de doentes para onde se atiravam, sem qualquer esperanza, as victimas do mal de Hansen. Os casos novos, além de cuidados especiaes, devem ser isolados, de modo a se evitarem as superinfecções e as re-

infecções tão commumente verificadas nas leprosarias, onde o scepticismo therapeutico deixa, crimosamente, abandonados á sua sorte, varios casos susceptíveis de cura."

As medidas que suggeri, a orientação que defendo e as considerações que explanei estarão de accordo com as idéas modernas sobre o assumpto? Acredito que sim, e acredito, tambem, que todos reconhecerão que sómente empregando os meios que venho de indicar conseguiremos lutar efficazmente contra a lepra. Que não estou errado, penso, o demonstrarão os factos que passo a referir.

Em 1925 o Comité de Hygiene da Liga das Nações resolveu realizar um inquerito sobre determinados aspectos estatisticos e epidemiologicos da lepra. Em consequencia desse inquerito decidio esse mesmo Comité criar uma commissão especial, permanente, incumbida de estudar os problemas concernentes á prophylaxia do mal de Hansen. Essa Commissão da Lepra está constituida pelos mais eminentes leprologos e por altas autoridades sanitarias, figurando estas ahi por julgar o Comité de Hygiene serem as mesmas as mais indicadas para pôr em pratica as conclusões da Commissão. Esta utiliza-se, ainda, da collaboraçãõ de especialistas, quer em sub-commissões, quer individualmente, em numero e durante o tempo que julgue necessario. Seu objectivo é coordenar as forças mundiaes para um trabalho util e tentar um accórdõ nas questões controvertidas, visando assim uniformisar a prophylaxia. Seu methodo de trabalho consiste em reunir individualidades de differentes nações, facilitar a tróca de idéas, focalisar e discutir as questões em reuniões de peritos, assumindo a Commissão a responsabilidade pelas conclusões que são recommendadas aos

governos (taking the responsibility for conclusions that recommended to governments), como frizou o Dr. Etienne Burnet, no artigo: *The League of Nations and the Fight Against Leprosy*, publicado na *Leprosy Review* em Outubro de 1931.

O primeiro cuidado da Comissão da Lepra foi tomar conhecimento exacto da situação da doença no mundo, não apenas através da bibliographia, mas pela observação directa; assim determinou ella que o seu secretario visitasse não sómente as instituições, leprosarias, hospitaes, dispensarios, mas também os medicos, pesquisadores, higienistas e administradores, dos paizes onde a lepra é endemica — Dando cumprimento a essa incumbencia, o Dr. E. Burnet empreendeu demorada e meticulosa visita ás regiões assoladas pelo mal de Hansen. Aqui esteve elle, em 1929, estudando a nossa situação tendo percorrido varios Estados. No relatório sobre essa viagem de estudos detem-se o Dr. Burnet em longas referencias ao nosso paiz, assignalando a frequencia da lepra, commentando a legislação e o armamento prophylactico existente. — Fez referencias lisongeiras á nossa organização, asseverando mesmo que "*le Brésil est un des pas plus avancés dans la lutte contre la lépre*".

Em Dezembro de 1930 realizou-se em Bangkok um congresso medico promovido pela Associação de Medicina Tropical do Extremo Oriente. — O Comité de Hygiene da Liga das Nações resolveu que a Comissão da Lepra aproveitasse esse certamen scientifico para alli reunir-se e discutir as questões referentes á prophylaxia do mal de Hansen. Assim se fez e após varias reuniões dessa Comissão, das quaes participaram além dos seus membros, os leprologos do oriente presentes ao Congresso, e durante as

quaes foram discutidas os varios aspectos da luta contra a lepra, foram, em sessão plenaria, do Congresso Medico, approvadas as bases da campanha prophylactica.

Em Janeiro de 1931 reuniu-se em Manilha, por iniciativa da "Leonard Wood Memorial for the Eradication of Leprosy", uma Conferencia de peritos leprologos para a discussão de assumptos technicos. Os membros da Comissão da Lepra, reunidos em Bangkok, foram convidados a participar dessa Conferencia.

Um trabalho muito valioso de Leonard Rogers foi distribuido durante a Conferencia. Em synthese conclue o autor que a segregação, embora possa ser ainda util, e possa ainda ser mantida em determinadas condições, passou já sua época, e o systema do futuro, para a prophylaxia, é um systema voluntario, economico e efficaz, que assegure, antes de tudo, o tratamento dos casos incipientes, as leprosarias só devendo agazalhar os casos adiantados e não apresentando mais oportunidades de cura.

A Conferencia de Manilha approvou as conclusões votadas em Bangkok.

O Dr. Burnet assim resumiu o systema de prophylaxia aconselhado pelas duas Conferencias: controle epidemiologico, notificação compulsoria, exame dos communicantes, hospitaes especiaes ou serviços especiaes nos hospitaes, centros de tratamento, dispensarios, sanatorios — colonias ou colonias-refugios, inspecção nas escolas, assistencia social. Depois de comparar os meios aconselhados contra a lepra e a tuberculose, diz o Dr. Burnet "Si os higienistas não familiarizados com a lepra quizerem ter uma idéa do methodo prophylactico que devem empregar contra essa doença, basta que considerem que os methodos appli-

caveis á lepra são dos na luta contra

As conclusões de Bangkok e Manilha, submettidas Comissão de Hy Nações, a qual determinou que f cada sob o titulo Prophylaxia da Lepra, editado em Manila, pois, a opinião dos leprologos da mais altas autoridades do momento.

Confrontando as sugestões e as considerações do officio que recebeu de 1930 verificado e absoluta identidade de conceitos.

Assim a proposta podemos ler: "Os zados no tratamento uma reforma cujo antigo espirito administrativo e place á l'esprit m

A legislação a mais branda, mais lhor. Ella deve tres pontos seguir

- a) — notificação
- b) — isolamento bacteriologico e contag
- c) — uma or tratamen

e disposições sobre infecção, interdicção, fission, etc.), cons lamentação facil de acordo com as con programma scientifico (Principes de la Lépre, pag. 7).

caveis á lepra são os mesmos indicados na luta contra a tuberculose."

As conclusões das Conferencias de Bangkok e Manilha foram, finalmente, submettidas á apreciação da Commissão de Hygiene da Liga das Nações, a qual depois de approval-as, determinou que fossem publicadas sob o titulo "Principios da Prophylaxia da Lepra". Esse trabalho, editado em Maio de 1931, resume, pois, a opinião dos mais eminentes leprologos da actualidade e das mais altas autoridades sanitarias do momento.

Confrontando esses prenapios e as suggestões que apresentei e as considerações que externei no officio que redigi em Dezembro de 1930 verifica-se uma perfeita e absoluta identidade de vistas e conceitos.

Assim a proposito da legislação, poderem ler: "Os progressos realizados no tratamento tornam necessaria uma reforma dos regulamentos, cujo antigo espirito, principalmente administrativo e policial, doit faire place á l'esprit médical et social.

A legislação a mais simples e a mais branda, mais docil, é a melhor. Ella deve comprehender os tres pontos seguintes:

- a) — notificação obrigatoria.
- b) — isolamento dos casos bacteriologicamente positivos e contagiosos.
- c) — uma organização para o tratamento,

e disposições sobre pormenores (desinfecção, interdicção de certas profissões, etc.), constituindo uma regulamentação facil de modificar de accordo com as condições sociaes e o programma scientifico e medico (Principes de la Prophylaxia de la Lépre, pag. 7).

Vejamos agora quanto ao isolamento:

"Até estes ultimos tempos, a segregação obrigatoria dos leprosos em leprosarias especiaes, era a principal senão a unica medida de prophylaxia; mas, não secundada por outras medidas, ella mostrou-se insufficiente. Está-se de accordo, agora, sobre os graves defeitos desse methodo: ella compelle os leprosos a se esconderem, retarda o diagnostico e o tratamento.

Em quasi todos os paizes em que é ella empregada, procura-se corrigir seus defeitos, transformando as leprosarias em centros de tratamento e criando diversos outros estabelecimentos.

A Commissão é de parecer que se não empregue mais o termo "segregação" por causa do renome odioso que elle herdou do passado substituindo-o pelo termo "isolamento", de sentido mais largo e mais liberal.

O isolamento dos leprosos contagiosos, em condições convenientes, permanece ainda, um dos meios essenciaes. O isolamento é um meio reconhecido de impedir a diffusão das doenças infecciosas e transmissiveis em geral, e seu valor durante a phase contagiosa da lepra, não pode ser posta em duvida. Ha condições nas quaes o isolamento obrigatorio pode ser não sómente admittido mas recommendado ás administrações sanitarias" (Idem p. 6).

Quanto ao tratamento: "No estado actual dos nossos conhecimentos a respeito da prophylaxia da lepra, o meio de acção o mais importante é, en plus de l'isolement, o tratamento applicado por um pessoal devidamente formado. Si não organizamos um tratamento satisfatorio, ao mesmo tempo therapeutico e prophylactico, a unica arma disponivel é a

segregação obrigatoria; si existir um tratamento efficaz, a segregação pôde ser cada vez mais mitigada, sob condição de ser completada por aquillo que os francezes chamam "o tratamento livre da doença".

Admitte-se gealmente que o tratamento é tanto mais efficaz quanto mais precoce.

Os leprosos considerados como não contagiosos, particularmente os inapientes, serão tratados tanto quanto possível em dispensarios — a melhor forma de dispensario é a clinica dermatologia; mas, em determinadas condições: população densa e lepra muito diffundida, poderá ser necessario dispôr de dispensarios especiaes para a lepra.

Nas pequenas povoações o tratamento deve ser organizado de forma que os leprosos não sejam obrigados a ir procurar tratamento e levar o perigo de contágio para as grandes cidades.

Deve-se dar a maior importancia á propaganda sanitaria nas aldeias e povoações (villages), porque são estas geralmente os reservatorios da lepra e a maior parte dos leprosos das cidades emmigram das povoações do interior". E' este um aspecto da questão sobre a qual não me tenho fatigado de insistir. "Temos a impressão de que a lepra é, em nosso paiz, doença sobretudo rural, só accidentalmente constituindo grandes fôcos nas zonas urbanas. No intuito de diffundir o mais possível o tratamento, suggerimos já a idéa de ficarem os medicos da hygiene municipal, nas localidades onde não houver autoridades sanitarias federaes ou estaduais, incumbidas do tratamento prophylactico dos enfermos. Seria, assim, generalizado amplamente o tratamento e evitado o inconveniente da convergencia de leprosos para os

centros mais populosos" (O. da Silva Araujo. A prophylaxia da lepra e a actuação do D. N. de Saude Publica — Archivos de Hygiene — Setembro de 1927).

Da mesma maneira pela qual me manifestei, lembra, tambem a Commissão da Lepra, a necessidade de acompanhar-se os leprosos praticamente curados, isto é sem symptomas da doença em actividade, porque elles necessitam um tratamento d'entretien e devem ser reexaminados periodicamente".

Tambem, tal como o fiz, insiste a Commissão da Lepra, "na necessidade de que tem cada paiz com lepra endemica de possuir, pelo menos um centro consagrado ao estudo theorico e pratico da doença, comprehendendo uma installação technica com serviços internos e consulta externa, uma organização para o estudo epidemiologico e laboratorios de pesquisas".

Ainda vamos encontrar perfeita analogia quanto ás medidas que solicitei a respeito dos filhos de leprosos. Assim se manifesta o relatorio da Commissão: Os filhos de paes leprosos devem ser separados dos paes logo após o nascimento e criados ao abrigo do contágio leproso. E' indispensavel que os escolares sejam examinados em intervallos regulares. Ha muitos annos a questão da lepra na infancia prende-me a attenção, sendo uma de minhas maiores preocupações a prophylaxia no meio escolar e a criação de asylos ara os filhos de lazarus.

Para não alongar-me demasiadamente deixo de fazer outras transcripções, que como as que venho de fazer evidenciam a perfeita analogia e a identidade de orientação entre as medidas que aconselhei fossem entre nós adoptadas e as prescriptas pelos

O MAIOR

leprologos mais autorisados hydam da prophylax passo a resumir a Commissão da Lep Nações:

1.º) — A prophylaxia é um problema suscetível de solução simples; os meios de prevenção variam com as condições, economicas, administrativas e sociaes e a gravidade da doença.

2.º) — Não pôde ser considerada efficaz sem tratamento da doença dá tanto mais precoce quanto é mais precoce.

3.º) — Como a tuberculose, pelo menos em principio, é uma doença curavel; curavel no começo, pelo exame bacteriologico e que os outros meios de prevenção activa desaparecem logo após o diagnóstico por um prazo indeter-

4.º) — A prophylaxia é realisavel por um conjunto de medidas medicas, educativas e sanitarias. Ella deve previr a doença e o tratamento dos casos contagiosos, e especialmente dos casos recentes em dispensarios; e, além disso, o periodo dos suspeitos deve ser tomado medidas especiaes para os filhos de leprosos, acerca dos leprosos práticos, seja pelo tratamento pontaneamente.

5.º) — Todos os paizes onde a lepra endemica devem possuir um centro para o estudo da doença com laboratorios de pesquisas e de prevenção especiaes para os leprologos e assistentes. Na falta de laboratorios medicos e assistentes fôr necessário, o estudo deve ser feito em um centro extra-

leprologos mais abalisados e pelos mais autorizados hygienistas que cuidam da prophylaxia da doença, e passo a resumir as conclusões da Comissão da Lepra da Liga das Nações:

1.º) — A prophylaxia da lepra não é um problema susceptível de uma solução simples; os meios a empregar variam com as condições geographicas, economicas, administrativas, financeiras e sociaes e com a frequencia da doença.

2.º) — Não pôde haver prophylaxia efficaz sem tratamento; o tratamento dá tanto mais resultados quanto é mais precoce.

3.º) — Como a tuberculose, a lepra, pelo menos em determinado estágio, é uma doença contagiosa, mas curavel; curavel no sentido que o exame bacteriologico torna-se negativo e que os outros signaes de lepra activa desaparecem definitivamente por um prazo indeterminado.

4.º) — A prophylaxia da lepra é realisavel por um conjuncto de medidas medicas, educativas e legislativas. Ella deve prever o isolamento e o tratamento dos leprosos contagiosos, e especialmente o tratamento dos casos recentes em clinicas e dispensarios; e, além disso o exame periodico dos suspeitos. Devem-se tomar medidas especiaes com respeito aos filhos de leprosos, assim como acerca dos leprosos praticamente curados, seja pelo tratamento, seja espontaneamente.

5.º) — Todos os paizes com lepra endemica devem possuir pelo menos um centro para o estudo da doença, com laboratorios de pesquisa e cursos especiaes para os medicos e seus assistentes. Na falta de um tal centro medicos e assistentes farão um estágio em um centro estrangeiro.

6.º) — O programma das faculdades de medicina deve comprehender um curso sobre a lepra.

7.º) — E' necessario instruir o publico sobre a lepra por meios modernos de propaganda e de ensino popular.

8.º) — O isolamento dos leprosos contagiosos é uma parte indispensavel da luta contra a lepra, mas o isolamento não pôde ser considerado como o unico meio de prophylaxia. Seus defeitos devem ser corrigidos por medidas complementares. O isolamento só deve ser applicado aos leprosos considerados como contagiosos.

9.º) — O tratamento especial, qualquer que seja a fórma, deve, para dar resultados satisfactorios, ser associado a um regimen alimentar conveniente e á boa hygiene geral.

10.º) — Os remedios recommendados para o tratamento especial da lepra são os oleos do grupo chalmoo-gra, seus esters e sabões.

11.º) — A prophylaxia da lepra deve ser concebida no espirito da medicina preventiva e da hygiene social.

A proposito da ultima conclusão quero ainda salientar que ha muito insisto neste aspecto medico social de campanha contra a lepra. Em conferendia pronunciada em Junho de 1929, após ter largamente discutido o aspecto sociologico do problema, assim me expressei: "E eis-nos chegados, assim, á hygiene social, á qual, ordinariamente abordamos por outro caminho: é partindo da epidemiologia e passando pela patogenia e pela therapeutica. Mas se ella é o zimbório da Medicina é tambem a cupula da biologia humana, e seus principios são tanto mandamentos da saude como leis da sociologia biologica e dogmas da moral.

A lepra não é, habitualmente, catalogada entre as doenças sociaes. No entanto, sob determinados aspectos e nas regiões onde a endemia é de indice elevado, ella deve ahí figurar, a igual titulo que a tuberculose. Para o seu combate faz-se mister a collaboração de todos, dado que a campanha é tanto sanitaria quanto social". (O. da Silva Araujo. Proteger o Lazaro é combater a Lepra — 1929).

Esses conceitos mereceram criticas por terem sido então encarados sob o mesmo aspecto as prophylaxias da lepra, do cancer, das doenças venereas, da tuberculose e do alcoolismo. Espero vel-as reeditadas agora, mas endereçadas á Commissão da Lepra da Liga das Nações, pois disse ella dever a prophylaxia da lepra ser concebida no "espirito da medicina preventiva e da hygiene social".

Porque acreditamos possivel a extincção da lepra, como flagello social, no Brasil, dentro de trinta annos?

Sabemos que essa doença medra desmesuradamente nos dominios do Imperio Britanico. A bandeira ingleza fluctua sobre o maior acampamento de lazarus do mundo. Uma estimativa de 1.200.000 leprosos, existentes nos varios continentes, em possessões ou dominios do Reino-Unido da Grã Bretanha, fica, certamente, aquem da realidade.

Ha quasi dez annos fundou-se em Londres uma poderoso associação privada, a *Brittish Empire Leprosy Relief Association*, que se propoz a livrar o Imperio Britanico da lepra.

E' seu patrono, e dedica-lhe particular attenção e carinho, o Principe de Galles. A alta administração prestigia-a grandemente; são seus Vice-Presidentes o Ministro dos Negocios Exteriores, o da India, o das Colonias, o Vice-Rei da India e os Go-

vernadores Geraes do Canadá, da Africa do Sul e da Nova-Zelandia. A sua frente, como conselheiro tecnico e orientador medico, está Leonard Rogers e secretaria a Commissão Executiva outro leprologo eminente, o Dr. Cochrane, com larga pratica na India.

A campanha intensa que essa instituição vem desenvolvendo nos vastos territorios inglezes, obedece ao plano preconizado por Rogers: renuncia á segregação forçada como meio exclusivo; diagnostico e tratamento precoces; exames periodicos dos communicantes; importancia primordial do tratamento, relizado este em dispensarios, centros e clinicas.

O methodo adoptado, além de incomparavelmente mais efficaz do que o simples isolamento compulsorio em massa, é muito mais economico.

O Dr. Peacock demonstrou que a criação dos centros de tratamento, propaganda e vigilancia, determina uma grande reduccão de despezas. Na India o internamento, praticado aliás em condições precarias, é pouco dispendioso e de custo muito inferior ao realizado no Brasil. Ainda assim demonstrou aquelle autor que 73 leprosos, em tratamento externo custam 864 rupias (cerca de 5:200\$000 Rs.), ao passo que igual numero de lazarus internados custam 9.636 rupias, (cerca de 57:800\$000 Rs.) ou seja dez vezes mais.

Já assignalei as proporções que a lepra assume nos dominios do Reino-Unido, no entanto taes são o interesse da "*Leprosy Relief*" pela campanha, a confiança no processo, os resultados já colhidos e a certeza do exito final, que assim se manifestou a directoria daquella instituição, no relatório referente ao anno de 1928: "A Commissão Directora expressa a firme convicção de que, se os planos,

que a Associação preconisa, e que estão já agora, sendo postos em execução, em muitas regiões do Imperio, puderem ser levados a cabo com igual decisão, ha uma possibilidade de verificar-se a extincção da lepra, nos dominios do Imperio, dentro destes proximos trinta annos”.

Mais recentemente ainda, o “Times”, o mais bem informado, acreditado, circumspecto e ponderado jornal do mundo, como o classificou Ruy Barbosa (Feria Politica, pag. 10), em artigo de fundo, commentando o problema da lepra, louvando a acção desenvolvida pela British Empire Leprosy Relief, e solicitando para ella o apoio do publico, disse ser bem possivel que a extincção completa da lepra no Imperio Britanico seja levada a cabo pela geração actual.

Comparemos a situação do Brasil e a das possessões britannicas flagelladas pelo mal de Hansen.

Uma estimativa muito pessimista poderá admittir a existencia no Brasil de 40 mil leprosos, ou seja um numero trinta vezes menor do que o total minimo de enfermos existentes nos varios dominios e protectorados inglezes. As difficuldades, os obstaculos á prophylaxia são ahí muito mais avultados do que aquelles que se apresentam entre nós; basta lembrar a disseminação das zonas con-

tafinadas em regiões situadas em diferentes continentes; accresce ainda a complexidade do problema, o estado primitivo de grande parte das populações contaminadas, e a ausencia de unidade racial, religiosa, politica e cultural.

Deante desse paralelo si technicos inglezes, autorizados por indiscutivel competencia e conhecimento pratico do assumpto, individuos conversadores por atavismo, pouco entusiastas e prudentes por temperamento, despidos de exaggeros e commedidos por educação, admittem a possibilidade da extincção da lepra, nos territorios do Imperio Britanico, dentro de tres decadas, será utopia ou sonho de espirito latino, exaltado nos tropicos, admittir igual possibilidade para o Brasil?

Queiram, pois, os meus patricios, decidam-se os governantes, obedeçam-se aos dictames da sciencia, execute-se o que a experiencia já sancionou, despreze-se o que a pratica já condemnou, cumpra-se o que o civismo ordena, a solidariedade exige, e o patriotismo impõe, e dentro de trinta annos não haverá mais leprosos em terras brasileiras! E teremos assim extinguido um flagello que ha mais de trescentos annos nos opprime e envergonha e resolvido o nosso problema sanitario mais grave e de solução mais urgente.

O Problema da Nova Organização do Brasil

DANIEL DE CARVALHO

AVOCAÇÃO do povo brasileiro para o regimen constitucional se comprova historicamente por uma serie de factos dos quaes se podem apontar como altamente significativos os seguintes:

a) houve um largo periodo de preparação constitucional que se evidenciou na Inconfidencia Mineira e na Revolução Pernambucana.

b) tivemos a Constituição antes da Independencia;

c) a Constituição não nos foi outorgada nem imposta mas conquistada em annos seguidos de tenazes esforços.

Engana-se Aurelino Leal quando deixa de considerar a tentativa Pernambucana como vigoroso rebento de nossa formação constitucional "porque ella representou esforço isolado da cadeia que teve o seu elo, ou a sua origem, na Revolução Portuguesa de 1820" (*Historia Constitucional do Brasil*, Rio de Janeiro, 1915, pag. 35).

Erra ainda quando menciona a Inconfidencia Mineira apenas de passagem, n'um rôl de precursores, com o episodio sem ligação alguma com as agitações patrioticas de 1821-1824 e finalmente quando declara que, victorioso o movimento do Porto, logo produziu o seu reflexo no Brasil "tanto mais facilmente, aliás, quanto as dissensões nativistas já se revelavam em exteriorisações manifestas" (*Ibid.* pag. 4).

Ora, não foi o odio ao portuguez

que facilitou a propagação do movimento constitucional. Se havia o sentimento nativista, esse se attenuou no enthusiasmo generoso da campanha pela liberdade confraternizando lusos e brasilicos num esforço commum.

O galho novo importado da Europa não medraria bem no solo americano se não encontrasse aqui o tronco nativo em que se enxertou.

A Inconfidencia Mineira, antes mesmo da Revolução Francesa idealizara a organização de um governo livre e democratico para o Brasil tomando como modelo as leis norte americanas. Ao contrario da lição corrente, a devassa não colheu nas suas malhas muitos dos patriotas compromettidos na conspiração, que punha por si a sympathia popular.

A Inconfidencia, aureolada pelo sacrificio de Tiradentes, teve enorme repercursão em todo o paiz, e a idéa regada pelo sangue do martyr, continuou a deitar raizes e alastrar-se até irromper em Pernambuco, na epopéa da Revolução de 1817, que nos deu uma constituição escripta e exemplos inesqueciveis de governo constitucional.

Não é possivel desligar estes dois grandes episodios da historia patria, estreitamente vinculados um ao outro, assim como não se pode comprehender as peripecias da elaboração constitucional de 1821 a 1824 sem se ter em vista a grandeza e a profundidade dos alicerces existentes.

Assim, quando a noticia da revolução do Porto, de Agosto de 1820, chegou até nós, o ambiente estava preparado e do Norte ao Sul houve uma sensação de alegria e desafogo. O lemma — primeiro a liberdade, depois a Independencia, mais tarde lembrado por Theophilo Ottoni na famosa circular de 1860, echoou por toda a parte como o toque de reunir dos patriotas.

Tão grande era entre nós, no primeiro quartel do seculo passado, o anseio por um codigo de leis protectoras da liberdade contra a tyrannia, que o povo deu-se pressa em jurar a constituição hespanhola, chegando a collocar em 2º plano a idéa da separação de Portugal.

Si, em verdade, a constituição hespanhola vigorára no Rio apenas 24 horas, porque o decreto datado de 21 de Abril de 1821 foi revogado a 22 do mesmo mez, o certo é tal se deu sómente no Rio de Janeiro, porque a Constituição Hespanhola fôra jurada na Bahia em 10 de Fevereiro, e em Minas Geraes a 16 de Junho de 1821.

A Junta Provisional de Minas, installada a 20 de Setembro de 1821, pautava os seus actos por este codigo politico e baseado nelle é que o padre Rollim, inconfidente condemnado, pediu a restituição dos bens que lhe haviam sido confiscados.

Obtidas as franquias constitucionaes receavam os patriotas, principalmente de Minas Geraes, que se viesse a sacrificar esta conquista com a restauração do absolutismo pelo Principe D. Pedro. Dahi as difficuldades que houve no movimento da Independencia que ainda não está bem estudado e esclarecido porque não se publicaram os archivos de Minas e não se determinou o papel desempenhado pelos mineiros na elaboração

da nossa liberdade e da nossa Independencia.

A provincia de Minas era, por essa epoca, não só a mais populosa, como a mais rica e a mais adeantada do Reino-Unido. A pleiade de brasileiros que brilhava, então, na sciencia, nas letras, nas artes, na administração, na politica, na diplomacia, na carreira das armas — é constituida na sua maior parte, por filhos de Minas Geraes.

O culto da liberdade e a idéa da emancipação politica impregnavam o ambiente de Minas desde o primordios do seu desbravamento, sendo notoria a sua vocação liberal alicerçada em factores raciaes, geographicos e historicos.

A Inconfidencia plantara sementes de indestructivel vitalidade e a geração que acalentara aquelle sonho de redempção era quasi a mesma do tempo da Independencia, estando ainda vivos muitos dos actores do grande drama do fim do seculo XVIII.

Por esse tempo dividia-se a opinião mineira em tres correntes: a) dos republicanos radicaes; b) dos partidarios da independencia com a monarchia constitucional; c) dos adeptos da liberdade constitucional com a independencia ou sem ella.

As tres correntes confluíam, portanto, para o mesmo estuario — a liberdade constitucional, pois Minas, que soffreu os horrores do despotismo, anciava por um governo livre, disciplinado por leis refreadoras do arbitrio e de qualquer velleidade de oppressão.

Não prestando a devida attenção a este facto, os historiadores patrios não tem podido comprehender os acontecimentos desenrolados em Villa Rica, o papel desempenhado pelo brigadeiro Pinto Peixoto e o successos da viagem do Principe D. Pedro a Minas em Abril de 1822.

A generalidade dos nossos historiadoremprestam á viagem do Príncipe a Minas o caracter de uma victoria deste, por julgarem que os mineiros submetteram-se vencidos pela força, pelo medo ou pela ardente mocidade e irradiante sympathia do Príncipe.

A realidade é, exactamente, o inverso, como se evidencia da carta de José Bonifacio que, alarmado com a mudança operada nas idéas do príncipe na provincia de Minas, não vacillou em baldoar os mineiros com a viltade de serem "os mais finos e mais trapaceiros do universo".

Com effeito a excursão do Príncipe a Minas marca uma grande victoria dos mineiros que obtiveram a sua completa adhesão ao movimento constitucionalista.

Manifesto é o erro de Oliveira Lima (O Movimento da Independencia, 1922, pg. 214), quando affirma que o movimento de Villa Rica "tendia a collocar de novo a Provincia dentro da orbita da influencia portugueza."

Basta ler as proclamações do Príncipe dirigidas aos rebeldes de Minas, para ver qual a natureza e os intuitos do movimento.

A 9 de abril, no capão de Lavra, antes de entrar no foco da rebellião, enviava D. Pedro aos insurrectos a seguinte mensagem: "Briosos Mineiros! Os ferros do despotismo, começados a quebrar no dia 27 de agosto de 1820, no Porto, rebentaram hoje nesta Provincia. Sois constitucionaes. Uni-vos commigo e marchareis constitucionalmente..." Os mineiros acreditaram nestas promessas que tinham por si a fiança do Desembargador José Teixeira de Vasconcellos e Estevão de Rezende. Aceitaram o convite. Reconciliaram-se com o Príncipe,

a quem receberam sob entusiasticas acclamações.

O Brigadeiro Pinto Peixoto, um dos tres infames para os quaes José Bonifacio pedia castigo exemplar, tornou-se amigo e conselheiro do Príncipe. José Bonifacio ficou perplexo: o homem fôra punir os sediciosos de Minas e fizera causa commum com elles.

Reiterando os seus compromissos, quiz D. Pedro, ao se retirar, renova-los, e o fez na celebre Proclamação: "Vós sois constitucionaes e amigos do Brasil. Eu não menos. Vós amaes a liberdade. Er adoro-a."

Mas os mineiros, como os bahianos e pernambucanos, que se communicavam entre si, pelo S. Francisco e pela estrada geral das Minas, continuaram a desconfiar do Príncipe, por causa do seu temperamento voluvel e da influencia dos Andradas.

Proclamada a Independencia e marcado o dia 12 de Outubro para a acclamação de D. Pedro, Imperador do Brasil, as Camaras Municipaes de Minas manifestaram o seu pensamento na resalva constante das actas da solemnidade: "com a clausula de jurar elle previamente proteger, auxiliar e defender as Cortes geraes Constituintes do Brasil para fazerem a constituição do Imperio de uma maneira liberal e adaptada as suas circumstancias."

A these da nossa vocação constitucional poderia ser rastreada através da historia do Imperio e da Republica, mas, parece-nos bastante recordar que ha mais de cem annos o povo brasileiro já lutava por um systema de protecção da vida, honra e liberdade dos cidadãos, para deixar patente que o movimento actual pró-constituição vae fincar suas raizes nas camadas mais profundas da nossa historia.

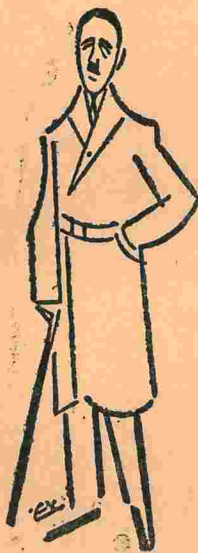
Hitler e o Fascismo Alemão

SEBASTIÃO PAGANO

DENTRE os movimentos políticos nacionalistas europeus, um dos mais interessantes é o chamado "Nacionalismo Alemão", na sua principal falange denominada "Nacional-Socialismo" e "Fascismo Alemão", cujo chefe é Adolfo Hitler (de origem slava: n. na Austria, Braunau, em 1889). A doutrina do partido transformou-se muito desde a fundação do mesmo, e isso pôde ter várias explicações, das quais, a que abaixo expomos parece-nos mais viável.

A França e a Alemanha estão colocadas uma deante da outra com espirito politico diametralmente opposto.

A primeira, que tem no seu passado uma História Política admirável, impelida pela desgraça chegou, de decadencia em decadencia, ao estado amorfo da república democrática. Emquanto isso, a Alemanha foi, através dos séculos, formando a sua unidade territorial e politica, porém, dentro de um espirito dissociado porque, si ha uma consciência nacional alemã, não ha homogeneidade de espirito e pensamento. A coêsão alemã é produto da força bélica de residuos barbaros que ainda subsistem na raça germanica, por onde advém aquéla superioridade que von Bernhardt inoculou no sen-



timento popular: "A Alemanha, povo supremo, deve conduzir, daqui para o futuro, a marcha da humanidade e péca contra sua missão poupando os povos que lhes são inferiores". A teoria culminou, na pratica, com a fundação do Império. Duas nações cristans que renegaram a sua Fé: uma, conservando-a latente e enfraquecida; outra, substituindo-a pela sua antitese liberal — o protestantismo. Como a vida das nações gira em torno de principios filosóficos, é no espirito que se encontra a causa do antagonis-

mo constante entre ambas. A guerra éra inevitável. A Alemanha soube valer-se de uma forma de governo sólida, poderosa, grande: a Monarquia. Enquanto isso, a França adotava a República dissociadora. Terminada a guerra, a França vitoriosa impôs á Alemanha vencida a quédia do Império. Mas o Império ficou na consciência germânica. A verdade monarquica é a única que o bom-senso alemão conservou ao romper com o Cristianismo, adulterando-a, porém. A Realeza, na Alemanha, falha á sua missão historica: a Alemanha adotou a "monarquia dinástica" não, porém, a Monarquia no legitimo sentido que lhe deu a Edade-Média onde a Realeza nasceu. A Alemanha confundiu a Mo-

narquia com o "Imperium" pagão onde "o edifício social tinha o Imperador por cúpula e a escravidão por alicerce". "Na concepção política da Antiguidade o indivíduo pertencia ao Estado, que se incarnava na onnipotência caprichosa de Cesar. Quidquid placuit principi legis habet vigorem — ensinava a secura dogmatica do direito em Roma" (v. António Sardiha, Prefácio á "Teoria das Côrtes-Gerais" do 2.º Visc. de Santarém, pag. XVIII). Hegel foi o filósofo dessa política adotada pela Alemanha: a "estatolatria" hegeliana triunfou completamente. Contrastava, pois, com a velha França democratisada, individualizada, desconêxa, frouxa, simples instrumento nas mãos de sociedades secretas internacionais visando á destruição do mundo cristão. A guerra seria a manifestação desse contraste, e a guerra pôs em evidência o valor de uma e outra doutrina política. Na Alemanha permaneceu aquêlê "sentido" de unidade, aquela ansia de universalismo que ainda conserva diluída na sua consciência outróra cristã totalisadora e que fará da Alemanha uma nação triunfante si um movimento consciente reatar os principios partidos de sua formação.

Essa filosofia política passou, vibrante, para o terreno dos vencedores adotando-a integralmente a Itália fascista. O Fascismo italiano tem Mussolini por chefe — até então pagão e ainda hoje indiferente não obstante certas atitudes suas meramente políticas —; por filosofia, o néo-hegelianismo de Croce. O Fascismo acrescentou á "estatolatria" hegeliana um sentido social da Edade-Média — o corporativismo organico — não por via do Cristianismo e sim do Comunismo que soube haurir do Catolicismo essa béla estrutura social. No fundo, pois, os principios do Comunismo, do Fascismo e do Nacionalis-

mo Alemão são identicos; divergem, porém, as diretrizes, os rumos, as tendências, os fins segundo o meio e as diversidades sociais. O hegelianismo, no seu aspéto novo (néo-hegelianismo), evidenciou-se de modo positivo, depois da guerra, contra a falsidade liberal. Passou a todas as nações. A própria França resente-se dêle num néo-hegelianismo que poderemos chamar "atenuado" ou de acomodação tal como o concebem os chefes da Ação Realista Franceza — Leon Daudet e Charles Maurras. A essas correntes de nacionalismos deformados por um pequeno e grande erro inicial, só se pôde opôr uma doutrina mais forte e perfeita: o Integralismo Lusitano, ainda pouco divulgado, a melhor e mais béla de todas as concepções políticas européas já triunfante nas melhores inteligências da Peninsula. Essa doutrina integral cristã se encontra em franco progresso no Brasil, representada pelo Patrianovismo — uma das mais extraordinárias coincidências de pensamento. E' para a doutrina integral cristã que o mundo, sem dúvida, deverá volver si deseja, realmente, atingir a relativa e possível felicidade terrena. Ha na Europa ainda outros movimentos politicos interessantes, dos quais oportunamente falaremos. Começemos pelos "hegelianos".

Não é, pois, de estranhar a ligação existente entre o Fascismo Italiano e o Fascismo Alemão; ambos têm a mesma origem — Hegel — e em certo sentido se pôde dizer que aquêlê é filho espiritual dêste. Por onde o Fascismo Italiano é de origem alemã. Ha em ambos um socialismo de Estado mitigado. No Fascismo Alemão, porém, é preciso bem distinguir a ação dos principios do partido. Os nacionais-socialistas de hoje já não são o que eram primeiramente. Hitler fez com o seu partido o mesmo que o chefe socialista Breitscheid fez com

o seu partido "Social-Democrático". Breitscheid, que antes era socialista militante, pouco depois transformou-se em instrumento do capitalismo odiador do comunismo. Assim os Nacionais-Socialistas Alemães transformaram os seus princípios socialistas radicais no atenuado socialismo Fascista, tornando-se um bloco reacionário. A ação, pois, é acomodaticia e ás vezes diverge dos princípios, por-onde se nota que é puramente uma reação dos vencidos processada pelo "sentido" nacional manifestado no militarismo germânico. Hitler e Hugenberg, chefe do partido "Nacionalista", unem-se em ação comum para a restauração do Império (Reich) reclamando energica e violentamente a revisão do Tratado de Versalhes, o que implicará na sua anulação total. A Alemanha não quer ter sido vencida, não quer a "culpabilidade da guerra" declarada no artigo 231 daquêlê Tratado em virtude do qual deu-se o afastamento da dinastia e a aceitação das "dívidas de guerra". A reação, pois, é monarquica, embora até hoje os alemães tenham tido o cuidado de proteger esse aspéto. E' monarquica em todo sentido, e a sua transformação fez-se do modo mais secréto e subtil possível.

Na Alemanha o Império surgiu quasi limpo das mistificações democráticas e parlamentares: simuladamente parlamentar (no sentido liberal e democrático), soube atender aos interesses da burguezia, de tal modo, que elevou a nação ao apogêu industrial em que se mantêm, atendendo, outrossim, aos interesses da nobreza e demais interesses nacionais de um modo mais ou menos coordenado, segundo o sistema bismarckiano baseado nos princípios estáticos de Hegel. Um estado pagão com apparencias cristãs (semi-adotando as instituições da civilização cristã). Errado, no fundo, donde o

grande mal, e, infelizmente, o insucesso que resultará da persistência desse sistema pela destruição das vitórias e triunfos anteriores. O povo alemão, grande por sua pertinaz força de vontade, sem dúvida merece outros destinos, mas não os atingirá si não mudar o seu pensamento, si a sua vida não girar em torno de outra filosofia integral, forte, grandioso, profunda, espiritual, verdadeira: a filosofia cristã da vida, a verdadeira "weltanschauung" baseada na Divina Trindade e não na trindade do "Sangue, da Fé e do Estado", especialmente nessa Fé henothéica dos deuses do Walhalla defendida pelos nacionalistas. O Império Alemão tinha o Imperador como cúpula e encarnava realmente o absolutismo protestante famoso na frase de Luis XIV "l'État c'est moi" moderado, um pouco, segundo as exigências da época. Tanto assim éra que, ao serem iniciadas as negociações da paz, o presidente Wilson, que deveria lançar as propostas, recusou-se a fazel-o desde que houvesse de tratar com o Imperador. Reconhecia-se, pois, por um áto público e internacional que o Imperador representava a Alemanha profundamente monarquica. Para os vencedores éra preciso quebrar de vez as forças da Alemanha, que residiam nessa unidade-da Monarquia. Si as negociações fossem feitas com o Imperador, as condições da paz não seriam impostas pelos vencedores e a discussão das mesmas seriam levadas a outros termos que, talvez, não trouxessem ao mundo a angustia em que está vivendo. Isso mostra que o Tratado de Versalhes é um tratado de emergência. O Trono, pois, não ruiu na Alemanha, pois para ruir seria preciso que a nação o derrubasse. Isso a Alemanha não fez: o Imperador exilou-se na Holanda na memorável noite de 10 de Novembro de 1918. — Não cábe aqui

falar desse episódio histórico. — A paz é necessária e o Imperador afastou-se para evitar maiores dificuldades ao seu povo, e fel-o atendendo aos pedidos insistentes, intimidadores de Hindenburg e Ludendorff, a cujo emissário informou: "Tenho dos meus filhos a palavra de honra de que nenhum tomará o meu lugar e, com eles, toda a casa dos Hohenzollern se esquivará". A república veio, mas que república!... Imperial, onde o presidente é chamado "Presidente do Império" e onde se conservaram todas as instituições monárquicas essenciais. Portanto, a república não existe na Alemanha: o que existe é uma Regência imposta pelo Tratado de Versalhes. Hoje a Alemanha prera-se para a restauração do Império. Também não nos importa saber de que modo se organizou o movimento que agita o país em todas as direcções. O facto é que ainda ha poucos mezes realizava-se uma parada de cento e cincoenta mil "capacetes de aço" á qual assistiam uniformizados o príncipe Frederico, filho mais velho do Kronprinz e o duque de Saxe-Coburgo-Gotha. As eleições para "presidente da república" realizar-se-ão em 1932 e o príncipe Frederico é o seu candidato até agora unico e provável. Todavia ignoram-se os resultados das "demarches" ou o que nesse sentido estabeleceu a Casa de Hohenzollern. Certamente nada transpirará, mas a História indica-nos que o rumo seguido é o mesmo de que se serviu Napoleão III.º para a restauração do II.º Império francês.

Observe-se o que se passa actualmente na Alemanha. A nobreza está fortemente representada nos postos de governo. O próprio "presidente da república" pertence a uma das mais velhas familias nobres da Alemanha: é o Barão Paulo von Beneckendorff und von Hindenburg. Os partidos na-

cionalistas são apoiados pela grande burguezia e pela aristocracia; a sua representação no Parlamento é grande; a sua força politica enorme a ponto de abalar os Gabinetes e substituir Ministros segundo melhor conveniência aos interesses do partido. Agora, aproximam-se do poder. As entrevistas do presidente Hindenburg com os chefes Hitler e Hugenberg denotam a tendência do Governo para o estabelecimento da ditadura baseada em artigos da Constituição de Weimar. Por outro lado, o Reichstag tem a seguinte representação: Sociais-Democratas (Breitscheid, Hermann Muller e Hilferding), 143 cadeiras; Comunistas, 76; Partido do Estado (democraticos), 22; Partido Economico ou Agrario, 23; Partido Populista, 24; Nacionais (Hugenberg), 41; Centro (Católico), 69; Nacionais-Socialistas (Hitler), 107. O primeiro, é extremista atenuado; o segundo extremista radical, formando ambos um total de 219 cadeiras. A direita, tomando os Nacionais-Socialistas (Nazis), os Nacionaistas e Centristas, forma um total de 217 cadeiras. Estes ativam as suas forças no sentido de assimilar os demais partidos do meio, e por sua vez os Nacionais-Socialistas, que já se entenderam com os Nacionaistas, procuram assimilar a todos. Em última análise, os Nacionais-Socialistas formam o segundo e mais prestigioso partido do Reich, donde é fácil prevér o seu triunfo. Desde Setembro do ano passado, com a vitória dos mesmos nas eleições, a politica internacional variou muiço em favor da Alemanha. Essas eleições, quando menos valor tenham, demonstraram a existência de 47% de extremistas na Alemanha, o que veio pôr em sobresalto os "aliados". Dêsse receio vimos a seguir a moratoria proposta por Hoover; a queda do acordo Austro-Alemão (aliás, dentro do espirito da União Européa

que a precipitação de Briand armou); a conferência de Chequers, as entrevistadas Bruening-Briand, Laval; Laval-Hoover; Grandi-Bruening e muitos outros movimentos diplomáticos. Certamente ha da parte do Governo Alemão (que pelo exposto parece-nos bem simpatizante com o movimento) um desejo forte de manter a ordem sem contrariar os interesses e aspirações nacionais manifestadas por esse grande movimento de consciência e, sobretudo, demonstrar lealdade para com as nações ás quais prometeu respeito aos Tratados. Daí a lei de "proteção á república" e a natural disposição de resolver diplomaticamente as reclamações nacionais contra o armamentismo desenfreado dos vencedores, a imposição do "Korridor" polonez como meio estratégico de defesa e, enfim, todas as imposições do Tratado de Versalhes decorrentes da tése da culpabilidade alemã (artigo 231). Todas essas aspirações são favorecidas pela situação economica interna do Reich assoberbado de dívidas e com 5.000.000 de desempregados constituindo uma terrivel ameaça para a vida das demais nações capitalistas. Outro fáto importante é a estreita ligação com a Russia Soviética.

Como nos limitamos a uma critica dos fatos presentes não podemos historiar e estudar os fatos anteriores á guerra e, conseqüentemente, a culpabilidade alemã. Mas uma cousa saltamos á mente: o Império, na Alemanha, tinha sua alta representação no Imperador, si não nas leis escritas ao menos nos principios admitidos e na consciência nacional que é onde a lei naturalmente reside. O Imperador não firmou as condições da paz, ao con-

trário, do seu exilio reclama contra as mesmas; fel-o a "república" que, nesse caso, não representava a Nação. E' o que nos leva a classificar "de emergência" o Tratado de Versalhes. O seu vicio está na origem que o faz não-definitivo mas precipitado. Por aí pódem os nacionalistas tirar as bases de suas pretensões reivindicadoras e restauradoras. Diante disso tudo não são para desprezar estas considerações do jornal francês: "Victoire" por ocasião das manifestações de Breslau, a 30 de Maio último: "Não podemos jurar si não veremos ainda algum dia, não o ex-kaiser, mas o proprio kronprinz ou um dos seus filhos, reinstalados no trono. Em caso de morte ou demissão do presidente Hindenburg, quem nos assegura que o ex-herdeiro da corôa ou um dos seus filhos se não apresente ao povo alemão, mediante consulta plebiscitaria, e se assente na curul presidencial?"

"Desde já podemos prever que o Reich (Império) está a caminho da restauração".

Haveria muito para dizer, mas o pequeno espaço não o comporta. Inquieta-nos a pergunta sobre o futuro dessa politica mundial que chamamos "de emergência" porque nenhum dos regimes politicos de após-guerra representa um estado definitivo no plano da vida universal. Todos os regimes atuais e os que prometem substituil-os — excepção do pensamento Ibérico, já fortemente esboçado tambem na Espanha — não se fundam na realidade e sim num idealismo sem raizes, infirme na concepção integral da vida. Tal o "grande perigo" como chamamos ao "pensamento novo", radical, reformador.

A Mobilidade da Reserva Militar

Aspirante HELIO VIANNA

A RESERVA do exercito brasileiro ainda não possui um quadro organizado. Tendo passado por successivas transformações os processos de sua constituição, accresce que muito variaveis são as formas pelos quaes nella se classifcam os seus elementos componentes. De facto, pertencem á reserva: as praças de pret e os graduados que pelo sorteio ou pelo voluntariado passaram pelos corpos de tropa; os reservistas sahidos dos tiros de guerra; os aspirantes a officiaes que fizeram curso nos Centros de Preparação de Officiaes de Reserva; os segundos-tenentes que em seguida estagiaram com aproveitamento na tropa; eventualmente, os primeiros sargentos, ex-aspirantes, que não tenham conseguido por duas vezes fazer com proveito aquelle estagio; os remanescentes do Exercito de 2.^a linha, officiaes successores da extincta Guarda Nacional, e, enfim, os elementos da activa, praças, graduados e officiaes de todas as patentes que foram, por diversos motivos, transferidos para a reserva.

Embora differencados em categorias e classes, todos são elementos da reserva e, no caso de mobilisação, provavelmente serão convocados nos primeiros momentos, sem que mui-

tos delles possam ser completamente uteis como se ha de requerer.

De tão diversas origens resulta uma serie de situações especiaes quanto á capacidade militar respectiva e, sobretudo, de desigualdade numerica.

Verificar-se-ão os seguintes factos, no caso de uma mobilisação geral: os reservistas sahidos dos corpos de tropa talvez completem os seus effectivos, comquanto muitos delles, pela ausencia systematica nas manobras irrealizadas, já não apresentem habilitações para as funcções cada dia mais especializadas dos soldados modernos. Da mesma forma, os sahidos dos tiros de guerra necessitarão não só uma phase prolongada de treinamento nos campos de concentração como tambem a constituição de corpos de tropa — sómente de Infantaria — que os comportem. Poderiam commandá-los os officiaes da activa do Quadro Suppletar, assim como os da Reserva. Estes, porém, seriam em maioria esmagadora exclusivamente segundos-tenentes e, talvez momentaneamente, algumas centenas de aspirantes tambem, que ainda não tenham tido contacto directo com tropa do exercito activo ou de primeira linha. Seriam insufficientes para o commando e a preparação da massa de reservistas que

desde 1918 vem se accumulando, não só os officiaes da activa disponiveis, como os que della foram classificados na reserva. O aproveitamento daquelles tenentes e aspirantes seria então inevitavel. E os poucos officiaes da reserva de patente superior áquellas talvez não chegassem a constituir a officialidade de uma só brigada, com effectivo de guerra.

Desta situação resulta o problema para o qual quero chamar a atenção: a mobilidade da reserva é uma necessidade vital para uma rápida e eficiente mobilização. Mobilidade principalmente no sentido de possibilidade de accesso justificado aos postos superiores da hierarchia militar (mesmo até o de tenente-coronel). Poderia isto ser facultado, por exemplo, mediante estagio especial para a obtenção do posto de primeiro-tenente, o que sómente seria concedido aos aspirantes que melhor aproveitamento tivessem no estagio para segundo-tenente. Accessão ao posto de capitão mediante assistencia assidua, como ouvinte, aos cursos da Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes. Accessão aos postos de major e tenente-coronel depois de participação, em condições identicas ou assemelhadas, nos cursos da Escola de Estado-Maior, etc. São suggestões apenas, sem qualquer rigidez de proposta immutavel. Visam exclusivamente á resolução de uma questão de vital importancia para o momento essencialmente delicado da vida de um exercito.

E não se pode esquecer, igualmente, a necessidade da mesma mobilidade nos postos inferiores, notadamente no de sargento. A estrutura de uma fracção qualquer de uma tropa moderna — grupo de combate, guarnição de peça, etc. — é de tal fórma complexa que já não permite, absolutamente, a improvisação dos seus graduados. Tambem como suggestão, parece-me que á realização intensiva de concursos entre os reservistas para os postos de cabo e de sargento, além da facilitação da passagem delles pela modelar Escola de Sargentos — ajudaria a obtenção de uma solução para essa face da questão.

Terminando, quero assignalar que da parte dos paizanos que procuram voluntariamente a sua inclusão no officialato da reserva, ha a melhor bõa vontade em cooperar com os elementos da activa para a resolução dos problemas militares, que são, de resto, problemas nacionaes. Attestando-o, basta registrar os algarismos que representam as turmas de aspirantes sahidas dos benemeritos Centros de Preparação de Officiaes de Reserva, hoje espalhados pelas sédes das Regiões Militares e todos em franco progresso. Sómente os da 1.ª e da 2.ª Regiões deram, em 1931, respectivamente, 71 e 75 aspirantes, sendo 70 infantes, 39 artilheiros e 37 cavallarianos, num total de 146 aspirantes só para as duas citadas Regiões, do Rio e de São Paulo.

Porque me ufano...

Quando a gente ouve de um estrangeiro louvores e exaltações ás coisas do Brasil, logo entra a suspeitar da cantiga suppondo sempre tratar-se de palavras de um aventureiro empenhado em bem fazer a sua America.

E é isso, de nossa parte, um pessimismo morbido, uma desconfiança cabôcla, de que urge nos libertemos sem tardança. Porque afinal, si as lôas ao Brasil partem algumas vezes de refinados cavalheiros de industria, não é menos raro que saia da bocca de forasteiro sinceramente maravilhado com as coisas, e sobretudo com as proporções das coisas do Brasil.

Como não extasiar-se a gente diante de um mar sem praias, que é apenas o rio Amazonas? Como não quedar pasmado diante de um pôr de sol no espelho da Guanabara? Como sofrer alvoroço, ante Paula Afonso e Iguassu? Como não admirar o verdor de nossas mattas, a primavera eterna de nossos jardins, a fragancia de nossos pomares? E o recorte caprichoso que orla a bahia do Rio de Janeiro? Pois não pára ahí a serie de coisas maravilhosas do Brasil Nelle se derribam thronos com ensaio preciso e musica adequada; nelle se extinguem captiveiros ao espoucar de girandolas; nelle se formam combates sem effusão do sangue irmão.

O bom humor do brasileiro é absolutamente insuperavel por qual-

quer outro bom humor. Mais alacre do que o inglez, menos picante que o parisiense, mais delicado que o allemão; mais asseado que o iberico; mais subtil que o norte-americano — é o humor brasileiro um dos mais deliciosos de quantos se encontram na face da terra.

Quem é capaz de derramar no coração brasileiro o fel de qualquer tristeza, se o carnaval bate ás portas, e conta com o apoio pecuniario do Governo?

Tudo no Brasil é sempre muito de consolar. Agora mesmo, nesta quadra de escura incerteza, em que o equilibrio financeiro do mundo está por um fio, e as nações defendem com usura o valor de sua unidade monetaria, o Brasil olha por cima do tragico panorama; e emquanto nas demais nações do mundo, o padrão monetario é a unidade da moeda, no Brasil a unidade da moeda é apenas o milhar do dinheiro. E quando o estrangeiro quer saber qual é a moeda brasileira dizem-lhe que é o mil réis; elle insiste: mas eu quero saber é a unidade monetaria; e repetem-lhe ainda que a nossa unidade é o milhar...

Aqui no Brasil só se conta dinheiro de mil para cima. Por muito favor ainda rolam por ahí os nickeis de cem réis, centuplo que corresponde ao centavo em qualquer paiz do mundo. No Brasil tudo é assim, grande, milharesco, amazonico.



O presente de Natal

OS RESULTADOS DA ALIMENTAÇÃO COLLECTIVISTA NA RUSSIA



I As cozinhas recebem generos de 1.ª qualidade



II Os cozinheiros trabalham mysteriosamente

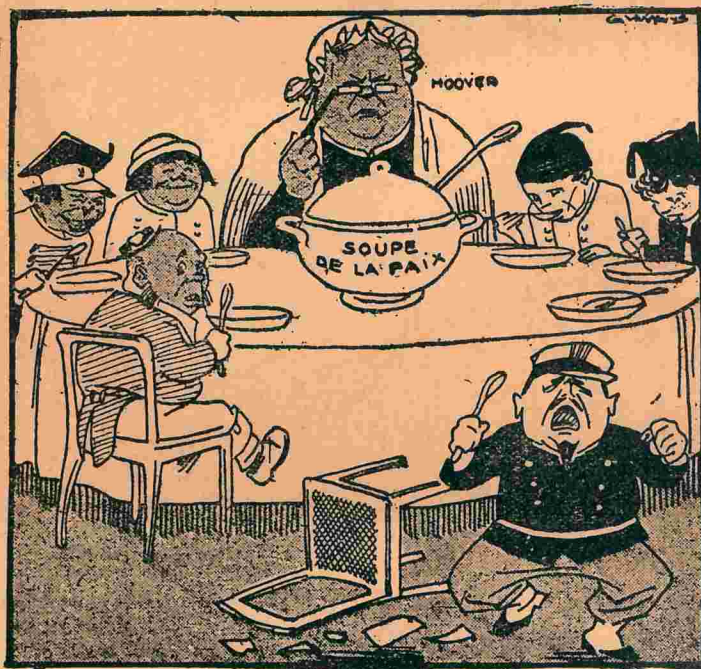


III Lucta para obter um lugar, uma faca, um garfo.



IV Resultado final: uma pelanca intragavel c o m sal e pimenta

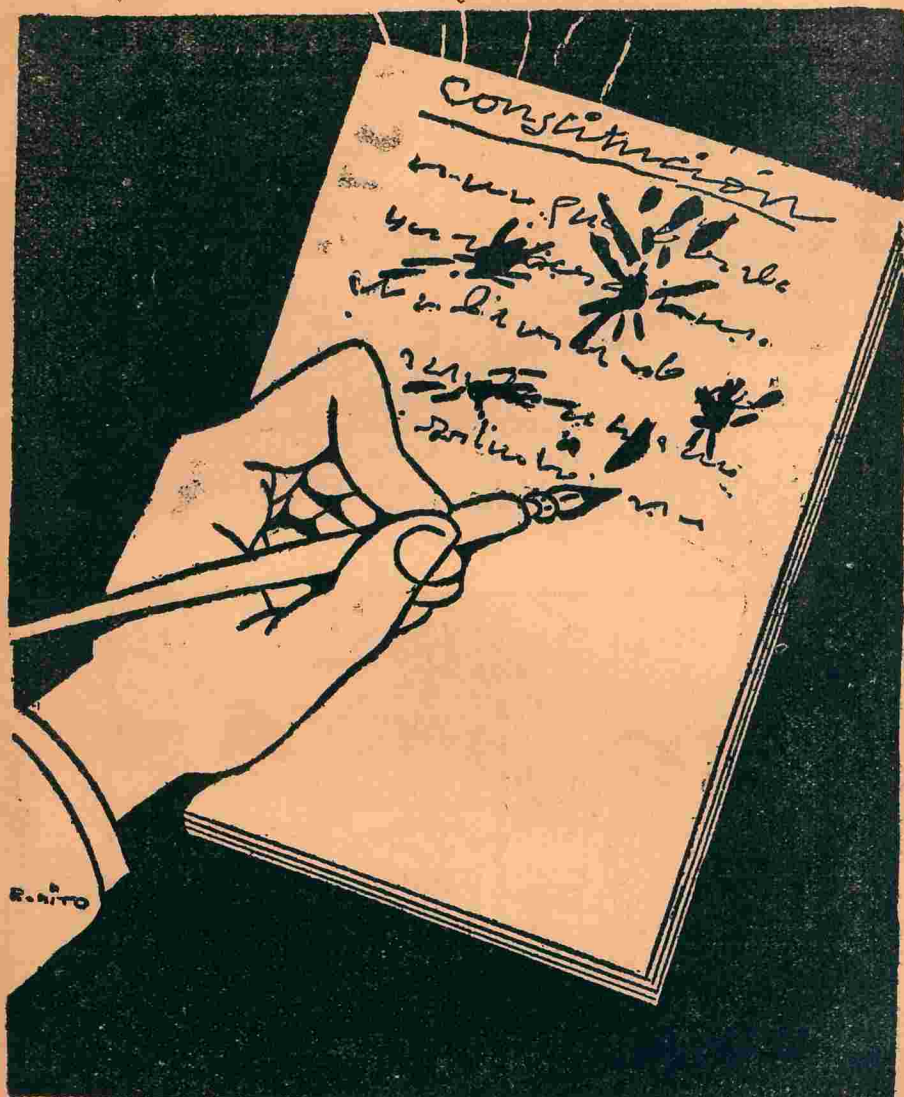
(Krokodil)



— A ceia da paz.

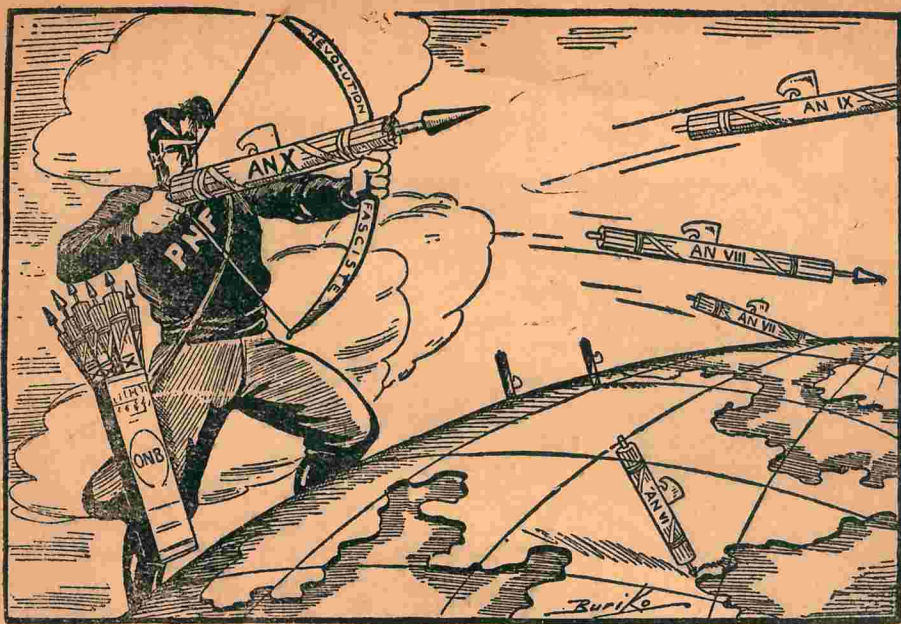
(Judge)

A CONSTITUIÇÃO HESPAÑOLA



O inconveniente de se escrever com a "esquerda"...

("El Sol", de Madrid)



— Todos os annos se atira uma flecha nova até o mundo ficar sob o signo do fascismo (420)

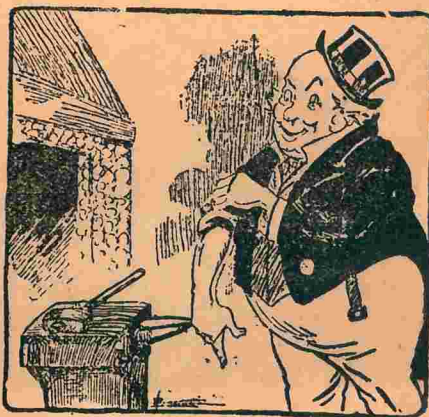
O PADRÃO OURO



A raposa que perdeu a cauda: Não se usa mais isto...

(Los Angeles Times)

A DERROTA DOS TRABALHISTAS



Agora que deixamos de ser "Trabalhistas", vamos trabalhar.

(Presse de Moutreal)

Espirito Santo, Terra de Turismo

MADEIRA DE FREITAS

ESTA coisa de andar a gente a descobrir o Brasil cada vez que se afasta um palmo da Avenida Rio Branco não parece mais seja tarefa de uma pessoa de bom gosto e medianamente educada.

O que entretanto eu acabo de ver na terra capichaba, durante uma ligeira viagem de recreio que fiz recentemente ao Espirito Santo, é tudo quanto ha de mais serio em materia de maravilha, e esmaga, pela propria grandeza, qualquer eiva de ridiculo que sobre o caso se queira deitar.

Em verdade o que eu vi no Espirito Santo, e que ficou lá, no mesmo lugar, para quem quizer ver, foi a belleza estonteante de uma paisagem magnifica em que todos os elementos da natureza brasileira conjuram no proposito do deslumbramento, da seducção magnetica, da estupefacção ante a orgia louca de formas, de côres e de luz.

Emquanto que o olhar da gente, nesta terra carioca, necessita transportar-se de legua em legua para trocar o aspecto da paisagem, já de si imponente mas esparsa — no Espirito Santo soube a Natureza arrumar os accidentes pittorescos muito perto uns dos outros, compondo uma feira de paisagem, uma montra de palmeiras indescriptiveis, em que se exhibem aos olhos avidos do turista tudo quanto a terra tem de bom e de bello. Cambury, Comprida, Manginhos, Jeburuma, Pirahem, Nora Almeida, Suá, Costa, Marataizes — são verdadeiras maravilhas do genero praia; ao invez da magestade

monotona das grandes praias do Rio, ha ahi o accidente imprevisto do terreno, com o recorte caprichoso de suas montanhas, com os mil e um reconcavos de suas bahias encantadoras. Estradas de rodagem abrem-se, em leque, da capital para o Interior e então surgem as cachoeiras, as cascatas, e as innumeradas pontes que passeiam taes precipicios. Mais alem é o rio pequeno, a serpear por entre um verdadeiro tunel de cotindibas, ingazeiras, que disfarçam, como narcisos, sobre as aguas ariscas da corrente; e uma fauna ornithologica opulentissima voeja pela margem do pequeno Rio, e já não teme a voz dolente do barqueiro, que rema cadenciadamente suas pranchas morosas pejadas de café. Ahi é o grande rio, o Rio Doce, ou mar sem sal em cujas aguas sombrias se espelha o panorama de Collatina. Uma ponte de setecentos metros, liga as margens do rio colossal, no ponto de sua menor largura. Do Vale de Canahã de que se tem um pallido esboço no livro de Graça Aranha — tudo quanto se diga resume-se apenas na vontade de dizer.

E' belleza que transcende ao aquarelista mais suave. E tudo isso leva a gente a pensar numa carreira de turismo pelo Estado do Espirito Santo, alardeando assim o que o Brasil tem de bello, bem como deramando nas arcas do Estado aquelle orçamento invisivel de receitas, o turismo, que enriqueceu a França e que, desenvolvido, ha de enriquecer o Brasil.

O Mez Internacional

Da paz anciosa á promessa do desarmamento

O CONFLITO verificado durante a primeira sessão plenaria do Congresso

Pró Desarmamento veio pôr em evidencia o estado de espirito da Europa. A repercussão do choque entre os nacionalistas, sympathicos ao armamentismo, e os extremistas vermelhos, adversarios desse principio, não podia ser mais impressionante. A excitação partidaria se manifestou pouco antes da Carta Apostolica do Papa Pio XI sobre a situação actual dos povos, onde se alça um appello ao pensamento christão do mundo: "E visto que a desenfreiada competição de armamentos é, sem duvida, por um lado, effeito da rivalidade entre os povos, mas, por outro, causa de enormes despesas subtrahidas á economia publica, coefficiente, portanto, e não dos menores, da extraordinaria crise actual, não podemos deixar de renovar aqui, uma opportuna advertencia do mesmo nosso predecessor (Exhortação "Dès les debuts", 1 de agosto de 1917) e nossa (Aloc. 24 de dezembro de 1930 e carta ant. "Con vivo piacere," de 7 de abril de 1922), lamentando que não tenha sido até agora attendida, neste sentido, com ardor vos exhortamos, veneraveis irmãos, que por todos os meios aos vosso alcance, pela palavra e por escripto, vos empenheis em esclarecer as in-

BEZERRA DE FREITAS

telligencias e abrir os corações." Ao encontro dessas aspirações, veio sem duvida, o sr. Herriot,

chefe dos radicaes socialistas, ao accentuar que todos os espiritos livres se acham, neste instante, empenhados em acabar com a barbaria immemorial da guerra. O sr. Herriot fixa uma theoria moderna; o pessimismo fatalista, a impaciencia da generosidade. Para o sr. Herriot, as directrizes adoptadas pelos inspiradores do Congresso se baseiam na cooperação dos povos e na ordem juridica internacional. Os inglezes, na sua singular concepção da vida, acreditam que a segurança não pôde repousar sinão na theoria de reciprocidade. Ella deve garantir a integridade do imperio colonial britannico. Os documentos mais recentes traçam perspectivas sombrias. Em eloquente artigo sobre os perigos da paz, á margem da politica armamentista na Europa, Francisco Nitti examina o annuario militar da Sociedade das Nações, donde extráe dados e lições de um realismo angustioso. No conceito de Nitti, poucos livros produzem maior sensação de tristeza, porque poucas obras apresentam espectaculo de mais tragico humorismo. O que o annuario reflecte, em ultima analyse, é o progressivo augmento das despesas militares

em todo o continente europeu. Entretanto, conselhos e assembléas da sociedade das Nações se reúnem frequentemente e quantos participam desses debates "não cessam de exaltar e glorificar a obra de Genebra." Mas, que tem revelado ao mundo a dura lógica desse verbalismo, Após o desarmamento da Allemanha, da Bulgária, da Hungria e da Austria, a Europa mantém sob as armas mais homens que antes da guerra européa, e applica em dollares, nos seus orçamentos, uma somma ainda mais elevada que a que empregava em 1914, anno de intenso militarismo. E Nitti, depois de observar que os quadros dos officiaes de curso indicam a possibilidade de mobilisar grandes exercitos, pois tres Estados classificados de segunda ordem, a Polonia, a Tchecoslovaquia e a Yugoslavia contam agora mais officiaes que a Allemanha imperial durante a época do seu mais excessivo militarismo, analysa a situação da Belgica e da Suissa: "A Europa, conclue o impavido universitario italiano, não tem deante de si muitos annos para decidir o seu destino. Depois de 1935, as obrigações e as limitações impostas pelos tratados terão terminado e os vencidos tambem se julgarão com o direito de armarse e fazer ouvir a sua voz." Nitti é pessimista e julga que se a França e a Allemanha não chegaram a um accôrdo sincero, pela equidade ou pela justiça, surgirão outros proble-

mas a vencer, causa talvez de conflictos fataes para a civilisação. Espiritos obstinados e de certo sem generosidade sustentam que a America nada tem a vêr com o equilibrio europeu. Os fundamentos economicos, juridicos e politicos da paz obedecem aos impulsos da consciencia universal. Por um solido e amplo systema de relações financeiras chegará o mundo, não a uma éra de estabilidade perfeita, mas a um novo contracto social, um contracto sem fórmulas convencionaes nem imposições de vencedores arrogantes a vencidos humilhados. Na sua doce fala de paz e reconsideração, Pio XI pediu aos homens que procurassem esclarecer a intelligencia e abrir o coração dos politicos e dos industriaes do armamentismo. Uma parte da humanidade pensa que a abolição dos instrumentos de guerra conduzirá á paz. Mas, outra parte acredita que só a pacificação dos espiritos levará o mundo a uma phase de tranquillidade. Enganam-se, todavia, os que argumentam, nos dois grupos, sem ter deante dos olhos os graphicos exasperados do annuario da Sociedade das Nações. A educação militar da mocidade continua a ser atacada com violencia. Os gastos dos exercitos, usinas e forças navaes dominam todos os outros. A producção dos laboratorios e aerodromos excede ás previsões mais subtis. E as conferencias se succedem, do tragico ao ridiculo, até descer, como ha pouco, á pura aggressão pessoal aos delegados...

O divorcio na Hespanha

DEPOIS das medidas votadas na Camara hespanhola, sobre as relações do Estado re-

H. SOBRAL PINTO

publicano com a Igreja, é evidente que os mesmos legisladores da grande nação iberica desres-

peitando, arrogante e audaciosamente, o direito de propriedade das Congregações religiosas, não demorariam em cahir sobre a instituição da família, para abalal-a nos seus alicerces fundamentaes, propugnando a admissão do divorcio em terras de Hespanha.

O recente projecto, organizado pelo Ministro da Justiça, Sr. Fernando de los Rios, nos dá a medida exacta desse novo flagello social, que não tardará em invadir o organismo, já tão combalido, do nobre paiz, que foi o berço da intrepida Companhia de Jesus.

O telegramma, que nos vem de Madrid, assim resume as tendencias do projecto, ora em discussão na Camara constituinte: "O projecto estabelece como causas para completa dissolução do vinculo conjugal as seguintes: o adulterio não consentido pelo conjuge que pedir o divorcio; a bigamia; a tentativa do marido para prostituir a mulher; a tentativa da mulher para corromper os prostituir as filhas ou a connivencia na corrupção e na prostituição; o abandono do domicilio conjugal por qualquer dos conjuges durante um anno sem motivo justificado; o máu tratamento; as injurias graves; a conducta immoral e vergonhosa de um dos conjuges e que torne a vida insupportavel ao outro; as molestias venereas contrahidas fóra do casamento ou antes do mesmo e que hajam sido escondidas. Estatue mais o projecto que o divorcio não poderá ser concedido sem assistencia do conjuge responsavel".

Estas condições, que o legislador estabeleceu para que possa ser decretado o divorcio, mostram que os actuaes organizadores da Hespanha julgam que essa medida vae simplesmente aproveitar aos casaes realmente infelizes, que encontrarão, no di-

vorcio a vinculo, o remedio necessario aos males que os affligem.

E' a eterna illusão dos divorcistas. Quando pleiteam, nas suas campanhas, a adopção desse instituto, fazem-n'o sempre em nome de algumas infelicidades, que são indiscutíveis. Pensam, no seu sentimentalismo desarazoadado, que o divorcio, se fôr cercado de difficuldades legaes claramente estatuidas, só poderá ser utilizado de modo reduzido, e pelos casaes, que mereçam semelhante protecção.

Infelizmente, ahi está a experiencia de todas as nações para provar a absoluta improcedencia de tal esperança.

Escrevendo em 1911 sobre o assumpto, Planiol, illustre civilista francez, e apologista do divorcio, via-sé obrigado a confessar: "O numero dos divorcios seguiu uma progressão mais ou menos constante. Em 1886 houve 2.950 casos; em 1888 já subiram a 4.708; depois a cifra se elevou progressivamente a 8.434 em 1902, a 9.860 em 1904 e a 10.573 em 1906.

Eis outras cifras que auxiliarão a precisar mais as idéas: sobre mil casamentos celebrados estima-se que 28 se dissolvem pelo divorcio. E' uma média geral para toda a França...

A proporção dos pedidos admittidos pelo Tribunal, muito elevada desde o inicio, tende a augmentar ainda: de 85% ella passa para 91% em 1901, emquanto que para a separação de corpos esta proporção não ultrapassa de 75%. Em Paris a accumulção dos casos é tal que o divorcio tende a se transformar em formalidade. Espantava-se, em Dezembro de 1898, de se vêr o Tribunal do Sena decretar 98 divorcios numa só audiencia; desde então esta cifra foi de muito ultrapassada; che-

gou-se a 270 num unico dia! Esta justiça a vapor torna-se temivel: como chegam os magistrados a examinar casos que elles julgam por pacotes? Se esta estatistica não lembra os abusos do periodo revolucionario, o augmento constante do numero dos divorcios não é menos inquietador. OS FACTOS DESMENTIRAM DE MODO O MAIS CRUEL AS AFFIRMAÇÕES OPTIMISTAS DOS PARTIDARIOS DA REFORMA, que pensavam, em 1884, que após uma especie de liquidação do atrazado ver-se-ia diminuir o numero dos divorcios, que se fixaria numa cifra normal: elle não diminuiu, mas triplicou. O poder legislativo e o poder judiciario têm sua parte de responsabilidade neste estado de cousas: textos muito vagos de um lado, UMA JURISPRUDENCIA MUITO FACIL DO OUTRO, ENCORAJAM UM MOVIMENTO FUNESTO, mas do qual muitos espiritos se regosijam pensando na reacção inevitavel que elle prepara”.

Não seria possivel dizer, de modo mais perfeito, quão infundadas são as previsões dos divorcistas sobre a efficacia do remedio que preconisam.

O divorcio, na lição da experiencia, não é uma therapeutica de que se aproveitam sómente certos casaes infelizes. A sua progressão constante, e em proporções alarmantes, mostra que elle é uma porta aberta, por onde se escôam todas as paixões desordenadas, cujo tumultuar crescente acaba por ameaçar a estabilidade social, com destruir a sua pedra fundamental, que é a familia.

Mais ainda. Onde quer que se implante o divorcio, a constituição das

novas familias se faz atravez de inclinações apressadas, porque, na hypothese de insuccesso, o divorcio pôde ser utilizado com pleno exito.

Esse mesmo Planiol, que defende essa instituição, não poude deixar de escrever em 1915, na nova edição que deu do seu trabalho: “Verifica-se, cada vez mais, um phenomeno funesto: a só possibilidade do divorcio desune muitos lares, que, sem elle, permaneceriam unidos, ou, pelo menos, resignados; elle faz o effeito de uma chaminé de aspiração que cria uma corrente artificial. Enfim, muitas pessoas se casam leviaamente, dizendo: se isto não der bom resultado, divorciar-se-á”.

E’ toda essa experiencia, que os actuaes dirigentes da Hespanha estão a desprezar, completamente.

Imbuidos de ideologias revolucionarias, parece-lhes que respeitar todas as instituições do passado, é fallhar completamente á sua missão.

Partindo do presupposto de que os actuaes males da Hespanha decorrem dos institutos, que regeram até agora a sua vida social e politica, acham que é do seu dever alterar tudo que encontraram estabelecido. Não quiseram se dar ao trabalho de separar as arvores boas das arvores más, para, após esse exame preliminar, estirpar as segundas, podando as primeiras das parasitas, que se tinham fixado no seu tronco.

Confundindo umas e outras, sob o falso criterio de que tudo quanto é velho não presta, entraram a hostilizar a familia indissoluvel, só porque ella era uma instituição do passado.

A paz mundial

EM trabalho anterior, sustentámos que o mundo só obterá uma paz estavel preparando-se para a paz.

Como alcançar, porém, este objectivo? A experiencia dos passados tempos, diz Henderson no discurso a que allí nos referimos, é que nos esclarecerá sobre a politica a seguir para consolidar a paz no mundo. Entra, então, elle a examinar as causas que têm tornado tão precaria a paz internacional.

Dois factos predominaram nas relações entre os povos da Europa, antes da grande guerra. “O primeiro é a politica do Equilibrio das forças. O segundo é o Concerto europeu. Entre elles se moldou o curso da historia diplomatica e se determinou a evolução das relações internacionaes durante um século antes da guerra”. E desses factos faz Henderson o seu ponto de partida.

Inicialmente explica o que essas duas expressões significam.

“A politica do Equilibrio das forças foi descripta como se segue por Gladstone num discurso na Camara dos Communs em 1870: O fim desta politica é o commum interesse contra o desmesurado engrandecimento de qualquer Potencia. Foi Kaunitz, que era Ministro dos Negocios Estrangeiros da Austria pelo fim do século dezoito, quem primeiro lançou a ideia do Concerto europeu. Em 1791 deu elle instrucções aos embaixadores imperiaes nas principaes capitães da Europa para exporem aos Governos perante os quaes estavam acreditados a sua doutrina nova, e, quasi se pode dizer, caracteristica de uma época — a doutrina de que

J. E. DE SOUZA FREITAS

o dever de todas as Potencias (são estas as suas proprias palavras), consiste em fazer *cousa commum*

com o fim de preservar a paz publica, a tranquillidade dos Estados, a inviolabilidade do possuido por força de tratados. Declarou elle ser o preenchimento deste fim o dever de todas as Potencias porque, no seu modo de dizer, as nações da Europa não formavam senão uma *unica familia*”.

Um século mais tarde Lord Salisbury, ao mesmo tempo Primeiro Ministro e Secretario do Negocios Estrangeiros da Inglaterra, definia essa mesma ideia, dizendo que a acção federada da Europa, a que se dera o absurdo nome de Concerto europeu, era “a unica esperanza de escapar do perenne terror e da calamidade da guerra, da constante pressão das sobrecargas de uma paz armada, que abatem os espiritos e toldam as perspectivas de todas as nações da Europa”.

Henderson acha admiraveis em si mesmas as concepções do Equilibrio das forças politicas e do Concerto europeu — uma proclamava a supremacia do interesse colectivo sobre a desmesurada ambição do aggressor individual; a outra pregava um mecanismo de acção commum para manter a paz publica.

Concorda Henderson em que ambas essas concepções falharam completamente em 1914. No seu entender, porém, as causas dessa fallencia devem ser buscadas não nas ideias mas na maneira de sua applicação.

O Equilibrio politico foi, no ultimo quartel do XIX século, abastardado pela competição dos armamentos entre as Potencias. Todas as ten-

tativas para pôr cõbro a essa competição fõram em pura perda.

Quanto ao Concerto europeu, desde logo se transformou em um meio de supprimirem as grandes nações da Europa as liberdades dos outros povos. O systema de congressos europeus, que surgira após as guerras napoleonicas, teve que ser abandonado. Lord Castlereagh, Secretario britannico dos Negocios Estrangeiros imaginara delles fazer um Conselho permanente para a discussão dos problemas europeus, á medida que surgissem, e pensara que o contacto entre os estadistas levaria a uma politica de cooperação e de paz. O desaparecimento do systema de congressos em 1822 esvaiu esse sonho.

Após essa falha tentativa de uma congregação dos povos em um corpo consultivo permanente realizaram-se, é certo, congressos e conferencias, algumas vezes com pequenos intervallos; mas cada um convocado para um caso determinado, e dissolvido assim que resolvido esse caso.

Para Henderson, pois, a causa fundamental da fallência do Concerto europeu esteve em que elle não se fundara em "nenhuma concepção de cooperação 'constructiva'"; era "um instrumento para solver difficuldades, para resolver contendas quando surgissem, para manter a trégua armada entre as nações pelo maior prazo possivel, para adiar um conflicto que cada qual estava crente de que deveria rebentar um dia."

A guerra de 1914 nasceu fundamentalmente deste estado de espirito e veio demonstrar que o mundo precisa organizar-se para a paz.

Segundo Henderson uma estrutura estavel de uma paz na Europa requer o seguinte: "Primeiro, um real equilibrio de força tem que ser restaurado, um equilibrio que genuinamente garanta ao interesse commum

prevalecer contra o desmesurado engrandecimento de qualquer Potencia aggressora, um equilibrio que para esse fim precisa assentar, não no equilibrio instavel da competição dos armamentos, mas justamente no opposto, no desarmamento, na fiscalização dos armamentos por accõrdo internacional acceito por membros da comunidade internacional dos Estados. Deverá ser um equilibrio que tire o seu poder e a sua solidez não da força, mas do respeito aos tratados, da adequada protecção contra o aggressor, do devido respeito aos direitos das nações mais pequenas e de uma justiça imparcial assegurada ás minorias raciaes dentro dos varios Estados. Segundo: deverá ser criado um mecanismo permanente que torne effectivo um real concerto das Potencias e que para esse fim cumpra fundar-se em uma tentativa conscienciosa e resoluta de erigir uma cooperação constructiva, de promover todos aquelles interesses que são communs á humanidade".

Mostra-nos, então, Henderson que com a criação da Liga das Nações e a elaboração do respectivo Pacto, o qual constitue parte integrante de todos os tratados de paz celebrados, a Conferencia da paz de Versailles procurou satisfazer essas condições. A criação da Liga das Nações, diz elle, foi uma acção definitiva para assegurar a solução pacifica de contendas e para consolidar a paz no mundo. O Pacto da Liga das Nações assegurou um concerto das Potencias, que encorpora instituições politicas permanentes, promptas para qualquer chamado nos momentos de crise, fundadas numa constituição escripta, e com uma base commum de acção numa lei acceita e na ideia de repressão á guerra.

Essas instituições foram imaginadas pelo Presidente Wilson com bas-

tante sapiencia e largueza de vistas. Não as quiz elle sujeitar a regras, por demais rígidas. Deu-lhes bastante elasticidade para não correrem o risco de ser desde logo rejeitadas e para puderem gradativamente ser melhoradas, á proporção que a mentalidade internacional fôsse progredindo e se fosse adaptando á ideia nova de um trabalho constructivo em favor da paz.

Henderson salienta que o Pacto da Liga das Nações, obedecendo a essa orientação, ainda previu circumstancias em que o recurso á guerra seria permitido. "Os seus autores acharam em 1919 que os Governos não estavam completamente promptos para banir toda forma de guerra particular; foram, portanto, até aonde podiam ir no seu intento; viram-se obrigados a deixar alguns "hiatos", mas em doze annos que decorreram desde que findaram a sua obra essas lacunas foram gradativamente preenchidas. Em seguimento ao Pacto da Liga existem hoje os Tratados de Locarno, o Pacto de Paris, o Acto geral, a Disposição facultativa, etc., todos os quaes visam effectivar a prohibição do direito de ir até a guerra uma parte da propria estrutura do edificio da paz do mundo".

Os tratados de Locarno foram celebrados a 16 de Outubro de 1925 e são em numero de cinco, annexos ao protocollo final da Conferencia de que resultaram. No primeiro desses tratados, conhecido pelo nome de Pacto do Rheno, a Allemanha e a Belgica e a Allemanha e a França se comprometeram a em caso algum recorrer á guerra; acordaram tambem em solver todas as suas questões por meios pacificos. O Pacto de Paris (Pacto de Briand-Kellogg), concluido a 27 de Agosto de 1928, levou ainda mais longe a obra benemerita da eli-

minação da guerra. Por elle sessenta Governos solennemente condemnaram o recurso á guerra como meio de solucionar os conflictos internacionaes,, a ella renunciaram completamente como instrumento de politica nacional nas suas relações mutuas, e em absoluto se obrigaram a somente resolver os seus conflictos pelos meios pacificos. A Disposição facultativa do Estatuto da Córte permanente de Justiça internacional sujeita todo litigio de natureza juridica a esse tribunal internacional. O Acto geral para a solução pacifica dos conflictos internacionaes, adoptado pela Assembléa da Liga das Nações, na sua sessão de 26 de Setembro de 1928, prescreve a conciliação para resolver todos os litigios de qualquer natureza que não tenham podido ser decididos pela via diplomatica, e preceitua a solução juridica do julgamento pela Córte permanente de Justiça internacional, das controversias de natureza juridica e tambem a decisão de tribunaes arbitraes especiaes em todos os casos que não possam ser resolvidos pelos meios anteriores.

Podemos acrescentar a esses actos proscritores da guerra outros puramente americanos. Da V Conferencia panamericana, reunida em Santiago do Chile, resultou o Tratado para evitar ou prevenir conflictos entre os Estados americanos (Convenção Gondra, firmado a 3 de Maio de 1923, no qual os Governos contratantes condemnaram a paz armada, que exaggera as forças militares e navaes além das necessidades da segurança interna e da soberania e independencia dos Estados, e pelo qual se comprometem a sujeitar á apreciação de uma Commissão Investigadora toda questão que, por qualquer causa, se suscitar entre el-

les, e que não tiver podido ser resolvida pela via diplomática nem submetida a arbitramento em virtude de tratados existentes. A VI Conferência panamericana, de Havana, em uma resolução adoptada a 18 de Fevereiro de 1928, considerou toda guerra de aggressão como illegal e, por conseguinte, prohibida, por ser um crime contra a humanidade, e decidiu que todas as nações da America deveriam empregar meios pacificos para obter a solução de seus conflictos, attendendo-se a que, para realizar a justiça e o bem estar geral, devem ellas ser inspiradas pela solidariedade e pela cooperação, cooperação esta cujo maior obstaculo é o uso da violencia, e attendendo-se a que ha conflictos internacionaes, por mais graves que sejam, que não comportem uma solução pacifica, se assim o desejarem as partes contendoras. De 10 de Dezembro de 1928 a 5 de Janeiro de 1929, esteve reunida, em Washington, a Conferência internacional americana de conciliação e arbitragem, da qual resultaram a Convenção geral de conciliação interamericana e o Tratado geral de arbitramento interamericano. Obriga a primeira a submeter a processos de conciliação todas as controversias entre as nações americanas, para solucionar as quaes tenha falhado a via diplomática. Prescreve o segundo o arbitramento para todas as controversias de caracter juridico, que a via diplomática não tenha conseguido resolver.

Essa aspiração irrecusavel para banir o recurso á guerra, concretizada em actos internacionaes obrigatorios, mostra a evolução gradativa da mentalidade internacional. O progresso do espirito da humanidade, no sentido de se adoptarem plenamente os

meios pacificos de solução das controversias internacionaes, sobretudo se patenteia na maior confiança que os Estados vão actualmente depositando na Liga das Nações, cuja autoridade e cujo prestigio crescem incessantemente.

Verifica-se na sociedade internacional dos Estados o que se tem passado nas sociedades nacionaes. Tempo houve, não muito distante, em que os cidadãos tinham que sair armados á rua para se defender e faziam justiça pelas proprias mãos, porque, sendo fracos e inadequados os recursos á lei, ninguem nelles tinha confiança. Adquirida aos poucos essa confiança, a mentalidade mudou e todos hoje recorrem aos processos da justiça publica. O mesmo se está verificando na sociedade dos Estados. A mentalidade internacional está mudando, e dessa mudança tem resultado o augmento de autoridade da Liga das Nações e, por via de consequencia, num circulo vicioso, o seu aperfeiçoamento progressivo. Nos primeiros annos de existencia da Liga, diz Henderson, "os Governos das maiores Potencias relutavam em submeter as suas controversias aos tribunaes da mesma. Hoje, logo que surge uma divergencia de importancia mais que trivial, os Governos, sem um momento de hesitação, pensam no auxilio que Genebra lhes possa dar. Está proximo o dia, se é que realmente já não chegou, em que seja inconcebivel que uma nação recuse submeter as suas pendencias ao Conselho ou á decisão da Côte permanente. Não ha muito tempo ainda os Estados recusavam até mesmo consentir na mediação de qualquer entidade estranha ás desavenças que pudessem ter, e julgariam natural justificar essa recusa allegando que a sua honra es-

tava envolvida. Hoje, o primeiro dictame da honra nacional é que as obrigações jurídicas de um Estado têm que ser cumpridas, e que, em caso de duvida, uma justiça imparcial determinará o que deve significar o preenchimento dessas obrigações jurídicas”.

Para Henderson o augmento de prestigio da Liga das Nações ainda se evidencia no desenvolvimento do que elle chama “o senso de communitate entre as nações do mundo”. “Dentro da Liga, as nações começaram a sentir que são realmente partes de uma grande Sociedade cujos membros se encontram unidos por laços de obrigação social. Não ha melhor illustração da transformação a que me refiro do que a que se vê no papel que representam dentro da Liga as pequenas Potencias entre os seus membros.” Rememora elle, então, como no primeiro projecto do Pacto apenas se admittiam no Conselho as grandes Potencias; como as pequenas nações peitaram a sua representação, conseguindo-a afinal. A experiencia veio provar que as pequenas nações podem exercer um papel muito util e muito importante, até mesmo nos assumptos em que as grandes Potencias são interessadas. E este facto muito tem contribuido, mais talvez que qualquer outro, para fornecer á Liga os elementos de permanencia e autoridade de que necessita para consolidar a paz no mundo.

Não ha duvida que a Liga das Nações é um organismo ainda deficiente^a em via de evolução — *in fieri*, como diriam os escolasticos. Os seus resultados, pelo que respeita á organização da paz, não oferecem talvez illusões muito róseas; mas, affirma uma opinião autorizada (1), dadas as condições presentes do direito internacional e considerando

que o mundo, como se expressaria Mussolini, é ainda “um mundo de lobos”, os resultados conseguidos são os unicos que era possível alcançar.

Ninguém pode negar que a technica odierna para difficultar e eliminar a guerra tem feito reaes progressos, sobretudo na constituição de um organismo estavel, que veio substituir o velho systema do equilibrio das forças. “A actividade diplomatica encontra hoje na Liga das Nações um ponto de convergencia e de coordenação dos esforços directos para a organização harmonica da vida internacional. Entretanto, no decenio já decorrido da sua vida, o Instituto genebrês prestou algum serviço á causa da paz. Os tratados de Locarno, os planos Dawes e Young, os trabalhos dos seus organismos technicos, o desenvolvimento da arbitragem internacional são factos que só uma hostilidade cegamente obstinada poderá deixar de apreciar.” “Pio XI, justo avaliador dos acontecimentos, alludindo ao tratado de Locarno, não se continha que se não comprazesse, no Consistorio de Dezembro de 1925, pelo caminho percorrido na via da paz.” (1)

E’ preciso não esquecer que a obra da paz mundial é uma obra gigantesca. Ella exige uma adaptação da mentalidade internacional que só lentamente se vai fazendo. Ella está ainda em embryão. A sua evolução far-se-á gradualmente, como a de todas as cousas grandiosas. Para o seu êxito, devem convergir harmonicamente as forças combinadas dos Estados, das associações, das classes, principalmente as classes superiores, e, sobretudo, as forças moraes e religiosas. E’ das virtudes moraes

(1) “La Civiltà Cattolica”, de 15-II-1930, pág. 29.

e religiosas que dependem a resistência e a grandeza dos povos. Delas dependerá também a ordem na grande Sociedade dos Estados, da qual resultará o reinado da paz no mundo, porque a paz é o fructo de uma planta a que Santo Agostinho chamava a ordem: *Paz est tranquillitas ordinis*. Só no reinado da ordem e da paz se podem desenvolver as virtudes sociaes, sobretudo a justiça, indispensaveis em qualquer agrupamento humano — familia, syndicatos, communas, Estados, Sociedade internacional dos Estados —, para que o homem se possa desenvolver plenamente e attingir os seus fins.

Faz-se mister que as grandes virtudes moraes e religiosas, que encontram uma fonte inexaurível e perenne no Evangelho, venham a disciplinar as relações entre os Estados. Essas virtudes se plasman essencialmente na escola e na familia. E' preciso imbuir das luzes evangelicas, a pouco e pouco, a humanidade, fazer penetrar a moral de Christo no direito das gentes, internacionalizar o Evangelho (1), principalmente num momento em que se vai elaborando uma nova ordem internacional.

Não nos desanimem as difficuldades que se antepõem á obra grandiosa da paz. Não declaremos illusorio e chimerico o estabelecimento entre os povos de "relações inspiradas não só no espirito de justiça (que é propriamente humano) senão também no espirito de paz (que é propriamente divino)". (2) E permitta-se-nos concluir com estas admiraveis palavras de fé do Barão Deschamps, na sua immortal "Memoria ás Potencias sobre a organização da arbitragem internacional", apresentada em 1895: "Quando os Estados ousaram qualquer cousa grandiosa na ordem do progresso geral, raro é que não tenham visto applainarem-se finalmente os obstaculos que se oppunham a principio ao seu magnanimo emprehendimento. Lançando-se resolutamente nas correntes verdadeiras do progresso humano, succedeu-lhes por vezes sentirem-se apoiados, estimulados e como que guiados por um poder superior, que augmenta, em cada passo que dá a civilização."

(1) "La Civiltá Cattolica", de 15-VI-1929, pág. 521.

(2) Idem, idem.

A luta das candidaturas nos E. Unidos

OS Republicanos parecem estar em perfeita harmonia pois apenas o Governador

Pinchot, da Pennsylvania, age de maneira a suggerir que talvez esteja nutrido esperanças de conseguir a sua nomeação e vir a ser o candidato official do partido, no caso de se decidir que a re-eleição de Hoover seja quasi impossivel.

JOÃO PRESTES

Nas linhas adversas, porém, reina grande actividade e o entusiasmo é de tal ordem que já se espera

para Março mais um desses brilhantes e ruidosos torneios, característicos de todas as reuniões dos Democraticos, para a escolha do campeão que deverá disputar, em nome dos seus principios e em defesa da sua plataforma, o supremo cargo da Nação.

Se bem que até agora nenhum dos grandes capitães tenha ainda desmascarado as suas baterias, nem por isso podemos deixar de compreender que certos actos significativos e de grande alcance politico começam a revelar qual virá a ser a attitude delles no momento opportuno.

O unico gesto positivo que até hoje se registrou, foi o do Sr. Owen D. Young, Chefe do Conselho Director da General Electric, que cathegoricamente declarou não acceitar convite algum nem permittir que se inclua o seu nome em qualquer das chapas que se estão preparando. Como, porém, continuasse a correr com teimosa insistencia o boato de ser elle o "az" com que o Directorio Central contava para resolver as perigosas dissenções partidarias, o grande financista escreveu uma carta aberta a Hubert Lee, Redactor Chefe do "Dixie Business", de Atlanta, Georgia, confirmando o que já havia dito e terminando com essas phrases:

"Não tenho o menor intuito ou desejo de me metter na politica nem ambiciono ou pretendo pleitear numa eleição qualquer cargo administrativo da minha Patria. Procuo apenas servil-a na altura das minhas forças, pela unica maneira em que pôsso ser-lhe util, isto é, pelo exercicio consciencioso da minha profissão, cujos segredos ha muito eu me esforço por comprehender e desvendar, buscando, ao mesmo tempo, aperfeiçoar-me, cada vez mais, nos conhecimentos que nella vou adquirindo. Lamento que o publico se recuse a acceitar as minhas declarações formaes e continue a mencionar o meu nome como o de um dos provaveis candidatos em 1932. Eu disse a verdade, o povo não quer acreditar. Fica assim provado, além de tudo, que eu não sirvo para assumir as

rédeas do nosso governo, pois um dos mais importantes attributos de um bom Presidente é, não só o de dizer a verdade, mas sobretudo, o de dizel-a de tal forma que ninguem pôssa della duvidar!"

Perante uma affirmação tão sincera e peremptoria é provavel que o nome de Owen D. Young seja definitivamente eliminado da lista que o Directorio pretende apresentar aos delegados reunidos na proxima conção do partido.

E' curioso observar-se a luz de publicidade que envolve neste momento a sympathica e combativa figura de Ritchie, o homem que governa o Estado de Maryland pela quarta vez, em termos consecutivos. Nos principios da segunda quinzena de Novembro, a reportagem notou que Albert Cabell Ritchie chegava a Nova York e pressuroso se dirigia ao Empire State Building, subindo incontinentemente ao 32º andar. Se o leitor ainda não o sabe diremos ser ahi onde se acha installado o quartel general das forças capitaneadas por Alfred E. Smith e John Jacob Raskob. A conferencia entre esses tres vultos de destaque nas columnas da democracia, durou duas horas e, ao sahir para falar na Academy of Political Sciences, o Governador de Maryland tinha nos labios um sorriso feliz, apertou a mão dos jornalistas, acceheu com bonhomia aos pedidos de photographos e declarou que nessa reunião amigavel a palestra versára apenas sobre as possibilidades que o partido teria de obter uma grande e esmagadora victoria no anno proximo vindouro. Mas mais tarde, num jantar que lhe foi offerecido pelo War Industries Board, o formidavel "leader" dos Democraticos, Bernard Mannes Baruch, — ou Berney, como é conhecido na intimidade, — offe-

receu-lhe o logar do para uso exclusivas da Republica foi interpretada e formal de Baruch sensação nas fileiras do Hall. No dia seguinte para Pittsburgh, conferencia da Union de Carvão Bitum tudo isso, o seu abertamente citados formativos, como provavel candidatos no pleito que

Não deixa de facto de que Frank D. Roosevelt, governador mais popular e o todos os "leaders" não seja designado para dirigir os seus val-os á victoria, to a "Casa Branca" que uma forte concunismo, tendo á sua trindade Smith-Roosevelt com o apoio de Massachusetts e Illinois, procurou candidatura e venceu pelas tres razões.

1) — Elle é muito satisfazer aos anti-

2) — E' muito do aproveitamento

3) — Não se tem tanta firme nas que tanto preoccupa publica de todo o n

Já ha algum tempo fileiras democraticas crescente á politica Roosevelt. O go tenaz inimigo da liberal e independente homem talhado para presidentes na luta q

receu-lhe o logar de honra, reservando para uso exclusivo dos Presidentes da Republica. Essa homenagem foi interpretada como uma promessa formal de Baruch e causou profunda sensação nas fileiras do Tammany Hall. No dia seguinte Ritchie partia para Pittsburgh, afim de presidir á conferencia da União dos Mineiros de Carvão Bituminoso. A' vista de tudo isso, o seu nome passou a ser abertamente citado nos centros informativos, como sendo o do mais provavel candidato dos Democraticos no pleito que se approxima.

Não deixa de causar surpresa o facto de que Franklin Delano Roosevelt, governador de Nova York, o mais popular e o mais influente de todos os "leaders" da democracia, não seja designado por unanimidade para dirigir os seus partidarios e levar-os á victoria, tomando de assalto a "Casa Branca". Dizem, porém, que uma forte corrente de antagonismo, tendo á sua frente a temível trindade Smith-Raskob-Baruch, contando com o apoio do principal elemento de Massachusetts, New Jersey e Illinois, procura derribar a sua candidatura e minar o seu prestigio, pelas tres razões seguintes:

- 1) — Elle é muito "secco" para satisfazer aos anti-prohibicionistas;
- 2) — E' muito radical na questão do aproveitamento das quedas d'agua;
- 3) — Não se tem mostrado o bastante firme nas questões economicas que tanto preoccupam a opinião publica de todo o mundo.

Já ha algum tempo que se nota nas fileiras democraticas essa opposição crescente á politica e ás idéas de Roosevelt. O governador Ritchie, tenaz inimigo da lei de abstinencia, liberal e independente, parece ser o homem talhado para servir aos dissidentes na luta que se vae encetar.

O plano de campanha parece indicar o seguinte: Ritchie será apresentado á convenção e terá o apoio necessario para conseguir uns cento e cincoenta votos. Esses, somados aos que naturalmente ficarão distribuidos entre homens de menor importancia, mas patrocinados pelos estados de que são filhos, bastarão para se evitar que Roosevelt seja nomeado ao se proceder á primeira votação. Dahi em diante será muito facil aos capitães colligarem os elementos adversos e induzil-os a concentrarem seus votos no homem que se oppõe ao Governador de Nova York. E' bem possivel que Ritchie obtenha a maioria precisa para a nomeação, o que não será nada máo para o partido. Mas uma cousa é certa: com a sua influencia elle deterá a marcha triumphal de seu collega de Nova York e evitará uma decisão immediata por parte dos delegados. E' de semelhante situação que os proceres esperam tirar o maxima proveito, pois na hypothese disso succeder talvez lhes seja possivel induzirem Roosevelt a buscar um accordo promettendo ceder em certos pontos aos seus adversarios, afim de obter os votos que lhe faltarão para a victoria da sua candidatura. Mas se elle preferir a derrota a concordar num ajuste, então o nome de Newton Diehl Baker, o antigo ministro da guerra do gabinete de Wilson, será lançado como o de um candidato de conciliação e o problema ficará resolvido á inteira satisfação daquelles que o estão engendrando.

Neste meio tempo, porém, Franklin D. Roosevelt continua em Albany, impavido a trabalhar no cumprimento de seus deveres, sem mostrar a minima preocupação sobre as intrigas que se tramam por detraz dos bastidores da politica. Alguns de seus

amigos foram pedir-lhe para que elle entrasse abertamente na campanha, reprehendendo desde já e apresentando medidas e idéas de character nacional, afim de poder assim consolidar de uma vez a sua posição. Elle, porém, recusou-se, declarando que estava por demais occupado com o serviço do seu Estado e que não podia pensar por enquanto em outra cousa que não fosse a solução dos prementes problemas que enfrentava na sua administração.

No emtanto, numa entrevista que concedeu a Reymond Clapper, da

United Press, elle teve occasião de dizer que: "o commercio não tem causa alguma para recear ou temer a eleição de um Democratico á Presidencia da Republica".

Por enquanto, porém, a grande guerra politica acha-se limitada ás pequeninas escaramuças de reconhecimento, que carecem de importancia real. Em Março de 1932, após a convenção dos partidos e a apresentação official dos candidatos respectivos é que começarão as verdadeiras hostilidades e serão feridas as batalhas decisivas.

O decennial do fascismo

A CELEBRAÇÃO a 24 de outubro do nono anno da marcha sobre Roma e do advento do fascismo ao poder foi caracterizada, como precedentemente, pela inauguração de obras publicas executadas no curso do anno. Apesar das difficuldades da crise economica mundial e das inevitaveis repercussões em todos os paizes, os indices de realizações do anno IX do regimen fascista attesam o rythmo intenso de actividade e de trabalho no campo das obras publicas. As massas numerosas de operarios, empregados nos vastos planos de construcção e nos grandes programas de melhoramentos e de realizações de utilidade geral, circumscrevem a limites normaes o phenomeno da desocupação, cujas proporções ameaçadoras constituem fonte permanente da inquietação e incerteza nos demais paizes. O regimen corporativo, integrando no Estado todas as energias de producção e de trabalho, fazendo participar do poder governativo patrões e operarios em egualdade juridica, instituindo orgams technicos e conselhos de economia tendo

por fim o equilibrio e harmonia dos interesses em face do interesse supremo da nação, responde em concepção e em realização effectiva ás necessidades complexas da vida moderna sem as deficiencias dos principios collectivistas nem a impotencia e precariedade das illusões liberaes. A intima solidariedade entre os factores da producção e a comunidade de interesses entre as diversas cathogorias sociaes reforçam e solidificam como um todo organico e compacto a construcção do estado corporativo.

As obras publicas inauguradas officialmente a 28 de outubro, sob a gestão directa do Ministerio do Trabalho, ascendem á cifra impressionante de 2.000, orçadas em mais de dois bilhões de liras e compreendendo trabalhos de construcção, hygiene, escolas, communicações, saneamento e de character economico. O levantamento do Palacio da Aeronautica, do Palacio da Estatistica, o lançamento de grandes tonelagens como o *Rex* e o *Conte Savoia*, a execução do plano de construcção naval e da

armada aerea dispendo dos destroyers mais velozes do mundo e das mais perfeitas machinas de aviação, alem de outras obras de particular importancia, não estão comprehendidas nas estatisticas levantadas pelo Ministerio do Trabalho.

A distribuição pelas grandes zonas territoriaes das obras ultimadas ao anno IX é a seguinte: — Italia Septentrional 629 obras publicas, 667 milhões de liras; Italia Central — 565 obras publicas, 520 milhões de liras; Italia Meridional e Ilhas — 884 obras publicas para 842 milhões de liras. A repartição de trabalhos e creditos em todo o Reino evidencia que foram abolidos na Italia fascista os privilegios e preferencias regionaes e extinto o costume parlamentar de obras de caracter eleitoral com que se ornavam nos programmas de partido ou nas plataformas de governo os aspirantes ao voto popular.

As obras ultimadas, salientando-se a autoestrada Bergamo-Brescia, o tronco occidental considerado a mais bella estrada panoramica da Europa, Porto Marghera, canal navegavel Pisa-Livorno, linha litoranea da Calabria, litoranea adriatica entre Puglia e Abuzzo, troncos ferroviarios na Sicilia, aqueducto do Siena, canaes navegaveis, bacias commerciaes, grupos de estradas e bonificação do solo, abertura de portos, resgate de terras

ao abandono, obras hydraulicas e nas montanhas, obedecem a um plano systematisado de conjuncto e se destinam a potenciar e a valorisar a economia italiana.

O deficit da balança commercial entre a importação e a exportação foi reduzido nos primeiros nove mezes do corrente exercicio de cerca de dois bilhões de liras. No mez de outubro já houve excedente das exportações sobre as importações. O Banco de Italia dispõe em reserva metallica de uma cobertura de 53,44, superior, em consequencia, 13,44% á cobertura legal de 40% exigida pelo padrão ouro. A posição monetaria da Italia, tendo em consideração o pequeno volume de liras existente no exterior, os grandes melhoramentos da balança commercial, os debitos reduzidos a curto praso e a inflexibilidade politica de economia e de deflaccão do regimen, pode ser reputada entre as mais solidas do mundo e a sua estabilidade e segurança foi ha pouco oficialmente proclamada pelo Banco Internacional de Ajustes.

A somma de trabalhos e de realisações, no campo da economia e da produccão, com que o regimen fascista encerrou o balanço do anno IX, colloca a Italia num posto de proeminencia e de expansão da sua vida civil e economica a que nenhuma outra nação pode disputar — I. f.

O combate ao “egualitarismo” na Russia sovietica

A CAMPANHA systematisada conduzida nos ultimos tempos pela imprensa official sovietica

OTTO TARJINO

tendido “egualitarismo” obedece a uma palavra de ordem e não pode ser interpretada senão com uma consequencia do famoso discurso

de Staline de junho ultimo, abandonando a rigidez dos principios ideologicos marxistas para crear uma nova concepção social.

A neutralidade suicida da Russia em face da invasão da Mandchuria, a necessidade dos auxilios financeiros, do credito e da mão de obra dos paizes capitalistas, o rendimento quasi nullo do plano quinquenal especialmente dos trabalhos de minas e fundição, a approximação com a Polonia, o fracasso militar da China, a immunisação bolchevista dos paizes limitrophes ou proximos, de effiçencia militar insignificante numericamente, como a Finlandia, a Lithuania, a Esthonia, a Lettonia, a Rumania, a Hungria, a impossibilidade de um golpe de estado na Allemanha, o fracasso ruidoso da Hespanha, para não contar as difficuldades internas, são tantos indicios e attestados das forças poderosas que influiram na nova orientação social da Russia sovietica. Os inimigos de Staline qualificam-no injuriosamente de "grande patriota". O epitheto é originariamente de Trotsky. O drama secreto da alma de Staline foi a lucta entre o russo e o homem sem patria, entre os principios eternos que regem a humanidade millenaria como os sentimentos de nacionalidade, de religião e de familia e as illusões embora generosas de uma sociedade inattingivel em perfeição.

O discurso de Staline, encerrado com estas palavras "queima o que adoraste, adora o que queimaste", traçava o plano de acção: — selecção dos individuos, valorisação das capacidades pessoas, hierarchia das pessoas, salario gradativo conforme a aptidão individual e não uniforme segundo as necessidades, aproveitamento nas funcções de direcção dos elementos capazes sejam ou não ins-

criptos no partido communista, substituição da direcção collectiva pela direcção individual, obrigação para os inferiores de obediencia aos seus chefes e responsabilidades destes chefes.

A revista "Etudes", editada em Paris, publica no seu ultimo numero abundante documentação transcripta dos jornaes russos, (official, portanto, visto não haver na Russia imprensa de outro genero), toda de combate á concepção egalitaria.

Num total de 246 escolas, somente 17 foram restauradas, informa o "Vetchernaya Moskva", referindo-se a Moscow. O abastecimento de viveres é insufficiente e faltam professores. A quem cabe a responsabilidade? interroga o mesmo jornal. Ao equalitarismo, conclue.

O "Rabotchaya Moskva", de 7 de agosto, publica: — A melhor das fabricas-cosinhas de Moscow dirige mal as suas onze filiaes, mantem o egalitalismo no pessoal e combate a unidade de direcção. Em consequencia, conclue o mesmo jornal, os preços são excessivos, as filas interminaveis, a sopa feita com restos e isto na melhor das nossas fabricas-cosinhas."

O "Pravda", de 16 de agosto, publica: — "Os inspectores dos abarracamentos Pravda e Communiste visitaram trezentas e vinte barracas. Encontraram trinta e cinco mil homens ou seja um excesso de 50%. Os tectos deixavam passar a agua. Nos tres lavatorios e waterclosets havia inquilinos em permanencia. Nenhuma instrucção para essa massa, nenhuma hygiene, nem ventilação, nem aeração normal — e tudo isto, conclue o "Pravda", porque não ha chefes nos abarracamentos."

Tratando do trabalho nos estaleiros, o "Iswestia", de 2 de setembro, declara textualmente: — "A direcção

technica falta a cada grupo de trabalhadores. E' o mesmo chefe que expede ordens a todas as cathogorias de operarios. Não se podendo ser especialista em tudo, o engenheiro London propoz a designação de um tecnico para cada genero de trabalho. Impondo a responsabilidade para cada fluncção, activaremos o trabalho. E' preciso haver em toda parte chefes responsaveis".

O "Pravda", referindo-se á organisação dos "kolkhoses", especialmente da região do Volga, accentua: — "O equalitarismo continua a disbuir viveres segundo o numero de

consumidores. E' uma velha mania de koulaks, contraria ás directivas do Partido, promulgadas pelo camarada Staline no seu discurso de junho. Os viveres não devem ser fornecidos a cada um senão na proporção do seu trabalho. E' a unica maneira de obter resultado no trabalho e em consequencia consolidar a organisação dos kolkhoses. Se trabalhadores conscienciosamente e com ardor, receberás em maior proporção, deve ser o lemma".

O reino da egualdade não é deste mundo. E' pelo menos o que, com a autoridade innegavel da experiencia, deixa entrever o ensinamento russo.

Dissolução da Companhia de Jesus na Hespanha

O DECRETO de dissolução da Companhia de Jesus, levado pelo Sr. Azaña á sancção do Presidente da Republica Hespanhola, foi, conforme declarou o Sr. Albornoz, ministro da Justiça, assignado sem a minima objecção pelo Sr. Alcalá Zamora, catholico militante, ex-advogado dos jesuitas e resignatario da presidenlia provisoria em Outubro de 1931, justamente por motivo da aprovação do artigo 26, no qual se baseia o decreto que vem ferir com "terrivel rudeza" a mais hespanhola de todas as Congregações.

Naquella occasião, os Provinciaes da Companhia de Jesus dirigiram-se ás Cortes num documento da maior elevação moral, que é um apelo vibrante de justiça e cuja immensa amargura se ilumina com algo de suprema belleza e de gloria.

Eis a sua traducção integral:

Os abaixo assignados, Provinciaes

da Companhia de Jesus no territorio hespanhol, fazem ás Cortes Constituintes um pedido cuja justiça e oportunidade são evidentes.

Desde o advento da Republica, a Companhia de Jesus, como o Governo pôde attestar, seguindo o caminho traçado pela Santa Sé e o exemplo dos prelados hespanhoses, sempre acatou respeitadamente o novo regimen, disposta a continuar exercendo como até então as funcções religiosas, culturaes e beneficentes proprias do seu instituto, para o bem, a paz e a prosperidade da nação hespanhola. Acreditamos ter assim fielmente cumprido o nosso dever.

Semelhante á nossa conducta, sem duvida, tem sido a das demais Ordens religiosas. Entretanto, contra todas, como se constituissem o maior perigo para a Republica, em grande parte da imprensa e em numerosas reuniões politicas e sociaes, move-se uma campanha agora intensificada e aggravada no Parlamento.

Na verdade, em muitas dessas campanhas, os ataques são dirigidos com especial rancor contra a Companhia de Jesus. Comtudo, emquanto ella foi,

em causa e sentença, envolvida com as demais Ordens religiosas, preferimos guardar silencio, considerando como uma honrosa missão, certamente immerecida, que o nosso nome encabeçasse a lista dos perseguidos, tão evidente era para o mundo inteiro a causa unica da perseguição.) Quando, porem, vemos que aquelles que repelliam como improcedentes e inconciliaveis com os postulados do Direito Internacional a expulsão e dissolução das Ordens religiosas, concentram agora os seus ataques contra a Companhia de Jesus, quando vemos que ha quem peça contra nós uma odiosa lei de excepção, tão odiosa e excepcional que por ella a Companhia de Jesus viria a ser a unica entre todas as Associações existentes, nominalmente estigmatizada na Constituição com a pena da dissolução e confiscação, julgariamos faltar gravemente aos deveres que o nosso cargo nos impõe, se continuassemos mantendo um silencio que poderia ser interpretado pelo povo hespanhol e pelas nações estrangeiras, como medo de esclarecer as accusações que contra nós se propagam e como estudado empenho de seguir vivendo na obscuridade amparados mais pela benevolencia e a intercessão alheia do que por nossa propria innocencia.

Em cumprimento, pois, de nossa obrigação e em defesa dos sagrados direitos que a Companhia de Jesus tem e representa na Hespanha, vimos com todo o respeito que se deve á autoridade, porem ao mesmo tempo com toda a serenidade e inteireza que infunde a consciencia do proprio direito, não sómente manifestar perante as Cortes e perante a Hespanha inteira a dor profunda que nos causa a campanha com que se pretende excitar contra nós e nossas obras, o odio do nobre povo hespanhol, para preparar nossa proscripção, como tambem a expor as razões que nos assistem para pedir aos poderes publicos o que em todo o paiz civilisado se concede aos cidadãos e ás instituições legitimamente estabelecidos: que não nos condemnem sem nos ouvirem.

Somos hespanhoes, amando a nossa patria como os que mais a amam, e, portanto, temos todos os direitos que as leis reconhecem aos demais cida-

dãos hespanhoes e a Constituição que se está elaborando acaba de confirmar.

Somos membros de familias honradas, e nem nossos parentes renunciaram a defender o direito que lhes concede o sangue sobre a vida, a honra, os bens e as pessoas de seus filhos e irmãos, nem tão pouco podemos consentir que caiam sobre seus nomes, que são os nossos, a mancha de uma penalidade de tal natureza. As Commissions de parentes de religiosos que nestas ultimas semanas intercederam junto ao Governo, são a prova palmar de que a vida religiosa não relaxou os vinculos que nos unem.

Somos jesuitas, e como taes, pertencemos a uma Corporação que, se bem que estendida por todo o mundo, todavia tem mais intimas e singulares affinidades na Hespanha: hespanhol foi seu fundador, que cahiu providencialmente ferido quando luctava pela Hespanha, hespanhões os mais insignes de seus primeiros companheiros, e hespanhola em grande parte a sua historia, tão intimamente relacionada com a historia peninsular e colonial da Hespanha nos quatro seculos de sua existencia. A Companhia de Jesus tem portanto todos os direitos de associação genuinamente hespanhola.

Considere-se que durante os ultimos cincoenta annos se teem multiplicado nossas obras de caracter religioso, cultural e beneficente, e com ellas nossos direitos e nossos deveres dentro da sociedade hespanhola. As casas que possuímos e as obras em que trabalhamos, devem-se em parte á economia, fructo de nossa parcimonia nos gastos pessoaes, a heranças e donativos de nossos parentes, e, em parte, á generosidade de pessoas ou sociedades que teem destinado alguns de seus bens á fundação de instituições culturaes ou beneficentes e as teem confiado á nossa direcção. Esses fundadores teem o direito de esperar que o Poder publico respeite e faça respeitar-lhes a vontade, e que os bens destinados a essas fundações se invertam na fórmula por elles canonica e legitimamente determinada. Todos, inclusive a propria Sociedade, temos o direito a que se mantenha o uso da propriedade no seu

destino licito, sem dar inicio, com a violação do dominio, a transgressões de direito, a exemplos perniciosos e a reclamações judicias.

Não nos compete encarecer a firmeza com que a Companhia de Jesus tem cumprido os compromissos assumidos; que beneficios resultaram da sua accção para a piedade, a cultura e a beneficencia; que acceitação teem merecido as suas obras por parte da sociedade hespanhola. Os factos estão á vista de todos e confiadamente os submettemos á consideração e juizo das Cortes.

Que nos oppõem os autores da chamada campanha anti-iesuitica? Não se trata de uma impugnacção leal, em que appareçam em relevo as deficiencias reaes de nossas obras. Reproduzem-se as vagas accusações, tantas vezes repetidas e tantas vezes refutadas nos seculos passados: desenterram-se e tornam-se a reimprimir velhos libellos e commõem-se outros imitados em que na falta de verdade e novidade abundam a mentira, a calunnia e até as mais audaciosas expressões.

Não é este o momento de recolher e refutar semelhantes recriminacções. Limitar-nos-emos a indicar que o Governo tem ao seu alcance um meio facil de chegar ao conhecimento verdadeiro dos factos, para proceder consequentemente conforme o que exigir a justica. Nossa actuacção é publica e patente. Consultem-se as centenas de milhares que teem frequentado as nossas aulas, praticado nossos exercicios, assistido a nossos sermões e conferencias, que fizeram ou facam parte das nossas Congregações, que tenham lido nossos escritos, que tenham entrado em nossas casas e lido intimamente connosco. E se esses testemunhos forem recusados por parciaes, como se todos se tivessem conjurado para falsear a verdade, ouçam-se tambem os nossos adversarios. Só pedimos que citem factos concretos e que os provem perante os Tribunaes. Não reconhecer a personalidade da Companhia, limitar seu direito de posse e de livre disposicção dos seus bens, cercar-lhe a actividade que se reconhece ás demais Associações e aos individuos; e, alem disso, dissolver-a, apoderar-se de seus bens, desterra-la,

são penalidades que só se ligittimam com a formação de uma culpa concreta e gravissima, formal, provada e julgada. Referimo-nos á Companhia de Jesus corporativamente considerada, porque, se sómente se tratasse de casos particulares (que fundadamente cremos não existirem) merecedores de tão severo castigo, deveria este impor-se aos responsaveis; porem não seria justo que por causa delles se castigasse a toda a Corporação, cuias leis foram por elles proprios violadas tendo merecido castigo por terem incorrido em factos puniveis pela lei.

Da nossa parte, ás vagas accusações de nossos adversarios, oppomos duas affirmações concretas:

A primeira refere-se á propria natureza e intima constituicção da Corporação a que pertencemos. Todos nós, membros da Companhia de Jesus, temos dado a ella o nosso nome, não só com lealdade, como com carinho e entusiasmo, vinculando á sua sorte os nossos mais caros interesses e até nossa propria vida, porque a julgamos boa e santa em si mesma, e ao mesmo tempo util e benefica á sociedade e á patria.

Este sentimento intimo que é como um testemunho de nossa propria consciencia está corroborado pelo testemunho alheio. Não são sómente os Pontifices Romanos que por centenas de vezes teem proclamado a santidade de nosso Instituto; são tambem os homens de governo, os homens de sciencia, os grandes centros de cultura, os Tribunaes de Justica, e rações inteiras que por differentes fórmas nos teem dado a sua approvação. Deixando de lado a historia do passado e olhando sómente para a que o mundo neste momento nos offerece, achamos a Companhia de Jesus estabelecida e trabalhando pacificamente com universal approvação, na Allemanha, Austria, Belgica, Tchecoslovaquia, Hollando, Hungria, Inglaterra, Italia, Lithuania, Polonia, Rumania, Yugoslavia..., em todos os dominios inglezes, nas republicas das duas Americas, na Australia, nos imperios pagãos da Asia, nos paizes coloniees da Africa e Oceania.

Convem accentuar que esta difusão da Companhia de Jesus é feita sob as mais diversas fórmas de Governo,

pois não é possível dissimular que na Hespanha o recrudescimento da perseguição coincidiu com o advento da Republica. Dir-se-ia, e não falta quem abertamente o diga, que o Instituto da Companhia é incompatível com a fórmula de Governo republicano ou que é conatural e consubstancial com o regimen monarchico. Erronea e simplista apreciação.

Para a Companhia, como para a Igreja Catholica, da qual a Companhia de Jesus não é mais do que uma pequenissima parte, as fórmulas de Governo são indifferentes e accidentaes. Sua ductil actividade a todas ellas se adapta. Move-se com o mesmo desembaraco e com o mesmo entusiasmo trabalha tanto na Inglaterra, Italia, Belgica, e Hollanda, como na Austria, Allemanha e em todos os povos da America, que são republicanos. Precisamente na Republica mais poderosa e democrata do mundo, nos Estados Unidos da America do Norte, é onde hoje a vida da Companhia de Jesus se desenvolve com mais pujança e maior acceitação: só nos centros de estudos superiores e secundarios conta ali 59 estabelecimentos com um total de mais de 60.000 alumnos.

A segunda affirmação que oppomos ás accusações de nossos inimigos é o facto notorio da actividade religiosa, cultural e de beneficencia social que, em nossa modesta esphera, ao lado do clero secular e das demais Ordens e Congregações religiosas, exercemos para bem da sociedade hespanhola. Não compete a este documento expo-la, porem no folheto que o acompanha pôde se encontrar um bosquejo de alguns aspectos de nossas obras em Hespanha.

Creemos e protestamos que essa é a nossa vida e a nossa conducta. Se julgarem que estamos equivocados

ou que maliciosamente occultamos as culpas que nos imputam — o que seria attribuir a milhares de pessoas uma requintada maldade nunca suspeitada por aquelles que mais intimamente teem convivido com ellas — então que se manifestem perante autoridade competente.

Nos tempos da monarchia absoluta poude Carlos III promulgar, no dizer de Menéndez y Pelayo, aquella "incrível pragmatica", na qual, "por motivos reservados em seu real animo...", "expulsava destes reinos, sem mais averiguações, a quatro ou cinco mil jesuitas e mandava occupar seus bens temporaes". Hoje, nenhuma autoridade democratica quererá manchar-se usando despoticamente do Poder para conculcar os mais elementares direitos do homem, base intangível de toda a constituição nos paizes civilisados.

Não pedimos que se nos dê tratamento de favor ou privilegio, antes desejamos sómente que se nos ouça e faça justiça, como se faz a toda Corporação e a todo cidadão.

Comtudo, se por animosidade e cegueira momentanea nos arrojarem da patria ou nos tornarem impossivel a vida no seu seio, nós, todos os filhos da Companhia de Jesus, a exemplo de nossos maiores, em época memoravel desterrados para as plagas da Italia, perdoariamos a injustiça e, rogando a Deus por nossos perseguidores, emigrariamos resignados para outros paizes, levando sempre no coração e em nossas incessantes actividades o amor da Hespanha, a nossa querida patria.

Antonio Revuelto, provincial de Andaluzia. — José Maria Murall, provincial de Aragón. — Severiano Azcona, provincial de Castella. — Enrique Carvajal, provincial de Leão. — Antonio Medina, provincial de Toledo."

Revista dos Livros

Notas literarias

OSORIO LOPES

A CRITICA literaria, entre nós, atravessa um periodo de aniquilamento. Quando dizemos "critica" não nos referimos ás apreciações que, de quando em vez, os intellectuaes escrevem sobre os livros dos autores que são seus amigos, que são da mesma "egrejinha", do mesmo nucleo de elogios de encomenda ou de occasião. Estes nuileos se multiplicam e os seus componentes poderão fundar um estabelecimento commercial, com este distico á porta: — "Elogia-se, mediante combinação previa, todos os autores".

Temos definido o meio literario brasileiro. Os ensaistas formam um grupo á parte e os criticos profissionais, empregado o termo no seu verdadeiro sentido, escasseiam. Aqui, o snr. Tristão de Athayde, centralizando as sympathias da sua geração; alli, o ecclético snr. Medeiros e Albuquerque; acolá, o snr. João Ribeiro, sempre disposto a não se incompatibilizar com quer que seja. E mais ninguém. A culpa, a grande culpa dessa inactividade, cabe em maior parte, á imprensa. Os nossos maiores jornaes preferem publicar, diariamente, duas paginas dedicadas ás sociedades carnavalescas e tres paginas dedicadas á technica do foot-ball, a estamparem, semanalmente, um simples roda-pé de commentarios leves á margem dos themas literarios. E' pena. O snr. Agrippino Grieco, por exemplo, fez critica n' "O Jornal". Fez critica n' "A Gazeta de Noticias". Fez critica, n' "A Patria". E hoje? Nessa função, o Snr. Humberto de Campos rãc demorou muito tempo, no "Correio da Manhã". O snr. Mucio Leão, idem.

O "Jornal do Commercio" e o "Diario de Noticias", por exemplo, não têm criticos literarios. Poderemos estender a vista aos maiores centros do paiz e encontraremos o mesmo phenomeno em S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul. Em toda parte a mesma esterilidade, a mesma differença.

* * *

Alludimos, de inicio, á critica. A critica grammatical, historica, scientifica, philosophica, moral, isoladamente, é critica parcial, critica incompleta. As definições dos manuaes não nos satisfazem e ainda não conhecemos os resultados a que chegou o congresso de critica realizado em Lisboa, onde o Embaixador José Bonifacio pronunciou, em estylo de topico do "Diario da Noite", um discurso sobre a paz... Critica é julgamento, sendo que La Bruyère exigia que os criticos soubessem ler... O que dá vida á critica é a diversidade dos temperamentos, das sensibilidades, dos caracteres. Sobre a sua definição, precisamente, é das mais expressivas a reportagem de Maurice Rouzaud ("Ou vã la Critique"). Não é um inquerito banal, desprezível, desde que Rouzaud recolheu com fidelidade pensamentos de Valery, Bremond, Souday, Cocteau, Pierre-Quint, Maurois, Jaloux, Crémieux, Thibaudet, Massis, Benda, Bainville e tantos outros. As figuras mais prestigiosas da critica franceza contemporanea. Faltou a opinião de Maurras, como faltou a do coruscante Léon Daudet.

As opiniões divergem de tal forma que, paradoxalmente, talvez, possamos dizer que a critica é uma ficção, que ha critica e sim criticos...

Como comprehendermos que Paul Soudey considere Taine "le plus grand critique du dix-neuvième siècle", quando este foi o seculo de Sainte-Beuve? E Daudet não classifica de critico "mediocre" o theorico do naturalismo?

Seja como for, o certo é que não se pode aferir do merecimento de uma literatura, não se pode definir qualquer periodo literario, localizando personagens, marcando physionomias, traçando roteiros, formulando postulados, desprezando-se a contribuição dos criticos, a menos que estes não tenham possuido capacidade para marcar, de modo indelevel, a epoca em que viveram.

Agrippino Grieco "*Vivos e mortos*" — Schmidt, editor — Rio, 1931.

GRUPO da "Hierarchia", fugindo á regra, permite que os seus collaboradores se manifestem com liberdade. Pediu-nos "notas sobre livros novos e não nos deu a senha..."

Entre os ultimos livros que nos foram offerecidos, ou que adquirimos, patrioticamente, encontramos "*Vivos e mortos*", (6\$000), do Snr. Agrippino Grieco, trabalho em torno do qual se fez um grande silencio, silencio que vimos quebrar.

E' extranho que o livro não tenha inspirado um artigo, um roda-pé, uma noticia bibliographica, quando é notorio que o Snr. Agrippino Grieco merece tudo isso.

"*Vivos e Mortos*" rehabilita, até certo ponto, o nome do seu autor. O Snr. Agrippino Grieco é, por excellencia, um espirito destruidor. Poderia adoptar, como divisa, a phrase revolucionaria do Snr. João Pessoa: "Negou". Negou, é certo, muita gente que assaltou, á luz do dia, a Academia de Letras, mas negou, por outro lado, muitos valores, muitas personalidades, muitos artistas. Negou D. Aquino Corrêa. Negou Epitacio Pessoa. Negou José Americo. Negou Carlos de Laet, Affonso Celso, Alberto de Oliveira, Constancio Alves, etc., etc.

O demolidor foi, sem duvida, incoherente: negando tanto, não negou Agrippino Grieco.

Descobriu senões, defeitos, falhas.

erros, em Tristão de Athayde, Mucio Leão, Motta Filho, Perillo Gomes, Paulo Setubal, Luis Carlos, Homero Pires, Claudio de Souza, Renato de Almeida, etc. Excesso de zelo nos julgamentos? Não. Não, porque o mesmissimo Snr. Agrippino Grieco considerou Osorio Duque Estrada "a maior autoridade critica das nossas letras", afirmação que por si só vale um attestado de obito.

"*Vivos e Mortos*", emfim, tem um aspecto interessante: é um livro em que se nega muito pouco. E' uma homenagem aos que se foram, e não seria humano, que o seu autor investisse contra as cinzas de tantos cadaveres.

Uma fieira de mortos, na verdade: Castro Alves, José de Alencar, Lima Barreto, Mucio Teixeira, Raymundo Corrêa, Vicente Licinio Cardoso e Raul de Leoni, para só falarmos nos brasileiros, pois ha outros mortos, mortos que vão de Lisboa a Roma. Não perdoamos a irreverencia do editor: não nos deu um livro tarjado, de linhas severas, com vinhetas pretas, em correspondencia com o conteúdo do volume...

Critico, affeito ás peripecias da carreira, o Snr. Agrippino Grieco não esclarece que os trabalhos enfeixados nesse volume foram todos, ou quasi todos, publicados, no "O Jornal". A omissão é lastimavel. A pag. 73, por exemplo, escreve: "*Em livro recente, nesse "Stupide XIX Siècle", etc.* Ora, o leitor que tiver sobre a mesa o livro de Daudet e verificar a data do seu apparecimento, concluirá, inevitavelmente, que tal livro está longe de ser recente. Lemos a pag. 79: "Neste anno da graça de 1923". Ora, pelo amor de Deus, estamos em 1931! Assegura (pag. 150), que o Snr. Medeiros e Albuquerque "*vae agora publicar um volume sobre "tests"*". Agora?

O livro de Medeiros é de... Poderíamos reproduzir os exemplos. Pormenores dessa ordem, na obra de um critico são imperdoaveis. Fala de Mucio Teixeira com a intimidade e com a admiração de quem foi cliente do Barão de Ergonte.

O ensaio intitula-se Mucio e Raymundo. *Tout court*. Mucio, o Mucio que conhecemos, escriptor de merito, é o Snr. Mucio Leão.

Ha, em "*Vivos e Mortos*", meta-

phoras, phrases szes. Ha pittoresco sagens o Snr. Gvamente, as perso movimenta os pou como no caso do Keyserling. Dest "A cozinha nacion ranjar o mundo ctivo, e o Socrate; ir, não para a Esc fundou em Darms gar mais prosaic abanca na attitude din, de um pens trouxesse, amarro a segunda edição muito nos engan ria de ler jornaes descripta, tem um responsavel é, seg prio Snr. Agripp co Giuliani... C literariamente, co theoria de que á mundo, de que a te. Não podemos pois, quando veri com que põe a a memoria dos outr do lhe dizem re "pequenos delicto que constituem i de peccados venia

Candido Mot
da nossa
Editor —

ALBERTO
litico anoi
scenari
tão desfal
berto Torres pre
luz sobre os noss
Traçou program
dificar a sucessã
bros administrati
que todo o noss
arrecção".

Deputado, p
ministro, Alberto
a poucas linhas
victorioso no E
roje: "Na organ
de deputados, ou
fluencia politica,
candidatos: entr
não comeu. E ah

phoras, phrases sonoras, satyras felizes. Ha pittoresco. Em algumas passagens o Snr. Grieco movimentava, vivamente, as personagens. E' claro que movimentava os poucos "vivos" do livro, como no caso do jantar offerecido a Keyserling. Destacamos este trecho: "A cozinha nacional começava a desaranjar o mundo interior desse subjectivo, e o Socrates mongoloide tem que ir, não para a Escola de Sabedoria que fundou em Darmstadt, mas para o logar mais prosaico da casa, onde se abanca na attitude do pensador de Rodin, de um pensador de Rodin que trouxesse, amarrotada entre os dedos a segunda edição d'"A Noite". Ou muito nos enganamos, ou essa historia de ler jornaes da maneira acima descripta, tem um responsavel e esse responsavel é, segundo lemos no proprio Snr. Agrippino Grieco, Domenico Giuliotti... O Snr. Agrippino é, literariamente, comunista. Aceita a theoria de que ás idéas são de todo mundo, de que a propriedade não existe. Não podemos deixar de sorrir, pois, quando verificamos a insistencia com que põe a amostra os lapsos de memoria dos outros, lapsos que, quando lhe dizem respeito, classifica de "pequenos delictos", pequenos delictos que constituem uma serie gravissima de peccados veniaes.

Candido Motta Filho — *O thema da nossa geração* — Schmidt Editor — Rio.

ALBERTO TORRES foi um politico anormal: *pensava*. No scenario da politica nacional tão desfalcado de cerebros, Alberto Torres projectou um pouco de luz sobre os nossos grandes problemas. Traçou programmas tendentes a modificar a successão dos nossos descalabros administrativos, convencido de que todo o nosso mal é um mal de direcção".

Deputado, presidente de Estado, ministro, Alberto Torres synthetizou, em poucas linhas, o espirito partidario victorioso no Brasil, hontem como hoje: "Na organização de uma chapa de deputados, ouvi um dia uma influencia politica, decidindo entre dois candidatos: entra este porque ainda não comeu. E ahí está no que se reduz

a vida quando não a conduz um ideal: ter comido, está comendo ou vir a comer".

Não é um retrato. Não é um epitaphio? Ninguém caracterizou melhor as purulencias do organismo social brasileiro.

Iniciou-se, de ha algum tempo a esta parte, um movimento enthusiastico em torno das idéas expendidas pelo notavel pensador fluminense. Alberto Torres deixou discipulos, ou melhor, os seus livros vem conquistando discipulos. Não é outro o caso do Snr. Motta Filho, de S. Paulo.

O Snr. Motta Filho abre o primeiro capitulo do seu ensaio manifestando-se contra o Imperio. Imperio que, a seu ver, não "consolidou a nacionalidade". Considera o 2.º reinado artificial, todo elle imbuido do "humanismo bysantino e ingenuo de Pedro II", "capaz de trocar o sceptro por uma cadeira no Collegio de França, mas incapaz de comprehender os problemas vitales de sua patria, tão desvirtuada por um parlamento rhetorico e tão inconsciente de si mesma."

O Imperador, "o melhor empregado publico do Brasil", na phrase do Snr. Oliveira Vianna. "O Occaso do Imperio", pag. 55), tem tido, a par de julgadores serenos, negadores systematicos. Incrimina-se o Imperio porque copiava as formulas politicas da Inglaterra, observando Tristão de Athayde que "os debates, á beira da Guanabara tropical reflectiam o mesmo tom dos debates á beira do Tamisa" ("Estudos", 2.º serie, pag. 230).

A Republica, nesse particular, pelo menos, absolveu o Imperio.

A rhetorica continua imperando. A eloquencia parlamentar não soffreu soluçao de continuidade. Silveira Martins foi succedido por Ruy Barbosa. A constituição republicana, o pacto fundamental ("linguagem elevada", dizia, com ironia, Carlos de Laet), é copia norte-americana. Em relação ao imperio, aliás, Pedro Lessa observa: "Que importa que acoimem de imitação o que a esse tempo se fazia? Imitação do parlamentarismo inglez realizaram com excellentes resultados a França, a Italia, o Chile, a Hespanha, Portugal nos seus melhores dias".

Já é tempo de pouparmos um pouco os homens do 2.º reinado, com Pe-

dro II á frente. Certo, havia muito romantismo, muita politicagem, prevalecendo, ora aqui, ora acolá, a vontade pessoal do Imperador, mas, por outro lado, quanta galhardia espiritual.. quanta independência, quanto patriotismo! Precisamos não olhar para o Imperio tendo diante dos olhos um Pedro II literato, sabio ou poeta. Precisamos fixar o velho monarcha com mais sympathia humana, com mais amor ao passado, com mais justiça, em summa. Porque a verdade está com Alberto de Faria: "Está por vir o historiador desse grande homem" ("Mauá", pag. 28).

O Imperio, e quando dizemos, Imperio queremos dizer 2.º reinado era o "byzantinismo"... Esteve de pé quasi cincoenta annos. Não fez tudo. Fez muito pouco. Ouçamos, agora, o depoimento do Snr. Motta Filho: "Em quarenta annos de Republica procuramos e não encontramos a nossa personalidade. Todos os problemas brasileiros continuam intactos. Estamos ainda com as mesmas difficuldades que tinham os nossos colonisadores; estamos com as mesmas difficuldades expostas depois de sete de Abril" (Pag. 12).

O Imperio fica muito bem ao lado de affirmação tão textual.

Essa digressão é um incidente á margem da visão panoramica da these esboçada, com brilho, pelo autor paulistano. Espirito realista, sedento de soluções que correspondam aos imperativos do momento, que venham de encontro ás chamadas "realidades" nacionaes", o Snr. Motta Filho apenhou-se, confiante, ás idéas de Alberto Torres. E' um caminho. E' um roteiro. Mórmente agora. Os "constitucionalistas" estão na ordem do dia e a "organização de Alberto Torres visava, primacialmente, a reforma da carta de 24 de Fevereiro, com o fim de adaptal-a aos seus pontos de vista, pontos de vista de uma consciencia lucida. Não é um estatuto fundamental, porém, que modificará as linhas geraes da nossa physionomia de povo.

Alberto Torres, repetimos, é um caminho. Não é o caminho. Seja como fôr, encontrou, até agora, um commentador arguto, um analysta com poderosos dons de observação. O Snr. Motta Filho é um ensaista politico cuja accção devemos acompanhar.

Quer um Brasil autonomo, desligado de quaesquer influencias extranhas. Não quer esthesia, não quer artificio, não quer poesia, não quer imaginação. "Fomos esthetas", diz, alludindo, em seguida, a Graça Aranha. A reacção actual vae alcançar raizes que vêm de longe, visa acabar com seduccões da geração que nos antecedeu. Sentimos, nesse terreno, uma influencia longinqua, não nos sendo licito esquecer a phrase de Nabuco sobre Renan: "O seu dilettantismo desviou-me". Desviou Nabuco? Não. Desviou-nos.

Tristão de Athayde — *O Problema da Burguezia* — Schmidt-Editor — 1932.

Luiz Schnoor

TRISTÃO de Athayde é, sem o menor favor, um dos expoentes da nossa cultura. Admira-lo e respeitá-lo é um dever mesmo quando se diverge delle. Isto posto, não ha razão para se deixar de o combater, sobretudo na sua nova e infeliz phase de sociologo que procura deitar abaixo um edificio multiseccular e de excellente alvenaria emquanto que só dispõe de barro para o monumento com que quer substituir o velho solar.

Na explicação do thema do seu novo livro: "Problema da Burguezia" analisa com clareza Darwin e Spencer, Comte e Marx, o ideal da progresso physico e material que distingue os pensadores de tres quartos do seculo XIX, confronta isto com a convicção de mediocridade, de fallencia, de pessimismo do fim desse mesmo seculo e principio do actual, depois o brutal despertar que foi a grande guerra, a revolução communista de 1917 e a revolução fascista de 1921. Diz que estes acontecimentos nos arrancaram ás discussões academicas, á vida sybarita etc... emfim a despedida de uma civilização que se aniquilava — a civilização burgueza. Considera o thema complexo, variado e difficil e declara não ter as qualidades necessarias para apresental-o na forma que merece, mas sente a necessidade de o fazer. Infelizmente, Tristão de Athayde não é historiador. Na sua definição

da Burguezia faz d'pois até lhe dá uma Ora, todos nós conhecemos, netos de o em compensação, de bricam-se todos os todas as horas e com diferentes possivelmente existe um só que se gar a sua origem d' dia, onde segundo i origem commum.

Teriam nascido d' dias surgidas entre nhores feudaes e a ruraes. Isto é um Burguezes nunca rios. A Burguezia antigas communas, palmente das gran possiam "franquia: mitados. Enquanto cosas communas, as tradas por prebosto rectamente submetti vendo tranquillame viviam na cidade ex clusive os operario

Entre o senhor da gléba não exist Os Burguezes erar raes da aristocracia patricios de Roma beus. Mas assim mo comparar as duas l se formou por um t curo, doloroso.

Toda a Europa te sómente a Franca "terceiro estado". riosa, e lá sómente poude dizer que o "tudo". Mas, depois a Revolução Franc appareceu o terce guezia como class termo só permu briquet" da gente uma nação.

E' a alcunha da seus dirigentes e E' ás vezes synon Hois qualquer or vagabundo que tir teria vira ipso f Nada tem, pois, q antiga com a mode

O resto do caí força. Os Burguez

da Burguezia faz della uma especie, pois até lhe dá uma origem commum. Ora, todos nós conhecemos bons burguezes, netos de operarios e outros, em compensação, de estirpe nobre. Fabricam-se todos os dias e mesmo a todas as horas e com as origens mais differentes possiveis. Em mil não existe um só que seja capaz de trazer a sua origem desde a Edade Média, onde segundo nosso autor está a origem commum.

Teriam nascido das profissões medias surgidas entre a classe dos senhores feudaes e a classe dos servos ruraes. Isto é um erro palmar. Os Burguezes nunca foram intermediarios. A Burguezia vem em parte das antigas communas, mas vem principalmente das grandes cidades que possiam "franquias" e privilegios limitados. Enquanto cahiam as belliosas communas, as cidades administradas por prebostes proprios e directamente submettidas ao rei iam vivendo tranquillamente. Todos os que viviam na cidade eram burguezes, inclusive os operarios.

Entre o senhor feudal e o servo da glêba não existia intermediario. Os Burguezes eram inimigos naturais da aristocracia feudal, como dos patricios de Roma o eram os plebeus. Mas assim mesmo não podemos comparar as duas luctas. A Burguezia se formou por um trabalho lento, obscuro, doloroso.

Toda a Europa teve communas mas sómente a Franca é que formou o "terceiro estado", a burguezia victoriosa, e lá sómente é que um homem pode dizer que o terceiro estado era "tudo". Mas, depois de triumphar com a Revolução Franceza em 1789, desapareceu o terceiro estado, a burguezia como classe organizada e o termo só permaneceu como "sobriquet" da gente rica e abastada de uma nação.

E' a alcunha dada pelo operario a seus dirigentes e á classe abastada. E' ás vezes synonymo de "patrão". Hoje qualquer operario ou mesmo vagabundo que tira um bilhete de loteria vira ipso facto um burguez. Nada tem, pois, que ver a Burguezia antiga com a moderna.

O resto do capitulo é da mesma força. Os Burguezes não crearam o

regimen economico capitalista, nunca foram individualistas; ao contrario, triumpharam por força de uma união estreita.

O regimen capitalista foi creado pelos judeus e o principio individualista é essencialmente aristocratico, mas o moderno burguez (que não é burguez) e tem diversas origens, adopta todas as philosophias e todos os credos e justamente nisto está sua fraqueza e sua força. Na Russia, onde venceu o Communismo, não existia burguezia.

A ideia da formação medieval da nossa actual Burguezia e seu papel de intermediario entre plêbe e nobreza é sem duvida um erro.

Tristão de Athayde é uma intelligencia de élite, possui uma invulgar cultura e se serve de uma formidavel dialectica sustentando uma these falsa e brilhante. Apesar de se apoiar em Brinkmann, na Encyclopedia of Social Sciences, em Sombart, Frank, Groethuysen, etc., apesar mesmo de acertar em parte, está errado em conjuncto porque as premissas são falsas.

Nega ao Burguez finalidade philosophica e estabelece uma philosophia burgueza. Diz que a realza é o estado feudal, quando é justamente esta realza alliada com a burguezia que mata o feudalismo. Procura demonstrar que os paizes latinos e catholicos tem menos espirito capitalista que os Germanos, Anglo Saxões e os protestantes, e portanto, menos espirito burguez; entretanto, como elle mesmo reconhece, é na catholica Italia que nasce o banco e o capitalismo e, como affirmo eu, é na Franca que triumpha a burguezia e onde o terceiro estado, si não chega a ser tudo, é pelo menos quasi tudo.

Na Inglaterra houve fusão e combinação de aristocracia e burguezia, mas é sómente na Franca que houve lucta e completo triumpho da burguezia. Elle mesmo o reconhece afinal, embora com restricções e, á pagina 69 lhe escapa dizer que as burguezias são de varias especies e que Marx e Lenine deformaram a realidade historica "Vendo uma classe unica onde ha varias especies". Por ahí se vê onde fica a classificação do inicio do livro. Na Franca vae a bur-

guezia que não tem "finalidade philosophica", fazer uma revolução philosophica. Afinal, esta burguezia faz uma revolução economica na Inglaterra, uma politica nos Estados Unidos e uma philosophica em França.

Tristão oppõe a civilização christã, ou melhor, catholica "unitaria" de seculo 13 á civilização burgueza "multiplica" do seculo 19. Diz que foi essa unidade que permittiu a defeza contra as tres grandes ondas que tentaram aniquilar a civilização christã; os Arabes, os Turcos e os Mongoes. Isto não passa de pura phantasia. Os Arabes conquistaram a Hespanha sem que a Christandade mexesse um dedo, e foi um principe pouco amado pela Igreja, Karl Martel, que deteve esta onda em França. Na Asia Menor foram os Bysanthinos. As victorias dos Turcos sobre Persas, Arabes e Byzantinos não ameaçavam o mundo catholico e as Cruzadas foram guerras offensivas nas quaes vemos uma onda de barbaros occidentaes tentar destruir a superior civilização islamitica daquelle tempo. Quanto aos Mongoes, estes venceram em toda a parte onde se apresentaram. Os Turcos Ottomanos conquistaram os Balkans e a Hungria e, si refluíram, depois de batidos pelo grande Sobieski, debaixo dos muros de Vienna, não foi isto devido nem á unidade catholica, nem a nenhuma colligação christã. A historia não póde ser transformada á vontade.

Tristão de Athayde pinta o esplendor da burguezia no seculo XIX e o advento do socialismo e do communismo, argumenta sobre as faltas, bases e os erros em que este mundo se apoiava, mas o quadro é intencionalmente amesquinhado. Este esplendor com o triumpho da sciencia, a exploração completa do globo, a quasi supressão pratica da distancia, a absoluta tolerancia de fé e liberdade de pensamento si tem sombras, são estas devidas á imperfeição humana e nenhuma fórma social, nenhuma philosophia, nenhuma religião poderia ter evitado a transitoria embora temerosa crise em que nos debatemos.

Acho que Tristão não devia citar a tolice de Ramalho Ortigão, quando definiu a "Argentina uma casa de

hospedes; o Brasil uma casa de familia". Não é verdade.

A philosophia da historia é uma cousa bem relativa. Comte deduz uma conclusão e Marx outra, mas Comte sabia historia e Marx não sabia. E' um perigo querer generalisar e deduzir regras inflexiveis, por isto erram quer Comte com seus tres estados de espirito, quer Marx com seus tres estados de classes, e Maritain, de quem Tristão se confessa discipulo, ainda está muito mais errado com as tres phases de "naturalismo christão", "optimismo burguez" e "pessimismo proletario".

Aristocracia, burguezia e plêbe existem desde o principio da historia, existem e coexistem.

Se a burguezia está em crise, não está perdida, enquanto que o Marxismo ainda não conquistou um só estado burguez, pois a Russia já era e sempre foi comunista. Ahi houve apenas substituição do Tzar pelo Soviet e integração absoluta num regimen que mantinha umas apparencias aristocraticas e democraticas, verdadeiros enxertos que o organismo expulsou. Na Russia nunca houve mais do que um proletariado de um lado e um chicóte do outro.

Quanto ao remedio economico, Tristão de Athayde é muito vago, não sei o que seja "Christianismo economico". A cooperacão não é, como elle diz christã. Vem dos tempos de Confucio, dominou na China 2.500 annos.

Tambem não comprehendo como é que Tristão argumenta de um lado com a excessiva natalidade da Russia, terra de liberdade sexual e do outro lado com a falta de natalidade allemã a qual attribue ao "connubio licencioso pre-matrimonial". Mais ou menos incoherencia.

Tristão quer salvar a burguezia pela sua conversão ao Catholicismo jogando com o seu lemma: ou Moscovia ou Roma. Não falla no Protestantismo, nem no Budhismo. Não nos diz se é possivel salvar a burguezia em nome de Christo, de Mahomet, do Budha, de Brahma... Ficarão irremessivelmente perdidos os burguezes protestantes, mussulmanos, etc...?

Ainda resta saber si a religião é um dique efficiente contra o communismo. Os russos eram, sem a me-

nor duvida, os mais religiosos dos europeus. Confessavam, commungavam, rezavam, faziam promessas, enchiam as casas de icones, os bolsos de imagens, traziam cruces e medalhas no peito, tudo isto com a maior sinceridade. Eram incomparavelmente mais religiosos do que os occidentaes de hoje, tanto quanto se era na época das Cruzadas e tudo isto de nada lhes valeu.

No fim de contas, temos ahi um sincero catholico e um legitimo burguez que argumenta a favor de Moscovo muito melhor do que cem Leninistas vermelhos, e isto é uma tristeza.

A PROPOSITO DO "MACHIAVEL E O BRASIL"

HELIO VIANNA

DEPOIS da leitura do volume do sr. Octavio de Faria lançado por Schmidt-editor — "Machiavel e o Brasil", é inevitavel a conclusão de que elle é o sufficiente revelador de uma personalidade tão marcante neste momento desolador das nossas letras, que immediatamente se deseja que o espirito critico e constructor nelle amplamente demonstrado se estenda tambem a toda a sua geração.

Profundo, sincero, documentado, doutrinario — este livro de um moço, pelo seu intenso respeito á verdade, vem ser uma excepção no Brasil de hoje. Actualissimo em sua finalidade, a ligação que existe entre as duas partes e o "Intermezzo" de "Machiavel e o Brasil" não constitue uma artificialidade apenas curiosa em sua aproximação. A estrutura geral que permittiu a focalização seguida das tres phases: Italia do Renascimento, Italia do após-Guerra e o Brasil de 1931 — e que justifica o titulo e o intento do autor, dando uma *theoria* na primeira dellas, creada pelo genio de Machiavel, um *exemplo* na segunda, pela applicação mussolineana dos principios constantes daquella theoria, e um *paciente* na terceira, com o nosso paiz de depois da revolução de Outubro de 1930, com o seu aspecto de edificio destruido e cuja reconstrucção não se sabe por onde começar — é

uma concepção tão solida, tão *possivel* no dominio das extensões de casos sociais parecidos, que outorga, sem favor algum, ao seu idealizador o titulo de pensador politico de primeira ordem.

O Sr. Octavio de Faria não se revela um simples curioso, um erudito apenas, um concatenador de cousas longinquoas que consegue avizinhar com esforço: é antes o medico que faz um severo diagnostico, depois do exame dos precedentes e das aggravações apresentadas pelo estado do doente, de accordo com que, prescreve um remedio igualmente severo, unico que poderá salvar-o, mas de consecucção tão difficil que não anima a sua procura, talvez nem mesmo áquelles que o julgam applicavel.

Na primeira parte do livro, a expositiva de "Machiavel e a experencia do Renascimento", além das originalidades de construcção espalhadas aliás em todo o volume, ha um trecho lindissimo, verdadeiramente artistico, aquelle em que é photographado o ambiente em que o secretario florentino accumulou o seu *dossier* de observações pessoas que iriam, uma vez systematisadas, contribuir poderosamente para a elaboração da sua obra eterna (pags. 19 a 23). O que elle viu teria de suggerir o que elle iria prever para depois, tanto quanto concluiu do estudo da republica romana e applicara ao mundo agitado dos seus dias. Seu pensamento teve assim a largueza do dos pensadores que não conhecem limites para as suas concepções, baseadas como são ellas exclusivamente no que é verdadeiro e constante.

E é a essa linha de realismo politico perduradouro que o sr. Octavio de Faria vae buscar a um tempo a sua doutrina e o seu methodo. Collaborando, não só dialecticamente como tambem deductivamente, com uma tenacidade oriunda da mais sincera convicção, na justa rehabilitação do sentido moral da obra de Machiavel, não deixa de nesse terreno descer aos mais subtis pontos de discussão em que esse sentido é debatido, quanto á religiosidade, ao individualismo e á noção do livre-arbitrio patenteados nas mais acuradas analyses dos volumes todos

do autor do "Príncipe". Em terreno tão esgorregadio, como este que só mesmo numa defesa completa do florentino teria cabimento, essas inflexões decerto não prejudicam, mas quasi são demais, tendo-se em vista apenas os motivos superiores e directamente de *aplicação*, que originaram o livro. Essas sahidas do grande plano anterior, mesmo respeitadas os limites traçados no "Prefacio", por excesso e não por defficiencia, são provavelmente motivadas pela energia da auto-critica a que voluntariamente se sujeita o autor, de modo continuo e louvavel em quem não quer nunca affirmar sem demonstrar previamente a verdade do que diz. E a erudição fartamente evidenciada em todo o texto do volume é melhor aquilatada nos commentarios supplementares das abundantes "Notas" finaes, contribuintes ainda mais para a verificação do minuciosismo que a sua honestidade não deixa de modo algum olvidado, fazendo com que o seu livro se revista de um aspecto explicativo tal que peque mais por super-elucidativo, que pelo tão commum e quotidiano culto á superficialidade que se observa agora nos ensaios que nada innovam e nos estudos que pouca documentação e muita imaginação demonstram.

No exame de uma solução para a sua desoladora "experiencia do Renascimento" Machiavel não foi um sonhador da restauração do Consulado romano. E' o que se deprehe de o resumo do seu pensamento politico ideal, feito pelo sr. Octavio de Faria (pag. 74). Pois muito diverso é elle de uma conclusão que se filiasse exclusivamente nas lembranças de Cesar, parecendo mais que nos commentarios a Tito Livio o que fez exaltar o florentino foi a existencia abundante do valioso material humano, rico em energias constructivas, não em valor immanente, que não achava disponivel em sua epocha, apto a realisar os seus planos realistas (pag. 26).

Não tendo sido possivel o restabelecimento dessas qualidades realisadoras com o successo da tentativa dominadora de Cesar Borgia (pag. 57 a 61), esperanza fracassada de Machiavel, mais por carencia de forças materiaes que o facilitassem que pela modificação verificada na Italia, já

então inamoldavel ao predomínio de um só chefe, fosse elle um Papa ou um filho de Papa, muito differente da que sob as aguias romanas cedia inteiramente a um só poderio individual, forte bastante para unificá-la. E foi por essa ausencia de força, de capacidade de bem agir, dessa "virtú" in-traduzivel (pag. 64) que o ideal politico de Machiavel permaneceu inapplicado depois d'elle, objecto de estudo para poucos curiosos, victima de constantes más interpretações, pela maioria dos que de longe o conheceram.

INDICADOR PROFISSIONAL

A D V O G A D O S

Dr. H. SOBRAL PINTO

Escritorio: R. Republica do Peru', 7
2.º andar, sala 2
Phone 2-4747

Escritorio de advocacia

Dr. AMERICO JOSE' JAMBEIRO e
Dr. JOSE' ANTONIO NOGUEIRA

R. S. José, 40, sob.
Phone 3-0403

Drs. BARBOSA LIMA SOBRINHO e
MARTINS ALONSO

Avenida Rio Branco, 110, 4.º, sala 7
(Edificio do Jornal do Brasil)

Dr. POVINA CAVALCANTI

Rua do Rosario, 103—sob.
Phone 3-4266

Dr. ADOLPHO BERGAMINI

R. Sete de Setembro, 187, 1.º andar
Phone 2-8532

Fume

Cigarros

Bilhete Azul

e concorra ao premio de viagem á Europa

COMPANHIA VEADO

**LIBRERIA
ESPAÑOLA**

— DE —

Samuel Núñez Lopez

(FUNDADA EM 1909)

Grande stock e recebimento constante de
livros e publicações hespanholas de todas
as classes.

Rua 13 de Maio n.º 13

(Em frente ao Theatro Municipal)

RIO DE JANEIRO

**"A RAJINHA
IDAS
LOTEIRIAS"**



Bilhetes a venda pelos mesmos Agentes, sub-agentes
e revendedores.

EXTRACÇÕES AS QUINTAS FEIRAS

RUA JOÃO PESSÓA Nº 123

CONCESSIONARIOS:

ANGELO M. LA PORTA & CIA

ARACAJÚ

Estado de Sergipe

Comparem os planos dos con-
correntes immitadores e verão
sempre a superioridade de nos.
sos planos.

**Assim falou
o interessado**



234262
EQUITATIVA A.
ENTRADA
16 JUN 1931
RIO DE JANEIRO

USINA DO QUEIMADO
Juliano Rogueira & Cia
CAIXA POSTAL 107
Estr. Têxtil "ROQUEIRA"
1074 - CAMPUS
Tel. 22-2222

Campus, 14 de Junho de 1931

Illmos. Srs. Directores da
EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
Av. Rio Branco, 125
RIO DE JANEIRO

Amigos e Senhores:-

Apresento-vos manifestar a VV.SS. toda a minha satisfação pelo modo criterioso com que acabam de liquidar, na forma do Regulamento da Companhia, o meu seguro vitalício, prazo de 10 annos, valor de Rs: 100:000:000, com acumulação, conforme apolice de nº 115.492/313, vencida em 14 de Junho corrente, liquidação feita pela quarta opção, como preferi, com o pagamento da quantia de Rs: 100:000:000, em dinheiro, já recebida, e a entrega, que me será feita oportunamente, de uma apolice saldáda da quantia de Rs: 100:000:000.

Reconhecendo assim a boa liquidação de minha apolice, aproveito a oportunidade para apresentar a essa Illustre Directoria as minhas congratulações pelo progresso sempre crescente dos negocios dessa Companhia, criteriosamente administrada, com esforços despendidos para impor aos seus segurados a confiança plena e garantia cabal das transacções effectuadas, em molde de oferecer solidas vantagens em seus planos de seguros.

E penso comproveo, do melhor modo, o que acabo de exprimir linhas acima, confiando plenamente nos destinos da Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, com a apresentação de uma proposta, no dia da liquidação do meu seguro, vencido, para um novo seguro, vitalício 20 annos, do valor de Rs: 200:000:000.

Podendo VV.SS. fazer uso da presente como lhes convier, tenho o prazer de me subscrever, attentosamente,

Juliano Rogueira
(Juliano Jorge Rogueira)

A EQUITATIVA

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA
SEDE SOCIAL: AV. RIO BRANCO, 125